DA ASIA
DE
DIOGO DE COUTO

DOS FEITOS, QUE OS PORTUGUEZES FIZERAM NA CONQUISTA, E DESCUBRIMENTO DAS TERRAS, E MARES DO ORIENTE.

DECADA QUARTA

PARTE SEGUNDA.

LISBOA
NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA.
ANNO MDCCLXXVIII.
Com Licença da Real Meza Censoria, e Privilegio Real.

INDICE
DOS CAPITULOS, QUE SE CONTÉM NESTA PARTE II.
DA DECADA IV.

LIVRO VI.

 pi-

LIVRO VII.

An-

LIVRO VIII.

CAP.

CAP.

LIVRO IX.

CAP.

LIVRO X.

DE-

DECADA QUARTA.
LIVRO VI.
Da Hiſtoria da India.

CAPITULO I.

Do que aconteceo ao Governador Nuno da Cunha, depois que partio da Ilha de São Lourenço até chegar a Mombaça.

ARTIDO Nuno da Cunha, como atrás diſſemos, com a outra náo da Ilha de S. Lourenço por dentro, ſendo na altura da Ilha Zanzibar, ſentíram terra, indo navegando de noite, pelo que ſurgíram logo. E tanto que amanheceo, víram-ſe cercados de Ilhas, e reſtingas, ſem poderem entender por onde alli entráram, nem verem por onde podiam ſahir, porque de todas as partes rebentava o mar em flor; e certo que foi couſa milagroſa não ſe perderem, porque o boqueirão por onde ambas as náos en-

tráram era tão eſtreito, que quaſi ſe não enxergava. Nuno da Cunha mandou Manoel Machado ſeu Capitão da guarda no eſquife com alguns companheiros pera irem a terra ver ſe podiam tomar alguma peſſoa, que lhes déſſe razão donde eſtavam, e ſe ſaberia tirar dalli as náos, porque os Pilotos eſtavam paſmados, e areados. Manoel Machado chegando a terra vio huma povoação ao longo da agua, e querendo deſembarcar, acudíram os negros com fréchas, e páos toſtados, e carregando nos noſſos, os fizeram embarcar com morte de hum grumete, e dous feridos. O Governador ficou enfadado, e mandou ſeu irmão Pero Vaz da Cunha com alguma gente de armas pera dar na Aldea, indo com elle vinte e cinco companheiros todos Fidalgos, e Cavalleiros; e chegados á povoação, lhe fugíram os negros pera o ſertão, e os noſſos entráram nella ſem acharem peſſoa viva: de que Pero Vaz agaſtado, diſſe aos companheiros, que bem viam os riſcos em que eſtavam aquellas náos, e que ſenão houveſſe alguma peſſoa da terra ás mãos pera os tirar dalli, que pereceriam todos: Que era de parecer ficaſſem alli alguns companheiros embrenhados, porque como foſſe noite, forçado ſe haviam os negros de tornar pera a povoação, e que então ſe poderia tomar algum deſmandado, e

que

que como foſſe noite, elle tornaria com o batel á praia pera os recolher, e favorecer, porque niſto ganhavam muita honra, e corriam pouco riſco: e ainda que correſſem muito, em que negocio ſe podia arriſcar a vida melhor que naquelle? A iſto ſe lhe offerecêram dous mancebos Fidalgos, irmãos, filhos do Abbade de Pombeiro João de Mello, chamados Diogo de Mello, e Triſtão de Mello: o que Pero Vaz da Cunha eſtimou muito, por ver nelles o animo com que ſe lhe offerecêram, e houve que fariam tudo muito bem feito, louvando-os, e engrandecendo-os com palavras mui honradas, e lhes diſſe, que tanto que foſſe noite, (porque era iſto já ſobre a tarde,) elle ſe viria pôr no meſmo lugar com o batel pera os recolher, e aſſi ſe deixáram ficar. Eſtes Fidalgos, e hum criado ſeu chamado João Rodrigues, com eſpadas, e rodellas ſe embrenháram alli perto da povoação, e o batel ſe tornou pera a náo; e tanto que anoiteceo, voltou logo pera a terra, e ſe poz no meſmo lugar preſtes pera recolher os noſſos. Os negros tanto que víram recolher o batel, e que anoitecia, tornáram-ſe pera a povoação. Os noſſos que eſtavam embrenhados, ſentindo que já vinha gente pera a povoação, fizeram-ſe preſtes, e quiz Deos que vieſſe dar com elles hum Mouro velho, a

quem arremettendo Diogo de Mello, o levou nos braços, tapando-lhe logo a boca pera que não gritasse, e assi nos ares foi levado á praia, e embarcado no batel, que estava muito prestes. E tomando o remo na mão, se foram caminho da náo, e apresentáram o Mouro a Nuno da Cunha, que lhe mandou dizer que não houvesse medo, que não queria saber mais delle, senão se havia remedio pera tirarem dalli aquellas náos. O Mouro lhe mandou dizer, que sua dita fora muito grande em o tomarem, porque elle só em toda aquella costa lhe podia ser bom naquelle trabalho, porque era o Piloto melhor, e mais antigo, que todos della. Nuno da Cunha recebeo aquillo como mercê da mão de Deos; e sabendo como Diogo de Mello o tomára, o abraçou muitas vezes, dizendo-lhe tantas palavras, e de tantos louvores, que causáram inveja a todos os da náo, promettendo-lhe satisfação daquelle serviço que fizera a ElRey, que fora mui grande. Nuno da Cunha fez muitos mimos ao Piloto, e o mandou agazalhar, tendo vigia nelle, que não se acolhesse de noite; e ao outro dia tirou as náos fóra daquelles baixos, por hum canal tão estreito, que era medo vello, e as levou a ancorar na barra de Zanzibar. O Governador lhe mandou pagar muito bem, e dar-lhe muitas

pe-

peças, com que ficou tão ſatisfeito, que ſé offereceo levallo até Mombaça, aonde ſe aſſentou que foſſe invernar, porque já não podiam paſſar á India. Em Zanzibar eſteve Nuno da Cunha alguns dias tomando refreſco; e por ter nas náos duzentos doentes, os mandou deſembarcar em terra, pera ſe ficarem curando alli, deixando-lhes todos os provimentos neceſſarios, e por Capitão delles hum Fidalgo chamado Aleixo de Souſa Chichorro, que com muito goſto por ſerviço de Deos, e d'ElRey quiz ficar com elles. Dalli ſe partio o Governador pera Melinde, onde ſe vio com ElRey, de quem foi muito bem recebido, e agazalhado. Aqui neſte Porto eſtava Diogo Botelho Pereira, Capitão de huma náo, que tinha partido do Reyno por mandado d'ElRey D. João em buſca da gente da náo de D. Luiz de Menezes, irmão do Governador D. Duarte de Menezes, que deſappareceo indo pera Portugal, e ſe preſumia dera á coſta na paragem do Cabo das Correntes, ou por aquella coſta toda, e que a gente toda eſtava em terra; porque em Portugal diſſeram algumas náos, que por aquella paragem lhes fizeram de noite fogos em cruzes, que parecia de gente Portugueza, que ſe por alli perdêra; havendo que não ſería outra ſenão a da náo de D. Luiz de Menezes, de que Diogo Botelho

lho não achou ſinaes, nem novas algumas. Delle ſoube o Governador o ſucceſſo da ſua viagem. Daqui de Melinde mandou recado a ElRey de Mombaça a pedir-lhe licença pera ir invernar no ſeu Porto, porque em Melinde não podia ſer, porque era coſta brava, e no inverno perigoſa. ElRey de Mombaça como era Mouro deſconfiado, pareceo-lhe que aquillo era invenção do Governador pera lhe tomar ſua Cidade, e mandou-ſe-lhe eſcuſar: de que o Governador ſe tomou muito, e aſſentou de o caſtigar, pois o não queria agazalhar, porque tambem não podiam as náos invernar em outro Porto ſenão naquelle. Deſta determinação deo conta aos Fidalgos, e a ElRey de Melinde, que lhe pera iſſo offereceo oitocentos Mouros; e fazendo o Governador alardo da gente que tinha, achou oitocentos homens, com os da náo de Diogo Botelho Pereira, gente mui limpa, e mui luſtroſa. E mandando ElRey de Melinde negociar huma naveta ſua, pera nella, e na náo de Diogo Botelho Pereira ſe embarcarem os oitocentos Mouros; e deſpedindo-ſe o Governador d'ElRey, ſe fez á véla pera Mombaça, aonde chegou ao outro dia pela manhã, e ſurgio da banda de fóra.

CA-

CAPITULO II.

De como Nuno da Cunha tomou a Cidade de Mombaça: e das cousas que lhe acontecêram em quanto esteve nella.

DEpois do Governador Nuno da Cunha estar surto em Mombaça da banda de fóra, mandou sondar a barra por seu irmão Pero Vaz da Cunha, que o foi fazer em hum batel com alguns Fidalgos, que o acompanháram, e foi entrando no canal, onde acháram a agua bastante pera as náos. Na entrada da barra no mais estreito víram hum baluarte de pedra, que tinha oito bombardas, com que atiráram ao batel, sem lhe fazerem nojo, e passáram avante até defronte da Cidade, onde acháram melhor surgidouro. Alli lançáram ferro, e fizeram sinal a Nuno da Cunha, que tanto que a viração ventou, mandou dar á véla, e entrando pela barra, foi surgir aonde o batel estava, tirando-lhe do baluarte muitas bombardadas, sem o Governador querer que lhe tirassem alguma, por lhes dar a entender, que queria amizades, e esperou aquelle dia, e noite por ver se mandava ElRey ter com elle algum cumprimento, porque desejava de invernar alli de paz. O Rey de Mombaça, havendo conselho com os seus, assentou de

se

ſe não fiar dos noſſos, e de lhes deſpejar a Cidade, porque depois de paſſado o inverno ahi lhe tornava a ficar: e aſſi o fez logo de toda a fazenda, mulheres, e meninos, que mandou levar dahi a huma legua, ficando nella ſó a gente que podia pelejar. Nuno da Cunha vendo que lhe não vinha recado, determinou de deſembarcar em terra, e mandou a ſeu irmão Pero Vaz da Cunha de noite a reconhecer o ſitio da Cidade, e onde havia melhor deſembarcação. Pero Vaz da Cunha ſe foi no batel com alguns Portuguezes, e chegou-ſe bem á praia, que foi coſteando, e notando mui bem ſeu ſitio. E como os Mouros tinham grandes vigias, foi logo ſentido, e lhe atiráram fréchadas, de que lhe feríram alguns companheiros. Pero Vaz, depois de notar mui bem tudo, tornou-ſe pera a náo, e deo conta a Nuno da Cunha do que víra, affirmando-lhe, que toda a façe da Cidade era huma praia, em que ſe podia deſembarcar, mas com a agua pela cinta. E eſtando ſem ſe determinárem na deſembarcação, veio da Cidade hum Mouro fugindo a nado pera a Armada, que foi tomado por hum batel, e levado ao Governador, que o recebeo bem, porque eſperava de ſe informar delle de tudo o que havia na Cidade; e dando-lhe conta do que ſe tratava, lhe diſſe o Mouro, que era muito

to perigoſo o deſembarcar na praia, porque pela detença que a gente faria em chegar a terra, ſe arriſcavam a ſerem todos mortos ás fréchadas, de que elles ſe não poderiam guardar, porque haviam de ir mettidos pela agua, e envaſados, pera ſenão ſervirem da eſpingardaria; mas que era de parecer, que deſembarcaſſem abaixo da Cidade, junto de huma Meſquita em hum lugar que elle amoſtraria, onde os batéis podiam ſem trabalho pôr as prôas em terra, por ſer alcantilado. E diſſe mais, que na Cidade havia mais de tres mil homens de peleja, e que não tinha mais que huma eſtancia fóra de huma das portas, com ſinco bombardas de ferro: e que o bombardeiro era hum Portuguez arrenegado, e que entre todos era tamanho o medo, que lhes parecia, que em os Portuguezes pondo o pé em terra, haviam de deſamparar tudo. Com iſto reſumio-ſe Nuno da Cunha em deſembarcar na parte em que o Mouro dizia, mandando-o agazalhar mui bem, e ter a bom recado, pera lhes ſervir de guia; e ordenou que foſſe ao outro dia, dando a dianteira a Pero Vaz da Cunha ſeu irmão, com ſeiscentos Portuguezes, em que entravam duzentos eſpingardeiros, de que era Capitão Fernão Coutinho (que depois foi a Portugal por terra, e fez em Lisboa a quinta, que eſtá jun-

to

to á Igreja dos Anjos) com quem haviam de ir mais trezentos Mouros de Melinde. Passáram-se pera Pero Vaz da Cunha Manoel de Alboquerque, que hia na náo com o Governador, Diogo de Mello, e João de Mello. Nuno da Cunha, e D. Fernando de Lima, e Diogo Botelho Pereira com toda a mais gente na retaguarda. E pondo as cousas necessarias em ordem, ao outro dia, tanto que foi manhã, mettidos nos batéis, e nos esquifes, e em algumas embarcações pequenas dos Mouros, foram demandar o lugar da Mesquita, onde o Mouro de Melinde os guiou; e pondo as prôas em terra, saltáram os nossos nella sem acharem resistencia, e a som de tambores, e pifaros, e as bandeiras desenroladas, foram marchando em muito boa ordem pera a Cidade, pela parte onde estava a estancia com artilheria, cujo bombardeiro (que como dissemos era Portuguez) desparou alguns tiros, que não fizeram nojo algum nos nossos, e logo largou a estancia com todos os Mouros, que nella estavam, e se recolhêram á Cidade onde estava El-Rey, que vendo a determinação dos nossos, a alargou de todo, recolhendo-se pera o sertão. Os da dianteira entráram nella sem acharem resistencia alguma. Nuno da Cunha tanto que se vio na Cidade, porque era muito grande, mandou cortar muita parte della,

la,

ſa, e fazer logo tranqueiras, vallos, e cavas, em que poz Capitães com ſoldados, de modo que ficáram em huma parte della muito ſeguros. O Governador apoſentou-ſe nos Paços d'ElRey, fortificados, e poſtas guardas, começáram a buſcar as caſas, e cavar chãos, onde ſe achou muito dinheiro, de que alguns ficáram mui ricos. O Governador mandou D. Rodrigo de Lima, irmão de D. Fernando de Lima, com alguns cem Portuguezes, que foſſe tomar o baluarte da barra, que foi commettido, e entrado, e mortos os mais dos Mouros á eſpada, e todos os outros cativos, ficando alguns dos noſſos feridos, em que entrou D. Rodrigo de Lima de huma fréchada hervada, de que morreo dahi a alguns dias, e a artilheria foi tomada. Feito iſto por ſer já fim de Dezembro, deſpedio o Governador pera Portugal o navio de Diogo Botelho Pereira, por quem eſcreveo a ElRey todas as couſas acontecidas até então, com quem ſe embarcáram alguns homens, que acháram muito ouro, dinheiro, e ambar no ſacco da Cidade. Diogo Botelho Pereira chegou a Portugal a ſalvamento no Junho ſeguinte, de quem ElRey ſoube as novas da India, e da jornada de Nuno da Cunha. Os de Mombaça eſtavam fortificados meia legua da Cidade, donde todos os dias vinham correr aos noſſos, de

dia,

dia, e de noite, com quem tinham algumas brigas mui accezas; porque se vieram a desavergonhar tanto, que entravam pela Cidade, e commettiam os nossos em suas estancias, tão continuos, que os traziam disvelados, e quebrantados. E huma vez lhes sahio D. Fernando de Lima com tanta pressa, que não pode tomar hum capacete, e remettendo com os Mouros, lhe deram huma fréchada na testa, a que elle disse alto: *Amores de minha mulher*, e apertando com os Mouros, os fez fugir. O Governador estava affrontado com os continuos rebates dos Mouros; e porque não sabia o modo de como estavam fortificados, nem quantos eram pera mandar dar nelles, dissimulava, desejando em extremo de tomar alguma lingua pera se informar da verdade, o que encommendou a Diogo de Mello, (pela confiança que delle ficou tendo do successo passado de Zanzibar,) que lhe prometteo, que elle lha traria, e offereceo-se pera ir com elle Christovão de Mello, e dous homens de sua obrigação; e de noite se sahíram da Cidade com armas ligeiras, e se foram lançar em cilada perto do Arraial dos Mouros. Alli foram dar com elles alguns, a quem os nossos sahíram, e Diogo de Mello se liou com hum, que deo tamanhos brados, que foram ouvidos no seu Arraial, onde houve gran-

de alvoroço. Diogo de Mello quizera lançar o Mouro ás costas, mas era tamanho, e tão gordo, que quasi o não podia suspender, nem com os outros o ajudarem. E porque dalli á Cidade era meia legua, e elles sentíram os Mouros que acudiam, matou Diogo de Mello o Mouro, e lhe cortou hum braço, com que se recolhêram pera testemunha do que fizeram, e á meia noite chegáram á Cidade; e por acharem Nuno da Cunha dormindo, deo Diogo de Mello o braço do Mouro ao seu Camareiro pera que lho désse pela manhã, e se recolheo como senão fizera cousa alguma. Tanto que amanheceo, o Camareiro em acordando o Governador lhe deo conta do que passava, e lhe mostrou o braço. O Governador mandou chamar Diogo de Mello, e o abraçou com palavras mui honradas; mas elle mostrando estar magoado do pouco que fizera, se lhe offereceo pera ir tomar outra espia, de que não houve necessidade, porque os Mouros ficáram daquelle successo tão escaldados, que nunca mais tornáram a inquietar os nossos, e assi ficáram quietos; mas como começáram a adoecer muitos, por ser a terra mui doentia, e em quanto alli estiveram, que foi até fim de Março, morrêram trezentos e setenta Portuguezes, em que entrou Pero Vaz da Cunha, que o Governador sen-

tio

tio muito, por ser Fidalgo de muitas partes, e qualidades, pelo que (além de irmão) o amava muito, e era bem quisto de todos. Foi este Fidalgo casado com D. Brites, filha de André de Sousa Senhor de Miranda, e Alcaide mór de Arronches, de quem houve André da Cunha, e Jeronymo da Cunha, e ella por morte de seu marido se metteo Freira na Madre de Deos de Lisboa.

CAPITULO III.

De como o Governador Nuno da Cunha foi a Ormuz: e de como Manoel de Macedo chegou áquella Fortaleza, e prendeo Rax Xarrafo: e de como se alevantou o Guazil de Barem: e de como Nuno da Cunha mandou contra elle seu irmão Simão da Cunha.

TAnto que começáram a ventar os Ponentes, que de ordinario entram de quinze de Março por diante, os Capitães das náos do Reyno Simão da Cunha, D. Francisco Deça, Francisco de Mendoça, que estavam em Moçambique, vendo que Nuno da Cunha não era chegado, havendo seu conselho, assentáram de irem pela costa de Melinde adiante até Mombaça a ver se havia novas delle, e quando não, passarem á India. E assi se embarcáram com quatrocentos homens menos, que lhes alli morrêram

de

de enfermidades. E dando á véla, foram por fim do mez de Março tomar Mombaça, aonde acháram o Governador, que todos festejáram muito, e furgíram da banda de fóra, indo com elles Aleixo de Sousa, que em Zanzibar se embarcou com os que escapáram. O Governador estimou muito sua vinda, e os mandou metter pera dentro, e recebeo o irmão, e todos os mais Fidalgos com grande alegria, porque os tinha por perdidos, e receou que o fosse Antonio de Saldanha, e Garcia de Sá, de quem nenhuma pessoa dava novas. E sentio muito a perdição da náo de Affonso Vaz Zambujo, e de Bernardim da Silveira, de quem já em Moçambique se sabia. E tomando conselho com os Pilotos, se poderia ainda passar a invernar á India, assentáram todos que era muito tarde. Pelo que houve por melhor ir esperar a Ormuz a monção, que era em Setembro, por lhe não acabar de morrer alli toda a gente, por ser a terra muito doentia. E fazendo-se prestes pera se embarcar, chegou o navio de Bastião Freire, (que como dissemos o Governador Lopo Vaz de Sampaio despedio de Cochim, pera ir por toda aquella costa saber novas de Nuno da Cunha,) que elle recebeo mui bem, e vio as cartas que lhe levava de Lopo Vaz de Sampaio, por onde soube o estado das cou-

fas

ſas da India. E porque o navio era pequeno, o deſpedio logo com outras pera Lopo Vaz, em que lhe dava conta de ſua jornada, e lhe pedia lhe tiveſſe toda a Armada preſtes, porque lhe era neceſſario embarcar-ſe logo. Eſte navio chegou a Goa já em Maio, e Baſtião Freire deo as cartas a Lopo Vaz, que em eſtremo feſtejou as novas de Nuno da Cunha, porque andava já entre os Mouros hum alvoroço grande pelo haverem por perdido; e logo mandou dar grande aviamento á Armada. O Governador Nuno da Cunha, tanto que deſpedio Baſtião Freire, deo á véla pera Ormuz, e com vento proſpero chegou a Maſcate, onde deixou os doentes que eram muitos, e com a náo de Simão da Cunha, em que elle hia, e a de D. Fernando Deça paſſou a Ormuz, deixando alli os mais navios; e em poucos dias chegou áquella fortaleza, onde foi mui bem recebido de Chriſtovão de Mendoça, Rey, e Guazil, e ſe apoſentou na fortaleza, onde começou a correr com as couſas dantre o Rey, e Xarrafo, que eſtavam differentes, apaziguando-as, e mandando tirar devaſſas em ſegredo, porque determinava de caſtigar quem tiveſſe culpa. E aſſi o deixaremos agora, por continuarmos com Manoel de Macedo, que deixámos partido do Reyno: que ſeguindo ſua derrota ſem achar con-

contraſte algum, embocou o eſtreito da Perſia, e tomou aguada de Tui, a que communmente chamamos de Teive, vinte e duas leguas do Cabo Roſolgate pera dentro, onde achou novas de ſer Nuno da Cunha paſſado pera Ormuz; e abrindo alli ſeu regimento, achou nelle que lhe mandava ElRey, que foſſe prender Rax Xarrafo, e lho levaſſe pera o Reyno, o que fizeſſe ſem alteração alguma. E receando que, ſe chegaſſe a Ormuz com a náo, lhe quizeſſe Nuno da Cunha tirar a honra de prender o Guazil, (por ſer couſa que lhe ElRey tanto encommendava no ſeu regimento,) determinou de ir em ſegredo, ſem dar conta diſſo ao Governador; e tomando huma Terrada ligeira, embarcou-ſe nella com alguns de que ſe confiou, mandando ao Capitão que deixou, que ſe foſſe apôs elle. E pondo-ſe ao caminho com muita preſſa, chegou a Ormuz huma manhã muito cedo, e deſembarcando ſem ſe dar a conhecer a ninguem, da praia deſpedio hum homem com huma carta para o Governador, em que lhe requeria da parte d'ElRey, que tanto que aquella viſſe, mandaſſe gente a caſa do Guazil, porque cumpria aſſi a ſeu ſerviço, e elle ſe foi a caſa do Xarrafo, e ſabendo que eſtava com ElRey, foi lá, e entrou com elle. O Guazil em o vendo o conheceo, e o abra-

çou, e recebeo com grandes gazalhados, porque era muito ſeu amigo. Manoel de Macedo lhe diſſe, que ElRey de Portugal tratava de o mandar levar prezo pera o Reyno, e que elle ſe offerecêra pera iſſo, porque não fiava o bom tratamento de ſua peſſoa ſenão delle proprio; e já que ElRey o havia de mandar levar, folgaſſe que antes foſſe por elle, que por outrem. O Xarrafo ficou embaraçado com couſa tão ſupita, e não imaginada delle. O homem que levou a carta a Nuno da Cunha lha deo, e eſtando-a lendo chegou Simão da Cunha, e lhe diſſe, que Manoel de Macedo tinha prezo Rax Xarrafo, e que andava já reboliço na Cidade. Nuno da Cunha ficou ſobreſaltado, e lhe mandou que foſſe muito de preſſa tomar-lhe Xarrafo, e que lho levaſſe á fortaleza. Simão da Cunha acompanhado de muitos homens entrou em caſa d'ElRey, e tomou o Guazil a Manoel de Macedo, ſobre o que tiveram algumas palavras, e o levou á fortaleza, onde foi mettido na Torre da menagem; e logo lhe eſcrevêram ſua fazenda, ficando ElRey de Ormuz muito affrontado daquelle negocio acontecer em ſua caſa, e em ſua preſença. Nuno da Cunha eſcandalizado de Manoel de Macedo commetter negocio tão importante, e arriſcado ſem lhe dar conta, o mandou prender,

com

com côr de dizer, que o fazia pera abrandar ElRey de Ormuz, e quietar a Cidade que andava revolta, por ser Xarrafo a segunda pessoa do Reyno, e muito poderoso, e aparentado. As novas desta prizão chegáram a Barem, onde estava por Guazil Rax Bardadim, cunhado do Xarrafo, a quem disseram como fora prezo em casa d'ElRey, havendo que fora em consentimento disso pelas differenças que tiveram: pelo que se alevantou com aquelle Reyno de Barem, que rendia a ElRey de Ormuz quarenta mil pardaos cada anno. Isto foi logo sabido por ElRey, e requereo a Nuno da Cunha, que pois elle era vassallo d'ElRey de Portugal, e pagava sessenta mil pardaos de pareas, que o tornasse a restituir á posse de Barem, senão que seria forçado abater nas pareas os quarenta mil pardaos, que aquelle Reyno lhe rendia, porque lhe não ficava donde as poder pagar. Nuno da Cunha poz este negocio em conselho com o Capitão de Ormuz, e mais Fidalgos da Armada, que ficáram repartidos em differentes opiniões. Porque huns diziam, que mais importava ir fazer fortaleza em Dio, como ElRey mandava, que todas as outras cousas da India, o que se podia fazer então mais facilmente, por quão destroçado ficára o Reyno de Cambaia com o desbarate, e perda da sua Ar-

mada, (de que já alli havia novas;) e que indo, ou mandando a Barem, pela ventura ſuccederiam as couſas de feição, que lhes ſería forçado deter-ſe, e não poder partir tão cedo pera a India, a que era neceſſario acudir-ſe, e que as couſas de Barem ſe poderiam fazer depois mais devagar. Outros foram de parecer, que ſe não diſſimulaſſe por então com aquelle negocio, pela obrigação que ElRey de Portugal tinha de ſuſtentar aquelle Rey em ſeu Reyno, como ſeu vaſſallo que era; e que o negocio de Barem muito melhor ſe faria eſtando elle naquella fortaleza, em que os Mouros tinham os olhos, e eſtavam tão atemorizados, que não haviam de bolir comſigo com o receio do caſtigo: e que ſe entendia daquelle Guazil, que ſe viſſe lá Armada, logo havia de entregar aquella fortaleza, e Reyno; o que depois não faria, antes cobraria animo com ver, que eſtando elle naquella Ilha, lhe diſſimulava ſuas couſas, e que o negocio de Dio a todo o tempo ſe faria: Que o bom era ſegurarem quarenta mil pardaos de renda, que ElRey de Portugal tinha naquelle Reyno, porque não ſe podia deixar de deſcontar áquelle Rey aquelles quarenta mil pardaos que Barem lhe rendia, em quanto eſtiveſſe alevantado. Com eſte parecer ſe foi Nuno da Cunha, que logo deſpedio ſeu ir-

mão

mão Simão da Cunha em hum navio de hum Jorge Gomes mercador, e D. Francisco Deça no Galeão de Manoel de Macedo, e D. Fernando Deça no seu, e Manoel de Alboquerque em outro que alli estava, e Lopo de Mesquita no Camorim pequeno, e Aleixos de Sousa em huma naveta, e Tristão de Taide, que com elle vinha do Reyno, em huma Fusta. E nestas embarcações hiam quasi quinhentos homens, os mais delles Fidalgos, e criados d'ElRey. Levava Simão da Cunha per regimento, que recolhesse a si Belchior de Sousa, que andava com seis navios de remo por Capitão mór dentro no estreito, dando guarda ás terradas, que vinham de Bassorá pera Ormuz. Era este Belchior de Sousa Tavares Alcaide mór que foi de Portalegre, e Assumar, a quem ElRey tirou aquellas Alcaidarias por hum aggravo que delle teve, e lhe deo a renda do peixe de Aveiro, que então rendia pouco, e hoje importa muito, que anda em seus netos. E dando esta frota á véla entrada de Setembro, achando os ventos contrarios, andáram ás voltas alguns dias com muito trabalho, até lhes entrar tempo com que chegáram a Barem, salvo o Galeão de D. Francisco Deça, que por ser ruim de véla, não pode passar. Surtos em Barem, acháram alli já Belchior de Sousa Tavares

com

com a ſua Armada , que tanto que ſoube do alevantamento daquelle Guazil , dando de mão a todos os negocios , partio de dentro do rio Eufrates, onde ſe ajunta com o Tygres , (que foram os primeiros navios noſſos que alli chegáram ,) onde eſtava eſperando huma cafila , que havia de vir de Bagadá , que nós chamamos Babylonia , por aquelle rio abaixo : e foi-ſe deitar ſobre aquelle porto , defendendo-lhe os mantimentos , e fazendo-lhe toda a guerra que pode : que deo relação a Simão da Cunha , (que levava poderes do Governador ,) do eſtado em que as couſas daquella terra eſtavam. E foi de parecer que logo ſe deſembarcaſſe , e ſe commetteſſe a fortaleza , porque a terra era muito doentia , e em poucos dias lhe havia de adoecer toda a gente , o que Simão da Cunha determinou de fazer logo , começando a pôr em ordem as couſas neceſſarias pera iſſo.

CA-

CAPITULO IV.

De como os nossos desembarcáram em Barem, e dos partidos que o Guazil mandou commetter, e de como lhe batêram a fortaleza, e das espantosas febres, que em todos os Portuguezes deram, e se embarcáram, e de como faleceo Simão da Cunha de nojo.

SUrta a nossa Armada defronte de Barem, Rax Bardadim, posto que estava na fortaleza com muita gente de guarnição, artilheria, munições, e mantimentos, quasi que estava arrependido do que tinha feito; porque qualquer mal que succedesse aos Portuguezes, o havia de pagar Rax Xarrafo seu cunhado; pelo que mandou logo alevantar sobre hum baluarte huma grande bandeira branca em final de paz, que vista por Simão da Cunha, mandou a terra hum lingua a saber de Rax Bardadim o que queria; e elle lhe mandou dizer, que não se levantára senão pela prizão de seu cunhado, de que ElRey de Ormuz fora em consentimento, pois o deixára prender estando em sua casa; mas já que o Governador da India entrevinha naquelle negocio, e ElRey de Portugal o mandára fazer, que elle como servidor, e vassallo leal queria estar á obe-

obediencia do Governador da India, que estava em seu lugar, e por tudo o que elle Capitão mór ordenasse: Que se queria aquella fortaleza, elle lha largaria livremente, e se iria com sua mulher, e familia pera outra parte, deixando aquella Ilha livre, e desembargada a ElRey de Ormuz. Simão da Cunha vendo a justificação de Rax Bardadim, quizera logo concluir com aquelle negocio, e acceitar a fortaleza, pois lha davam sem custo, nem trabalho. Mas os Capitães, e Fidalgos da Armada lhe contrariáram sua tenção, dizendo, que não era bem ficar aquelle Mouro sem castigo de suas culpas, e que ao menos lhe acceitassem a fortaleza, com se sahirem della com só suas pessoas, deixando suas fazendas nella, que isso foi o porque lhes pareceo mal; porque a cubiça do sacco daquella fortaleza, (que cuidavam que era muito grosso,) lhes não deixava entender bem o que se lhe offerecia na entrega della, sem lhe custar golpe de espada, nem experimentarem as febres peçonhentas daquella terra, que em breves dias fez tal estrago nelles, que escapáram poucos, (que estes foram os frutos, que colhêram de sua cubiça.) Mas nem com tudo houvera Simão da Cunha de engeitar os partidos, se elles não dissGeram publicamente, que de medo o fazia. E dando-lhe a descon-

fian-

fiança, (cousa muito alheia de Capitão valeroso, e prudente, porque este he o inimigo mais forte, e poderoso, que todos os com que pelejam, de cujas mãos cada dia se vem sahir desbaratados, e perdidos.) Entendendo mui bem que hia contra sua obrigação, em se deixar entrar daquellas desconfianças, mandou dizer a Rax Bardadim aquillo que aquelles Capitães votáram: e dando-lhe a lingua o recado, como elle era homem valeroso, e que não mandára commetter aquelles partidos por medo, senão por segurar a vida de seu cunhado Rax Xarrafo; mandou logo arvorar junto da bandeira branca outra vermelha, (que era final de guerra,) e disse á lingua, que aquella era a resposta que lhe dava, e que escolhesse o Capitão mór daquellas duas bandeiras qual quizesse. Dada a resposta a Simão da Cunha, vendo a resolução de Bardadim, por lhe requererem todos os Capitães que acceitasse guerra, e não estivesse em mais cumprimentos, começou a desembarcar a gente em terra sem haver resistencia. E pondo-se em lugar de bateria, mandou fabricar suas trincheiras, e vallos, e fazer suas cavas á roda, e poz algumas peças de artilheria nos lugares donde havia de bater a fortaleza, provendo as estancias de Capitães, e soldados, e começou a pôr as mãos á obra, e dar bateria to-

dos

dos os dias. Rax Bardadim não bolio comſigo até os primeiros tiros ; e vendo que o batiam, mandou tirar a bandeira branca, e deixar a vermelha, por moſtrar aos noſſos, que lhe dava pouco da guerra, e porém não tratou mais que de ſe defender, e repairar; porque qualquer ruina que ſe fazia no muro, era logo tapada, e concertada tão depreſſa, que quaſi ſe não enxergava. Os noſſos continuáram a bateria, e como levavam pouca polvora, foi-ſe-lhes acabando, do que Simão da Cunha andava bem deſcontente, e agaſtado, pelo pouco que tinha feito, e em não acceitar a fortaleza como lha davam. E logo deſpedio hum navio ligeiro com cartas a Nuno da Cunha, em que lhe dava conta do que era ſuccedido, pedindo-lhe polvora, e munições. Eſte navio foi em poucos dias por lhe ſervir o tempo, e dando as cartas ao Governador Nuno da Cunha, que vendo as couſas como corrêram, ficou muito apaixonado dos Capitães, que foram cauſa daquella deſordem: e logo tornou a deſpedir o navio com tudo o que lhe pedíram, eſcrevendo a Simão da Cunha o erro que tinha feito, e pelo vento ſer contrario foi muito devagar. Os noſſos eſtavam eſperando por elle ſem fazerem couſa alguma, por não terem munições; o que foi entendido dos Mouros da fortaleza, que de cima dos mu-

muros todas as noites davam aos noſſos grandes matracas, zombando, e eſcarnecendo, dizendo-lhes, que pois os não quizeram deixar ir a elles da fortaleza, que haviam alli todos de ficar. E aſſi foi, porque chederam logo as febres nelles, (por ſer chegada a monção dellas,) de que começáram a morrer muitos. Rax Bardadim mandou dizer a Simão da Cunha, que pela obrigação que tinha aos Portuguezes, lhe aconſelhava, que ſe foſſe logo daquella terra, porque era chegada a monção das febres, de que todos haviam de adoecer, e morrer; e que podia ſer, que quando o quizeſſe fazer, não pudeſſe. Eſte conſelho, que era mais de amigo, que de inimigo, não quiz Simão da Cunha acceitar por então; e ainda com verem adoecer tantos, diziam os Capitães, (que fizeram fazer aquelle deſatino a Simão da Cunha,) que aquelle recado era de homem que eſtava com medo, e que deſejava de os ver fóra da Ilha; mas como o Mouro fallava verdade, e os aconſelhava bem, víram logo que não era medo; porque carregáram as febres de feição, que quando chegou o navio de Ormuz, eram já mortos muitos, e todos os mais eſtavam enfermos ſem ſe poderem alevantar: do que Simão da Cunha andava enfadadiſſimo, e receava que ſabendo-o Rax Bardadim, ſahiſſe a dar nel-

nelles ; mas elle como entendia que as febres os haviam de consumir , deixou-se estar sem lhes querer fazer outro damno. Simão da Cunha mandou fazer outra estancia perto do mar, pera onde mandou passar os enfermos , porque os ares delle eram mais sadios, e foi continuando com a bateria tão fortemente, que lhe derrubou hum lanço do muro todo, por onde quizera commetter a fortaleza , mas não achou mais que trinta e cinco homens sãos, de que ficou tão anojado, e triste, que pondo os olhos no Ceo, levantando as mãos, disse: *Senhor, quão pouco vos custará dardes-me cem homens sãos*, (porque sem dúvida se os tivera entrára aquella fortaleza :) e vendo quão mal lhe tinha succedido tudo, não quiz acabar de se perder, e levou mão daquelle negocio, mandando embarcar os doentes, e artilheria, o que fez com muito trabalho , por não haver sãos mais que trinta e cinco homens, (como dissemos,) que á força de braço, e com lhe arrebentarem as mãos em sangue, a embarcáram primeiro, e depois os doentes, porque eram muitos , e por não poder ser menos lhe atavam cordas nos pés, com que os levavam arrastos até á borda da agua, onde os marinheiros os recolhiam nos batéis. Foi este hum dos mais piedosos espectaculos , que se nunca víram , porque os

ge-

gemidos, gritos, ſuſpiros, e mágoas, que diziam os triſtes dos enfermos, vendo-ſe levar arraſto, faziam arrebentar em pezar, e lagrimas a todos os que os viam. Neſte trabalho ajudáram aos noſſos huns poucos de Mouros do Xeque de Angão, que ſempre acompanhou Simão da Cunha, que depois de embarcado tudo, o fez elle por derradeiro com tanta dor, e mágoa daquella deſaventura, que parecia que queria morrer de paixão. Chegando a bordo da náo, foi o Meſtre della a lhe dar a mão, e elle lhe diſſe: *Meſtre, huma couſa vos aconſelho, que quando houverdes de fazer alguma de voſſa honra, não tomeis o parecer de ninguem, ſenão o voſſo.* E dando á véla toda a Armada, foi ſeguindo ſua jornada, lançando todos os dias ao mar quinze, ou dezoito homens, que morriam de febres. Simão da Cunha com ſua paixão, e nojo ſe metteo na camara, ſem querer fallar com peſſoa alguma, aborrecido da vida, dando laſtimoſos ais, e ſuſpiros; e aſſi ſe foi conſumindo de triſteza de feição, que aos nove dias morreo, (ſem ter febre, nem outra enfermidade alguma,) com grande dor, e ſentimento de todos: e aſſi morrêram no ſeu navio ſetenta homens, ficando ſó dous, ou tres sãos; e chegou o negocio a eſtado, que não podiam marear as vélas, e andava o Galeão

á

á vontade dos ventos: e ſem dúvida ſe perdêram, ſe Deos Noſſo Senhor não trouxera Fernão Alvares Sarnache, (que alli andava em huma Terrada,) que havendo viſta da náo a foi demandar, e vendo-a tão deſtroçada, ſé metteo dentro nella com os ſeus marinheiros, e a foi mareando até Ormuz, onde ſurgio. Nuno da Cunha ſoube do deſaſtrado fim daquella jornada, e morte do irmão, couſa que muito o cortou, e recolhendo-ſe muito anojado, e triſte, mandou deſembarcar ſeu corpo que hia na náo, pera lhe darem ſepultura; e foi acompanhado d'El-Rey com dó, conforme a ſeu coſtume, e aſſi de todo o mais povo daquella fortaleza: e juntamente foi levado com elle em outra tumba o corpo de Franciſco Gomes, filho do Biſpo do Funchal, que era falecido do dia dantes. Os mais navios da Armada foram depois chegando huns diante dos outros tão deſtroçados, que quaſi não tinham quem os governaſſe. E os que eſcapáram por então das febres, que não morrêram logo, duráram depois pouco; porque as febres de Barem onde chegam, tarde, ou cedo matam, e muitos poucos eſcapam: e juntamente com ellas ſe ſuſpeitou, que foram os noſſos ajudados mais depreſſa com peçonha, que lhes lançáram nas aguas. E por aqui ſe verá quantos erros naſcem de hum ſó, principalmente

te dos da guerra, que nunca tem emenda; porque não só succedeo deste tantas mortes, e desaventuras, mas ainda fez perder a Nuno da Cunha a monção de Agosto, em que lhe relevava passar á India. E por ser entrada de Outubro, deo expediente ás cousas daquelle Reyno, mandando entregar o Guazil a Manoel de Macedo pera o levar prezo pera o Reyno, que se embarcou com muitos criados, muita fazenda, grande, e rico serviço de sua casa, escrevendo o Governador a ElRey por Manoel de Macedo o successo de sua jornada até então, e mandando-lhe as devaças que tirou de Rax Xarrafo. O cargo de Guazil deo a Xeque Raxete, que o fora de Calaiate, e Mascate, pelos merecimentos de sua pessoa, e grandes serviços que tinha feito a ElRey de Portugal nos alevantamentos de Ormuz contra os nossos em tempo do Governador Diogo Lopes de Siqueira, defendendo todos os Portuguezes que estavam em Mascate, que ElRey de Ormuz mandava matar, dando com elles batalha a Rax Delamixa, irmão de Rax Xarrafo, (que áquelle negocio foi,) onde o matou, e desbaratou os Mouros de Ormuz, sendo de sua propria lei, e nação, por guardar lealdade, e fidelidade aos Portuguezes, que estavam debaixo de sua protecção: feito certo notavel, e digno de ser

en-

engrandecido , e louvado em toda a eſcritura , mas mal ſatisfeito depois a ſeus filhos, como em ſeu lugar diremos. Nuno da Cunha paſſou a Xeque Raxete carta do cargo de Guazil de Ormuz em nome d'ElRey de Portugal ; e porque em huma devaça que mandou tirar ſobre a morte de Rax Hamede, (de que atrás démos conta,) achou culpado ElRey de Ormuz , o condemnou em quarenta mil pardaos mais de pareas , com que ficáram cem mil com os ſeſſenta , que dantes era obrigado a pagar, e deixou Provisão ao Capitão da fortaleza Chriſtovão de Mendoça, feita em 27 de Agoſto deſte anno de 1529, em que lhe mandava, que no rendimento daquella Alfandega ſe entregaſſe de toda a quantia acima declarada. Eſta he a razão deſtas pareas, e não a que dá Fernão Lopes de Caſtanheda no ſeu ſetimo Livro , onde diz , que Nuno da Cunha lhe accreſcentou mais a ElRey de Ormuz quarenta mil pardaos de pareas, por lhe tornar á ſua obediencia a Ilha de Barem, o que elle não fez : e nós temos em noſſo poder na Torre do Tombo o traslado deſta Provisão, e contratos. E porque Belchior de Souſa Capitão mór do Eſtreito tinha ſervido mui bem , e o Governador pelas partes que tinha ſe lhe affeiçoou, lhe deixou huma Provisão em ſegredo , em que lhe mandava ,
que

que falecendo o Capitão de Ormuz, lhe ſuccedeſſe elle naquella fortaleza: e deſpedindo-ſe d'ElRey, e Capitão, ſe embarcou, indo em ſua companhia os Galeões de Dom Fernando de Lima, e de D. Franciſco Deça, e de Franciſco de Mendoça, e o navio de Jorge Gomes. E paſſando por Maſcate, tomou, e levou comſigo os mais navios que alli invernáram; e dos doentes que alli ficáram falecêram muitos, e com toda a Armada junta foi na volta da India. Levava comſigo o corpo de ſeu irmão Simão da Cunha pera o enterrar em Goa, onde lhe fez huma Capella dentro na Sé. Foi eſte Fidalgo Trinchante d'ElRey D. João, e Commendador de Sampaio, e de Torres Vedras: foi caſado com D. Iſabel de Menezes, filha de Rui Gomes da Grã, Governador da Caſa da Excellente Senhora a Rainha D. Joanna, de quem houve eſtes filhos: Triſtão da Cunha da Grã, e Rui Gomes da Cunha, e D. Antonia de Menezes, que caſou com Diogo Lopes de Souſa Governador de Lisboa.

CAPITULO V.

Do que D. Jorge de Menezes Capitão de Maluco passou com Fernão de la Torre: e da vitoria que D. Jorge de Castro houve de huma Armada de Geilolo.

PRimeiro que entremos nas cousas deste Verão, será razão que demos conta das que succedêram em Maluco este passado, porque daqui por diante seguiremos esta ordem, que será no tempo do Inverno darmos razão dellas, pelas não misturarmos com as outras, nem as contar por pedaços.

Deixámos as cousas de Maluco em nossos Portuguezes, e os Castelhanos ficarem em guerra declarada, e assi todo este tempo até agora passáram fazendo algumas vezes tregoas, que se concediam de parte a parte cada vez que se pediam, porque não fazia mais o que queria paz, que alevantar huma bandeira branca, e logo conversavam, communicavam, e se visitavam: e como se enfadavam, tiravam a bandeira, e tornavamse a recolher. Mas de todas as vezes que se communicavam, sendo Fernão de la Torre hospede de D. Jorge, e D. Jorge seu, nunca elle lhe quiz dar os Portuguezes, que tinha em seu poder, pedindo-lhos elle muitas vezes. Estando as cousas neste estado, hu-

huma noite quaſi no fim do quarto da Prima, foram ter á noſſa fortaleza dous Caſtelhanos, que foram tomados pelas vigias em tempo que eſtavam de tregoas quebradas, e foram levados a D. Jorge, que os mandou prender pelos haver pôr de máo titulo, por não levarem carta, nem recado do ſeu Capitão. Sabido eſte negocio por Fernão de la Torre, mandou huma embaixada a D. Jorge com tamanho apparato, como ſe fora de hum grande Principe, no que ſe vio que era homem muito vão; porque o Embaixador hia ricamente veſtido, e acompanhado de muitos, e diante delle porteiros, farautes, e hum Rey de armas desbarretado: e aſſentados lhe deo ſua embaixada, cuja ſubſtancia era eſpantar-ſe muito de lhe prender os ſeus homens, ſendo tão coſtumado entre elles, e os Portuguezes irem folgar huns com outros: que lhe pedia por mercê lhos mandaſſe ſoltar, porque elle tambem o ſaberia ſervir. D. Jorge ouvio a embaixada muito grave, e diſſe que logo lhe reſponderia, e o mandou agazalhar, fazendo-lhe muitas honras, e o entreteve dez, ou doze dias ſem lhe reſponder, mandando-lhe todos os mimos, e iguarias; e hum dia lhe mandou hum paſtel, em que hiam hum cão pequeno, e hum gato vivos: e o recado era, que pois aquelles dous animaes ſendo

tão contrarios de ſua natureza, cabiam em hum tão pequeno lugar tão pacificos; porque o não eſtavam aſſi os Caſtelhanos com os Portuguezes, havendo pera iſſo tanta razão, aſſi por ſerem Chriſtãos, e eſtarem entre infieis, como por ſerem vaſſallos de dous Principes tão liados em parenteſco, e amizade? O Embaixador abrindo o paſtel, vendo o cão, e gato, lhe mandou perguntar, por qual daquelles dous animaes entendia os Caſtelhanos? D. Jorge lhe mandou dizer, que pelo gato, que até agora arranhára, mas que o cão havia de morder dalli em diante. O Embaixador diſſimulou, e apertou pela reſpoſta, que lhe D. Jorge deo, deſenganando-o, que lhe não havia de dar os Caſtelhanos, ſenão depois que lhe déſſe os Portuguezes. Deſpedido o Embaixador, ficou Fernão de la Torre mui affrontado do deſprezo com que D. Jorge tratára a ſua embaixada. Pouco depois diſto chegou D. Jorge de Caſtro, que vinha de Malaca com ſoccorro de gente, roupas, e munições, que hia em hum Junco, e em ſua companhia Jorge de Brito por Capitão de huma Fuſta. Foi eſte ſoccorro muito feſtejado, e temido dos Caſtelhanos, que já não ouſavam de fallar. E porque ſoube D. Jorge de Menezes, que na coſta de Moro andava huma Armada daquelle Rey de Geilolo, fazendo guerra nas ter-

terras, e portos d'ElRey de Ternate noſſo amigo, mandou negociar as Corocoras, que pedio a Cachil Daroes, e na Fuſta que veio da India, em que mandou D. Jorge de Caſtro com ſincoenta homens, e a gente d'El-Rey: e encontrando-ſe a noſſa Armada com a do inimigo, a inveſtio, travando-ſe huma muito aſpera batalha de parte a parte, em que D. Jorge moſtrou bem ſeu esforço, e conſelho, e por fim do negocio ficáram os inimigos deſtroçados, e desbaratados, com morte de muitos, e perda de algumas Corocoras que lhes tomáram, e as que eſcapáram foram bem deſtroçadas. Com eſta vitoria, (que quebrantou bem aquelle Rey,) ſe recolheo D. Jorge pera Ternate, onde foi mui bem recebido. Gonçalo Gomes de Azevedo, e Lionel de Lima tratáram de ſe ir pera Malaca, querendo levar comſigo alguns homens, a que D. Jorge de Menezes acudio, e os tomou com muito trabalho, e com lhes dar do ſeu dinheiro pera os contentar, e elles ſe foram com alguns criados ſeus. E porque receava o Capitão D. Jorge, que os Caſtelhanos tiveſſem cedo ſoccorro da nova Heſpanha, e os provimentos que lhes vieram, que ſe foſſem gaſtando, deſpedio D. Jorge de Caſtro no Junco pera ir a Banda eſperar quaeſquer navios de Portuguezes, que ahi foſſem ter, ou d'ElRey, ou de

par-

partes, e lhes tomasse os provimentos, que lhes achasse, comprados, ou a partido, e que a todos os Portuguezes que alli achasse requeresse da parte d'ElRey, que fossem soccorrer aquella fortaleza, e lhes tomasse os nomes a todos, e que não querendo vir, os mandasse ao Capitão de Malaca, e ao Governador pera os castigar. D. Jorge deo á véla pera aquella Ilha, e de sua jornada adiante daremos razão.

CAPITULO VI.

Da Armada, que este anno de vinte e nove partio do Reyno: e de como Lopo Vaz de Sampaio se embarcou pera Cochim, e Nuno da Cunha chegou a Goa, e partio logo pera Cochim: e de como prendeo Lopo Vaz de Sampaio em ferros.

COm as novas que Lopo Vaz teve do Governador Nuno da Cunha, mandou dar muita pressa a toda a Armada, pera a achar no mar quando viesse, como lho pedia na sua carta, mandando recolher muitos mantimentos, e fazer muita polvora, e todos os mais petrechos de guerra; e tudo tanto a ponto, que quando foi por fim de Agosto, estava no mar a mais poderosa Armada, que Rey Christão tinha, como adiante diremos. E deo expediente a muitas cousas,

ſas, e fez deſpachar pera fóra pera os Reynos do Decan, e Canará dous mil cavallos, dos que eſtavam em Goa, de que vieram a ElRey oitenta mil pagodes, porque pagava cada hum quarenta de direitos, que traziam Mouros, e outros mercadores dos portos da Arabia, e da Perſia: á entrada de Goa ſão francos, e libertos, mas ao ſahir pera fóra pagam aquelles direitos. He eſta couſa de cavallos de tanta liberdade, que a náo que trouxer de dez, ou doze pera cima, não paga direitos de todas as mais fazendas que traz, por muitas, e por mui groſſas que ſejam. Eſte coſtume, e liberdade ficou do tempo dos Mouros. E tendo Lopo Vaz de Sampaio tudo muito preſtes, chegáram á barra de Goa, dia de S. Bartholomeu pela manhã, quatro náos, de que era Capitão mór Diogo da Silveira, que vinha provído da fortaleza de Ormuz. Os mais Capitães eram Rui Gomes da Grã, Rui Mendes de Meſquita, Henrique Moniz Barreto, que faleceo no mar, e trazia comſigo dous filhos meninos Aires Moniz, e Antonio Moniz Barreto, que depois foi Governador da Indía. Teve eſta Armada tão boa viagem, que de quinhentos homens que trazia, ſó Henrique Moniz faleceo, e todos os mais vinham tão ſãos, e bem diſpoſtos, que parecia que havia quinze dias, que partíram

do

do Reyno. Lopo Vaz de Sampaio recebeo mui bem Diogo da Silveira. Pouco depois disto chegou hum Embaixador de Melique Saca, Senhor que foi de Dio, (de que em principio desta Decada démos razão, Capitulo sete, Livro primeiro, que tinha fugido pera Jaquete,) que vinha muito bem acompanhado: o Governador o recebeo mui bem, e lhe ouvio sua embaixada, cujo theor era, que se quizesse ir tomar Dio, que elle se offerecia ao acompanhar por mar, e seu cunhado por terra com quinze mil de cavallo. Lopo Vaz de Sampaio lhe disse, que esperava por Governador novo, e que em seu nome acceitava a offerta, mandando-lhe dar casa, e todas as cousas necessarias, tendo guardado aquelle alvitre pera Nuno da Cunha; e porque por horas esperava por elle, não se quiz metter em cousa alguma. E todavia vendo que tardava, despedio as náos pera Cochim pera tomarem a carga, e esperou até á entrada de Novembro, e vendo que não vinha, foi-lhe necessario embarcar-se pera Cochim, assi pera dar aviamento á carga, como pera se negociar pera se embarcar pera o Reyno. E assi entregou toda a Armada com o Embaixador do Melique Saca ao Capitão da Cidade, a quem deixou cartas pera Nuno da Cunha, em que lhe dava conta de suas cousas, e lhe deixou

hum

hum rol da Armada, mantimentos, munições, e artilheria, que na India lhe ficava, de que tirou certidões dos Officiaes; e assi se embarcou em hum só Galeão, deixando toda a Armada negociada de verga de alto, deixando-se retratado na casa em que estavam os mais Governadores em paineis do seu tamanho: onde com mais razão se pudera pôr o retrato de Pero Mascarenhas, que foi o verdadeiro Governador da India, como todos; mas descuidos Portuguezes lhe roubáram esta honra, posto que muito bem se póde dizer o que disse Catão quando vio tantas estatuas no Senado, não estando elle entre ellas, (*que mais queria que perguntassem, porque não tinha alli Catão estatua, que não porque puzeram alli estatua a Catão?*) Havendo poucos dias que era partido, chegou á barra de Goa o Governador Nuno da Cunha, que logo desembarcou, fazendo-lhe a Cidade hum muito grande recebimento; e começou de dar aviamento a muitas cousas de pressa, porque lhe era necessario chegar a Cochim. E como achou a Armada no mar a ponto, despedio logo Antonio da Silveira com sincoenta e tres Fustas, de cujos Capitães não achámos os nomes, em que hiam novecentos soldados, mandando-lhe que fosse pelas costas do Reyno de Cambaya, e que fizesse toda a guer-

ra que pudeſſe. E em ſua companhia deſpedio huma Galé, em que mandou embarcar o Embaixador de Melique Saca, a quem fez muitas honras, e deo muitas peças, aſſi pera elle, como pera Melique Saca, a quem eſcreveo, e pedio que ſe vieſſe ver com elle a Goa naquella Galé pera tratarem ſobre os negocios de Dio. Eſta Galé foi em poucos dias a Jaquete, e deſembarcando o Capitão della com o Embaixador, vio-ſe com o Melique, e lhe deo a carta do Governador, e recado que levava tambem de palavra, dizendo-lhe, que levava aquella Galé muito bem negociada pera elle ſe ir ver com o Governador. Reſpondeo-lhe o Melique, que ſe foſſe elle embora, porque não queria que lhe fizeſſem como a ElRey Xarrafo, (porque já ſabia que o levavam prezo pera o Reyno.) O Governador deſpedio mais Eitor da Silveira com quatro Galeões, duas Caravelas, e quatro Fuſtas pera ir ao eſtreito do Mar Roxo, e niſto gaſtou oito dias, e no cabo delles ſe embarcou, levando comſigo os navios que lhe parecêram neceſſarios; e na coſta do Malavar deixou Diogo da Silveira por Capitão mór com duas Galeotas, huma Caravela, e ſeis Fuſtas, e de todos os Capitães deſtas tres Armadas não achámos os nomes, buſcando-os nós nos livros dos provimentos dellas, que são todos

eſtra-

eſtragados de andarem aos tombos pelas caſas dos Eſcrivães da Fazenda. O Governador Nuno da Cunha chegando a Cananor, ſurgio naquella barra, onde foi logo viſitado de D. João Deça Capitão daquella fortaleza, e da parte de Lopo Vaz de Sampaio, que ainda alli eſtava, mandando-lhe pedir deſembarcaſſe em terra, e que lá lhe entregaria a India. Nuno da Cunha ſe lhe mandou deſculpar, que a preſſa que levava lhe não dava vagar, que lhe pedia muito ſe viſſe com elle no mar, porque tinha que fallar com elle couſas do ſerviço d'ElRey. Lopo Vaz ſe embarcou logo em hum navio de remo com Simão de Mello, Gaſpar de Mello, e outros Fidalgos ſeus parentes, e amigos, e foi-ſe ao Galeão, onde Nuno da Cunha o recebeo bem, e alli preſentes todos lhe entregou a India, de que tirou ſua Certidão. E depois de lhe dar razão dos negocios todos, ſe deſpedio delle, e ſe foi embarcar: e eſtando já a bordo chegou Simão Ferreira, que o Governador trazia pera Secretario do Eſtado, e lhe notificou da parte do Governador, que ſe embarcaſſe logo pera Cochim em ſua conſerva. Lopo Vaz ficou tomado do recado, por lhe não dar vagar a ſahir do ſeu Galeão, e lhe mandou dizer, que o faria: e dalli ſe foi metter no ſeu Galeão, ſem querer ir a terra. O Gover-

na-

nador mandou logo lançar pregões na fortaleza com trombetas, que toda a pessoa, que quizesse accusar, ou demandar Lopo Vaz de Sampaio por alguma cousa, fosse a Cochim, que lá se lhe faria justiça. Isto sentio tanto Lopo Vaz, que se lhe mandou queixar, e dizer, que aquillo não eram pregões, senão diffamações: que quem tivesse delle queixas, não tinha necessidade de o espertarem com trombetas pera requerer sua justiça. Fazendo-se á véla chegáram a Cochim, onde Nuno da Cunha mandou pelo Ouvidor geral tomar a menagem a Lopo Vaz, e escrever toda sua fazenda, avalialla, e depositalla em mãos de pessoas abonadas pera a levarem pera o Reyno: o que tudo soffreo Lopo Vaz com muita discrição, e animo, e disse ao Ouvidor geral quando o prendeo: *Dizei ao Governador, que eu prendi, e elle me prende, lá virá quem o prenda a elle*; e assi houvera de ser, senão falecêra no mar indo pera o Reyno; porque nas Ilhas o esperavam com grilhões, como em seu lugar diremos. Feito isto, mandou-lhe Nuno da Cunha notificar, que se embarcasse na náo Castello, que havia de ser a derradeira de carga; mandando-lhe elle pedir que fosse antes na náo S. Roque, que partia primeiro, o que elle não quiz conceder: e assi se embarcou muito infamemente, e com pou-

cos

cos gazalhados, não deixando embarcar com elle mais que dous criados pera o servirem, e dando-lhe de sua fazenda aquillo, que moderadamente lhe podia bastar, e a dez de Janeiro se fez á véla, sendo a sua náo a derradeira. Nas Ilhas Terceiras achou hum navio com hum Corregedor, que lhe lançou huns bem grandes grilhões nos pés, e o levou ao Reyno, e foi desembarcado em cima de huma azemala, e levado á vergonha pelo Terreiro do Paço até o Castello, onde foi prezo em companhia de Rax Xarrafo Guazil de Ormuz, que Manoel de Macedo levou. Alli esteve dous annos muito avexado, e mal tratado; e porque os merecimentos, sangue, e culpas, que puzeram a este Fidalgo, se vem na falla que elle fez a El-Rey, nos pareceo bem polla aqui, porque he substancial, e hum summario das cousas de seu tempo. E porque he muito grande, e relata os serviços que na India fez em quanto foi Governador, muito particularmente os deixaremos, porque ficam contados nesta Decada, sómente diremos todas as mais cousas. E posto que este Capitulo seja muito grande, não póde ser menos, nem o podemos escusar por ser notavel; porque não sabemos se ha hoje esta falla mais que em nosso poder, pelo estrago que o tempo tem feito em todas as antiguidades. Mas pera

alli-

allivio dos leitores o faremos por *Itens*, como pousos em que se descance.

CAPITULO VII.

Que contém a falla que Lopo Vaz de Sampaio fez a ElRey D. João em Relação.

DEpois de Lopo Vaz estar prezo no Castello dous annos, e o Procurador d'ElRey vir com libello contra elle, e elle com sua defeza, que lhe não recebêram; mandando ElRey que se procedesse contra elle rigorosamente, e que lhe tirassem suas devaças, alcançou por via do Duque de Bragança, que o pedio de mercê a ElRey, que o ouvisse em Relação, aonde se apresentou como réo, estando ElRey em meza com todos os Desembargadores; e posto em pé lhe fez esta falla:

» Muito alto, e muito poderoso Senhor.
» Por certo que eu hei esta por huma das
» móres affrontas que tenho passadas, haver
» de defender com a lingua, o que tenho
» ganhado pela lança com tanto trabalho:
» e porque a lingua eu a tenho pouco ex-
» ercitada, e não sei como me ajudará neste
» feito, encommendar-me-hei ás verdades de
» que sempre usei. A principal razão por que
» Nosso Senhor o ungio em Rey foi pera fa-
» zer justiça, e dar a cada hum o seu, e jul-

» gar

» gar com muita clemencia , e animo pie-
» doſo ſeus ſubditos; e com zelo, e amor
» de Deos os caſtigar, ou abſolver de ſeus
» erros. E ſe iſto aſſi he, quanto mór obri-
» gação terá de pagar ſerviços , e mereci-
» mentos como os meus?

» Pelo que , muito excellente Principe,
» lhe peço que lance de ſi todo o odio, e
» rancor, e tudo o que mais póde damnar
» ſua limpa tenção pera me ouvir , e julgar;
» porque fazendo-o aſſi , uſará do Sceptro
» como Deos o manda, e eu ſerei certo de
» juſta ſentença : e os que mal informáram
» V. A. Deos haverá por bem que não fi-
» quem ſem caſtigo.

» Agora quero dizer a V. A. os mere-
» cimentos de meu pai , e avôs , inda que
» não ſejam todos. Meu pai foi Diogo de
» Sampaio ſenhor de Anciães, Villarinhos,
» da Caſtanheira, e Linhares, e de dous mil
» vaſſallos : ſervio nas guerras de Caſtella
» com quatorze eſcudeiros, e quarenta ho-
» mens de pé. Na batalha de Toro foi der-
» ribado , e ferido de feridas mortaes: e jou-
» ve aquella noite no campo, onde pela ma-
» nhã o acháram meio morto : e diſto ſerá
» ſabedor Fernão Vaz de Sampaio , e não
» allego mais teſtemunhas, porque as não ha
» daquelle tempo. Foi na tomada de Arzi-
» la com cento e oitenta homens em duas

» Ca-

» Caravelas á sua custa, onde foi feito Ca-
» valleiro por mão d'ElRey D. Affonso o
» Quinto. Meu avô era Rui Lopes de Sam-
» paio, e minha avó Costança Pereira era
» sobrinha do Conde D. Nuno Alvares Pe-
» reira, filha de seu irmão; e não nomeio
» mais de minha linhagem, porque bem sa-
» bida está quão antiga he neste Reyno.
» Meus avôs em tempo d'ElRey D. João de
» boa memoria, tomáram dez Villas aos
» Castelhanos por força darmas com seus pa-
» rentes, e amigos, que entregáram, e obe-
» decêram com ellas ao dito Senhor, e tem-
» nas hoje seus descendentes, isto he, Fernão
» Vaz de Sampaio seis, Rui Lopes de Sam-
» paio tres: a huma se perdeo não por trai-
» ção, (que nunca em minha linhagem a
» houve,) mas por outras differenças. Mi-
» nha mãi foi D. Briolanja de Mello filha
» de João de Mello de Serpa, e de Dona
» Beatriz da Silveira filha de Fernão da Sil-
» veira Regedor, e Coudel mór. Este João
» de Mello meu avô foi filho de Garcia
» de Mello de Serpa Alcaide mór daquel-
» la Villa. De seus honrados filhos não fal-
» lo, porque notorio está, nunca Principe
» no Reyno ajuntou gente pera guerras, e
» Armadas, em que os Mellos não fossem
» dos principaes Capitães, e Cavalleiros. E
» no tempo d'ElRey D. João o Primeiro,

no-

» nomeado foi o grão Martim Affonſo de
» Mello, de quem todos vimos.

» Eu, Senhor, paſſada minha mocida-
» de, e que fui pera tomar armas, logo me
» lancei a eſſe uſo militar, em que ElRey
» voſſo Pai, que ſanta gloria haja, continua-
» mente me occupava. Depois de andar em
» muitas Armadas, de que aqui não fallo,
» fui com o Conde Prior na Armada de Tur-
» quia, e ſahi em Maſarquebir, e fui dos
» derradeiros que me recolhi. Conto iſto,
» porque naquella recolhida houve muita deſ-
» ordem, affogando-ſe, e perdendo-ſe mui-
» ta gente, e eu fui dos derradeiros, que
» me fui recolhendo com bom tento, e re-
» cado, como diſſera Ruy Barreto, ſe vivo
» fora, com quem me recolhi; e chegando
» a Corfú, andando paſſeando pela Cidade,
» ſe ateou huma briga, por ſe alevantarem
» todos contra os Portuguezes, em que ma-
» táram ſetenta, ou oitenta: neſta revolta
» me recolhi a huma caſa com quatro ho-
» mens, que foi combatida de muita gen-
» te, de que nos defendemos com muito tra-
» balho, e perigo de noſſas vidas.

» Tornando a Portugal, mandou-me El-
» Rey com o meſmo Conde Prior a Tan-
» gere, aonde ſervi dous annos; e fazendo
» o Conde huma entrada em Alcacere Que-
» bir, fui eu dos corredores, e por Fran-

» cisco Pereira Pestana, eu, e outros nos a-
» charmos diante, chegando ás portas de Al-
» cacere Quebir, fomos atalhados de oiten-
» ta Mouros de cavallo, de que nos defen-
» demos, matando-nos hum dos companhei-
» ros, e a Francisco Pereira o cavallo, com
» lhe darem duas feridas, e a mim outras
» duas, e com me matarem tambem o meu.
» Dalli me vim a Portugal, donde me El-
» Rey logo mandou a Alcacere Seguer com
» D. Rodrigo de Sousa, onde estive tres an-
» nos por me mandar ElRey que não me
» viesse de lá, escrevendo-mo, e encommen-
» dando-mo cada anno. E na entrada que
» D. Rodrigo fez em Gualdião, fui eu por
» Capitão dos Corredores, e me achei ao
» pé de huma serra com quatro Mouros de
» pé: matei hum, e os tres o fizeram ao
» meu cavallo, e feríram-me duas feridas
» mui grandes, e deram-me huma pedrada
» em hum pé de que o houvera de perder;
» e disto são testemunhas o mesmo D. Ro-
» drigo, e D. Antonio seu irmão.

» Passados tres annos vim á Corte, e
» tornou-me ElRey a mandar a Alcacere, on-
» de estive quatro annos, e tres delles ser-
» vi de Capitão por mandado d'ElRey; e
» na entrada que fez D. Rodrigo, em que
» se encontrou com Almadarim Alcaide de
» Tutuão, e por levar pouca gente, e to-
» dos

» dos os noſſos virem eſpalhados, começá-
» ram a fugir, e indo neſta deſordem, diſ-
» ſe a D. Rodrigo, que fizeſſemos volta,
» e morreſſemos com os roſtos nos Mouros,
» e não pelos peſcoços como patos. Voltou
» D. Rodrigo, e foi tão proveitoſo iſto,
» que logo os Mouros affrouxáram, e nos
» deixáram: e por certo que ſe a volta não
» fora, todos nos perderamos, e Alcacere
» corria riſco.

» Dalli me fui a Tangere, onde eſtive ou-
» tros dous annos, em que ElRey de Fez
» cercou aquella Cidade: neſte cerco poz
» D. Duarte de Menezes Capitão ſuas eſtan-
» cias, em que me não occupou, deixan-
» do-me de fóra pera acudir aonde houveſ-
» ſe neceſſidade. Os Mouros pegáram logo
» com o cubello do Biſpo, que foi mina-
» do ſem lho poderem eſtorvar: a eſta ne-
» ceſſidade me mandou D. Duarte, e me met-
» ti no cubello com ſetenta homens, e os
» Mouros nos combatêram tão rijo, que nos
» derribáram hum lanço do cubello, por on-
» de começáram de entrar: deitamo-los fó-
» ra com morte de muitos, e grande riſco
» de minha vida; e foi tanta a preſſa que
» nos deram, que de ſetenta e tantos ho-
» mens, que eramos, ficámos ſinco, e deſtes
» o mais são era eu, que fiquei com huma
» eſpingardada por hum braço, e huma ſe-

 ta-

» tada na cabeça , e muitas infindas pedra-
» das , e os que comigo efperáram , foram
» eftes , Digo de Mello Meftre fala da Im-
» peratriz , Soto-maior Gallego de Tange-
» re , Martim Lopes de Azevedo , e André
» Pires Efcrivão dos Cativos. E affi ferido
» eftive no muro fem nunca me ir á poufa-
» da , alli me curáram , e fiquei até os Mou-
» ros alevantarem o cerco. E além dos que
» nomeei , ferá boa teftemunha Luiz da Sil-
» veira , que nos vio nefte auto.

» A Tangere me mandou ElRey cha-
» mar pera me mandar á India , dizendo-
» me , que tinha lá neceffidade de minha pef-
» foa , o que logo acceitei , e fui fem par-
» tido algum , nem ordenado , (que elle de-
» pois me mandou lá , fabendo o como o
» eu fervia.) Chegando a Goa achei Benaf-
» tarim tomado de Mouros , e Goa cerca-
» da ; e acudindo Affonfo de Alboquerque
» pera ir bufcar os Mouros a Benaftarim ,
» fahíram elles para lhes dar batalha , e não
» a refufando o Governador , ordenou três
» efquadrões de toda fua gente , e indo-os
» demandar houveram feu confelho , e tor-
» náram-fe a recolher á fortaleza. Affonfo
» de Alboquerque me mandou com a gente
» da fua batalha que me metteffe na en-
» volta dos Mouros , e viffe fe podia de
» miftura com elles entrar na fortaleza , o

» que

» que eu fiz adiantando-me só, tanto que
» cheguei á porta. E quando o primeiro dos
» nossos chegou a mim, tinha eu já seis fe-
» ridas; e alli me lançáram muitas panellas
» de polvora, e outros materiaes de fogo,
» com que me queimáram estas barbas, e
» estas pernas, e o meu guião, e assi feri-
» do me recolhi com os derradeiros; e cer-
» to que isto que fiz foi causa de se aquel-
» la fortaleza render tão cedo. Disto he boa
» testemunha D. Garcia de Noronha, e Fran-
» cisco Pereira Pestana, e Jorge de Albo-
» querque, que se alli acháram.

» Fui a Adem com Affonso de Albo-
» querque, e subindo áquella fortaleza por
» huma escada, me derribáram com hum
» canto que me deo antre ambos os olhos,
» de que ainda hoje me sinto muitas vezes,
» a fóra outras pedradas que em baixo me
» deram, de que estive á morte. Testemu-
» nhas D. Garcia de Noronha, D. João de
» Lima, e Antonio Ferreira.

» Entrando o Estreito, deo Affonso de
» Alboquerque com o seu navio em secco:
» mandei surgir a minha náo o mais per-
» to que pude delle, contra vontade dos
» mais Officiaes, e no batel foi a sua náo que
» me elle entregou, pedindo-me que o soc-
» corresse se pudesse, que elle se hia para
» a Armada, porque o tinhão por morto,

» o

» o que eu fiz com muita diligencia, e tra-
» balho, pelos mares ferem grandes, lan-
» çando ancoras, levando outras, indo eu
» fempre na prôa do batel, porque os ma-
» rinheiros não queriam trabalhar, e com
» huma efpada na mão lho fiz fazer. Alli
» fui mergulhado dos mares, e bebi muitas
» vezes agua falgada, e aprouve a Deos que
» falvei a náo com toda a gente, e muni-
» ções, e hiam nella quatrocentos homens.
» Difto ferá boa teftemunha D. Garcia de
» Noronha, e Antonio Ferreira.

» Invernámos em Camarão com muito
» rifco, trabalho, e fome, e nos morrêram
» fetecentos homens. Dalli nos tornámos pe-
» ra a India, e deixou-me o Governador na
» cofta de Cambaya, onde tomei huma náo,
» de que veio á voffa fazenda oitenta mil
» cruzados, e outra carregada de marfim,
» e de outras fazendas, que montou quin-
» ze mil. E fabendo que em Dabul eftavam
» outras duas carregadas de efpeciarías pe-
» ra irem a Adem, fui lá, e as pedi ao Ca-
» pitão da terra, e pelos bons modos que
» tive mas entregou com toda a carga, e
» artilheria, e tinham dentro em fi fete mil
» quintaes de gengivre, que logo effe anno
» veio para o Reyno, e ás náos puz-lhe o
» fogo. E affi naquelle verão fiz ferviço a
» V. A. em que lhe dei cem mil pardaos de
» pro-

» proveito: Teſtemunha diſto D. Garcia de
» Noronha, e Antonio Ferreira.

» O outro verão foi Affonſo de Albo-
» querque a Ormuz, e determinando de ma-
» tar Rax Hamed Mouro, que eſtava alevan-
» tado com aquelle Reyno, e ordenando de
» ſe ver com elle com certos Capitães, eſ-
» colheo Affonſo de Alboquerque dous, a
» Pero de Alboquerque, e a mim, a quem
» encarregou que o mataſſemos. E chegan-
» do o Mouro a Affonſo de Alboquerque,
» o tomei por hum braço, e lhe dei huma
» punhalada pelo coração, e deſta, e dou-
» tras que lhe logo deram foi morto: e com
» iſto ficou ElRey voſſo Pai ſenhor daquel-
» le Reyno ſem contradição, onde fizemos
» a fortaleza, andando todos com as padio-
» las ás coſtas, e o dia que folgavamos eſ-
» tavamos armados: Teſtemunhas diſto, os
» meſmos acima. Dalli nos fomos á India;
» e ſendo ElRey que Deos haja ſabedor de
» meus bons ſerviços, me mandou Ormuz,
» ou Ceilão, qual eu quizeſſe, o que não
» houve effeito por ſer eu no Reyno, por-
» que parti de lá no anno que Lopo Soa-
» res foi á India. No Reyno fui bem rece-
» bido d'ElRey, e me fez mercê de huma
» Commenda, e me mandou pagar tudo o
» que me era devido na Caſa da India, di-
» zendo-me, que me não ſatisfazia meus ſer-

» vi-

» viços, e que me faria ainda mercê como
» veria. Depois em Almeirim me commet-
» teo, que fosse á China por Capitão de seis
» náos, e que da vinda ficasse em Malaca
» por Capitão tres annos, e por adoecer não
» houve effeito.

» Depois me mandou chamar a Evora,
» e me disse, que determinava mandar duas
» mil lanças a Africa, e por Capitão dellas
» Ruy Barreto, repartidas em quatro partes,
» quinhentas em cada huma, commettendo-
» me com huma dellas, e a Jorge Barreto,
» e a D. Rodrigo de Castro com as outras,
» o que não houve effeito pelos annos se-
» rem esteriles. E sempre este Rey mostrou
» muitos desejos de me satisfazer meus ser-
» viços, de me honrar, e accrescentar; mas
» quiz Deos, e meus peccados, que fale-
» ceo, e se perdeo todo o meu bem, e es-
» peranças. E por V. A. não ter noticia dis-
» to em começo do seu reinado, me man-
» dou prender na cova, por sahir a estre-
» mar hum arroido, (o que todos somos
» obrigados a acudir por Lei deste Reyno,
» sob graves penas, a qualquer que não acu-
» dir a quem pedir vosso soccorro, bradan-
» do á *que d'ElRey*,) no que bem se vio
» não ser V. A. sabedor de quem eu era;
» nem de meus serviços, e trabalhos passa-
» dos: pelo que determinei de me tornar

» pe-

» pera a India a ſervir de novo a V. A.
» porque ſe arrependeſſe do que me tinha
» feito, pelos bons ſerviços que lhe eſpera-
» va fazer, como depois fiz.

» Fui á India por Capitão de Cochim,
» onde eſtive hum anno: os ſerviços que al-
» li fiz V. A. os ſabe, pois me eſcreveo car-
» tas de agradecimento. E falecendo naquel-
» la Cidade o Conde Almirante, á hora de
» ſua morte me eſcolheo por Governador
» até ſe abrirem as ſucceſsões; e os ſerviços
» que logo fiz são eſtes. Deſpachei as náos
» do Reyno, em que eſtava o Governador
» D. Duarte de Menezes bem devagar, e
» as náos que eram cinco bem desbarata-
» das. Deſpachei huma Armada, que foi em
» buſca de D. Henrique de Menezes, que
» ſuccedeo na governança, por naquelle tem-
» po eſtar em Goa, e mandei a iſſo quator-
» ze vélas. Pera o Cabo de Guardafú tam-
» bem deſpachei Antonio de Miranda com
» outra Armada de ſete vélas, e fez lá pre-
» zas de trinta mil pardaos. Fiz outra Ar-
» mada pera as Ilhas de Maldiva de ſeis vé-
» las pera eſperarem as náos de Meca. Fiz
» outra pera Melinde de hum Galeão, e dous
» navios, e deſpachei quatro náos pera Or-
» muz: o que tudo fiz de dia de Natal até
» vinte de Janeiro.

» Por falecimento do Governador Dom
» Hen-

» Henrique de Menezes me elegêram por
» Governador , e V. A. deve de ſer lem-
» brado , que eu nunca tal lhe requeri por
» mim , nem por outra peſſoa. O Duque de
» Bragança, (que eu cuidava que niſto me
» tinha alguma culpa , por razões que pera
» iſſo havia ,) me eſcreveo huma carta em
» que dizia : Pois ElRey meu Senhor teve
» tanta lembrança de voſſa honra , e forta-
» leza , por amor de mim Lopo Vaz que
» lho pagueis na meſma moeda. E eu por
» certo , Senhor, que trabalhei de o fazer,
» e aſſi o fiz de maneira , que eu eſtou bem
» ſatisfeito , que não ei inveja a nenhum Go-
» vernador paſſado , preſente , nem por vir,
» fazendo ſempre muita verdade , e juſtiça
» a voſſos amigos , e muita guerra a voſſos
» inimigos. E não ſe poderá com verdade
» dizer , que eu diſſimulaſſe nunca batalha,
» que cumpriſſe a voſſo ſerviço , com pou-
» cos , ou com muitos , aſſi como me acha-
» va , aſſi me offerecia : e neſtas batalhas , e
» affrontas , Deos ſeja louvado , em todas me
» deo grandes , e notaveis vitorias.

» Acceitei a India eſtando desbaratada,
» e em grande riſco de ſe perder , por ter
» conquiſta com tres Imperadores , e hum
» mui poderoſo Rey , iſto he , o Imperador
» de Alemanha , e Rey de Caſtella ſobre
» Maluco ; o Grão Turco Senhor de tres

» Im-

» Imperios; e o Rey de Calecut, que tam-
» bem he Imperador; e ElRey de Cambaya,
» que põe em campo sessenta mil cavallos
» acubertados, e dos outros innumeraveis,
» e de grande poder no mar, que até o meu
» tempo nunca foi desbaratado. E cuido
» que em acceitar a India desta maneira fiz
» a V. A. hum dos mores serviços do Mun-
» do; e o primeiro que fiz foi emprestar de
» minha bolsa oito mil cruzados pera o gas-
» to das Armadas, por não haver dinhei-
» ro. E o primeiro verão fui a Bacanor so-
» bre setenta e tantos Paraos, a mór parte
» d'ElRey de Calecut, carregados de espe-
» ciarias com mais de seis mil homens de
» peleja, e hum Capitão d'ElRey de Nar-
» singua com vinte e cinco mil em seu fa-
» vor; e não tendo eu mais que mil e cen-
» to, desembarquei contra parecer dos Ca-
» pitães, e lhe queimei todos os Paraos, e
» lhe tomei muita artilheria, que foi huma
» das mores pancadas, que o Reyno de Ca-
» lecut teve.

» E não se póde dizer que estive ocio-
» so o tempo que governei, antes o gastei
» todo em o servir com a alma, e com a
» vida, e acho que fiz em todo o meu tem-
» po trinta e oito armadas, em que pes-
» soalmente me embarquei em tres dellas. A
» primeira a que já disse, quando desbara-

» tei

» tei os Paraos de Bacanor: A ſegunda pe-
» ra Ormuz, donde me mandáram chamar
» com muita preſſa, por eſtar Rax Xarrafo
» alevantado contra ElRey, com arraiaes
» formados, e Diogo de Mello em meio;
» e concertei eſtas couſas que eſtavam mui-
» to arriſcadas: A terceira, quando desbara-
» tei as Galeotas de Cambaya. Fizeram-ſe
» prezas em meu tempo, que valêram tre-
» zentos e ſetenta mil pardaos. Paguei os
» ordenados aos Capitães, e Feitores; gaſ-
» tei muito dinheiro em reedificar as forta-
» lezas todas, ſem tirar do cofre de V. A.
» hum ſó real, e tudo das mercadorias, pre-
» zas, pareas, dinheiro dos cavallos, e ren-
» das de Goa; e mandei a Cochim por ve-
» zes dinheiro pera as obras, por não bo-
» lirem no cofre, que foram mais de cin-
» coenta mil pardáos.

» V. A. ſe quiz ſervir de mim no gover-
» no da India, ſem lho eu requerer por a-
» derencia alguma, ſómente pelo meu bom
» nome, e não deixei de lho requerer, por
» cuidar que em mim não havia as qualidades,
» que cumprem aos Governadores, mas por-
» que nunca fui tão eſquecido de minha hon-
» ra, nem tão minguado de juizo, que não
» tiveſſe ſempre repreſentado diante de mim,
» que onde tão honrados Capitães, e tão va-
» lentes Cavalleiros neſte cargo perdêram as
» vi-

» vidas, honras, e fortalezas, e alguns del-
» les arriſcáram ſuas almas, eu não me aven-
» turaſſe ao meſmo: e por iſſo quiz antes
» ſeguir o exemplo Caſtelhano, que diz:
» *Mas quiero cardamos em paz, que po-*
» *lhos con agraz.* V. A. como digo, ſe quiz
» ſervir de mim na governança da India,
» e por certo que foi grande lembrança, e
» grande mercê; porém prouvera a Deos
» que nunca a eu víra em minha caſa.

» Já lhe tenho dado conta de meus ſer-
» viços, agora lha darei de como deixei a
» India. Se V. A. bem olhar, achará que
» em meu tempo não veio Capitão, nem Of-
» ficial da India rico, como ſoiam vir; pois
» eſte dinheiro que ſe fez delle em meu tem-
» po, em que houve mais prezas, e mais
» trato, que em nenhum outro? Por certo,
» Senhor, que todo eſte dinheiro ficou no
» voſſo cofre, e no voſſo theſouro; porque
» as voſſas fortalezas de pedra, e barro, fi-
» las eu de pedra, e cal, e com cavas cha-
» padas de mar a mar: por onde V. A. deve
» dormir ſeu ſomno deſcançado, e ſeguro. E
» mais tem em outro cofre trezentos mil cru-
» zados, que lhe eu paguei de ſoldos. As
» couſas que deixo entregues ao Governa-
» dor Nuno da Cunha, são as ſeguintes:
» Seis Galeões, ſeis Caravellas, oito Galés
» reaes, quatorze Galeotas, e cento e duas

» Fuſ-

» Fuſtas, e Bargantins com toda ſua mu-
» nição, (Armada que nunca Principe teve
» toda ſua propria.) Deixei em Goa cincoen-
» ta pipas de polvora de bombarda, e duas
» de eſpingarda. Em Chaul quinze pipas de
» polvora de bombarda, e duas de eſpin-
» garda. Em Cochim trezentos quintaes de
» polvora. Em Cananor vinte pipas de pol-
» vora de bombarda, e duas de eſpingarda.
» Os mantimentos que deixei juntos pera a
» Armada são eſtes: Mil e quinhentos can-
» dís de trigo, e tres mil candís de arroz,
» ſeiscentas vaccas vivas, queijos, manteigas
» em abaſtança, muito ferro, muita madei-
» ra, e muitos ferreiros, e carpinteiros, e
» iſto em todas as fortalezas.

» De como ficam os inimigos lhe darei
» conta. No Imperador não fallo, porque a
» V. A. darei eſſa conta quando de mim
» a quizer ſaber. O Grão Turco fica com
» ſuas Armadas desbaratadas, pelas grandes,
» e muito poderoſas com que todos os an-
» nos lhe mandei correr a terra do Eſtreito
» de Meca. E quando me entregáram a In-
» dia eſtavam ſuas Armadas mui poſſantes,
» com muita ouſadia contra nós, trabalhan-
» do por virem de maneira, que nos botaſ-
» ſem fóra da India: o que tudo em dita
» de V. A. e com meu trabalho, e aſtucia
» ſe desfez.

» O

» O Çamorim ao tempo que me deram
» a governança punha no mar quantos Paraos queria, o que no fim do meu tempo
» já não podia fazer, porque todos lhe destrui, e tomei, nem tinha artilheria, nem
» bombardeiros, que tudo lhe gastei, e desfiz, pelo que cada dia pedia pazes.

» O grande Rey de Cambaya, poderoso no mar mais que todos os da India
» juntos, veja qual ficava á minha partida,
» que lhe não ficariam dez Fustas.

» ElRey de Bintão, eu por certo o destrui, e desbaratei com a Armada, e gente, que mandei a Pero Mascarenhas, encommendando-lhe, e pedindo-lhe, que se
» não viesse de lá sem a destruir, o que elle fez mui bem.

» Em paga de todos estes serviços me
» prendeo Nuno da Cunha em Cananor pela maneira que se sabe, mandando lançar
» pregões infames contra mim. Em Cochim
» fui mal aposentado nas peiores casas da Cidade, nos esteiros entre os monturos, o
» que muito senti, por ser contra a humanidade, e fidalguia, e em Cidade, onde
» me fizeram Governador de V. A. Alli me
» mandou prender, e tomar-me toda a fazenda, que foi avaliada com toda a desordem, como se eu fora traidor, e malfeitor, soffrendo affrontas, e injúrias a

» meus

» meus inimigos, que todas as noites me paſ-
» ſavam pela porta com folías. Dalli me em-
» barcáram com dous criados na peior náo
» da carreira, e que partio derradeiro de to-
» das, mandando-me dar huma camara de-
» baixo da alcaceva, onde era a eſtancia dos
» grumetes, e negros, onde eu comia, e
» dormia ás chuvas até ás Ilhas Terceiras.
» Veja V. A. e ponha diante de ſi tamanho
» aggravo como eſte a hum homem de mi-
» nha qualidade, e idade, e de tantos, e
» tão grandes ſerviços, ſer mandado em hu-
» ma tão enfadonha viagem, em huma poſ-
» ſilga de porcos; que por certo eu tomára
» antes muitas vezes de muito boa vontade
» a ſepultura, que ver-me avexar por tantas,
» e tão injurioſas maneiras. E aſſi me man-
» dou entregar a quem me não tinha boa
» vontade, pera mais me martyrizar.

» Chegando ás Ilhas Terceiras fui tor-
» nado a prender, e me leváram em ferros,
» de que eſtive pera perder huma perna,
» porque ma cortáram de feição, que me
» appareciam os nervos. E chegando a eſta
» Cidade me mandou V. A. tirar cercado
» de beleguins por meio do terreiro de ſeus
» Paços, defendendo a todos os meus pa-
» rentes, e amigos, que não chegaſſem a
» mim, como ſe eu fora hum traidor, ou
» malfeitor; e aquella vergonha paſſei, eſ-

» tan-

» tando no terreiro toda a Corte, e eu cer-
» cado de rapazes, e negros, e gente vil,
» que foram cem mil mortes. Fui levado ao
» Castello, onde me foram postas guardas,
» e defezas, como se se esperasse procede-
» rem de mim grandes crimes, não me con-
» sentindo ver, nem fallar certos dias com
» meus parentes, e amigos; nem até o pre-
» sente ver minha mulher, que ha sete an-
» nos que está viuva de mim, por eu an-
» dar occupado no serviço de V. A. e não
» a deixarem fallar comigo, o que eu mais
» senti que todos os tormentos outros que
» me deram. Ora cuide V. A. se tanta des-
» humanidade se usou nunca com homem de
» minha sorte, idade, e serviços neste Rey-
» no.

» Processáram meu feito contra toda a
» ordem de justiça destes Reynos: assi que
» em mim se começáram a exercitar todos
» os novos costumes, e novas leis pera
» ser deshonrado. Tiram meus inimigos por
» testemunhas, e esteve ao perguntar dellas
» Manoel de Macedo, que descubertamen-
» te he meu inimigo. Fui lançado de répli-
» ca, e de outros termos, que tinha de Di-
» reito Divino, e Humano. Ora veja V. A.
» o que me tem custado seu serviço, e a
» honra que me deo de Governador, que
» não sei homem que juizo tenha, que is-

» to quizesse pelo preço, muitos frios, mui-
» tas calmas, muitas fomes, e sedes, mui-
» tos riscos de minha vida, dando a comer
» meu sangue aos tubarões no mar, aos adi-
» bes no Reyno de Fez, e ás gralhas da In-
» dia; de maneira que poucas conquistas tem
» V. A. onde se elle não derramasse: e não
» se póde presumir que possa mentir, por-
» que quem em sua mancebia não usou de
» máos costumes, e fez sempre o que de-
» via, em sua velhice, e no fim della, não
» usaria das miudezas que me põe, e mais
» tendo diante dos olhos taes pessoas.

» D. Duarte de Menezes, que em bem
» tenra idade desbaratou dous Alcaides mui
» furiosos, e mui guerreiros, serviço mui
» notavel, e digno de perdão de grandes
» culpas, não lhe valeo nem serviços do pai,
» nem dos avós, prezo em carcere perpé-
» tuo, tomada a fortaleza. Baliza era esta
» pera Lopo Vaz, não sendo inhabil, se guar-
» dar.

» Diogo Lopes de Siqueira tantas vezes
» cativo, e ferido, fugido por Reynos estra-
» nhos, tomada sua fazenda, por mercê tor-
» nado ao Reyno, e morreo, e assi Deos
» sabe de sua alma. Vi mais Affonso de Al-
» boquerque tantas vezes cativo, e de tan-
» to serviço, que morreo quasi desesperado,
» dizendo, mal com ElRey por amor dos
» ho-

» homens, mal com os homens por amor
» d'ElRey, acolhamo-nos á Igreja, e mor-
» re Affonſo de Alboquerque, que cumpre
» á tua honra morreres, que nunca a elle
» lhe cumprio couſa, que tu não fizeſſes; e
» com eſtas palavras deo a alma a Deos, e
» que lhe não valeo a muita guerra que fez
» a Mouros, e Gentios, e ſua alma corre
» muito riſco. Eſte bom velho mui ſabedor
» das couſas da India, muito vitorioſo nel-
» la, a quem todos os Governadores da In-
» dia devem ter acatamento, não por com-
» metter maiores feitos dos que eu tenho
» commettido, mas por os ſeus ſerem pri-
» meiro: Eſte coſtumava a dizer, ſabeis quão
» má gente he a da India, que me puzeram
» que era puto, e provåram-mo; ſendo el-
» le tão honeſto, que não dirá criado ſeu,
» que alguma hora lhe viſſe a ponta do pé.
» Todo eſte mal, e deſtruição dos Gover-
» nadores todos he cauſado por homens bai-
» xos dalmoface. Por certo, Senhor, eu não
» ſei como ſe deſculpará, nem que razão
» dará, olhando aos homens com que V.
» A. começou meus negocios, que lhe não
» lembrava huma couſa tão devida, como
» era dizer, ſaiba-ſe que homens são eſtes
» que ſe queixam dos Governadores; e ſe
» achar ſerem homens de bem, fazer-lhes
» juſtiça mui inteira; e achando ſerem vicio-

» ſos, mandallos á cadeia, e não dar cauſa
» ao máo pera fazer mal ao bom.

» E quantos Fidalgos de mim teſtemu-
» nháram a V. A. foi por eſta razão. Eu eſ-
» tava em Cananor, onde me vieram buſcar
» os Paraos, (como V. A. em meus ſervi-
» ços ouvio,) chamei a conſelho eſſes Fi-
» dalgos, que foram de parecer não pele-
» jaſſe: aprouve a Deos que me pareceo o
» contrario, e diſſe-lhes, que quem quizeſ-
» ſe acompanhar o ſeu Governador, e a ban-
» deira de V. A. ſe embarcaſſe comigo, o
» que elles não quizeram fazer, ficando nos
» Galeões olhando como eu pelejava; e diſ-
» to ficáram tão corridos, e envergonhados,
» como era razão; e havendo por certo que
» eu eſcrevia a V. A. o feito como paſſava,
» de quem bem, ou mal fizera; o que eu
» delles eſcrevi V. A. o ſabe mui bem, que
» não ſe achará em carta minha eſcrever mal
» de nenhum Fidalgo, ſenão requerer pera
» todos honras, e mercês. Elles por me V.
» A. ter por ſuſpeito, e me não dar credi-
» to, eſcrevêram, e teſtemunháram de mim
» falſamente; e não temendo a Deos acqui-
» ríram a ſi outros Fidalgos ſeus parentes,
» pera que os ajudaſſem a affirmar ſuas da-
» nadas tenções. Eſta ventagem com ou-
» tras muitas ha em mim, que o que diſſer
» delles ha de ſer na praça; e o que elles
diſ-

» differem de mim, ha de ser mui escondi-
» do, porque eu fallo verdade, e elles não.
» De minha genealogia ouça V. A. hu-
» ma cousa que me esqueceo, de Vasco Pi-
» res de Sampaio meu quarto avô, que he
» digna de contar. No cartorio de Fernão
» Vaz de Sampaio se achou hum perdão, que
» dizia assi: *Pelos serviços que tenho rece-*
» *bido de Vasco Pires de Sampaio, e espe-*
» *ramos receber, lhe perdoamos a morte de*
» *quarenta escudeiros, que enforcou na sua*
» *Villa de Moz, com huns poucos de homens*
» *de pé*. Veja V. A. que poucos poderiam
» ser de homens de pé, onde morriam qua-
» renta escudeiros. Certo merecimento devia
» de ter tal vassallo, e necessidade devia de
» ter ElRey delle, pois tal perdão dava. E
» do grande Martim Affonso de Mello meu
» avô notorias são suas cousas. Se V. A.
» deste par de Cavalleiros tem, ou tiver
» necessidade, aqui está Lopo Vaz de Sam-
» paio seu neto, (que trabalhou muito pe-
» los arremedar, e escusar,) que está em
» mui boa idade, e em melhor disposição,
» e mui experimentado por mar, e por
» terra; e por certo, elles me perdoarám,
» eu não lhes sinto ventagem senão nos
» bons galardões que lhes deram, porque
» por cada serviço lhes davam Villas, ju-
» risdicções, rendas, e honras, e a mim

» por

» por cada hum me deram hum tormen-
» to.

» Pela tomada das Fuſtas de Cambaya,
» que nunca foram desbaratadas, tão vito-
» rioſas que nunca perdêram hum remo, an-
» tes desbaratáram per vezes muitos Galeões
» de V. A., eu as venci, e metti no fun-
» do; em pago deſte ſerviço me mandáram
» prender. Pelos navios que desbaratei de-
» fronte de Calecut, em que matei dous mil
» e tantos Mouros; em pago diſto me man-
» dáram tomar toda a minha fazenda. Pelos
» Paraos que queimei em Bacanor, que eram
» a principal força de Calecut; por eſte ſer-
» viço me mandou V. A. embarcar em hu-
» ma náo no apoſento dos grumetes. E por-
» que ſubi pelos muros de Adem, donde me
» derribáram com huma pedra, de que eſ-
» tive á morte; em pago diſto me lançáram
» ferros, que me comêram a carne até aos
» oſſos. Pelo cubello de Tangere que defen-
» di a ElRey de Fez; em pago diſto me
» mandou tirar V. A. á vergonha diante dos
» ſeus Paços Reaes. Pela deſtruição que fiz
» no Arel de Porcá, e outros muitos ſervi-
» ços, que aqui não digo; em pago delles
» me mandáram que ſerviſſe, e partiſſe com
» os Eſcrivães, e Procuradores do meu di-
» nheiro, que trazia ganhado com tanto tra-
» balho, e com tanto ſangue eſpargido pe-

„ ra

» ra me remediar a minha velhice, e para
» crear meus filhos. Veja V. A. ſe he bem
» deſviada eſta paga, da que deo ElRey Dom
» João de glorioſa memoria a meus avôs.
» A ſomma de meus ſerviços são eſtes:
» Onze annos em Africa; e na India, e nas
» Armadas, que ſe fizeram neſte Reyno, vin-
» te e hum annos: não fallo no tempo que
» andei na Corte, que eſte houve pelo mais
» forte de todos, pela muita pobreza com
» que a ſoſtinha. Fui ferido cinco vezes,
» huma em Alcacere Seguer, outra em Al-
» cacere Quibir, outra em Benaſtarim, ou-
» tra em Adem, e outra na Ilha Terceira
» dos ferros, que me V. A. mandou lançar.
» Em galardão diſto fui prezo, avexado, e
» perguntáram contra mim teſtemunhas in-
» fieis, e meus inimigos capitaes, e aconſe-
» lhadores contra minha honra, que foram
» na maſſa de Pero Maſcarenhas, e ordená-
» ram diffamarem todos de mim, com da-
» rem más informações a V. A. falſas, e
» mui contrarias da verdade, pelo indigna-
» rem contra mim. E na India, onde o ſer-
» vi de Governador, me foi tomada toda
» a minha fazenda, e fiquei ſem ella, de ma-
» neira que não tenho que comer, nem que
» dar a quem me defenda minha juſtiça deſ-
» tes grandes aggravos, que me são feitos
» contra toda a juſtiça, por ſerem ſem cul-
» pa,

» pa, e ſem erro no ſerviço de V. A. e pe-
» los muitos, e grandes que lhe tenho fei-
» tos, dignos de grandes mercês, a que V.
» A. deve de reſpeitar; pelo que devo de
» ter muita eſperança de me reſtituir á mi-
» nha honra, e de me fazer mercês pera
» exemplo dos que o bem ſervem.

» Ora, Senhor, iſto he feito, não póde
» V. A. deixar de o remediar com muita
» clemencia, e como excellente Principe
» creado ſobre noſſos hombros, e nós crea-
» dos com ſuas migalhas, com dar ſenten-
» ça que ſeja digna de lhe beijar a mão, com
» deſcanço pera minha velhice, e pera que
» poſſa crear meus filhos pera o ſervirem. »

Aqui acabou Lopo Vaz ſua falla, que ElRey ouvio mui bem, e depois lhe foi recitando as culpas que delle tinha, huma, e huma, a que hia Lopo Vaz reſpondendo pela maneira ſeguinte. Onde eſtá eſta letra *P.* são perguntas, e o *R.* reſpoſtas.

CAPITULO VIII.

Das culpas que ElRey deo a Lopo Vaz de Sampaio, e da ſua reſpoſta a ellas.

P. PORque deixaſtes regimento a Affonſo Mexia, que não conſentiſſe entrar Pero Maſcarenhas em Cochim?

R. Senhor, Cochim, e Goa são duas for-

fortalezas as principaes da India, e quaſi iguaes. Eſtando Pero Maſcarenhas em huma, e eu em outra, eram dous Papas em Roma, e fora cauſa de nunca ſe deslindarem eſtas differenças, e de muitas mortes de homens, e de perecer muito o ſerviço de V. A. e a prova diſto he, que em nenhuma fortaleza deixei tal regimento, antes mandei aos Capitães que o recolheſſem, e lhe fizeſſem muita honra, porque não tinha receio de em nenhuma outra ſe fazer máo recado, ſenão neſta.

P. Porque mandaſtes Pero Maſcarenhas a Cananor, ſem primeiro eſtar com elle a juſtiça, e direito?

R. Porque quando Pero Maſcarenhas chegou a Goa, vinha com o coração já damnado, appellidando toda a India com cartas, e correios: e ſe entrára em Goa, fora muito mór união, porque elle vinha dizendo, que não queria mais que pôr os pés em terra, atrevendo-ſe nos Fidalgos que lhe eſcreviam ao caminho; e vinha fazendo taes eſtrondos, que houve por muito ſerviço de V. A. não o deixar entrar, nem me pôr então com elle em juſtiça, até primeiro não quebrar aquella furia: e as mais razões que pera iſſo tenho, trago-as por inſtrumentos, que moſtrarei quando for tempo.

P. Porque juraſtes de manter a promeſſa, que entre vós, e elle era poſta?

R.

R. Jurei a primeira vez por força, e a outra quanto por direito o devesse manter, e assi o cumpri quanto com justiça devia; e se o em alguma cousa quebrei, diga-mo V. A., que eu lhe darei a razão disso.

P. Porque prendestes Pero Mascarenhas, sem primeiro vos pordes á justiça com elle?

R. Pero Mascarenhas quizera entrar em Cochim por força, pera prender os Juizes, e o Feitor, e assi logo prendeo os que lhe foram ao mar publicar as Provisões de V. A., e sobre isto determinou de sahir em terra com varas alçadas, e Officiaes, e foi-lhe resistida sua entrada, como o eu tinha mandado, e recolheo-se ao seu Galeão, mandando logo a terra pregoar por traidores Capitão, Veador da Fazenda, e a todos os da Cidade. E dalli se foi a Cananor, onde lhe foram cartas de muitos Fidalgos, que viesse desconhecido, e se mettesse no Mosteiro de S. Francisco, e que elles o ajudariam, quer tivesse justiça, quer não; estas cartas tenho eu em meu poder: e por me recear disso, mandei guardar as barras, com regimento aos Capitães, que se o tomassem desconhecido, o prendessem, por evitar mortes, e uniões, que com sua entrada estavam certas.

P. Porque razão fostes a Ormuz?

R. Fui chamado daquelle Rey, e por me es-

escrever Diogo de Mello, que estava elle, e o Guazil em campo, hum em hum cabo da Cidade, e outro em outro, pera se darem batalha: e se eu não chegára, estava apparelhado hum grande mal, e com minha ida não desamparava a India; porque o tempo que punha no caminho, e lá havia de estar encerrado por causa do inverno, e tornava de lá em principio do verão, o que tudo fiz como cumpria ao serviço de V. A., e tudo foi com conselho de vossos Capitães.

P. Que presente vos mandou Rax Xarrafo a Calayate, e porque fizestes tanta honra a quem vo-lo levava?

R. Porque foi elle muito pera estimar em tal tempo, que era muita agua, e refresco, vindo nós já afiada d'agua, porque nos tomou muito ao mar, e ao Mouro por se ir mandei-o embebedar, e folgámos todos com isso.

P. Porque déstes licença ao Nacoda Xamerim mercador da terra, que se foi de Ormuz?

R. Porque aos mercadores não se lhes deve estorvar suas idas pera onde quizerem; pois disso vivem, e ennobrecem as Cidades: e mais me fora destranhar impedir-lhe a ida pera exemplo. Mas eu me affirmo, que lhe não dei tal licença, nem elle ma pedio.

P.

P. Porque razão pousastes com Diogo de Mello?

R. Porque todos os Governadores pousavam na fortaleza, aonde havia aposentos pera ambos, sem nos vermos hum ao outro.

P. Porque puzestes Diogo de Mello á cabeceira de vossa meza?

R. Porque Diogo de Mello era primo com irmão de minha mãi, e ficava-me em lugar de tio, o mesmo era de minha mulher irmão de sua mãi, e Capitão daquella fortaleza, e mais era de oitenta annos. E sempre foi costume dos Governadores fazerem-lhe muitas honras á sua meza. E eu podia honrar quem quizesse, sem diminuir no estado da governança.

P. Porque deixastes ir de Ormuz tres Mouros, que Rax Xarrafo degradou?

R. Porque Rax Xarrafo tinha alçada de V. A. pera matar, quanto mais pera degradar.

P. Porque não fizestes vir a Ormuz dous Judeos que foram degradados por Rax Xarrafo, e porque os não ouvistes com justiça?

R. Porque os Judeos foram degradados por fazerem moeda falsa, e merecêram queimados, e deram-lhes as vidas por aderencia, e foi mal feito não os queimarem, porque eram onzeneiros.

P.

P. Se tinheis poder pera tomar joias a Reys, e Principes?

R. Pois não tinha defeza disso, não me era tirado o poder; e se me algumas joias deram, bem lhas paguei em dobro; e se algumas tomei, V. A. as tem, e bem as póde tornar a seus donos.

P. Porque não fallastes com ElRey de Ormuz de parte, pera saberdes delle se tinha algumas queixas de alguem?

R. Eu fallei com elle perante o Secretario Vicente Pegado, e mais se me devêra estranhar fallar com elle só.

P. Porque não fostes logo como chegastes ver ElRey de Ormuz?

R. Porque não he costume illo ver logo, que lhe hão de dar dous dias pera se aperceber, que elle mesmo o quiz assi, e o pedem. E illo ver logo assi, tem-no por desacatamento, e hão que lhes desprezais suas honras, e festas, e eu não havia de ir lá pera o escandalizar com costumes novos.

P. Porque tirastes o cargo de Capitão mór do mar de Ormuz a D. Antonio da Silveira?

R. Eu não lhe tirei o cargo, antes o dei a quem V. A. o mandou dar. E quanto ao levar comigo á India, foi, porque lá havia muita guerra, onde os taes Fidalgos como elle haviam de estar, e assi lho dis-

se,

ſe, que ſería provído conforme a ſua peſſoa.

P. Porque tiraſtes o Galeão a Manoel de Brito, e o déſtes a Fernão Rodrigues Barbas criado do Marquez?

R. He verdade, porque dei a Manoel de Brito duas viagens, em que fez muito proveito; e porque V. A. me encommendava, que repartiſſe por todos o proveito. E porque Fernão Rodrigues he muito Fidalgo, e muito bom Cavalleiro, e criado de V. A. e muito pobre, e tinha muito bem ſervido naquellas partes, e ſeu pai em Ceita, e ſeu avô em Aragão, com ſeſſenta de cavallo, por mandado d'ElRey D. Affonſo, que era do Conſelho do meſmo Rey.

P. Porque mandaſtes embarcar Vicente Pegado tão depreſſa?

R. Elle me foi encampar o cargo de Secretario; e porque me revolvia toda a terra, lhe mandei que ſe foſſe embarcar logo, por eſtar hum Galeão pera ſe ir, e dahi a muitos dias não houvera outra embarcação, por eſcuſar eſcandalos: e tambem porque não tinha muitos eſcudeiros, nem fato.

P. Porque tiraſtes Calayate a hum Pero de Queiros, e o déſtes a hum amo de Diogo de Mello?

R. O cargo he tão pequeno, que não ſou lembrado diſſo.

P.

P. Porque déſtes hum Galeão velho a Franciſco de Sá, em que ſe aventurava a gente, e artilheria, que ſe perdeo com elle?

R. Dei a Franciſco de Sá o que foi ordenado por elle meſmo, com os do Conſelho, dous Galeões, duas Galeotas, duas Caravelas, e ſinco Bargantins: e eu pera o melhor aviar lhe dei eſſe Galeão pera elle lá desfazer, e da madeira fazer a fortaleza da Sunda, com o taboado os ſobrados, e com a pregadura, e pera iſſo foi primeiro viſto por Chriſtovão de Souſa, que o mandou correger em Chaul, e pelo meſtre, e officiaes da ribeira, que todos affirmáram poder mui bem ſervir aquella jornada; e eu lhe mandei dizer, que não metteſſe mais que laſtro, e ſervidores, pera lhe darem á bomba, ſe cumpriſſe; e ſe o ſobrecarregou, que culpa tenho eu?

P. Porque déſtes a João Rodrigues Pereira criado do Duque hum Galeão?

R. João Rodrigues he Camareiro mór do Duque, e tinha muito bem ſervido V. A. e por ſua peſſoa, e por amor do Duque, e por bom exemplo, que o viſſem todos os criados dos Senhores, pera aſſi folgarem de ſervir melhor V. A. e ſaberem que para todos he a India.

P. Porque vendeſtes huma náo em Ormuz, ſem andar em pregão?

R.

R. Porque em Ormuz ninguem compra mercadoria ſenão por mandado do Guazil, e eu o mandei chamar a minha caſa com todos os mercadores, e alli preſentes os officiaes de V. A. Capitães, e Fidalgos, a vendi, de que tudo ſe fez hum aſſento aſſignado por todos.

P. Porque déſtes de alças a ruina a Chriſtovão de Souſa da compra de duas náos?

R. Porque Chriſtovão de Souſa comprou quarenta mil pardaos de fazenda com dinheiro na mão, e por iſſo lha dei, reſpeitando a ſer eſtilo em couſas deſta qualidade fazer-ſe aſſi, porque de milagre ſe acha dinheiro junto, porque todos compram fiado, e da meſma fazenda vam pagando: e elle foi o que ficou peior do partido, com todas eſſas alças. Porque, em que pudera elle empregar tanto dinheiro em hum anno, que não ganhára mais de trinta mil? E por eu ſer ſabedor que a fazenda de prezas, que fica em mãos dos Officiaes, nunca V. A. come della bom bocado, que com ſuas contas, e quebras desfalece tanto que nunca luz, por iſſo o fiz, crendo que fazia hum grande ſerviço a V. A. por não ficar a preza nas mãos dos lobos. E porque lhes eu tirei eſte bocado, ficáram elles tão deſcontentes, que buſcáram modos de baixas vinganças; mas aos Fidalgos, e Capitães pareceo

mui

mui bem o que fiz; e tenho em meu poder hum termo diſſo aſſignado por todos.

P. Porque tiraſtes a náo a Martim Affonſo de Mello Quadrilheiro mór?

R. Eu o tirei de Quadrilheiro mór, porque foi achado aboiando fazenda, e deitando-a ao mar, pelo que foi logo prezo, e condemnado em muita pena de dinheiro, e degredo; e mandei á náo o Ouvidor com toda a juſtiça, e iſto trago por autos.

P. Quanto dinheiro vos deo ElRey de Ormuz, e Rax Xarrafo?

R. Não me deram nenhum dinheiro, ſenão peças de ouro, e prata, que poderiam valer tres mil cruzados, de que logo houveram ſeu retorno de minha fazenda, que bem valia o que me deram, e mais.

P. Porque déſtes huma ſentença contra Eſtevão Boccarro Alcaide mór de Ormuz, e logo a revogaſtes?

R. Eſſe poder tinha eu de V. A. pera condemnar, e abſolver quando ſe offereceſſem couſas, que pareceſſem ſer mais ſeu ſerviço fazello aſſi.

P. Porque fizeſtes com Diogo de Mello, que empreſtaſſe dinheiro a ElRey de Ormuz pera pagar as pareas ſobre hum traçado? E porque mandaſtes tomar a Diogo de Mello o traçado que tinha d'ElRey em penhor do dinheiro?

R. Eu roguei a Diogo de Mello, que empreſtaſſe dinheiro a ElRey, porque ſempre trabalhei por V. A. ſer pago de ſuas dividas; e ſe o elle ha por mal, perdoe-me. E quanto a lhe tomar o traçado, elle eſtava empenhado por outras dividas, que ElRey de Ormuz devia a Portuguezes, pelo que o mandei pôr em mão do Feitor, até ElRey mandar ſatisfazer as dividas.

P. Porque não mandaſtes vir João de Sant-Iago prezo como eu mandava?

R. V. A. não me mandou que o prendeſſe, ſenão que lhe moſtraſſe huma carta, que ſobre iſſo me eſcreveo, em que dizia, lhe diſſeſſe de ſua parte, que folgaſſe de ir pera o Reyno, que V. A. lhe faria mercê, e me encommendava o entragaſſe a hum Capitão de huma náo, que ſeguramente o levaſſe; porque lhe não foſſe feita alguma ſem razão, ou aggravo, e aſſi o cumpri, e elle o acceitou com boa vontade, e foi-ſe a Narſingua a empregar o ſeu dinheiro em pedraria pera ſe embarcar, e lá foi roubado, e ainda fica prezo.

P. Porque tiraſtes o Galeão do rio de Chaul, que eſtava em guarda da pimenta?

R. Mandei-o levar pera Goa pera ſe concertar, porque era velho; e deixei na coſta o Capitão mór do mar com quinze vélas, que nunca tantas alli andáram.

P.

P. Porque não foſtes, ou mandaſtes buſcar os Rumes?

R. Eu, Senhor, houve conſelho geral de cento e tantas peſſoas, que votáram que não foſſe aquelle anno; e o ſeguinte levantáramſe os Capitães com as fortalezas, e não me fizeram mantimentos, nem enxarcias: e duráram tanto as pendenças de Pero Maſcarenhas, que não tive tempo pera me aparelhar, e com tudo mandei Antonio de Miranda com huma groſſa Armada, que baſtou pera eſpantar os Rumes, que fez prezas, que forráram bem os gaſtos.

P. Porque levaſtes a gente de Cochim pera Goa?

R. Porque comiam em Cochim os cruzados do cofre de V. A., e em Goa comiam do cobre: e por me parecer melhor que a gente foſſe com o ſeu Governador, que elle ir ſó: e aſſi he bem que ſe faça.

P. Porque déſtes licença a João Fozilhão Francez, que foſſe á Perſia vender pedraria?

R. Eu, Senhor, não tolhia aos mercadores uſaſſem de ſeu officio, e irem, e virem pera onde fizeſſem ſeus proveitos, porque aſſi ás ſuas cuſtas deſcubriſſem terras, que não era pequeno ſerviço de V. A. E mais elle tinha licença ſua, e por ſeu Alvará lha dei, por elle a não tomar por ſi.

P. Porque déstes licença a Rax Xarrafo pera ir a Meca?

R. Dei-lha, porque a tinha do Governador D. Duarte de Menezes, e usou elle de muita cortezia em ma pedir, que bem se pudera ir sem ella.

P. Porque perseguistes, e tratastes mal os homens, que foram contra vós?

R. Informáram mal a V. A. porque tal não he, antes fiz tantos bens a todos os que estavam mal comigo, que os tornei meus amigos pela ventagem, e bom tratamento que de mim recebêram. E se alguem se queixou de mim que o maltratasse, eu darei a razão porque o fiz.

P. Porque não quizestes ouvir a D. Antonio da Silveira as cousas, que vos queria dizer de nosso serviço?

R. Defezo he em Direito, que a testemunha que se convidar, não seja ouvida, e elle era homem que tinha dito a outros, que não queria que me revolvessem a terra: e eu presumi, que queria elle fazer o contrario. E se elle alguma cousa tinha pera me dizer, elle o dissera a V. A.

P. Porque não tivestes a Direito o Camareiro d'ElRey de Ormuz, que foi degradado com outros Mouros?

R. A justiça, que aquelle Rey faz com o seu Guazil, não lhe devem vossas justiças de

ir

ir á mão ſem o elles pedirem, e requererem de voſſa parte; e pois elles tem poder de degradar, e matar, ir-lhes á mão he levantar a terra, e são uniões por couſas, que não tocam a voſſo ſerviço. Quanto mais, que eſſe Camareiro merecêra mór pena, porque elle, e dous Portuguezes foram a furtar, e os Portuguezes juſticei-os por ladrões; e melhor o fizera ao Mouro ſe não olhára ao mais.

P. Porque déſtes em caſamento a Capitania de Goa a voſſa filha com Antonio da Silveira?

R. Eu não lha dei ſenão por elle ſer mui bom Fidalgo, que o merecia mui bem, por ter gaſtado na India mais que nenhum outro. E então ninguem a merecia melhor que elle.

P. Porque déſtes Cochim a D. Vaſco Deça, e a não déſtes a outro de mais merecimentos?

R. Porque eu ſabia que eſſe Fidalgo ſervio muito bem V. A. em Cafim, onde gaſtou todo o ſeu caſamento. Era caſado, e com filhos, e eu tinha regimento de V. A. em que mandava proveſſe os Fidalgos. E havendo reſpeito a tudo, e a elle ter provado ſer muito parente dos Reys de Portugal, lhe dei iſſo, porque o merecia muito bem.

P.

P. Porque deshonrastes Vicente Pegado, por vos dizer cousas que cumpriam a nosso serviço?

R. Eu, Senhor, nunca lhe vi dizer cousa que cumprisse a serviço de V. A., mas sempre a contrario, porque sempre foi medianeiro em pendenças; e porque disto o reprehendia muitas vezes, e de acceitar tantos convites, que não era de seu cargo, dizia que o deshonrava.

P. Porque prendestes os Fidalgos que vos disseram, que vos puzesseis em justiça com Pero Mascarenhas?

R. Prendi-os, porque elles mesmos foram em conselho de eu prender Pero Mascarenhas, e elles foram os que me levantáram por Governador, e depois por peitas que lhes promettêram, se tornáram a desdizer, e juráram outro por Governador, tendo-me jurado a mim. E por evitar mores uniões, que claramente se ordiam, em que não podia deixar de haver muitas mortes se andáram soltos, os prendi.

P. Porque pagastes aos homens seus ordenados em cobre?

R. Eu sempre os paguei como V. A. manda em seus regimentos, que se paguem aos quarteis, e se algum dava sobejo, era por satisfazer aos homens, e os ajudar ao serviço, como V. A. faz nas Armadas deste Reyno,

no, que a muitos manda pagar quarteis adiantados com fianças, porque sem essas ajudas os homens perecem, e por isso fogem. E prouve a Deos que vos cahisse nesta culpa, e a elle prouvésse que vos cahissem todos os Governadores, que não haveria na India tantos Portuguezes feitos Mouros, que depois pelejam muito valentemente contra nós, e ensinam aos Mouros muitas cousas que não sabiam: a fóra a ser o que fiz o mór descargo da consciencia, que a V. A. podia fazer. E tinha eu, que esse era hum dos mores serviços que tinha feitos, e pera me V. A. fazer muita mercê por elle.

P. Porque fizestes mercê a Simão de Mello de cento e trinta pardaos?

R. Se foi feita mercê a esse Fidalgo, a mim me parece que sería de mór quantia, porque mais merecia, porque sempre foi Capitão, e deo de comer a muita gente: e algumas vezes foi Capitão mór de Armadas, em que sempre deo de si muita boa conta. E eu ácerca das mercês fui tão registado, que em quatro annos poderia dar por mandado de V. A. trinta e dous mil cruzados, (como se verá pelo livro do Secretario,) e do meu caixão fiz mercê de mais de quatro mil e quinhentos cruzados, por suster homens que muito mais mereciam.

P. Porque déstes a Simão de Sousa a Al-

cai-

caidaria da Sunda, havendo na India outros homens de mais ferviço?

R. Ao tempo que iffo dei a Simão de Soufa, não achava homem que lá quizeffe ir, e elle fe offereceo com oitenta homens que trazia de Portugal, e mores cargos cabiam nelle. E V. A. me efcrevia, que o proveffe nelle, lembrando-me feu pai Duarte Galvão, e dous irmãos, que morrêram na India. E por ao prefente não haver com que o proveffe, me mandava que o fizeffe eu, e por iffo lhe dei aquelle cargo, que elle não logrou.

P. Porque mandaftes vir prezo Rax Xarrafo de Ormuz, e depois o foltaftes?

R. Porque o tinha Diogo de Mello prezo, e tanto que o foube, mandei por elle pera o ter o inverno na India, por ver que affento tomavam as coufas de Ormuz com fua prizão: e vindo o verão, puz fuas coufas em juftiça com os Officiaes de V. A., Capitães, e Cavalleiros, e foi julgado fe tornaffe pera fua cafa, e foffe entregue de feu officio. Efta fentença, e affignados de todos fe acharão nos meus papeis.

P. Porque fizeftes mercê de dinheiro a Diogo de Mello?

R. Effe Fidalgo foi á India por Capitão de Ormuz, e o Governador D. Duarte não lhe quiz dar embarcação como era obriga-

do,

do, e elle affretou por mil cruzados. E porque V. A. era obrigado a lha dar, e elle ſe houve nas pendenças d'ElRey de Ormuz muito a ſerviço de V. A., havendo reſpeito a tudo, lhe fiz mercê deſſe dinheiro.

Acabadas eſtas perguntas, o mandou ElRey levar outra vez ao Caſtello, donde ſe livrou; mas a ſua ſentença não a achámos neſte Eſtado, nem quem della nos ſoubeſſe dar informação: ſómente o que atrás temos dito, ſer condemnado nos ordenados de dous annos da governança pera Pero Maſcarenhas. O que niſto paſſou mais ſe verá na Chronica d'ElRey D. João o Terceiro, de cuja eſſencia são eſtas couſas.

CAPITULO IX.

De como Antonio da Silveira deſtruio as Cidades de Surrate, e Reynel, e outras Villas, e povoações: e do que aconteceo a Diogo da Silveira Capitão mór do Malavar eſte verão.

PArtido Antonio da Silveira de Goa com a Armada, entrou na enceada de Cambaya pera fazer toda a guerra que pudeſſe áquelle Reyno, como levava por regimento. E chegando á boca do rio de Surrate, que he maior de toda aquella enceada, e de mór trato, e commercio, em que havia povoa-

voações mui ricas, onde concorriam mercadores de todas as partes da India, determinou de dar alli hum papo quente a ſeus ſoldados, porque com maior goſto proſeguiſſem na guerra, porque a principal parte da vitoria eſtá em homens contentes, e ſatisfeitos. E aſſentando com os Capitães dar naquella Cidade, deixou na boca do rio os navios maiores, e com os de remo entrou pelo rio acima, e de huma, e d'outra banda foi pondo a fogo, e ferro muitas povoações que havia por ámbas as partes, porque tudo ſe deſpovoou logo tanto que víram a Armada; e ſeus moradores ſe recolhêram pera a Cidade de Reynel, que eſtava pelo rio acima quatro leguas, ſituada da banda do Ponente, em hum campo mui raſo, affaſtado da borda d'agua hum tiro de falcão. Chamou-ſe de Reynel, porque foi alli fundada pelos gentios Reyneis, que já foram ſenhores de todo o Reyno de Cambaya, e então era povoada de Mouros Naitias, grandes ladrões, e coſſairos, que he a mais baixa caſta dos que ſeguem a lei de Mafamede; uſam a arte do mar, e todos são marinheiros, Pilotos, e Meſtres: ſeguem os Arabes em ſua ſeita, e por eſtes entrou aquella falſa lei de Mafamede naquelle Reyno de Cambaya, e dalli ſe ſemeou por toda a India, e por todo o Oriente, aſſi nos

Rey-

Reynos das terras firmes, como nos das Ilhas de Samatrá, Jaoa, Borneo, Banda, Maluco, e todas as mais aonde chegavam com ſuas náos, que como homens zeloſos da falſa ſeita, fazendo ſuas fazendas, prégavam ſua lei, a que convertêram infinidade daquelles idólatras, e gentios. E tornando á noſſa Armada: os naturaes de Reynel, tanto que tiveram della rebate pelos que hiam fugindo de ſeu açoute, ſabendo a deſtruição que hiam fazendo, acudíram com muita preſteza a ſe fortificar, ordenando nas bocas das ruas tranqueiras de madeira, e na praia na parte da deſembarcação outras muito fortes, que guarnecêram de muitas peças de artilheria, lançando-ſe quatrocentos de cavallo fóra pera defenderem a deſembarcação aos noſſos, que hiam pelo rio acima com a maré até chegarem de fronte da Cidade, donde lhes atiráram muitas bombardas, de que não recebêram damno algum. Antonio da Silveira ordenou a Armada em duas partes pera deſembarcarem em differentes lugares; e chegando-ſe bem á terra, varejáram com os falcões a praia de feição, que fizeram recolher os de cavallo; e pondo logo a prôa nella, ſaltáram os noſſos, lançando diante quatrocentos eſpingardeiros, que ſe puzeram em hum eſquadrão, até deſembarcar toda a mais gente; e ſendo commettidos dos de cavallo,

lo, os fizeram affaſtar com morte de muitos. Poſtos os noſſos em terra, fez o Capitão mór dous eſquadrões, dando hum delles com a dianteira a Manoel de Souſa, filho de hum irmão do Prior de Rates, mancebo de grandes penſamentos, ficando o Capitão mór com o outro, em que levava a bandeira de Chriſto. Manoel de Souſa arremetteo com as tranqueiras com grandes gritas chamando por Sant-Iago, deſcarregando ſua arcabuzaria nos que a defendiam, que por hum grande eſpaço fizeram brava reſiſtencia; mas não podendo ſoffrer mais o eſtrago que os noſſos nelles fizeram, largando tudo ſe recolhêram á Cidade. Os noſſos os foram ſeguindo até darem com as tranqueiras das bocas das ruas, e com aquella furia com que hiam, pondo-lhe os peitos, abolroáram por tudo até as cavalgarem, e entrarem a Cidade, em que fizeram grandes eſtragos. Os inimigos como hiam de vencida, não parando dentro, foram atraveſſando por ella, e varando pela banda do ſertão, ficando a Cidade em mãos dos noſſos com todo o ſeu recheio. Antonio da Silveira chegando á entrada da Cidade, porque não aconteceſſe algum deſarranjo, fez alto com a bandeira de Chriſto, e tocou caixa a recolher, o que todos logo fizeram. E lançando eſpias fóra, ſabendo ſerem os inimigos recolhidos, e que

tu-

tudo ficava despejado, entrou a Cidade, mandando alguns Capitães tomar as entradas della pela banda do sertão pera maior segurança, e mandou aos soldados que a saqueassem muito francamente, o que elles começáram a fazer, entrando pelas casas que estavam macissas de fazendas, que escaláram, e roubáram ás suas vontades. E foi sacco tão grosso de dinheiro, marfim, roupas finas, drogas, e outras mercadorias, que não bastáram os navios pera a quarta parte delle: e tudo o que sobejou mandou Antonio da Silveira queimar na praia, como tambem se fez á Cidade, com todo o mais recheio, que era muito grosso, que toda ardeo com espantosos terremotos; e a artilheria das tranqueiras, (que era muita) por não haver em que a embarcar, a mandou o Capitão mór lançar no pégo do rio, que foi mui grande perda pera os inimigos, porque era toda de bronze. E assi se poz o fogo a vinte náos que alli estavam, e a muitas Cotias carregadas de fazendas, mantimentos, e madeira: e foi o damno tal, que não perdoáram os nossos a jardins, hortas, quintas muito ricas, e frescas, que estavam ao derredor da Cidade: o que tudo ficou tão assolado, que não se enxergáram mais que carvões, e cinza: isto poz muito grande espanto, e terror em todos os naturaes. Antonio da Sil-

veira como teve tudo aſſolado, ſahio-ſe perà fóra com ſua Armada carregada de deſpojos, e foi correndo por toda a coſta de Damão até Agaçaim, dando em todos os lugares, e Villas com tanta preſteza, e crueldade, que parecia hum raio aſſolador, que andava ſobre àquellas terras, queimando, deſtruindo, cativando hum grande numero de gente, de que ſe chuſmáram as noſſas Galés. Em quanto eſtas couſas paſſáram, ſuccedeo huma deſgraça mui grande a Franciſco Pereira de Berredo Capitão de Chaul, e foi, que tendo o Tanadar de Chaul guerra com os Capitães d'ElRey de Cambaya ſeus vizinhos, que lhe entráram por ſeus limites, e demarcações, fazendo-lhe mui grandes damnos; pelo que lhe foi forçado ſoccorrer-ſe a Franciſco Pereira Capitão de Chaul, fazendo-lhe requerimentos, que pelo contrato das pazes eſtava obrigado a lhe dar ſoccorro, e ajuda contra ſeus inimigos: que ſem ter licença do Governador, ajuntando cento e cincoenta de pé, e quaſi vinte de cavallo, em companhia do Tanadar de Chaul com a ſua gente, foram buſcar os inimigos dalli a mais de huma legua, que eram mais de duzentos de cavallo, e dous mil de pé: que vendo os noſſos ſerem tão poucos, porque hiam na dianteira, arremettêram com elles; e poſto que nos primeiros encontros fize-

zeram os noſſos mui grande reſiſtencia, matando, e derribando muitos, todavia como o número era tão deſigual, e de ventagem, e o Tanadar com os ſeus ſe poz logo em desbarate, ficando os noſſos tendo o pezo da batalha, carregando o poder todo ſobre elles, os rompêram, e puzeram em fugida, matando muitos, ſalvando-ſe Franciſco Pereira com mui grande trabalho, e riſco. Eſta deſgraça ſentio tanto o Governador, que o mandou levar prezo pera Goa. Antonio da Silveira, que eſtava no rio de Bombaim, tanto que ſoube deſte negocio, que lhe logo chegou, acudio a Chaul com toda a Armada, com cuja chegada os inimigos ſe recolhêram. E por concluirmos com as couſas deſte verão de Antonio da Silveira, elle ſe deixou andar por aquella coſta o reſto do verão, fazendo cruel guerra a Cambaya, até ſer tempo de ſe recolher a invernar a Goa, aonde o deixaremos por continuarmos com Diogo da Silveira Capitão mór do Malavar.

Andava eſte Capitão por aquella coſta fazendo guerra aos Mouros; e vindo-ſe o Governador recolhendo pera Goa, depois de dar expediente ás náos do Reyno, deixou-lhe hum regimento, que ſe foſſe a Calecut ver com o Çamorim a tratar ſobre o negocio das pazes, com que a Cochim o mandou apalgar. Diogo da Silveira foi-

ſe

ſe pôr ſobre aquella bahia com toda a Armada, e mandou viſitar o Çamorim, e ſaber delle o modo que queria ter nas pazes, que mandára commetter ao Governador. O Çamorim recebeo eſte recado mui bem, moſtrando grandes deſejos de amizades, mandando-lhe dizer, que ſua vinda foſſe boa, que logo lhe reſponderia; e na verdade elle deſejava muito de acabar a guerra comnoſco, porque lhe não vinha bem della; mas como os Mouros por quem ſe elle governava eram noſſos inimigos mortaes, buſcáram todos os modos pera eſtorvárem as pazes como fizeram, traſtornando o Çamorim de ſorte, que quando Diogo da Silveira eſperava por boa reſpoſta, lhe acudio com deſpropoſitos bem grandes, de que elle tomado, ordenou de lhe queimar a Cidade. E fallando com alguns marinheiros noſſos, commettendo-os que foſſem em ſegredo áquelle negocio, enſaiando-os de como o haviam de fazer, contentando-os pera iſſo bem, offerecêram-ſe pera o que elle pretendia. Diogo da Silveira mandou aſſeſtar a artilheria de toda a Armada na frontaria da Cidade, e hum dia de madrugada ſe foram a terra certos marinheiros em huma almadia mui pequena, e apartando-ſe, puzeram fogo á Cidade da banda do mar com panellas de polvora; e como as caſas eram de

fo-

folhas de palma ſeccas, e o vento varejava do mar, aſſi ſe ateou, que parecia hum diluvio de fogo, recolhendo-ſe os marinheiros á almadia. A gente da Cidade ſaltou fóra das caſas acudindo pera apagar o fogo, e andando todos apinhoados, deſcarregou a noſſa artilheria em meio delles, e fez por toda a Cidade hum notavel eſtrago. O fogo foi creſcendo, e ſempre ſe conſumíra toda, ſe o vento não acalmára; e pela muita diligencia que ſe poz, o apagáram, ficando todavia duzentas caſas feitas em cinza. Acabado eſte negocio, de que o Çamorim ficou muito affrontado, repartio Diogo da Silveira ſua Armada pelas bocas das barras dos rios principaes por onde coſtumavam ſahir ſuas náos pera Meca, pera lhe impedirem a viagem, (que he a maior guerra que ſe lhe podia fazer,) como de feito não puderam lançar nenhuma fóra, no que todos recebêram mui grandes perdas, pelo que os puzeram em grandes neceſſidades. E paſſado o tempo da navegação, ajuntou o Capitão mór ſua Armada, e ſe foi recolhendo pera Goa; e porque já hia aviſado, que o ſenhor da Cidade de Mangalor, vaſſallo d'ElRey de Biſnaga, que era amigo do Eſtado, mandava fazendas do Çamorim em ſuas náos pera Meca, o quiz caſtigar por iſſo: e entrou aquelle rio de madrugada, ſem ſe os da ter-

ra recearem de couſa alguma ; e chegados á Cidade, deſembarcáram logo nella, e a commettêram, pondo-lhe o fogo por muitas partes. E poſto que logo acudíram os inimigos, e ſe puzeram em defensão, tanto apertáram os noſſos com elles, que com mortes de muitos os arrancáram da Cidade, ficando os noſſos no meio della, mandando-a eſcalar, queimar, e aſſolar, achando-ſe muitas fazendas de que ſe os noſſos carregáram bem ; e as principaes foram, coral, cobre, azougue, roupas finas, de que ſe abarrotáram os navios todos. Acháram-ſe na Cidade perto de ſeſſenta peças de artilheria, as mais dellas de bronze, que o Capitão mór mandou recolher, e depois de não haver que queimar, por tudo ſer feito cinza, cortáram todos os palmares, e fazendas, que havia derredor da Cidade, deixando tudo tão eſcalado, e deſtruido, que muitos annos não tornou a ſeu primeiro eſtado, e com iſto feito ſe recolheo a Goa. O Governador deſpachou no cabo do verão todas as couſas que haviam de ir pera fóra, Gonçalo Pereira Fidalgo, mui bom Chriſtão, e muito bom Cavalleiro, pera a Capitanía de Maluco, de que era provído, dando-lhe hum Galeão, e outros navios, e muitos provimentos, aſſi pera Maluco, como pera Malaca, proveo Ormuz, Cananor, Cochim. Eſte Abril veio a Goa

Mar-

Martim Affonſo de Mello Juzarte com os Portuguezes, que com elle foram cativos de Codavaſcão, que foram reſgatados por ordem de Lopo Vaz de Sampaio, que a iſſo mandou Coge Sabadim, que os reſgatou por tres mil cruzados, que o Governador lhe mandou pagar mui bem, e recebeo aquelle Fidalgo com muitas honras, fazendo-lhe mercê de dinheiro a elle, e a todos os que com elle vieram pera ſe veſtirem, e remediarem: e com iſſo ſe ſerrou o inverno.

CAPITULO X.

Das couſas que acontecêram no Eſtreito do mar Roxo: e de como Moſtafá Baxá, e ElRey de Xael foram cercar a Cidade de Adem: e do que aconteceo a Heitor da Silveira naquelle Eſtreito, e chegou a Adem, e favoreceo aquelle Rey, e o fez tributario ao de Portugal.

NO principio deſta Decada démos larga conta da Armada que o Turco mandava contra os Portuguezes, que não houve effeito pelas deſavenças de ſeus Capitães, e morte do ſeu General; e de como Moſtafá ſobrinho do Baxá morto lançára mão de toda ſua caſa, eſcravos, theſouros, e em ſinco galés ſe fora pera fóra do Eſtreito, por onde andou até Antonio de Mi-

randa ſe recolher, ficando fazendo guerra ao Rey de Adem, em favor d'ElRey de Xael, como já atrás diſſemos, que andavam em guerras travadas. E já o verão que Antonio da Silveira foi ao Eſtreito, ſe valeo o Rey de Xael de Moſtafá contra o de Adem. E proſeguindo na guerra, os mandou chamar a Xael para juntos a fazerem. E vendo-ſe todos, tratou com Moſtafá conquiſtarem aquelle Reyno, fazendo entre ſi ſeus partidos: pelo que deſembarcáram ſua artilheria, theſouros, munições, e gente, e ambos entráram pelas terras de Adem, fazendo-lhe toda a guerra que puderam, no que gaſtáram eſte anno paſſado. E neſte em que andamos ajuntando exercitos de mais de vinte mil homens, tornáram a pôr cerco a Adem pela banda do ſertão, onde fizeram ſeus vallos, e trincheiras, e aſſeſtáram a artilheria que Moſtafá tomou das galés, e começáram a bater aquella Cidade mui rijamente, mandando-lhe tomar os paſſos todos, porque lhe não pudeſſe entrar couſa alguma de provimentos, com o que puzeram aquelle Rey em tamanho aperto, que ſem dúvida ſe perdêra, ſe não chegára áquelle porto a noſſa Armada, de que era Capitão Heitor da Silveira, que como atrás diſſemos, o Governador Nuno da Cunha deſpedio de Goa primeiro que ſe partiſſe pera Cochim, que ſe foi pôr a monte

de

de Felix, onde as náos que vam pera o Estreito de Meca vam demandar. Alli lhe vieram cahir nas mãos algumas náos de Mouros carregadas de pimenta, drogas, e roupas, que foram commettidas dos nossos navios; e posto que fizeram bem de resistencia, foram entradas, e assoladas, não deixando de custar sangue de alguns que sahíram bem feridos. E passando as fazendas aos Galeões da Armada, deixáram-se andar naquella paragem até fim de Março, em que se haviam de recolher a invernar a Ormuz, como levava por regimento. E fazendo-se á véla com as náos de preza, chegando ao porto de Adem, surgíram, havendo seis mezes que aquella Cidade estava de cerco. Sabendo Heitor da Silveira o aperto em que estava, mandou visitar ElRey, e dizer-lhe, que por saber o trabalho em que estava o vinha soccorrer com aquella Armada, cheia de muitos, e valerosos soldados, todos com muito grande desejo de se arriscarem por seu serviço a tudo: que elle estava alli prestes pera o favorecer, e ajudar naquella guerra, e que estivesse de bom animo, porque elle o ajudaria a lançar os Turcos fóra da terra, porque sería muito grande damno de toda Arabia metterem pé em alguma parte della, porque eram gentes infames, e crueis, e onde quer que chegavam usavam grandes

ty-

tyrannias, e não guardavam fé, nem palavra a pessoa alguma. Isto lhe mandou dizer, porque se estivesse aballado pela necessidade em que estava a alguma cousa, o tirasse de sua determinação, com lhe representar os Turcos de maneira, que lhe ficassem odiosos, e avorrecidos. ElRey que estava medroso, e atemorizado, estimou muito os offerecimentos de Heitor da Silveira, mandando-lhe muitos agradecimentos, e dizer-lhe, que pois o soccorria em tal tempo, que elle por se não mostrar ingrato, se queria fazer vassallo d'ElRey de Portugal, com as condições que fossem justas, pera lhe ficar assi mór obrigação de o ajudar, e favorecer: que mandasse a elle huma pessoa pera assentar as pazes, e contratos. Heitor da Silveira mandou logo hum homem de recado, com apontamentos, e poderes pera assentar as pazes, que foi bem recebido. E praticando com ElRey sobre aquelle negocio, concluíram os Capitulos seguintes.

Que ElRey de Adem se fazia vassallo d'ElRey D. João de Portugal, e de todos seus descendentes, com dez mil pardaos de ouro de pareas cada anno, de que logo entregaria mil e quinhentos, (como entregou) pera com elles se fazer em Ormuz huma coroa de ouro pera ElRey, que se lhe manda-

daria nas primeiras náos, em primicias daquelle tributo.

Que as náos d'ElRey de Adem, e de ſeus mercadores, poderiam livremente navegar pera todas as partes que quizeſſem, tirando pera Meca, ſem noſſas Armadas entenderem com ellas. E diſto diz Caſtanheda, que ſe fizeram papeis, que nós buſcámos bem nos Cartorios da India, de que não achámos raſto, nem no livro do Feitor deſta Armada, que todo corremos, nem no do Feitor que então era em Ormuz achámos carregados eſtes mil e quinhentos cruzados, onde era obrigação eſtarem receitados: por onde não ſabemos onde eſtá a verdade diſto, mais que acharmo-lo em algumas lembranças de mão, e referido em Caſtanheda, que concorreo neſte tempo, e não havia de eſcrever ſem fundamento.

E tornando á noſſa hiſtoria, os Turcos tanto que alli víram a noſſa Armada, levantáram logo o cerco, e ſe foram pera Xael, porque não foſſem os noſſos tomar-lhe a ſua Cidade. Heitor da Silveira tanto que teve novas diſto, que lhas enviou ElRey, mandou-lhe pedir licença, e a deſpedir-ſe delle, e deo á véla pera Ormuz, deixando alli hum navio de remo, pera fazer arribar as náos áquelle porto, de que era Capitão hum Foão Carvalho, ficando em Adem alguns

guns Portuguezes, que ſe quizeram fazer mercadores. Chegou a Armada a Ormuz onde invernou, e quaſi meio do inverno faleceo Chriſtovão de Mendoça Capitão daquella fortaleza, e ſuccedeo Belchior de Souſa, por huma Proviſão que lhe deixou Nuno da Cunha. Partido Heitor da Silveira de Adem, chegou áquelle porto huma náo de Portuguezes carregada de fazendas; e como aquelle Rey tudo o que fez foi com medo, e neceſſidade, tanto que ſe vio deſaſſombrado aſſi da noſſa Armada, como da dos Turcos, quiz-ſe pagar dos mil e quinhentos pardaos que dera, e lançou mão dos mercadores, e fazendas, mandando cortar as cabeças a todos; e aſſi tomou o navio de remo, e mandou matar todos os que nelle andavam.

CAPITULO XI.

Das couſas que acontecêram em Maluco entre Portuguezes, e Caſtelhanos: e de como D. Jorge de Menezes o cercou na fortaleza de Tidore, e ſe deram a partido, com condição, que ſe ſahiſſem daquellas Ilhas.

TEmos deixado as couſas de Maluco em tregoas quebradas entre os noſſos, e os Caſtelhanos, que de trezentos que eram, já não havia mais de cento, porque os mais gaſ-

gaſtou a terra, e as enfermidades cauſadas das demazias a que ſe deram. Eſtes tornáram a reedificar, e fortalecer os baſtiões, e fortes, que Martim Inhegues fabricou ſobre a bahia daquella Cidade, em que ſe recolhêram, porque tambem ſe não fiavam da gente da terra, tanto que ſe deſcuidaſſem. E como eſtavam já deſpezos, viviam com trabalho, e eſtavam tão enfadados, e não menos o eſtavam os noſſos em Ternate, porque de nenhuma parte viam vir-lhes ſoccorro, nem da India, nem de Malaca, eſtando com os olhos longos eſperando por D. Jorge de Caſtro, pera ver ſe lhe trazia algum de Banda, onde tinham ido, porque haviam que na India ſe não fazia conta daquellas Ilhas. O que os tinha poſtos em muito grande deſconfiança, porque totalmente eſtavam faltos de tudo, e na fortaleza não havia mais de cento e vinte homens. De maneira, que aſſim os noſſos, como os Caſtelhanos, eſtavam em hum eſtado tão miſeravel, que ſe os naturaes daquellas Ilhas quizeram entender nelles, faciliſſimamente puderam extinguir ambas aquellas nações. Mas como todos eſtavam com o olho no grande intereſſe que do commercio de huns, e de outros tinham; não ſe lhes entrou nunca eſta imaginação; antes parecia que por elle os amavam mais do que ſe amavam Portuguezes, e Caſtelhanos,

nos, ſendo de huma meſma Lei, e tão conjuntos per natureza, e parenteſco, que quaſi eram huns: e cada Rey daquelles eſtava tão ocioſo do que tinha em ſeu Reyno, que haviam que os ares lhos furtavam. Neſte tempo chegou D. Jorge de Caſtro, (que como atrás diſſemos foi á Ilha de Banda ver ſe achava alguns navios noſſos, pera tomar alguns provimentos, e gente,) que nada trouxe, porque alguns que achou de mercadores Portuguezes, zombáram delle, e não lhe quizeram dar ſuas fazendas, por quão mal os Viſo-Reys, e Capitães pagavam as que lhe davam pera ſuas neceſſidades. Em quanto eſteve em Banda, ElRey de Tidore mandou alguns homens ſeus em companhia de alguns Caſtelhanos áquellas Ilhas a ſolicitar commercio, e amizades dellas pera ElRey de Caſtella, engrandecendo-lhe ſeu eſtado, grandeza, e poder, e abatendo no de Portugal, e quaſi que tiveram convencidos todos aquelles Bandezes a ſeguirem a parte de Caſtella: o que não baſtou com o Rey de Bachão, (com que mettêram muito cabedal neſte negocio,) pera deixar o ſerviço d'El-Rey de Portugal, e amizades dos Portuguezes, o que fez ao contrario do Rey de Geilolo, que ſe lançou á parte de Caſtella, e os favorecia na guerra contra os Portuguezes. Succedeo neſte meſmo tempo arribar a

não

náo de Alvaro de Sayavedra, que atrás deixámos partido de Tidore pera a nova Hespanha, carregada de cravo, que por infortunios que no mar teve, e enfermidades que deram em todos, faleceo elle, e a mór parte da gente, e a náo com poucos que lhe ficáram, tornou a arribar ás Ilhas de Maluco, e não pode tomar senão o porto de Camafo da Ilha do Moro. Disto foi logo Dom Jorge de Menezes Capitão de Maluco avisado, e armando algumas Corocoras, e navios, que havia na fortaleza, embarcando-se com alguns Portuguezes, e Cachil Daroes com trezentos Ternates, deo comsigo no porto de Camafo, onde os Castelhanos estavam perdidos, e desbaratados, que logo se entregáram a D. Jorge, e elle os trouxe com suas fazendas pera a fortaleza, onde os mandou curar, e agazalhar muito bem, mandando Fernão de la Torre pedir-lhos, a que elle não respondeo a proposito. Isto conta o Clerigo Francisco Lopes de Gomara na sua historia das Indias, e de Mexico, fol. 282. por bem differente maneira, e muito fóra da verdade; porque diz, que D. Jorge cativou esta gente em Malaca, onde ella fora ter, e que dous annos tivera todos em carcere, em que morrêram dez Hespanhoes, sendo a verdade o que temos contado; e D. Jorge de Menezes tratou tão

bem

bem eftes Hefpanhoes, como fe foram proprios naturaes: nem elles daquella arribada foram a Malaca, nem foi D. Jorge de Caftro o que os reteve, fenão D. Jorge de Menezes; e o Reverendo Padre foi mal informado, ou teve pouco efcrupulo de alevantar aos Portuguezes efte aleive. Quafi nefta mefma conjunção fe travâram alguns Senhores da Ilha do Moro em guerra huns com os outros, ao que acudio ElRey de Tidore, e feu irmão Cachil Radé com fua Armada a favorecer feus alliados, e amigos contra os dos Portuguezes; e em fua companhia mandou Fernão de la Torre cincoenta Caftelhanos, pera que viffem aquelles Reys, com quem eftava confederado, o como acudiam a favorecellos. Difto foi logo avifado D. Jorge de Menezes; e fabendo que em Tidore não ficâram mais que quarenta, ou cincoenta Caftelhanos, determinou de dar naquella Ilha, não defcubrindo a peffoa alguma fua tenção, e fez preftes algumas embarcações, pedindo a Cachil Daroes, que o acompanhaffe com fuas Corocoras, porque determinava de ir pelejar com a Armada de Tidore, e de Geilolo, que andavam fóra, o que elle fez com a melhor gente que tinha. E D. Jorge de Menezes entregando a fortaleza a Gomes Ayres com vinte Portuguezes, embarcou-fe, levando

todos os mais de Ternate, cuidando todos que hia bufcar o inimigo. E fem dar conta a ninguem de fua tenção, fe fez na volta de Tidore, onde chegóu de madrugada, e defembarcando em terra fem fer fentido, commetteo a Cidade, onde não achou quem lha defendeffe, mandando logo pôr a ferro, e a fogo tudo. ElRey que era moço, com alguns que o feguíram, acolheo-fe pera a ferra, e efteve muito perto de fer cativo. Dom Jorge não fe fahio da Cidade até a deixar toda affolada, e feita cinza; e como não teve que fazer, foi pôr cerco ao forte em que eftavam os Caftelhanos, a quem mandou requerer que fe entregaffem, que elle os deixaria ir livremente sãos, e falvos com fuas armas, e fazendas, e não quizeffem que terras de gentes tão barbaras como aquellas foffem banhadas com fangue Chriftão: e que era mui grande efcandalo pera todo o Mundo, fendo de huma mefma Lei, e quafi naturaes, eftarem tão divididos, e tomarem armas huns contra outros em meio de inimigos, que defejavam de lhes beberem o fangue: que o Imperador não fe havia de haver por fervido diffo, nem do direito daquellas Ilhas ficar nas armas, fenão na razão, e na juftiça. A efte recado refpondeo Fernão de la Torre com palavras mui foberbas, e arrogantes: pelo que D. Jorge

man-

mandou deſembarcar algumas peças de artilheria , e aſſeſtallas na parte que lhe melhor pareceo , e mandou bater o forte , e ordenar eſcadas pera lhe dar aſſalto : o que viſto por Fernão de la Torre , mandou pedir ſeguro a D. Jorge pera ſe ver com elle , que lho mandou , e logo veio acompanhado de alguns poucos. D. Jorge o ſahio a receber, fazendo-lhe grandes honras , e gazalhados; e praticando ſobre eſtas couſas , havendo alteração de parte a parte , vieram a ſe concluir em pazes entre ambos , com as condições ſeguintes :

» Que os Caſtelhanos ſe ſahiſſem daquel-
» las Ilhas , e ſe foſſem pera o lugar de Ca-
» mafo , na coſta do Moro , pera o que Dom
» Jorge lhe daria embarcações pera ſe paſ-
» ſarem lá , onde eſtariam até vir recado de
» Heſpanha , e de Portugal , pera verem a
» determinação que aquelles Reys tomavam
» ſobre as couſas deſtas Ilhas.

» E que eſtariam ſem tratarem , nem com-
» prarem cravo algum.

» E que tornariam á Ilha de Maquiem ,
» que tinham tomado a ElRey de Ternate ,
» e não ſeriam contra elle , nem contra o
» de Bachão , nem ajudariam a ElRey de
» Tidore , nem ao de Geilolo contra Por-
» tuguezes , nem contra os Reys ſeus con-
» federados.

» E que ſe fariam entrega huns aos ou-
» tros de tudo o que tinham tomado na
» guerra. » De tudo ſe fizeram autos, e papeis aſſinados por todos, e juráram as pazes ſolemnemente: e logo ſe fizeram entrega das couſas que tinham, e D. Jorge lhes deo embarcações pera todas ſuas couſas, e os mandou pôr no lugar de Camafo, donde Fernão de la Torre deſpedio no Galeão da carreira hum Pero de Montemór com cartas pera o Governador da India, em que lhe pedia embarcação, e deſpacho pera ſe paſſar com todos os Caſtelhanos á India, e aſſi os deixaremos até ſeu tempo.

DE-

DECADA QUARTA.
LIVRO VII.
Da Hiſtoria da India.

CAPITULO I.

Do concerto, e contrato, que ElRey Dom João fez com o Imperador Carlos Quinto ſobre as Ilhas de Maluco: e da Armada que eſte anno partio do Reyno.

COmo o Imperador Carlos Quinto, que eſte anno paſſado de vinte nove ſe tinha coroado por Imperador de Alemanha, eſtava muito deſpezo pelas contínuas guerras em que andava, e as differenças entre elle, e ElRey D. João de Portugal o Terceiro ſobre as couſas de Maluco eſtavam cada vez mais accezas, e o grande parenteſco, e amizade, que entre elles havia, era muito grande freio pera não romperem de todo; ordenáram de tomar hum meio honeſto neſte negocio, com que ſe acabaſſem as contendas todas, pera o que fizeram ſeus procuradores baſtantes pera de-

ter-

terminarem a causa, que se ajuntáram na Cidade de Çaragoça, onde concluíram sobre as cousas de Maluco, e fizeram hum contrato, cujo theor de *verbo ad verbum* he o seguinte:

» A vinte e dous dias de Abril de mil
» quinhentos vinte e nove annos na Cidade
» de Çaragoça de Aragão, foram juntos
» Mercurio de Gatinara Conde de Gatinara
» Chanceller mór do Imperador Carlos Quin-
» to Rey de Castella, e D. Fr. Garcia de
» Loyassa Bispo de Osma seu Confessor, e
» D. Fr. Garcia de Padilha Commendador
» maior de Calatrava, procuradores de Sua
» Magestade, e Francisco dos Covos seu
» Secretario, e Escrivão, e Notario públi-
» co, e o Licenciado Antonio de Azeve-
» do Coutinho, Embaixador, e Procurador
» d'ElRey D. João o Terceiro de Portugal:
» E disseram os tres procuradores de Sua
» Magestade, que em seu nome, e por vir-
» tude de sua procuração vendiam, como
» defeito o vendêram daquelle dia para sem-
» pre a ElRey de Portugal, e todos seus
» Successores da Coroa de seus Reynos, to-
» do o direito, acção, dominio, proprie-
» dade, possessão, ou quasi possessão, e to-
» do direito de navegar, contratar, e com-
» merciar por qualquer modo que fosse, que
» o Imperador Rey de Castella dizia, e po-

» dia ter, por qualquer via, modo, e ma-
» neira que fosse em Maluco, com os lu-
» gares, e terras, mares, segundo sería ao
» diante declarado, por preço de trezentos
» e cincoenta mil cruzados de ouro, e pra-
» ta, que valessem em Castella trezentos e
» setenta e sinco maravedis cada hum. E que
» em qualquer tempo que o Imperador, e
» seus Successores tornarem o dito dinheiro
» sem lhe faltar cousa alguma a ElRey de
» Portugal, e seus Successores, fica a dita
» venda desfeita, ficando cada hum com o
» direito que tinha dantes. E pera se saber
» a repartição, haviam por deitada huma li-
» nha de pólo a pólo, por hum semicircu-
» lo que distasse de Maluco ao Nordeste, to-
» mando a quarta de Leste dezenove gráos,
» a que respondiam dezesete gráos escassos
» em a Equinocial, em que montavam du-
» zentas noventa e sete leguas e meia a Ori-
» ente de Maluco, dando dezesete leguas e
» meia por gráo Equinocial, em cujo me-
» ridiano, e rumo de Nordeste, e quarta
» de Leste estavam situadas as Ilhas das Vé-
» las por onde passava a dita linha, e semi-
» circulo. E sendo caso que as ditas Ilhas
» estivessem, ou distassem mais, ou menos de
» Maluco, todavia a dita linha ficasse lan-
» çada nas ditas duzentas noventa e sete le-
» guas e meia mais a Oriente de Maluco:

» do

» do que ſe fariam dous padrões iguaes aſ-
» ſinados por os Reys , e ſellados de ſeus
» Sellos , pera ficar a cada hum o ſeu , pe-
» ra ſeus vaſſallos ſaberem por onde haviam
» de navegar.

» Que em qualquer tempo que ElRey
» de Portugal quizeſſe que ſe viſſe o direi-
» to da propriedade de Maluco , e as ter-
» ras conteúdas no contrato , poſto que o
» Imperador não tenha tornado o preço ,
» nem o contrato foſſe reſoluto , cada hum
» dos ditos Senhores nomeaſſe tres Aſtrolo-
» gos , e tres Pilotos , que ſe ajuntariam em
» hum dos lugares da arraia que lhe foſſe
» nomeado , aonde aſſentariam da maneira
» em que ſe havia de ir ver o direito da pro-
» priedade , conforme as capitulações feitas
» entre os Reys Catholicos , e ElRey Dom
» João o Segundo de Portugal. E ſendo ca-
» ſo que ſe julgaſſe o direito por Caſtella ,
» não ſe executaria , nem uſaria de tal ſen-
» tença , ſem primeiro tornar realmente os
» trezentos e cincoenta mil cruzados. E que
» ſendo julgado o direito por ElRey de Por-
» tugal , ſería obrigado o Imperador tornar
» o dito dinheiro , do dia da ſentença a qua-
» tro annos primeiros ſeguintes.

» E vindo de qualquer parte algumas
» drogas , ou eſpeciarias aos Reynos de Caſ-
» tella , ou Portugal , ſeriam depoſitadas até

» se saber se eram da parte que cabiam a
» Portugal , ou Castella , e dar-se-hiam a
» quem pertencessem. E sendo levadas a ter-
» ra dos inimigos , cada hum dos Reys as
» poderia pedir por autos , sem outro po-
» der , nem procuração ; o que se não en-
» tenderia nas que fossem pera ElRey de Por-
» tugal.

» Que da dita linha pera dentro não po-
» deriam as náos do Imperador , nem de seus
» subditos , e vassallos , nem de algumas ou-
» tras pessoas , entrar com seu favor , e aju-
» da , nem sem ella tratar , navegar , com-
» merciar , nem carregar cousa alguma de
» qualquer maneira , e sorte que fosse ; e
» quem o contrario fizesse , sería prezo por
» qualquer Capitão , ou justiça d'ElRey de
» Portugal , e por elles ouvidos , e castiga-
» dos como cossarios , quebrantadores da
» paz ; e não sendo achados dentro da li-
» nha , e indo ter a algum porto outro do
» Imperador , as suas justiças os prenderiam ,
» e castigariam , como lhe fossem mostrados
» autos , e pesquizas , porque fossem obriga-
» dos.

» Que o Imperador por si , nem por ou-
» trem , não enviaria ás ditas Ilhas , e ma-
» res dentro da dita linha , nem consenti-
» ria que lá fossem seus vassallos naturaes ,
» nem estrangeiros , posto que naturaes , nem
» vas-

» vaſſallos foſſem, nem lhes daria favor,
» nem ajuda, antes sería obrigado a defen-
» dello quanto nelle foſſe, e mandando, ou
» dando favor, ou ajuda, e o não eſtorvaſ-
» ſe, e defendeſſe, que o dito pacto de re-
» tro vendido ficaſſe logo reſoluto. E El-
» Rey de Portugal não ſería mais obrigado
» a receber o dito preço, nem a retro ven-
» der o direito, e acção que o dito Impe-
» rador por qualquer maneira podia ter nel-
» le: antes por virtude do contrato tinha
» vendido, renunciado, e traſpaſſado em El-
» Rey de Portugal; e pelo dito feito a di-
» ta venda fique pura, e valioſa pera ſem-
» pre. Neſta pena não incorreria quando al-
» guns ſeus vaſſallos navegando por eſſe mar
» do Sul, entraſſe com fortuna, e tempo
» fortuito a dita linha, porque então ſeriam
» bem tratados, como vaſſallos d'ElRey de
» Portugal, e do Imperador ſeu irmão, e
» ceſſando a neceſſidade, ſe tornariam logo
» a ſahir. E paſſando a dita linha por igno-
» rancia, não incorreriam por iſſo em pena,
» até lhe não conſtar que eſtavam dentro; e
» ſe não ſahiſſem, e deſcubrindo-os que aſ-
» ſi entravam algumas terras, ou Ilhas den-
» tro da linha, ſeriam d'ElRey de Portu-
» gal, como ſe as deſcubriſſem ſeus Capi-
» tães, e vaſſallos.

» Que as náos do Imperador, e de ſeus
vaſ-

» vassallos, e naturaes, poderiam navegar
» pelos mares por onde as Armadas d'El-
» Rey de Portugal hiam pera a India, tan-
» to quanto lhe fosse necessario pera toma-
» rem suas derrotas pera o Estreito de Ma-
» galhães; e navegando mais pelos ditos ma-
» res d'ElRey de Portugal, incorreriam nas
» ditas penas acima declaradas, e todos se-
» riam castigados pelos Capitães d'ElRey de
» Portugal, se por elles fossem achados. E
» indo ter ás terras do Imperador, o seriam
» por elle, e suas justiças, mandando-lhe as
» culpas, em que incorreriam da notificação
» do contrato em diante: o que se não en-
» tenderia nas Armadas que o Imperador ti-
» nha já mandadas áquellas partes, e do dia
» da outorga do contrato em diante não po-
» deria mandar outras de novo, sem incor-
» rer nas ditas penas.

» Que ElRey de Portugal não poderia
» fazer, nem mandar fazer dentro da dita li-
» nha nenhuma fortaleza de novo, nem
» se faria na que estava feita obra de novo,
» mas poder-se-hia sustentar no estado em
» que então estava, e juraria de o assi cum-
» prir.

» Que as Armadas que o Imperador lá
» tinha mandadas seriam bem tratadas, e
» favorecidas, como se fossem d'ElRey de
» Portugal, e não lhes fosse posto embara-

» ço,

» ço, nem impedimento á ſua navegação,
» e contratação: e que ſe damno algum hou-
» veſſem recebido, ou recebeſſem, ou lhe
» tiveſſem tomado algumas couſas, ſería obri-
» gado ElRey de Portugal emendar, e ſa-
» tisfazer, e pagar logo no em que o Im-
» perador, e ſeus ſubditos houveſſem ſido
» damnificados, e de mandar punir os que o
» fizeram, e de prover com que as ditas Ar-
» madas pudeſſem ir quando quizeſſem ſem
» impedimento algum; e o Imperador man-
» daria logo ſuas provisões para os que eſ-
» tiveſſem no dito Maluco ſahirem logo del-
» le, e não contratariam mais couſa algu-
» ma, e lhes deixariam trazer o que tiveſ-
» ſem reſgatado, contratado, e carregado.

» Que nas provisões, e cartas que ácer-
» ca deſte contrato o Imperador havia de paſ-
» ſar, diria o que dito era, ſe aſſentava,
» capitulava, contratava, valeſſem bem co-
» mo ſe foſſe feito, e paſſado em Cortes ge-
» raes, com o conſentimento expreſſo dos
» procuradores dellas; e que pera validição
» diſſo, de ſeu poderio Real abſoluto, de
» que como Rey, e Senhor natural, não re-
» conhecente ſuperior em o temporal, hou-
» veſſe de uſar, e uſava, abrogava, e de-
» rogava, caſſava, e annullava a ſupplica-
» ção que os Procuradores das Cidades, e
» Villas de ſeus Reynos em as Cortes que

» ſe

» se celebráram na Cidade de Toledo o
» anno passado de vinte e cinco lhe fize-
» ram ácerca do tocante a contratação das
» ditas Ilhas , e terras , e a resposta que a
» ello dera , e qualquer Lei que em as di-
» tas Cortes se fez , e todas as outras que
» a isto pudessem obstar.

» Que ElRey de Portugal , (porque al-
» guns subditos do Imperador , e outros de
» fóra de seus Reynos que o hiam servir ,
» se queixavam que na Casa da India , e seu
» Reyno lhes tinham embaraçadas suas fa-
» zendas ,) promettesse de mandar fazer cla-
» ra , aberta , e livre justiça , sem ter respei-
» to ao nojo que delles pudessem ter.

» Que as capitulações feitas entre os Reys
» Catholicos , e ElRey D. João o Segundo
» de Portugal , sobre a demarcação do mar
» Oceano , ficassem firmes , e valiosas em to-
» do , e por todo , como nellas era conteu-
» do : tirando as cousas em que por este con-
» trato lhe era dado , em modo que a ven-
» da ficasse desfeita , em tal caso as ditas ca-
» pitulações feitas entre os Reys Catholicos ,
» e ElRey D. João , ficasse em toda sua for-
» ça , e vigor.

» Que posto que o direito , e acção , que
» o Imperador dizia ter em Maluco , que
» assi pelo modo sobredito vendia , valesse
» mais da metade do justo preço do que
» por

» por elle lhe davam, e ſabia certo por
» certa informação de peſſoas que o bem
» ſabiam, e entendiam, que era de muito
» maior eſtima da metade do juſto preço,
» e por muito mais grande valia que foſſe;
» o Imperador a diminuia de ſeus Succeſ-
» ſores, e deſmembrava da Coroa de ſeus
» Reynos realmente, durando o tempo do
» contrato.

» Que qualquer das partes que foſſe con-
» tra o contrato, ou parte delle, por ſi, ou
» por outrem, ou por qualquer via, e mo-
» do que foſſe penſado, perdeſſe o direito
» que tinha, e ficaſſe logo tudo applicado,
» junto, e adquirido á outra parte que por
» elle eſtiveſſe, e á Coroa de ſeus Reynos,
» ſem pera iſſo o que contra elle foſſe ſer
» mais citado, ouvido, nem requerido, nem
» ſer neceſſario pera iſſo ſentença de algum
» Juiz, averiguando-ſe, e provando-ſe pri-
» meiramente o mandado, e conſentimen-
» to, ou favor da parte que contra elle foſ-
» ſe. E além diſto pagaria dezoito mil cru-
» zados d'ouro, ou prata á outra parte de
» pena, em que incorreriam tantas quantas
» vezes contra elle foſſe, em parte, ou em
» todo, e a pena levada, ou não levada,
» o contrato ficaria valioſo, e firme já mais
» pera o que eſtiveſſe por elle. Pera o que
» obrigavam todos os ſeus bens patrimoniaes,

» e

» e fiſcaes dos conſtituintes , e das Coroas
» de ſeus Reynos , e juráram ſolemnemente,
» e promettêram de em nenhum tempo irem
» contra o contrato , em parte , nem em to-
» do , por ſi , nem por outrem , em Juizo,
» nem fóra delle , por nenhuma maneira que
» penſar-ſe pudeſſe. E que em nenhum tem-
» po por ſi , nem por outrem pediriam rela-
» xação do juramento ao Santo Padre , nem
» a outro que pera iſſo o poder tiveſſe. E
» poſto que Sua Santidade , ou quem pera
» iſſo poder tiveſſe , ſem lhe ſer pedido , de
» ſeu proprio motu lhes relaxaſſem o dito
» juramento , que o não acceitariam , nem
» em nenhum tempo uſariam da dita relaxa-
» ção , nem ſe ajudariam delle por nenhu-
» ma via , nem maneira que pudeſſe ſer. „

Com iſto ficou o Reyno deſalivado , e ElRey mandou negociar ſeis náos pera mandar á India, que partíram entrada de Março ſem Capitão mór. Os Capitães dellas eram Franciſco de Souſa Tavares , Fernão Camello , Vicente Pegado , Manoel de Brito , Pero Lopes de Sampaio , e Luiz Alvares de Paiva. E mandou os contratos de Maluco pera lá eſtarem regiſtados. De ſua jornada adiante daremos razão.

CA-

CAPITULO II.

Dos grandes apercebimentos que o Governador Nuno da Cunha fez pera continuar na guerra de Cambaya: e da muito grande, e poderosa Armada com que partio para Dio.

COmo o Governador a principal cousa que trazia encommendada d'ElRey era o negocio de Dio, determinou de pôr este verão as mãos áquella obra, pera o que mandou ajuntar, e negociar mui grandes apercebimentos pera aquella jornada, em que se havia de metter toda a potencia do Estado, e escreveo no inverno a Affonso Mexia Capitão, e Veador da Fazenda de Cochim, que lhe fizesse prestes todos os navios que naquelle porto houvesse, assi d'ElRey, como de partes, e pagasse toda a gente que pudesse achar pera elles, e lhes mandaria dar embarcações, soldos, e mantimentos, porque não queria que gastassem de sua fazenda cousa alguma: pera o que passou provisões ao Veador da Fazenda, e a todos os Officiaes pera fazerem estas despezas, encommendando a todos que á gente d'ElRey de Cochim se lhes fizesse muitos mimos, e nenhum aggravo, gastando o Governador todo o inverno no apercebimento da Armada, e das cou-

cousas necessarias pera a jornada, visitando todos os dias em pessoa a ribeira das náos, Galeões, e Galés, em que havia mil homens Portuguezes ordenados pera seu serviço, entre mestres, pilotos, bombardeiros, calafates, carpinteiros, e marinheiros; vendo, e provendo os almazens de artilheria, munições, e mantimentos de todas as cousas necessarias pera a jornada, no que gastava os dias da semana, e aos Domingos á tarde se hia ao campo com toda soldadesca que havia em Goa, mandando fazer barreiras, a que todos atiravam com suas espingardas pera os adestrar, e exercitar, e o que dava no alvo levava hum certo preço que o Governador alli tinha logo pera isso, e o mesmo fazia aos bombardeiros, dando, e fazendo pagas a todos, com o que andavam contentes, e satisfeitos; e estimavam muito suas armas, e espingardas, trazendo-as limpas, e assacaladas, e não empenhadas pelas tavernas pera comer, como nós em outro tempo vimos por lhes não pagarem. Nestes exercicios gastou o Governador todo o inverno; e tanto que o verão entrou, começou pôr a Armada no mar, e mandar embarcar munições, mantimentos, e artilheria, escadas, e todos os outros petrechos de bateria; e de escalar fortalezas. E nos primeiros navios de mercadores que foram pera

Cam-

Cambaya despedio dous mercadores gentios, que tinham suas casas em Goa, homens de recado, e confiança, pera irem a Cambaya, e a Dio espiarem as cousas como estavam, e verem a fortaleza, gente, e artilheria, que nella estava pera lhe saberem dar razão, avisando-os que lançassem fama da grande Armada, e poder, com que elle ficava no mar, encarecendo-lhes tudo o que pudessem sua potencia, porque com a fama deste terror se movesse Melique Tocão, irmão de Melique Sacá, (que então era senhor daquella Ilha,) a fazer com elle pazes, e a lhe dar a fortaleza, dando-lhes por regimento, que até vinte de Janeiro seguinte fosse ter com elle á Ilha de Beth aonde os esperaria. Despedidos estes homens, ficou o Governador Nuno da Cunha esperando pelas náos que haviam de vir do Reyno, que não tardáram mais que até dez de Setembro, em que vinham dous mil homens, gente mui limpa, e mui lustrosa, com que o Governador folgou muito pera a jornada; e entre as instrucções que o Governador teve d'ElRey, era huma: que mandasse Affonso Mexia pera Portugal, e que lhe fizesse inventario de toda sua fazenda, que lhe mandaria repartida pelas náos, entregue a pessoas de confiança pera se dar no Reyno a quem ElRey mandasse, e que provesse o cargo de Vea-
dor

dor da Fazenda, a quem lhe bem parecesse, e isto mandou pelas culpas, e capitulos que Pero Mascarenhas deo contra elle. O Governador despedio provisões a Cochim sobre este negocio, e não achámos a pessoa a quem o encommendou, sómente a receita que se fez de toda a fazenda de Affonso Mexia, que era muita pedraria, perolas, pessas douro, e prata, alcatifas, e outras cousas ricas, que tudo se carregou sobre Manoel de Sá Feitor, e Thesoureiro de Cochim, e se entregou aos Capitães das náos, em que o mesmo Affonso Mexia se embarcou em Janeiro de trinta e hum, e o cargo de Veador da Fazenda não quiz o Governador prover, dizendo, que elle faria tudo, porque era homem que entendia mui bem a ordem della, como quem o era de todo o Reyno. Escreveo tambem a ElRey de Cochim, e aos Officiaes, que dessem pressa á gente que lhe havia de mandar, e á Armada toda que lá havia, porque só por isso esperava, que se fazia prestes com muita diligencia, porque tinha ElRey dados mil e quinhentos Naires pera a jornada, que se repartiam por quinze, ou vinte navios d'ElRey, e de partes, que Affonso Mexia tinha pera isso negociados. E o Arel de Porcá tambem se fez prestes com gente sua, e tres navios pera ir acompanhar o Governador nesta jornada; e

assi

aſſi a elle, como á gente d'ElRey de Cochim, ſe lhe deo todo o neceſſario mui cumpridamente, e toda eſta Armada partio até quinze de Novembro. O Governador deo grande expediente á eſcritura do Reyno, e ao deſpacho das náos, deſpedindo-as pera irem tomar ſua carga. E ficando deſoccupado, mandou fazer gente da terra pelas Ilhas de Goa, e de todas ajuntou mil e quinhentos Laſcarins, os que lhe melhor parecêram pera as armas, que repartio por Naiques, e Capitães, fazendo-lhes ſuas pagas, e dando-lhes ſeus mantimentos, e embarcações ſeparadas. E fazendo alardo da gente Portugueza, que eſtava pera ir naquella jornada, achou quatro mil homens, em que entravam muitos Fidalgos, e Cavalleiros. E mandando embarcar tudo, e tendo a feſta do Natal em terra, depois de eſtar aos Officios, em que commungou, e o meſmo fez a mór parte da gente, ſe embarcou, e ſe fez á véla com cento e oitenta vélas, em que entravam trinta náos, Galeões, Caravelas, doze Galés, tres Barcaſſas, e tudo mais Galeotas, Fuſtas, Bargantins, Tauris, e outras embarcações da terra; e os Capitães que neſta jornada o acompanháram, dos que pudemos ſaber os nomes, são os ſeguintes: Antonio de Saldanha, Diogo da Silveira, Garcia de Sá, Antonio da Silveira, Manoel de

Al-

Alboquerque, D. Vaſco de Lima, Jorge de Lima, Triſtão Homem, Franciſco de Sá, Ruy Vaz Pereira, Antonio de Sá o Rume, Nuno Pereira de Lacerda, Jorge Cabral, Manoel de Souſa, Martim Affonſo de Mello Juzarte, Franciſco de Vaſconcellos, Miguel Carvalho, Vaſco Pires de Sampaio, Henrique de Macedo, Martim de Freitas, Heitor da Silveira, D. Roque Tello, Gonçalo Vaz Coutinho, Manoel de Miranda, Manoel Rodrigues Coutinho, Chriſtovão de Paiva, que hia por Feitor da Armada, Ruy de Mello, Lopo Pinto filho do Bailio de Leça, Pero Botelho, Jorge de Souſa, Antonio da Cunha, Franciſco de Souſa, Antonio da Silveira, Lopo de Meſquita, e outros muitos Fidalgos, e Cavalleiros. E da barra de Goa deſpedio o Governador alguns Catures ligeiros pera que foſſem eſperar a Armada que vinha de Cochim, e dar-lhe preſſa até Chaul, onde a eſperava: e elle foi ſeguindo ſeu caminho até chegar áquella Cidade, onde foi mui bem recebido do Capitão, e povo, e viſitado do Tanadar de Chaul de cima. Aqui ſe deteve o Governador alguns dias até chegar a Armada de Cochim, que não tardou muito, com o que perfez de ventagem de duzentas vélas, e com todas juntas foi a Baçaim, donde atraveſſou a outra coſta, e em tres dias foi a

ver

ver viſta da Ilha de Beth, oito leguas de Dio; e de algumas embarcações que tomou naquella coſta ſoube, que naquella Ilha eſtava hum Capitão d'ElRey de Cambaya, Turco de nação, com dous mil homens de guerra. E chamando os Capitães a conſelho, lhes diſſe, que elle eſtava determinado de dar naquella Ilha, e metter todos os que nella eſtiveſſem á eſpada, aſſi pera terror, e eſpanto dos de Dio, (porque não aguardaſſem a experimentar outra tal crueza, e lhes deſſem a fortaleza livremente,) como pera terem menos aquelles dous mil homens, que eram os eſcolhidos de Cambaya: que forçado haviam de ir ſoccorrer Melique Tocão, e era bom não lhe deixar nas coſtas aquelle ſoccorro. Aos Capitães lhes pareceo bem eſta determinação, que foi cauſa de ſe perder a empreza de Dio, (porque ſe logo o commettêram, ſem dúvida o tomáram.) O Governador mandou logo rodear a Ilha pelos navios ligeiros, porque ſe não ſahiſſem della. Tinha ElRey de Cambaya eſta gente neſta Ilha, porque ſe receava que mandaſſe o Governador fazer alli alguma fortaleza, por metterem pé no Reyno de Cambaya, como já por algumas vezes ſe tentou; e tinha eſte Capitão hum forte mui arrezoado ſobre hum tezo no meio da Ilha pera ſeu recolhimento, e defensão, com muita artilheria, e munições.

CAPITULO III.

De como o Governador Nuno da Cunha commetteo a Ilha de Beth, e a entrou: e do eſpantoſo caſo que nella ſuccedeo, porque ſe deo áquella Ilha o nome, que hoje tem, da Ilha dos Mortos.

SUrto o Governador derredor da Ilha, mandou recado ao Capitão Turco, que lhe entregaſſe aquella Ilha, e ſe puzeſſe em ſuas mãos com toda a gente, ficando á ſua mercê, e que uſaria com elles de piedade. O Capitão Turco mandou com a reſpoſta hum Mouro honrado, que foi levado ao Galeão do Governador, e vendo a potencia daquella Armada, ficou enleado de feição, que por hum eſpaço não fallou. Paſſado aquelle primeiro termo, diſſe ao Governador, que o Capitão daquella Ilha lhe mandava dizer, que ſe eſpantava muito delle, indo com huma Armada tão potente ſobre a fortaleza de Dio, querer-ſe embaraçar em couſa tão pequena como era aquella Ilha: que lhe fazia a ſaber, que elle, e todos os que com elle eſtavam haviam de morrer ſobre ſua defenſão, e que não faria mais, (querendo-os commetter,) que quebrantar os eſpiritos dos ſeus ſoldados; porque poſto que elles mataſſem todos quantos havia naquella

Ilha,

Ilha, não havia de ſer tanto a ſeu ſalvo, que lhe não cuſtaſſe muito, e aſſi ficariam arrefecidos da furia que levavam contra Dio. O Governador o tornou a deſpedir, mandando-lhe dizer, que ſe ſenão entregaſſe á ſua mercê, não uſaria de piedade alguma com elles; por iſſo que ſe determinaſſe até o outro dia. Iſto foi contra o parecer de todos os Capitães, porque houveram que o Turco lhes mandava conſelho de amigo, e aſſi diſſeram alguns ao Governador, que lhes parecia bem diſſimular com aquelle negocio, porque ſe alli lhe aconteceſſe hum deſaſtre, ficariam os ſoldados tão medroſos, e quebrantados, que depois não poderiam fazer couſa alguma em Dio, pera o que lhe era neceſſario os homens ſãos, e muito affoutos. O Governador não acceitando aquelles conſelhos, mandou dar ordem á deſembarcação. O Capitão da Ilha vendo a reſolução da reſpoſta do Governador, (ſegundo diz Fernão Lopes de Caſtanheda, e outros,) tornou-lhe a mandar dizer pelo meſmo Mouro, que deixando-os ſahir da Ilha com ſuas peſſoas, mulheres, armas, e fazendas, lha entregariam livre, e deſembaraçada. Mas alguns homens caſados de Dio, que ſe achá-ram neſta jornada, nos diſſeram, (invernando nós naquella fortaleza,) que o Turco com todos os mais eſtavam tão obſtinados,

que não quizeram commetter partido algum com o Mouro, que andava com os recados, os persuadir muito a isso, representando-lhes a potencia daquella Armada, e o perigo que todos corriam. Mas o certo he, que por tres vezes mandou o Capitão este Mouro a fallar com o Governador sobre concertos; mas não querendo nunca acceitar outros senão os que primeiro pedio, nem o Governador querer-se descer da sua primeira opinião. O que visto pelo Embaixador, da derradeira vez, vendo o desengano do Governador, deixou-se ficar no Galeão por salvar sua pessoa, porque sabia o proposito com que estavam os da Ilha. O Governador mandou fazer prestes as cousas necessarias pera ao outro dia desembarcar, dando a dianteira a Heitor da Silveira, e de toda a gente fez seis bandeiras, de que eram Capitães Heitor da Silveira, Antonio de Saldanha, Diogo da Silveira, Garcia de Sá, Antonio da Silveira, e a outra era a do Governador, que levava a bandeira de Christo. E deo ordem aos Capitães das bandeiras, que desembarcassem pela Ilha em roda, em differentes paragens, porque ainda que os inimigos se determinassem a lhes defender a desembarcação, não pudessem acudir a tantas partes. O Governador mandou mudar toda a gente aos navios de remos, e aos batéis das náos,

e

e Galeões, dando tantas embarcações a cada Capitão pera por ſuas partes commetterem a Ilha. Ao outro dia pela manhã foram commetter a terra, onde ſaltou Heitor da Silveira com a ſua bandeira, pera quem ſe paſſáram muitos aventureiros, e fez em terra hum eſquadrão de mais de mil homens. Os mais Capitães tambem deſembarcáram nas partes aſſinaladas a cada hum, e foram-ſe ajuntar a Heitor da Silveira, e o Governador deſembarcou por derradeiro, ſem haver em alguma deſtas partes reſiſtencia. Poſtos todos em terra, mandou o Governador deſembarcar algumas peças de artilheria pera bater a fortaleza, e muitas eſcadas pera a eſcalar; negociado tudo, foram marchando pera a fortaleza, e a tiro de falcão della aſſentáram o arraial, fortificando-o logo á roda com ſeus vallos, e trincheiras fortes. Ao outro dia ſe começou a bateria com tanta força, que lhe derrubou algumas partes, por onde já ſe podia commetter; durou iſto até á noite. Ao outro dia prepar áram-ſe pera lhes darem o aſſalto. Os de dentro vendo-ſe daquella maneira, deſconfiados de todo o remedio, e entendendo bem que os Portuguezes lhe haviam de entrar a fortaleza por força, e que forçado todos os que dentro eſtavam haviam de morrer em ſua defenſão, e que ſuas mulheres, filhos, e fazendas não poderiam

dei-

deixar de ficar por despojos aos Portuguezes, o que sentiam em extremo; e trazendo-lhe o demonio hum brutalissimo remedio á memoria, ajuntou o Capitão todos os Mouros, e lhes fez esta breve arenga.

» Bem vedes, amigos, e companheiros
» meus, como tentei todos os remedios,
» quantos a honra, e a obrigação me deram
» lugar, por ver se podia salvar as mulhe-
» res, e filhos de todos os que aqui esta-
» mos, que he o que só desejava; porque
» nós como somos homens, mais havemos
» de pertender huma morte honrosa, que
» vida com vituperio, de que não podemos
» escapar, segundo estes inimigos estam en-
» carniçados contra nós. Mas porque depois
» de todos acabados em nosso officio, e obri-
» gação, não fiquem nossas mulheres, e fi-
» lhos em seu poder, nem as fazendas que
» com tanto trabalho adquirimos, sou de pa-
» recer, que antes se consuma tudo a nos-
» sas mãos, entregando-as ao duro fogo pe-
» ra que as gaste, e consuma, e depois com
» odio desta mágoa mais entranhavel, e com
» a ira desta crueza mais acceza, sahamos
» aos inimigos, e tomemos nelles vingança
» desta deshumanidade, que havemos de
» usar com nossas proprias mulheres, e fi-
» lhos. E quando todos acabarmos a suas
» mãos, não lhes ficará cousa de que se pos-

» sam

» ſam louvar de nós , e aſſi ficaremos hum
» raro exemplo ao Mundo. »

A todos pareceo bem aquelle conſelho , e ſahindo-ſe dalli com aquella furia , cada hum ſe foi a ſua caſa , e nos innocentes filhos , e mulheres , que eſtavam repouſando , banháram as crueis eſpadas , abrindo-lhes as entranhas ſem piedade alguma , (o que todos fizeram em hum meſmo tempo ,) não perdoando a pais , mãis , mulheres , filhos , irmãos , nem a toda mais gente , e familia. Eſta crueza executáram ſem lhes mover as entranhas o choro do tenro filho , nem as lagrimas , e piedoſas lamentações da cara , e amada eſpoſa. Acabado eſte ſanguinoſo , e cruel eſpectaculo , tomáram todas ſuas fazendas , ouro , prata , drogas , alcatifas , e todos os mais móveis ricos , e curioſos , e poſto tudo em hum grande monte no terreiro da fortaleza , ajuntando-lhe muita lenha , e palha , lhe puzeram fogo , começando a arder tudo ſoberbiſſimamente. E tomando os corpos das mulheres , filhos , e mais familia , que eſtavam ainda palpitando , e revolvendo-ſe no quente ſangue , os foram lançar no meio daquellas ardentes chammas , conſumindo-ſe tudo em cinza em hum muito breve eſpaço , imitando neſta brutal façanha os antigos Numantinos. Foram viſtas dos noſſos aquellas chammas , e labaredas com mui-

to

to grande eſpanto, ſem poderem cuidar o que ſería. Feito aquelle barbaro incendio, ajuntáram-ſe ſetecentos dos principaes, e foram-ſe á Meſquita, e nella fizeram grandes votos a Mafamede de morrerem todos em vingança daquelles innocentes; e pera final daquelle voto rapáram logo alli as cabeças á maneira das tonſuras dos noſſos Clerigos, que he huma ſuperſtição que uſam os que ſe offerecem a morrer, e a deſprezar a vida. A eſtes homens chamam na India Amoucos, de quem em outra parte daremos mais particular razão. Paſſada aquella deſeſperada, e triſte noite pera elles, em rompendo a luz da manhã, puzeram-ſe os noſſos em ordem de eſcalar á fortaleza, levando pera iſſo ſuas eſcadas, mantas, vaivens, e todas as mais couſas neceſſarias; e remettendo com os muros por quatro partes, arvoráram logo nelles ſuas eſcadas. Heitor da Silveira, que foi o primeiro eſquadrão, foi demandar a porta com grande eſtrondo, e alaridos dos noſſos, e encoſtando as eſcadas huns começáram a ſubir, e outros arrombar as portas. Os Mouros como eſtavam tão deſeſperados, apreſentáram-ſe naquelles lugares porque ſe repartíram, pondo-ſe nelles em defensão, eſperando alli a morte a pé quedo, ferindo, e matando tambem nos noſſos bem á ſua vontade. Depois da referta da ſubida durar

por

por eſpaço de huma hora, cavalgáram os Portuguezes o muro, o que não foi tanto a ſeu ſalvo, que não cuſtaſſe a vida a Heitor da Silveira, que ficou cahido de huma bombardada que lhe deo por huma perna de que logo cahio: e ſendo recolhido, e levado aos navios, foi curado, mas como tinha ſeu termo acabado, não durou mais de tres dias, (o que foi grande perda pera a India, por ſer hum dos Capitães que em ſeu tempo houve, e digno por certo de ficar aquella Ilha mais famoſa no Mundo por ſua morte, que não pela cauſa porque hoje he conhecida nelle.) E tornando aos noſſos, ſubidos nos muros foram matando, e ferindo nos inimigos, que não fugiam á morte, antes ſe offereciam a ella trabalhando pela vingar. Neſte torpel foi morto o Capitão Turco, que primeiro fez eſpantoſas cavallerias, e não achamos a certeza de quem o matou. Os ſeus tanto que ſe víram ſem Capitão, começáram a deſordenar-ſe, e os noſſos a matar nelles, ſem perdoarem a algum.

Conta-ſe aqui hum caſo eſpantoſo, e foi, que arremettendo hum ſoldado noſſo com huma lança nas mãos a hum daquelles Amoucos, não fez elle mais que dar-lhe a barriga á lança, e mettendo-ſe por ella, foi correndo pela aſtea adiante até chegar ao ſoldado, e lhe deo huma cutilada por huma

per-

perna que lha decepou toda, cahindo ambos mortos a hum tempo. A porta da fortaleza foi arrombada, entrando por ella todo o mais corpo de gente, com o que se acabou de averiguar aquelle negocio, não escapando de dous mil Mouros que eram, hum só. E desta crueza, e da que elles executáram com suas mulheres, e filhos, se deo novamente nome áquella Ilha chamando-se a dos Mortos. Todavia não foi isto sem perda, porque na entrada morrêram dezesete Portuguezes; em que entráram alguns Fidalgos mancebos, e feridos passáram de cento e vinte. Acabado este negocio, foram dar busca á fortaleza, e não acháram mais que a quente cinza de todas as riquezas, mulheres, e meninos daquella Ilha, e só das armas dos Mouros se aproveitáram.

CAPITULO IV.

De como chegou a Dio Mostafá Baxá, e todos os mais Turcos que estavam em Xael, e fortificáram aquella Ilha: e de como o Governador Nuno da Cunha commetteo a fortaleza de Dio, e se retirou com damno seu.

DEstruida, e assolada a Ilha dos Mortos, mandou o Governador embarcar algumas peças de artilheria, que se acháram com

mui-

muitas munições, e mantimentos. Feito isto, embarcou-se o Governador, deixando-se ficar naquelle porto esperando pelas espias que tinha mandado a Dio, com que não continuamos, porque o deixamos pera aqui. Foram estes homens áquella Ilha, onde andáram vendo, e notando tudo; mas pelas grandes guardas, e vigias que havia na fortaleza, não puderam entrar nella. E porque no mesmo tempo succedeo chegar áquella Ilha Mostafá Baxá, (como logo diremos,) ficáram-se entretendo, por verem a ordem que logo deo pera defensão della. O Governador passados oito dias, que se alli detinha, vendo que lhe não vinha aviso de cousa alguma, deo á véla pera Dio; e esta detença foi a total salvação da fortaleza, e Ilha de Dio, e perdição desta jornada; porque espalhando-se a fama da potencia da Armada Portugueza, ficou della tão assombrado Melique Tocão, e ainda o ficou mais depois que soube a crueza da Ilha dos Mortos, que acabante aquelle feito, se fora logo o Governador surgir sobre aquella Ilha, sem dúvida se lhe despejára toda, e alcançára o que tanto desejava sem golpe de espada. Mas quiz a fortuna que naquelles dias que se deteve esperando pelas espias, chegassem áquella Ilha os Turcos Mostafá, Coge Çofar, e outros, que como dissemos, depois de des-

cer-

cercarem Adem ſe foram invernar a Xael, e de duas náos que alli havia fizeram dous Galeões, em que ſe embarcáram com todos os ſeus theſouros, e artilheria, e entráram pela barra de Dio tres dias antes que o Governador chegaſſe. Melique Tocão os recebeo com grandes honras, e lhes deo conta da Armada Portugueza, e do negocio da Ilha dos Mortos. Moſtafá ſentindo nelle grande medo, e temor, lhe diſſe que ſe ſeguraſſe, que elle lhe defenderia aquella fortaleza a outro mór poder, e Armada que aquella. Com iſto ficou Melique Tocão deſalivado, e lhe deo o governo de tudo, que elle tomou á ſua conta, começando logo a entender nas couſas que convinham pera a defensão da Cidade, deitando fóra della toda a gente inutil, deixando ſó a que podia tomar armas, que ſeriam dez mil homens, e mandou com muita preſſa reedificar, e fortalecer os muros, e baluartes, guarnecendo-os de muita artilheria, pondo nelles por Capitães Rumes de ſua companhia, e por derredor dos muros da banda de fóra mandou fazer muitas minas cheias de polvora, pera ſe os noſſos quizeſſem commetter os muros com eſcadas lhe darem fogo. Pela meſma maneira provêo o baluarte do mar, (que defende a entrada da barra,) de artilheria, e de munições, pondo nelle hum Capitão Ru-

Rume, com huma companhia de ſoldados. E a cadeia de ferro que Melique ordenou pera defensão da entrada do rio, mandou que ſe reformaſſe, e a atraveſſou do baluarte do mar até o outro da terra, que eſtava no lugar em que hoje eſtá a noſſa fortaleza, ficando a cadeia pouco mais de hum palmo eſcondida debaixo d'agua. E quando queria entrar alguma embarcação ſua abaixavam tudo o que queriam, e a tornavam a alevantar com cabreſtantes, que pera iſſo tinham ſempre guarnecidos. Iſto tudo eſtava feito quando o Governador ſurgio ſobre aquella Ilha, que foi a quatro de Fevereiro, cubrindo todo aquelle mar com a ſua Armada, que era couſa que não deixou de fazer temor, e eſpanto a todos. O Governador tratou logo com os Capitães ſobre o modo de como ſe havia de commetter aquella entrada, porque depois de eſtarem dentro tratariam do que mais cumpria. Por todos foi aſſentado, que ſem ſe ganhar primeiro o baluarte do mar ſenão poderia fazer couſa alguma; que ſe trataſſe de o ganhar, e o outro de ſobre a barra, e que então depois Deos encaminharia aquelle negocio como foſſe ſeu ſerviço. Com eſta reſolução encommendou o Governador a bateria deſtes baluartes a eſtes Capitães, iſto he, aos tres das galés, que eram Franciſco de Sá dos oculos,

los, Antonio de Sá o Rume, e Nuno Fernandes Pereira mandou que se chegassem bem ao baluarte do mar, e surgisse perto delle pera o baterem, e tres barcassas que levavam pera isto, de que fez Capitães Dom Vasco de Lima, Jorge de Lima, e Tristão Homem, que estavam guarnecidas de fortes arrombadas com bazaliscos, e aguias reaes, mandou que batessem o mesmo baluarte por outra parte, e encarregou mais a nove Capitães, que eram Manoel de Alboquerque de huma galeaça, Jorge Cabral, Manoel de Sousa, Martim Affonso de Mello Juzarte, Francisco de Vasconcellos, todos quatro Capitães de galés, pera que commettessem o baluarte de Diogo Lopes de Siqueira, que estava pela banda da costa brava, porque se assentou que lançassem por alli tambem gente em terra. E o baluarte de sobre a barra da outra banda do mar encarregou a bateria delle a quatro Capitães, isto he, Miguel Carvalho de huma albitoça, e Vasco Pires de Sampaio, Henrique de Macedo, e Martim de Freitas em outras tres barcassas com suas mantas, e arrombadas. E Antonio da Silveira com trinta navios de remo mandou que fosse favorecer os que batiam os baluartes da barra; e toda a mais Armada repartio por outras partes da banda de fóra pera divertir os inimigos. E todo aquelle dia

que

que alli chegáram, e a noite ſeguinte gaſtáram todos em ſe fazerem preſtes pera a bateria. E tanto que rompeo a luz da manhã, fez o Governador ſinal aos navios, que arrancáram cada hum pera o poſto que lhe era ordenado; e as barcaſſas que haviam de commetter o baluarte do mar foram endireitando com elle, e o dianteiro foi o D. Vaſco de Lima Fidalgo mancebo, e deſejoſo de ganhar honra, que largou por pôpa hum eſtendarte todo negro com huma morte pintada tão fea, e medonha, como o ella he, diviſa que entriſteceo a todos; e parece que nella profetizou a morte que alli recebeo. Dos baluartes do mar, e da terra em vendo levar as embarcações, começáram a deſparar aquella furia infernal de bombardas tão eſpeſſas, que parecia choverem pelouros do Ceo, e foi a fumaça tamanha, e tão groſſa, que perdêram os navios a viſta do baluarte, e os bombardeiros não viam onde apontar ſua artilheria. D. Vaſco de Lima com muito grande animo, ſem lhe dar dos pelouros que choviam dentro na ſua barcaſſa, mandou remar avante, e diſſe ao patrão della, que lhe puzeſſe a prôa no baluarte, que não ſe contentava o ſeu animo ſenão das couſas que pareciam impoſſiveis, porque elle lhas fazia todas faceis. Mas Deos, que tinha poſto alli ſeu termo, permittio que lhe

déſ-

déſſe huma bombardada pela cabeça, que logo lha fez em pedaços, e matou outro ſoldado, que eſtava junto delle; com iſto ſe teve a barcaſſa, e tornou pera traz, porque já não tinha quem a mandava ir avante, e quem animava a todos os que nella hiam. Os outros Capitães das barcaſſas não menos animoſos quizeram paſſar avante, mas a multidão dos pelouros os deteve; e o meſmo aconteceo em todas as outras partes, que foram commettidas dos noſſos, em que foram tão fuſtigados da artilheria, que ſe tornáram a recolher deſtroçados, e com alguns navios arrombados, e muitos mortos, e feridos. O Governador bem vio que tinha feito erro naquelle negocio, e que alli não faria mais, que arriſcar toda a Armada, porque tambem elle lá no ſeu Galeão não eſtava tanto a ſeu ſalvo, que lhes não feriſſem as bombardadas muitos homens, e fazendo ſinal a recolher, elle ſe affaſtou pera fóra, tendo recebido nos navios grandes damnos. Recolhidos os navios, o Governador mui triſte, e malencolizado pelo ſucceſſo, deo á véla, e fez-ſe na volta de Chaul, e do caminho deſpedio Antonio de Saldanha com quarenta navios ligeiros, pera ir fazer guerra por toda a enceada de Cambaya. Chegado o Governador a Chaul, deſpachou Antonio da Silveira pera ir entrar na fortaleza de Ormuz;

e

e assi provêo em algumas cousas. Dalli se passou a Goa, e despachou logo Garcia de Sá pera ir entrar na Capitanía de Malaca, por acabar seu tempo Pero de Faria, mandando provimentos pera Maluco. Mostafá Baxá tanto que o Governador se partio de Dio, logo se partio pera a Cidade de Amadaba com todos os de sua companhia, e se apresentáram ao Soltão Badur, offerecendo-se-lhes pera o servirem, o que elle estimou muito, pela fama que delles tinha daquelle negocio de Dio, ficando Mostafá Baxá grande seu acceito, e lhe deo o titulo de Rumecan, que quer dizer o Senhor Rume, e o fez General de seu exercito.

CAPITULO V.

Da grande, e cruel guerra, que Antonio de Saldanha fez por toda a enceada de Cambaya.

APartado Antonio de Saldanha do Governador, como dissemos, tornou-se a passar á Ilha dos Mortos pera dalli começar a guerra. Dalli foi de longo da costa pela enceada dentro, queimando, destruindo, e assolando todos os lugares maritimos, como foram Madrefaval, Taloja, Gengimel, não perdoando em todos estes lugares a sexo, nem a idade alguma, nem ainda aos

brutos animaes, porque até eftes fentíram a furia dos noffos. E porque teve por novas, que a Cidade de Gogá, que era huma das maiores, e mais opulentas em trato, riquezas, e poder de todas as de Cambaya, ordenou de dar nella, pera o que lhe foi neceffario ir-fe detendo, e efperando por aguas vivas, pera poder entrar dentro. Jaz efta Cidade quafi no cabo da enceada, da banda do Ponente, eftendida em hum campo mui rafo, e em algumas ruinas de edificios, que ainda hoje fe vem, parece que foi antigamente coufa muito grande, e fenhoreada de alguns eftrangeiros, porque em muitas partes moftra ainda pedaços de muros mui largos, de que ella foi toda cercada, todos de cantaria, de huma pedra parda, que cada huma he de mais de quatro palmos de comprido, e muito perto de tres de largo, e outro tanto de alto, que fe não liam humas com outras com betume, nem cal, fómente feitas humas encarnas no meio de cada pedra em igual diftancia, com humas méchas de páo ferro, em que as pedras de cima fe vam encaixar, tão juftas, e tão primas, que parece parede de huma fó pedra. E no modo defte edificio, andando-o nós vendo, e notando, nos pareceo obra dos Chins, que deviam já de fer fenhores de algumas partes daquelle Reyno, como vimos nos efpanto-

fos

ſos edificios dos Pagodes da Ilha de Salcete, que ſem dúvida ſe tem por obra ſua. Eſtá eſta Cidade de Gogá affaſtada da agua hum tiro de berço, pera onde ſe entra por hum eſteiro, que chega até bem dentro da povoação, de huma vaſa tão ſolta, e delgada, que ſumirá qualquer couſa que lhe lançarem. Eſte eſteiro ſerá de largura de pouco mais de hum tiro de pedra, e nas aguas vivas mettem por elle ſuas náos, porque fica tendo mais de quatro braças de fundo, e quando vaſa fica tudo ſecco, e eſpraia alli a maré tanto, que eſcaçamente ſe alcança com a viſta, e em certas partes tem canaes, e poços, onde as náos ſurgem. Eſte eſteiro entra por derredor da Cidade, que quaſi a cérca, e ſervem-ſe por algumas pontes pera fóra. Além deſte eſteiro, que lhe ſervia de cava, eſtava a Cidade fortificada com algumas tranqueiras nas partes quebradas, que hiam fechar no antigo muro, e por nenhuma parte ſe podia deſembarcar ſenão entrando pelo eſteiro, porque tudo á roda por todas as partes era alagadiço. Antonio de Saldanha tanto que as aguas vieram, tomando Pilotos que ſabiam os canaes, e entradas, foi demandar a Cidade, entrando pelo eſteiro dentro com toda a Armada, e chegando ao caes ſaltáram todos em terra com grandes gritos, e alaridos, poſto que acháram em ter-

 ra

ra hum corpo de mais de dous mil homens, que acudíram a lhes defender a desembarcação, mas a artilheria das fustas os fez affastar pera fóra. Postos todos em terra arremettêram com os inimigos, com que travåram huma boa batalha, mas assi apertáram com elles, que com morte de muitos os arrancáram do campo, levando-os diante de si até á Cidade, em que entráram de envolta. Os inimigos como hiam cortados do medo, varáram logo pela outra parte do sertão, deixando a Cidade em mãos dos nossos, que mettêram á espada toda a cousa viva que acháram, não perdoando nem aos tenros meninos nas tetas das mãis, que apertando-os comsigo, eram passados ambos da cruel alabarda, e da aguda espada, usando nisto crueldade alheia de natureza Portuguez, mas pareceo assi necessario pera terror. Antonio de Saldanha mandou dar fogo á Cidade por se não embaraçarem os seus soldados com os despojos della, de que alguns não deixáram de se carregar bem. Isto foi tão apressado, que antes que a maré se acabasse, tornáram a sahir pera fóra, dando fogo a vinte e cinco navios que estavam no esteiro carregados de roupas, drogas, e outras fazendas, o que tudo se consumio em cinza, como tambem o fez á Cidade, ficando os mais dos moradores de Cambaya pobrissimos; porque

que como alli era a mór eſcala do Reyno, todos tinham alli ſuas fazendas. Antonio de Saldanha paſſou-ſe a outra coſta por onde deſtruio muitos lugares, como foram, Balçar, Tarapor, May, Quelme, Agaçaim, até o rio de Bandorá, deixando tudo mettido a ferro, e a fogo, e a gente toda em pranto; porque os que puderam ſalvar ſuas peſſoas, huns perdêram mulheres, outros filhos, outros fazendas, de ſorte, que em todo o Reyno de Cambaya outra couſa não havia ſenão prantos, queixas, e lamentações, com que os miſeraveis acudíram á Corte, ſem haver quem lhes déſſe remedio a ſeus males; o que ElRey ſentio em eſtremo, porque lhes não podia ſer bom áquellas couſas. Antonio de Saldanha gaſtou por aqui todo o verão, e ſendo tempo de ſe recolher a Goa, o fez, deixando Diogo da Silveira com vinte navios pera ficar por aquella coſta o reſto do verão, e pera ficar invernando em Chaul, como levava por regimento, pera no principio do verão tornar a continuar naquella guerra. Diogo da Silveira tornou a voltar até Daman, fazendo muitos damnos por toda aquella coſta, e tomando muitas embarcações que ſe recolhiam pera os portos de Cambaya, e como lhe deram ameaços do inverno, recolheo-ſe a Chaul.

CA-

CAPITULO VI.

Das desavenças que o Accedecan teve com o Idalcan, e das preeminencias daquelle cargo: e de como deo a ElRey de Portugal as terras firmes de Salcete, e Bardés.

NA segunda Decada de João de Barros se deo conta daquelle Cufo Larym, que em tempo de Affonso de Alboquerque veio sobre Goa a segunda vez que a tornou. E porque muitas vezes pelo decurso da historia havemos de fallar nelle, o daremos a conhecer.

Era este Mouro natural do Reyno de Lara, vizinho ao de Ormuz, seu proprio nome era Cufo; e porque era natural do Reyno de Lara, tomando o sobrenome da terra, ficou-se chamando Cufo Larym. Este sendo mancebo veio ter ao Reyno do Idalcan, e se poz com elle a soldo, servindo-o nas guerras contra os Portuguezes tão bem, que vagando o cargo de Accedecan do Reyno, (que em dignidade corresponde ao de Condestabre do Reyno,) lho deo a elle, e com isso inda mais o governo do Concan, pera onde se elle foi, e ordenou pera sua estancia a fortaleza de Pondá, que mandou fazer de novo pera sua segurança, porque fica-

cava muito vizinho da Ilha de Goa. Eſte cargo de Accedecan neſte Reyno he de tamanha preeminencia, que quem o tem, não entra em caſa d'ElRey a lhe fazer cortezia, a que elles chamão zumbaia, nem guarda niſto a ordem dos outros Capitães que he eſta. Ha naquelle Reyno trinta, ou quarenta delles, em que entram alguns de dez mil homens, outros de tres, e quatro mil, outros de menos, conforme as terras que lhes dam; porque ſegundo ſeu rendimento, aſſi lhes aſſinam a gente que hão de ter, e ſuſtentar. De maneira, que ſempre neſtes Reynos do Decan tem aquelles Reys perto de quarenta mil homens de cavallo, de ordinario pagos, e a todas as horas que quizer pôr-ſe com elles em campo o póde fazer. Eſtes Capitães são obrigados a ir á Corte todas as Luas novas a dar viſta a ElRey, e a lhe fazerem ſua veneração, e zumbaia, por eſta maneira. Aſſoma-ſe ElRey a huma varanda, que cahe ſobre hum campo mui formoſo, e grande, por onde vam os Capitães paſſando cada hum por ſi, com ſuas inſignias, e bandeiras de ſuas cores, com ſeus inſtrumentos de guerra, camelos, e elefantes, diante tudo por ſua ordem, e emparelhando com a varanda em que ElRey eſtá, fazem ſua zumbaia, que he ir com a mão direita ao chão, e depois polla ſobre ſuas

ca-

cabeças, em ſinal que tomam a terra de debaixo dos pés d'ElRey, e aſſi como vam paſſando lhos vam dando a conhecer os que eſtam com elle. Só o Accedecan guarda outra ordem, porque não tem mais obrigação, que certas vezes no anno ir fazer eſta zumbaia a ElRey, e ao dia que ha de ſer, cavalga ElRey, e vai a huma quinta fóra da Cidade a folgar, aonde o Accedecan vai com dez, ou doze mil cavallos que ſuſtenta, e faz ſua zumbaia: ſe ElRey eſtá a cavallo, a cavallo; ſe a pé, a pé: quando ſe aſſenta he á mão direita d'ElRey, acima de todos os Capitães, e Senhores do Reyno, porque precede a todos. Eſte Cufo Larym (como he natural em todos os Reynos ſerem invejados os que mais podem) foi mexericado com ElRey, que lhe começou a ter má vontade, do que elle foi aviſado; e receando-ſe que vieſſe perder o lugar que tinha, e ainda a vida, (porque pera hum deſtes Reys cortar a cabeça, não ſó a ſeu Capitão, mas a ſeu irmão, baſta hum pequeno mexerico,) querendo ſegurar a ſua com os Portuguezes, carteou-ſe com o Governador Nuno da Cunha, e lhe offereceo as terras firmes de Salcete, e Bardés, que já foram do Eſtado pela doação que dellas fez ElRey de Biſnagua, cujas foram, ſendo o Governador Diogo Lopes de Siqueira no Eſtreito, e Ruy

de

de Mello Capitão da Cidade de Goa, que logo foi tomar posse dellas, como se verá na terceira Decada de João de Barros. Estas terras deo o Accedecan com condição, que se o Idalcan fosse sobre elle, que o recolhessem em Goa com toda sua fazenda, e familia, e lhe dessem seguramente embarcação pera se passar a Meca, ou a Cambaya. Disto lhe passou o Governador seguros Reaes, e fizeram seus papeis. E logo mandou tomar posse daquellas terras pelo Capitão da Cidade, e pelo Tanadar mór, a quem os officiaes do Accedecan as entregáram livremente, pondo nellas recebedores de sua mão, e recolhendo os foraes pera por elles se arrecadarem as rendas das aldeias. E para segurança dellas mandou o Governador fazer huma tranqueira no lugar de Mardor, junto da aldeia Verna, duas leguas de Agaçain, onde estava hum pagode muito forte, que o Capitão mandou cercar de paredes grossas, ficando elle no meio como cavalleiro, e nelle deixou por Capitão Christovão de Figueiredo Tanadar mór de Goa, com duzentos Portuguezes, e muitos piães da terra. Dalli começou a grangear os naturaes, mandando seguros a muitos, que andavam ausentes, e de sorte negociou isto, que acudíram todos com seus foros, mas não durou isto mais de tres annos, porque tornáram

ram as terras ao Idalcan, como no fim desta Decada se verá. O Accedecan, depois que fez entrega das terras, fortificou-se na fortaleza de Pondá por estar mais perto de Goa, porque se o Idalcan fosse sobre elle pudesse passar-se logo pera a Ilha. Nestas cousas gastou o Governador o inverno, e em preparar a Armada pera na entrada do verão se pôr no mar; porque estava assentado em conselho, que fizesse tanta guerra pela costa de Cambaya, e que assi lhe impedisse a navegação, trato, e commercio d'outras partes, que obrigasse a ElRey a lhe dar fortaleza em Dio, porque estavam desenganados os do conselho de se fazer por força, e que esta guerra se fizesse com catures ligeiros. E que elle Governador fosse ao Malavar fazer huma fortaleza como lhe ElRey mandava, assentando-se que sería melhor no rio de Chale, assi por ser duas leguas de Calecut, como pela commodidade do porto, que era capaz de recolher nossas Armadas até galés. Com esta resolução mandou o Governador fazer muita cal, e ajuntar muitos pedreiros, e cavoqueiros, e toda a mais fabrica pera aquella obra, trazendo suas intelligencias com o Rey de Chale, e Tanor, porque o Çamorim estava de guerra com o Estado.

CA-

CAPITULO VII.

Das cousas que este anno succedêram em Maluco, até chegar Gonçalo Pereira, e da morte d'ElRey Bayano: e das cruezas, e deshumanidades que D. Jorge de Menezes usou com os Ternatezes.

DEixámos as cousas de Maluco o anno passado com as pazes feitas entre os Portuguezes, e Castelhanos, e elles sahidos de Tidore pera o lugar de Camafo. Depois disto, recolhido ElRey de Tidore pera aquella Ilha, vendo-se desabrigado dos Castelhanos com quem tinha cobrado bico, achando a sua Cidade assolada, e destruida, começou a puxar por pazes pera se quietar, e viver sem sobresaltos. E praticando-se nellas, vieram-se a concluir com as condições seguintes:

Que ElRey de Tidore pagaria certos bares de cravo, (cuja quantidade não achamos na verdade,) que nunca mais recolheria em seu Reyno Castelhanos, nem os favoreceria, nem ajudaria mais contra Portuguezes, nem contra seus amigos, e aliados. Estas pazes se juráram, e celebráram em ambos aquelles Reynos de Ternate, e de Tidore, começando dalli em diante a correr em amizade huns com os outros, e com is-

iſto tiveram os Portuguezes mais algum folego, porque eſtavam trabalhados, e canſados da guerra. Pouco depois diſto faleceo na noſſa fortaleza ElRey Bayano, a que outros chamão Bohat, que foi filho de Boleife, o primeiro que nos agazalhou naquellas Ilhas, que faleceo os annos 1520, ficando-lhe tres filhos legitimos, iſto he, eſte Bayano que agora faleceo, Ayalo, e Tabarija, que ficáram tão moços, que o mais velho não paſſava de ſeis annos. Teve mais ſete filhos baſtardos homens, de que o mais velho era Cachil Daroes, que ficou por tutor dos irmãos legitimos, e Governador do Reyno com a Rainha ſua mãi, em quanto o Bayano não era de idade. E o anno de vinte e hum, que Antonio de Brito fez a fortaleza de Ternate, pera mór ſegurança della recolheo o Rey Bayano, que era menino com ſuas amas, e aias pera o crearem, dando-lhe gazalhados ſeparados pera iſſo: o que foi muito máo de ſoffrer á Rainha ſua mãi, que, como diſſemos, governava o Reyno com o enteado Daroes. Com iſto começáram logo a ſe pejarem os naturaes com os Portuguezes, e com a fortaleza, porque tanto que tiveram forte em que ſe recolherem, começáram a governar com ſeveridade, tomando-lhe o ſeu Rey por força, pera os terem ſopeados. Foi o moço creando-ſe na fortaleza, até ſer

de

de idade pera lhe entregarem o Reyno. Sendo este anno em que andamos o Rey de dezoito, e depois de tomar posse do Reyno, assi no cativeiro veio a falecer em poucos dias, e não sem suspeita de peçonha, e se affirmava, que lha mandára dar Cachil Daroes, porque lhe era muito doce o reinar. Por morte do Bayano, que a mãi sentio muito, fez logo jurar o filho segundo Cachil Dayalo, a quem D. Jorge teve modo pera tambem o recolher na fortaleza: requerendo-lhe a mãi que lhe désse seu filho, porque receava que hum, e hum lhes fossem todos morrendo daquella maneira. A isto lhe não diffirio D. Jorge, porque como Cachil Daroes lhe vinha bem governar, favorecia D. Jorge nisso, porque elle foi o que teceo aquellas meadas, e o que deo a ordem pera se recolher ElRey na fortaleza, pelo que lhe nisso hia. Succedeo depois disto arrufarse o Daroes do Capitão, porque favorecia muito hum homem principal chamado Cachil Vayaco, de cuja amizade elle andava muito cioso, porque receava que pela muita conta que delle o Capitão fazia, viesse elle a descahir, e a pagar suas maldades. E assi lhe veio a tomar tamanho odio, que tratou de o matar, do que elle logo foi avisado. E como tinha menos posse que o Daroes, acolheo-se á fortaleza pera segurar sua

vi-

vida. Daroes tanto que o ſoube, como o odio era entranhavel, mandou requerer a Dom Jorge, que lhe entregaſſe Vayaco, como a Governador daquelle Reyno, porque tinha delle culpas, e queria fazer juſtiça. D. Jorge, como era amigo do Vayaço, deſejou de o ſalvar, e chamou o Alcaide mór, e Capitão mór do mar, e algumas outras peſſoas principaes, e tomou com elles parecer ſobre o que faria naquelle negocio. Alguns diziam que era obrigado ao entregar, outros que não, mas que trataſſe de moderar Cachil Daroes, dando huns, e outros ſuas razões. Eſtava o Vayaco recolhido em huma camara, e ſabia muito bem o que ſe tratava, e póde ſer que o ouviſſe, porque o negocio tratou-ſe hum pouco deſentoado; e receando-ſe que o entregaſſem a Cacil Daroes, couſa que elle ſentiria mais que a morte, quiz antes tomalla por ſi, que ir-lhe cahir nas mãos; e não achando com que ſe matar, remettendo a huma janella, lançou-ſe della abaixo, e fez-ſe em pedaços. Iſto ſentio D. Jorge muito, e ficou tendo avorrecimento ao Daroes, deſejando de ſe lhe offerecer occaſião em que ſe vingaſſe delle. Succedeo poucos dias depois diſto matarem huma porca pequena, que D. Jorge tinha, de caſta da China muito formoſa, que andava por derredor da fortaleza de dia, do

que

que D. Jorge ficou tão apaixonado, que mandou inquirir sobre a morte da porca, e achou-se culpado (ou quiz elle que se achasse) hum Cachil Vaydua muito parente do Daroes, e douto na lei de Mafamede, principal Caſſis, e Sacerdote entre elles, a quem D. Jorge logo mandou prender na fortaleza. A isto acudio o Daroes com muitos principaes a lho pedir, o que fez quasi com união: D. Jorge mandou hum criado seu homem baixo chamado Pero Fernandes, que lhe fosse trazer Cachil Vaydua, e parece que ou D. Jorge o tinha ensaiado do que havia de fazer, ou elle de máo, ou gracioso tomou huma posta do toucinho da porca, e tirando-o do tronco lhe untou a boca mui bem com elle, não lhe dando dos gritos que o Mouro dava chamando por Deos, e pelo Capitão; e assi o levou aonde elle estava, que era á porta da fortaleza, com os que lho foram pedir. O Mouro tanto que vio o Daroes, lançou-se no chão, e começou a esbravejar, e a chorar, contando-lhe o que lhe fizeram com muitas lagrimas; o Capitão lho entregou, e o Daroes o mandou pera sua casa, onde fez grandes purificações, porque o porco he muito abominavel a elles; e sentio aquelle negocio tanto, que se foi daquella Ilha desterrado, e se passou por todas as outras, e por ellas andou prégando a affronta,

ta, que os Portuguezes fizeram ao Sacerdote de Mafamede, pedindo, e requerendo a todos, que quizessem acudir por sua honra. Não paráram ainda nisto as cousas, mas ordenou o demonio ainda outro caso, pera acabarem os Portuguezes de ser avorrecidos naquellas Ilhas, que foi este. Como faltavam os mantimentos, e o Galeão da viagem tardava, e não havia com que fazer paga aos soldados, buscavam elles seu remedio por onde o achavam, entrando pelas tendas, e casas dos naturaes, e lhes tomavam os mantimentos sem lhos pagarem. Isto indignou tanto a todos, que mandou o Daroes, que se não trouxesse mais cousa alguma á Cidade pera se vender, e que se fechassem as tendas como fizeram. Começando a faltar tudo, e os da fortaleza padecerem tantas necessidades, que amotinados os soldados diziam grandes males do Capitão, e do Governador da India, indo todos á porta da fortaleza, ao modo de motim, requerendo que lhe pagassem, e lhes dessem mantimentos, a isto lhe não podia ser D. Jorge bom, pela falta que havia de tudo na fortaleza, e foi-lhe necessario mandar Gomes Aires em algumas Corocoras, com alguns soldados por essas Ilhas a resgatar alguns mantimentos com alguma roupa que ainda havia. Este homem chegando a huma daquellas Ilhas

per-

perto, desembarcáram certos soldados em hum lugar chamado Tobana, e como hiam famintos entráram pelas casas, e lhes tomáram o mantimento que lhes acháram, sem lho pagarem, não vendo quão poucos eram, e o risco que corriam. Tantos roubos, e desatinos fizeram, que não podendo os moradores já soffrer mais, deram nelles, e não querendo matar algum, os espantáram mui bem, e lhes tomáram as armas em paga de seus mantimentos. Assi espancados, e moídos se embarcáram, e se foram pera Ternate, e se apresentáram ao Capitão com os focinhos inchados, e escalavrados, contando-lhe o caso. D. Jorge como era apaixonado, e de forte natureza, mandou chamar o Daroes, e lhe disse, que logo lhe mandasse trazer os authores daquelle negocio, pera os castigar conforme a como o caso requeria; affirmando-lhe que se logo o não fazia, que nelle havia de tomar satisfação daquellas affrontas. Cachil Daroes com ter já sabido que os Portuguezes tiveram a culpa daquelle desarranjo, calando-se, mandou trazer o Governador de Tobana, e dous homens outros principaes, e os entregou a Dom Jorge, havendo que se satisfaria com isso, e quando muito, que os teria prezos alguns dias. Mas D. Jorge usando de sua má natureza, mandou logo alli cortar as mãos a

dous, e ao Governador da Ilha mandou matar de hum genero de morte muito cruel, e nunca uſado entre os Portuguezes; porque aſſi como eſta nação igualou a todas as do Mundo em adquirir, conquiſtar, e ſuſtentar tantos, e tão apartados Reynos, e Imperios; aſſi ſe eſtremou na miſericordia, e piedade, que ſempre uſou com os vencidos: couſa tão natural de animo nobre, e Chriſtão, quanto o outro he de barbaros, e inhumanos. Cachil Daroes, e todos os mais da Ilha ficáram com tamanho odio contra D. Jorge, que tratáram de o matar, e o meſmo a todos os Portuguezes, e Caſtelhanos, por ſe verem livres deſtas gentes, que por caſo tão nefando tinham razão de lhes aborrecerem. E dando conta deſte negocio a alguns ſeus familiares, aconſelháram-ſe, que convocaſſem todos os Reys daquellas Ilhas a huma liga geral contra todos os Chriſtãos, o que logo Daroes poz em execução, deſpedindo peſſoas de confiança a darem conta a Cachil Catabruno, que governava o Reyno de Geilolo, pelo Rey ſer menino, e lhe mandou pedir, que em hum certo tempo ſe levantaſſe contra os Caſtelhanos, que eſtavam naquelle Reyno, e os mataſſe a todos; e que tambem o fizeſſe ao Rey menino, e ſe alevantaſſe por Rey, que elle o favoreceria em tudo; porque elle havia de fazer outro

tan-

tanto aos Portuguezes, e ao moço Dayalo, e se havia de alevantar por Rey daquellas Ilhas, onde nunca mais havia de consentir Portuguezes por suas tyrannias. Estando este negocio assi ordenado, permittio Deos estorvar tudo, porque esperava ser ainda por todo aquelle Archipelago seu Santissimo Nome louvado, e exaltado, porque não ficasse parte no Mundo em que Elle não fosse honrado, e conhecido; e assi se veio a descubrir a conjuração. E como Cachil Daroes pera mais dissimulação nunca se ausentou, antes hia muitas vezes á fortaleza, assi por sua vontade, como chamado do Capitão, hum dia lhe mandou elle recado, que se fosse pera elle, e levasse Cachil Tamarano, que era Capitão do mar, e Cachil Boyo, justiça mór do Reyno, porque tinha negocios que tratar com elles. Cachil Daroes innocente do que D. Jorge determinava, ajuntando os outros, se foi á fortaleza, e o Capitão os recolheo em huma camara, e lhes mandou dar tratos sobre o caso, e nelles descubríram a conjuração, do que mandou fazer hum auto judicialmente, porque os condemnou á morte. E logo mandou ordenar no terreiro da fortaleza da banda de fóra hum cadafalso alto, onde mandou tirar Cachil Daroes á vista de todos, e subido em cima hum pregoeiro, notificou em altas vo-

zes ſuas culpas, porque fora ſentenceado que foſſe degollado, e logo hum algoz lhe cortou a cabeça. Dos outros dous não achámos em lembrança o que ſe fez delles, mas o certo he que tambem morreriam. A Rainha, e todo o povo ficáram tão eſcandalizados deſte negocio, que logo deſpejáram a Cidade, e ſe recolhêram a huma ſerra muito forte, e ſe apoſentáram no lugar de Toruto. Dalli mandou a Rainha pedir a D. Jorge o filho que lhe tinha prezo, ao que lhe elle não reſpondeo. Pelo que logo mandou lançar pregão por toda a Ilha, que ſob pena de morte nenhuma peſſoa vendeſſe aos Portuguezes mantimentos, nem outra couſa alguma. Com iſto os puzeram em tão extrema neceſſidade de fome, que começáram a adoecer, e a cahir pelas ruas de fracos. E ſem dúvida morrêram todos, ſe Deos não trouxera áquelle tempo o Galeão de Gonçalo Pereira, que o anno atrás paſſado (como diſſemos) tinha partido de Goa, com o que os homens tornáram a reſuſcitar. Gonçalo Pereira tomou poſſe da fortaleza, e fez paga aos ſoldados, que achou tão fracos, e debilitados, que ſe não podiam mover. A Rainha, tanto que ſoube que era chegado Capitão novo, o mandou viſitar, e fazer-lhe queixas de D. Jorge, a que lhe elle reſpondeo muito bem, e que lhe faria juſtiça. E

co-

como elle levava por regimento do Governador, pelas culpas que de D. Jorge lhe tinham mandado, que tiraſſe delle devaça, e achando-o comprehendido naquelles crimes que lhe apontava, o prendeſſe, o que elle fez, e o metteo na torre da menagem, o que lhe foi tambem neceſſario por apaziguar a Rainha, e deo mais liberdade ao filho da que tinha, fallando-lhe todos os que queriam, e paſſeando por toda a fortaleza; e com iſto mandou pedir á Rainha, que ſe tornaſſe pera a Cidade, e correſſem em amizade como dantes, porque elle lhe faria juſtiça muito inteira. A Rainha vendo que lha começava a fazer na prizão de D. Jorge, e na liberdade do filho, que dantes eſtava reteudo em huma caſa, logo ſe tornou pera a Cidade com todos os ſeus, e mandou que correſſem as couſas como dantes. Gonçalo Pereira achou a fortaleza mui desbaratada, e tratou de a reformar, mandando-lhe fazer baluartes, porque até então não era mais que huma parede toſca. E pera iſto mandou pedir á Rainha ajuda de officiaes, e materiaes, promettendo-lhe, de como a fortaleza foſſe acabada, de lhe entregar ſeu filho, com o que lhe ella mandou acudir com todo o neceſſario: e como foi tempo de o Galeão ir pera India, mandou embarcar D. Jorge prezo em ferros com os autos de ſuas culpas.

pas. E neſte eſtado ficam as couſas de Maluco até ſer tempo de tornar a ellas.

CAPITULO VIII.

Da deſcripção de todo eſte mar do Levante, e quaes são as verdadeiras Ilhas de Maluco. E da divisão dos cinco Archipelagos em que ſe reparte: e dos coſtumes, e condições de ſeus naturaes.

POſto que João de Barros tenha eſcrito muito bem deſtas Ilhas de Maluco, de ſua povoação, e principio de ſeus Reys, todavia quizemos aqui fazer eſta nova deſcripção; porque depois que elle eſcreveo, viemos a alcançar muitas couſas, que naquelle tempo ſe não ſabiam, que são couſas muito neceſſarias, e curioſas. E para melhor declaração, e entendimento deſta deſcripção, dividiremos eſte grande Archipelago, e mar deſta banda em ſinco partes, dando-lhes termos, e limites a cada huma pera ſe poderem conhecer.

A primeira parte he o Archipelago de Maluco, a que os naturaes não ſabem dar quantidade; mas o mais certo he, que começa paſſando Mindanáo, e tudo pera lá chama-ſe Maluco, em cujo meio ficam as ſinco Ilhas do cravo, Ternate, Tidore, Maquiem, Bachão, e Moutel. E poſto que Bachão

chão he dividida em muitas Ilhas cortadas por muitos braços de mar, que se navegam com embarcações ligeiras, todavia por ser de hum só Senhor as nomeamos por huma só. Por cima della córta a Equinoccial, e ao Norte della corre a Ilha de Ternate, que se aparta hum gráo pera o Norte, ficando entre huma, e a outra as Ilhas de Moutel, e Maquiem, todas á vista humas das outras por espaço de vinte e sinco leguas, e todas se correm Norte, e Sul. E posto que debaixo deste Archipelago se comprehendam outras muitas Ilhas, todavia quando se nomeam as de Maluco, não se entende mais que destas sinco Ilhas, por serem as senhoras, e principaes de todas; e assi por excellencia se chamam Moloc, (que he o seu verdadeiro nome,) e não Maluco, que he corrupto delle, cujo nome na sua lingua propria quer dizer, cabeça de cousa grande. Estas sinco Ilhas, e todas as mais que se comprehendem nesta primeira parte, ou Archipelago de Maluco, são senhoreadas de tres Reys, o de Bachão, o de Tidore, e o de Ternate; este senhorea as tres principaes do cravo, que são Ternate, Moutel, e Maquiem. E posto que este Rey se intitule por de Ternate, não he por se chamar assi a Ilha, (cujo verdadeiro nome he Gape,) senão porque a principal Cidade della se chama

ma Ternate. E pela mesma maneira a Ilha de Tidore se chama Duco, e a sua principal Cidade Tidore, de que aquelle Rey se honra, e intitula; assi como os Reys de França, de Senhores de París. Mas entre todos estes Reys, ao de Ternate só por excellencia intitulamos por Rey de Maluco, assi por ser senhor das principaes tres Ilhas do cravo, como já dissemos, (e de outras muitas deste Archipelago,) como pela authoridade, e em certo modo superioridade, que com a nossa fortaleza alcançou sobre os outros Reys.

A segunda parte, ou Archipelago, he o do Moro, que fica perto de sessenta leguas de Maluco ao Norte, e começa nas Ilhas de Doe duas leguas á ré da ponta de Bicoa, e não adiante, como anda nas cartas de marear, no cabo de Batochina. São estas Ilhas povoadas de gentes silvestres. A Ilha de Batochina terá em circuito duzentas e cincoenta leguas, e nella ha dous Reys, o de Geilolo, e o de Loloda, algumas vinte e cinco leguas do outro, junto de huns Ilheos, onde acaba este Archipelago da banda do Norte. E este Rey he o mais antigo de todos os de Maluco, e de todos os daquelle mar; mas hoje he o mais pobre, e fraco de todos. Os habitadores desta Ilha da banda do Norte são salvagens, sem lei, e

sem

ſem Rey, e não tem povoações ſenão pelos matos. Mas da banda do Leſte he povoada de longo do mar, e tem grandes, e bons lugares, que cada hum tem lingua ſobre ſi, poſto que todos ſe entendem. A eſta coſta chamam Morotia, que quer dizer o Moro da terra; e as Ilhas de defronte chamam Morotai, que he moro do mar, e a todas as Ilhas juntamente chamam o Moro. Seus habitadores são homens falſos, brutos, e puſillanimes; e entre elles ha hum povo chamado Momoja muito bellicoſo: carecêram ſempre de Rey, lei, eſcritura, praça, pezo, medida, moéda, ouro, prata, e de todo o outro metal; mas são todas eſtas Ilhas muito abaſtadas de mantimentos, e dellas ſe provê Maluco: as mulheres são lavradoras, e trabalham em tudo, governa-ſe cada lugar por huma peſſoa principal, que ſuccede por deſcendentes, a que não pagam tributo algum, ſenão algum peixe quando vem de peſcar. Foram grandes idólatras, adoravam páos, pedras, e ainda a figura do diabo, que pintavam com grandes fealdades. Os Reys de Maluco tanto que foram Mouros, começáram a conquiſtar eſtas Ilhas, e cada hum tomou o que pode; mas o melhor quinhão tomou o de Ternate; e depois lhe tomou o de Tidore alguns lugares com o favor dos Caſtelhanos, como em ſeu lugar diremos.

O terceiro Archipelago he o dos Papuas, que eſtá a Leſte de Maluco, que he pouco frequentado pelas Ilhas ſerem muitas, e cheias de baixos, e reſtingas. Os naturaes deſtas Ilhas são pobriſſimos, negros como Cafres, com cabello revolto, magros, feios, e de grandes, e creſpas grenhas. Chamam-lhe Papuas, que em lingua dos naturaes quer dizer pretos: são homens rijos, e aturadores do trabalho, e muito habiles pera toda a maldade, e traição. Tem todas as Ilhas Reys, e ha nellas ouro, mas vem pouco ás outras Ilhas, porque não tiram mais que o que hão miſter pera joias. Entre elles ha alguns tão alvos, e louros, como Alemães, e com o Sol são como cegos: ha entre elles muitos ſurdos, e ſegundo a informação que ha deſtas Ilhas, correm de longo de huma grande terra, que dizem que fecha no Eſtreito de Magalhães, porque alguns Pilotos Caſtelhanos navegáram de longo della mais de quinhentas leguas.

O quarto Archipelago he o dos Celebes, que eſtá a Loeſte de Maluco: ha nelle muitas Ilhas famoſas, de que as principaes são Mindanáo, e a propria dos Celebes, em que ha muitos Reys, de que em outra parte fazemos memoria. Tem mais as Ilhas Biſaya, que tem muito ferro, e Maſcaga, Masbate, que ambas tem muito ouro,

ro,

ro, que tambem ſe acha em Mindanáo, e a Ilha de Sologo, que tem muitas perolas, que não ſabem os naturaes tirar. Tem todas eſtas Ilhas, e outras muitas que não nomeamos, muitos mantimentos, Sandalo, Aguila, Canela, Canfora, Tartaruga, Gengivre, Pimenta longa, e algumas deſtas Ilhas obedecem ao Rey de Borneo, e outras ao de Ternate, e Tidore: são ſeus naturaes muito atraiçoados, andam nús, encachados, e trazem os corpos pintados com muitos lavores: uſam o cabello cortado nas fontes ao antigo Portuguez, e por detrás muito comprido, e atado no toutiço. Tem todos as teſtas muito batidas pera trás, por onde lhes ficam os roſtos parecendo maiores; trazem os dentes limados, e pretos, e as orelhas furadas. São os Celebes tão çujos, e torpes, que tem mancebia de homens; tem pequenas povoações, e em cada caſa mora toda huma geração; e penduram ao redor de ſuas caſas as cabelleiras dos que matam na guerra, e quem tem mais he mais honrado. Ha neſtas Ilhas muitas monſtruoſidades, de que não fallamos, e entre ellas huma arvore, que quem ſe põe á ſombra do Ponente, mata logo, ſenão vam buſcar a ſombra do Levante, que he ſeu antidoto.

O quinto Archipelago he o de Amboino, que eſtá ao Sul de Maluco, tem mui-

tas

tas Ilhas, que ſe governam por ſuas cabeças: as proprias de Amboino são abaſtadas de mantimentos, e de muitas, e freſcas ribeiras de ſingular agua; nunca foram ſujeitas a alguem, mas depois foram conquiſtadas dos Reys de Ternate, e Tidore, a que ficáram ſujeitas algumas daquellas Ilhas; mas pelas avexações que delles recebêram ſe rebeláram, e deram a obediencia á Rainha de Japara; e alguns lugares que são de Chriſtãos obedecem aos Portuguezes. Colher-ſe-hão neſtas Ilhas dous mil quintaes de cravo cada anno, que logram os Jaos, porque o vam reſgatar em ſeus juncos, ſem lho ninguem poder defender. Ha muitos póvos por eſtas Ilhas, em que os filhos comem os pais como são velhos: tem muitos ritos, e coſtumes barbaros, que nós não relatamos por fugir prolixidade. Dam-ſe neſtas Ilhas humas vergas cumpridas, a que chamam rotas, que affirmam alguns homens verem algumas de ſincoenta braças de comprido, e a mais groſſa he como hum dedo meiminho delgado. Ao Sul de Amboino eſtam as Ilhas de Banda, e a Leſte dellas perto de trezentas leguas, ſegundo alguns affirmam, eſtá huma Ilha de muito ouro, cujos naturaes não paſſam de quatro palmos de alto; e ſe aſſi he, são os verdadeiros Pigmeos.

CA-

CAPITULO IX.

Do que se tem da antiguidade, e povoação das Ilhas de Maluco, com as arvores do cravo, e dos nomes que estas drogas tem por todo o Mundo.

ESTAS Ilhas de Maluco, segundo se vê por seus habitadores, foram no principio povoadas de differentes nações; o que se infere da variedade das linguas que em todas ha, porque cada huma a tem de por si, só Maquiem, e Ternate deferem pouco, como Portuguezes, e Gallegos. Mas a lingua mais commum, e de que todos usam, he a Malaya, que por ser mais doce, e de melhor pronunciação, se lhe affeiçoáram todos. Os mais antigos descubridores, e povoadores destas Ilhas se acha serem os Chins; porque tambem se tem pelos primeiros inventores das embarcações, e da arte de navegar de todos os do Oriente. Alguns tem pera si, que os Jaos as descubríram, e que os Malucos procedem delles; mas o mais certo he procederem dos Chins, que passando ha muitas centenas de annos por aquelle mar em seus juncos, aportando naquellas Ilhas, vendo sua suavidade, cheiro, e fruto da terra, carregando de seu cravo; que até então não era conhecido no Mundo,

do, foram-ſe, deixando-ſe ficar muitos delles por aquellas Ilhas, que povoáram algumas partes dellas, cuja memoria ainda hoje dura, como ſe vê na Batochina do Moro, e em Bathocina de Muar, que quer dizer, terra dos Chins do Moro, e terra dos Chins de Muar, e em outras muitas partes. E como ficáram aquellas Ilhas conhecidas, e ſabidas delles, foram buſcar o ſeu cravo, que por ſeu cheiro, goſto, e mais qualidades, foi muito eſtimado de todos os que o víram. Pelo que continuáram aquelle trato, levando-o em ſeus juncos aos Eſtreitos Perſico, e Arabico de envolta com outras louçainhas, e riquezas da China, que por mãos dos Perſas, e Arabios paſſáram aos Gregos, e Romanos, que as eſtimáram, e cubiçáram tanto, que tratáram alguns Imperadores Romanos de conquiſtarem o Oriente. E como as mais das drogas foram ter á Europa, por mãos (como já diſſemos) dos Perſas, e Arabios, e elles as houveram dos Chins que lhas levavam, não lhe ſabendo ſua origem, e naſcimento, cuidando que tudo traziam da ſua Provincia da China, deram-lhes ſeu proprio nome a muitas, como foi á Canela, que Avicena, e Raſis nomeam por dous nomes; Dareine, que quer dizer páo da China, ſendo ella de Ceilão, e Cinnamomo, que quer dizer páo cheiroſo

da

da China. He tão antigo eſte conhecimento do cravo, que já Plinio, (que concorreo no tempo do Imperador Domiciano,) teve delle noticia, porque no ſeu livro duodecimo capitulo ſetimo diz, que havia na India hum grão ſemelhante ao de pimenta, ſenão quanto era mais comprido, que ſe chamava Cariofilum, e outros o nomeam por Gariofilum. Os Perſas o nomeam por Calafur. E fallando niſto com licença dos Medicos, nos parece que o Cariofilum dos Latinos he corrupto do Calafur dos Mouros, porque lá tem alguma ſemelhança; e como eſta droga paſſou á Europa por mãos dos Mouros com eſte nome de Calafur, parece que lho não mudariam. Os Caſtelhanos lhe chamáram Gilope, porque o que leváram foi da Ilha de Geilolo. Os Malucos lhe chamam Chanque. Os Medicos Bramenes o conhecem por Lavanga, poſto que tambem o nomeam pelo nome dos Mouros; mas cada hum lhe quer dar o ſeu, como nós tambem fazemos; porque os primeiros noſſos, que foram ter áquellas Ilhas, tomando-o na mão, e vendo a ſemelhança que tinha com hum cravo de ferro, lhe ficáram chamando cravo, por onde hoje he tão conhecido no Mundo. E poſto que diſſemos, que ſó nas ſinco Ilhas, (que no capitulo atrás nomeámos) ha cravo, não he porque

o

o deixe de haver em outras, ſenão pela grande quantidade que nellas ſe colhe: porque cada anno reſpondem com quatro mil bares, de quatro quintaes e meio, e vinte e quatro arratens o bar, que iſſo tem o de Ternate, e pela conta do terço que lhe tiram pelo baſtão, (porque aquelles são limpos,) dam ſeis mil bares; mas tambem o ha nos Ilheos de Ires, e Meitarana, circumſtantes a Ternate, e em Pulo Cavali, junto a Tidore, e em Geilolo, Sabugo, e Gamoconora, lugares da Batochina: e em Amboino, e na Ilha de Varenula, onde ſe dá mais cravo que todas, mas peior, e menos grado. E porque fallamos em cravo limpo, faremos declaração da differença que tem de limpo a çujo.

Quando ſacodem eſte cravo das arvores que ſe apanha, alimpam-no, e apartam-lhe a huma parte os páozinhos, a que os Caſtelhanos chamam fuſte, (que são aquellas pontinhas em que naſce o cravo, que tambem cheiram, e requeimam: e partes ha na India em que valem em igual preço do cravo, mas commummente dam por elle as tres partes menos;) e tambem lhe apartam outro cravo a que chamam madre, que he o que ficou de hum anno pera o outro, e por iſſo engroſſou, e val bem na Jaoa; e tiradas eſtas duas couſas fóra, todo o mais cravo que fica he apurado, e lhe chamam lim-

po

po de páo, e de baſtão, e eſte de ordinario val mais a terça parte, que por alimpar. Eſtes craveiros são muito grandes, verſudos, e pontagudos, porque tendo os pés groſſos, deitam muitos, e delgados ramos: a folha ſe parece com a dos loureiros, e quebrada entre os dedos cheira, e requeima alguma couſa, mas nada a caſca, e a madeira, que he muito forte, e de muita dura. He eſta arvore tão cálida, que não deita de ſi goma, como Avicena por má informação eſcreveo no livro ſegundo, capitulo trezentos e dezoito; onde diz, que a goma da arvore do Cariofiliom era ſemelhante á trementina em virtude: e muito averiguado, e experimentado eſtá por todos os naturaes, que as arvores muito quentes, e muitos frias não deitam goma, e ſó as do meio a produzem, como vemos neſtas arvores, e nas de páo preto, e páo ferro, e em outras em que ſe nunca achou. Naſce o cravo em cachos como mortinhos, e depois de maduro, que ſe conhece pela côr que he roxa, o tiram, e o ſeccam ao Sol por eſpaço de tres dias, em que toma aquella côr preta ſobre cinzenta, que ſempre tem. Mudam-ſe eſtas arvores em ſuas novidades como maleitas, o que lhe procede do muito Sol, e da muita chuva, que contino tem, por eſtarem debaixo da Equinoccial. Começam a abrolhar

em Fevereiro , e em Março , e de Setembro por diante a colher : e conhece-se a quantidade de pouca, ou muita novidade , pela flor muita, ou pouca. Os craveiros nascem sem beneficio algum , como todas as arvores do mato , porque este he o destas Ilhas: e he tamanha sua quentura , que chupa toda a humidade da terra , e não lhe deixa virtude pera produzir herva alguma ao derredor. E não só acontece isto nas hervas, pera quem não he necessaria muita humidade , mas ainda em todo o arvoredo ; porque se querem dispôr hum craveiro , buscam parte onde estam outras arvores , pera que chupando-lhes o humor , cresçam. E assi como vam subindo , vam as outras á roda seccando-se , até de todo perderem a virtude , e assi vem a mesma qualidade em seu fruto ; porque se metterem em huma adega de pipas de vinho quantidade de cravo , chupa a si todo o vinho , e por tempos deixará as pipas vazias. E se na casa onde está lançarem muita agua , em breve tempo a sorve toda de maneira , que fica a casa secca , como se nunca lhe lançáram agua. E assi os homens na India que o guardam, mandam aguar as casas em que o tem com agua do mar , (que lhe he mais natural, e o conserva , o que a doce não tem , que o damna ,) pera que lhe não falte. O cravo que

que fica nas arvores, que chamam madre, dizem que depois de grosso o comem os pombos torcazes, que ha muitos em Geilolo, e que dos caroços que purgam nascem os craveiros que lá tem. Estas arvores aos sete annos dam fruto, e de tres em tres annos a novidade grande; porque sempre tomam hum anno de folga, como as oliveiras da nossa Europa, e as mangueiras da India pera crearem novos olhos, e folhas; mas nem por isso deixam de dar cada anno cravo, ainda que pouco. E alguns cuidáram mal que lhe vinha isso de o varejarem, com o que lhe quebravam os olhos, porque em Bachão lhos cortam pera dar mais cravo, o que se vê bem claro nos ramos baixos, que não são tão açoutados, e varejados, por se colherem á mão, porque nem nestes nasce o cravo senão quando he a monção. Alguns tambem tiveram pera si, que estas arvores não se davam perto do mar, o que foi engano, porque já se víram ahi tão fructiferas como as demais: mas não as haver á borda da agua, nasce da frequentação da gente as damnificar, e isto só na nossa Ilha de Ternate, que na de Tidore, e nas outras as ha muito perto do mar, porque a agua salgada as conserva. Do meio dos montes pera cima não se criam os craveiros, pelo grande escozimento do vento, e frio, que lhes são contrarios.

CAPITULO X.

De muitas cousas notaveis que ha nestas Ilhas de Maluco, e dos fogos que algumas lançam.

EStas sinco Ilhas, a que propriamente chamámos de Maluco, são todas de huma feição, e grandeza, porque nenhuma dellas passa de seis leguas em circuito. São redondas, e querem imitar hum chapeo coscuzeiro, cujas abas são aquellas chans que todas tem em que nascem os craveiros, e que são povoadas de suás Cidades, e Villas; e do meio de todas se alevantam huns montes muito altos. São todas muito alcantiladas, e redondas, pelo que carecem de bons portos pera ambas as monções, Noroeste, e Sul; só Ternate tem o porto de Talangame, huma legua da fortaleza, onde os nossos Galeões invernam. Tem outro huma legua deste, chamado o Toloco, em que podem as náos estar com prancha em terra. E quando ElRey mandou que se fizesse fortaleza naquella Ilha, não se fez em algum destes portos, por ficar longe da Cidade onde o Rey vive. Tem ambos estes portos o rosto a Leste. Ha por todas estas Ilhas alguns arrecifes, que seus moradores abríram pera entrarem suas embarcações. E a Ilha de Ter-

Ternate tem hum defronte da noſſa fortaleza, o que tem entre a terra, e elle hum poço, onde podem entrar Caravelas de preamar, de aguas vivas deſcarregadas, e no poço eſtarem ſurtas á ſua vontade. Todos eſtes arrecifes, principalmente eſte, são de pedra que ſe gera do coral, que depois de velho endurece, e com ter muitos ramos ſe ajuntam, e convertem em pedra, de que ſe faz muito boa cal. Eſtá eſte arrecife poſto por tal ordem, que quem vai do mar demandallo, parece que vê formoſos edificios feitos alli pera defensão daquelle porto. Eſte monte de Ternate, que ſe alevanta do meio da Ilha, ſerá de altura de duas leguas, he todo cheio de arvoredo, e palmares: no cume delle tem huma eſtranha cova, que parece que deſce ao centro, que he tão larga na boca que eſcaſſamente ſe enxerga hum homem de huma banda á outra, e por ſua muita largura ſe enxerga de cima huma praça direita, como huma grande eira de pedra, e terra movediça, que alguns homens foram ver, principalmente Gabriel Rebello, ſendo alli Feitor, e Alcaide mór, e medio a altura com muitas linhas de peſcar, que ajuntou humas ás outras, e achou ter quinhentas braças. Lá em baixo arrebenta huma formoſa fonte, que corre pera huma parte, cuja agua ninguem chegou a provar, nem ſe ſabe ſe he doce, ſe ſal-

ſalgada. Eſte chão que em baixo apparece, (que como diſſemos he de pedra , e terra movediça , como hum entulho ,) ferve de contino com a força do fogo que tem por baixo , e lança pera cima muitas vezes hum tão eſpeſſo , e fedorento fumo , que parece couſa que ſe póde palpar , e fede a enxofre ; e parece que por debaixo he eſte monte oco , porque neſte tempo vai ſumido aquelle entulho , que de cima ſe enxerga pera baixo , como faz o trigo na tremonha da atafona ; e muitas vezes acontece , quando lança aquelle eſpeſſo fumo, fazer tamanhos terremotos , e trovões , que parece aos que eſtam em cima , que cahe todo o monte , e a voltas delles lança huma grande quantidade de pedras vermelhas como fogo , que ſe eſpalham pelos ares , como ſe ſahiſſem de bocas de furioſas bombardas , e eſpalhando-ſe por toda a Ilha com grandes terremotos , cahem ſobre a noſſa fortaleza , e ſobre a Cidade : e algumas vezes ſe achou irem dar nas Ilhas dos Meaos , e dos Cafures , dezeoito , vinte leguas de Ternate. O fumo que lança he de muitas côres , e eſta he a razão por que eſta Ilha he mais doentia que todas , por cauſa dos máos vapores , e corrupção do ar , e das aguas , porque muitas vezes cahem aquellas pedras nas fontes de que bebem , que parece que as corrompe. Subindo

do por esta serra acima até hum terço della, será povoada: no mais alto faz grande frio, mas não tem bicho, nem ave mais que moscas. De cima apparece grande distancia de mar, e grande quantidade de Ilhas, porque a pureza do ar faz descubrir muito. No cabo da terça parte do caminho da serra, até onde he povoada, se acha huma formosa fonte de agua tão fria, que se não póde beber senão a tragos; e lá na altura affastado hum pedaço da boca que deita fumo, arrebentou o monte por huma ilharga, e lançou em dous dias muita agua, e huma quantidade de grandes penedos, que foram fazendo pela serra abaixo grandes concavidades até o mar, levando comsigo montes, e arvores com grandes terremotos. Tem mais este monte em cima huma grande alagôa de agua doce, cercada toda de arvoredo, sobre que andam muitos lagartos de huma braça de cumprido até á ponta do rabo, e quando sentem gente, saltam de cima dentro na alagôa. No Moro ha outra cova em outro monte, que tambem lança fogo, e fumo. Nestas Ilhas todas não ha verão, nem inverno, e a chuva não tem tempo certo, mas he mais geral com o Noroeste, que com o Sul. Ha nestas Ilhas cobras de mais, e menos de trinta pés, e conforme a este comprimento he a grossura; não são daninhas,

li-

ligeiras, nem venenoſas; dizem que quando lhes falta o comer, maſtigam certa herva que conhecem, e trepando-ſe em algumas arvores que eſtam ſobre o mar, a lançam maſtigada nelle, a que acode grande cardume de peixes a comer, com que ſe embebedam, e ficam ſobre a agua, e então ſe lançam as cobras de cima no mar, e fartamſe daquelle peixe. O mar cria Crocodilos, que são mais daninhos na terra, e no mar tão covardos, que ſe deixam amarrar debaixo da agua, quando deſcem a elles alguns negros juntos com matinada. E hum Padre da Companhia que eſteve neſtas Ilhas diſſe, que víra prender hum deſtes; tem quatro olhos, e muito pequeno coração. Ha huns bichos a que chamam Cuços, que habitam nas arvores, de cujo fruto ſe mantêm; são como coelhos, o pêlo eſpeſſo, creſpo, e aſpero, entre pardo, e ruivo, os olhos redondos, e vivos, mui pequenos pés, e mãos, e rabos compridos ſem pèlo algum, por onde ſe dependuram pera melhor poderem chegar ao fruto; fedem muito a rapozinhos, não ſe lhes enxerga a natura ás femeas, porque tem huma abertura na barriga que ſenão enxerga de fóra, e apertada com as mãos, fica hum bolſo ſem pêlo, como carne bem esfolada, e o corpo inteiro, em cujo meio tem huma tripinha, em que eſtá pegado

do pela boca o filho quando andam prenhes, e alli gera, e crefce até nafcer, e fe perfeiçoar, e depois lhes fica aquelle bolfo, e ninho, onde andam até fe poderem fuftentar por fi : e quando andam no campo ao pafto, abrem os bolfos, e deitam os filhos a pafcer, e fe fentem gente, tornam a recolhellos dentro, e fogem pera as arvores fem lhes cahirem. Nos matos ha muitas aves bravas, e domefticas, e algumas das que ha na Europa. Ha huma forte de papagaios, a que chamam Nores, de côres muito formofas, e ainda que gritam muito, fallam algumas coufas bem. Contam os homens de Maluco de hum que eftando são gritára alto, *morro*, *morro*, e batendo as azas, cahíra morto : e de outro, que vindo de Amboino no paiol de huma fufta, fora hum rato pera o tomar, e elle gritára chamando por Baftião, (que era hum moço que tinha cuidado delle,) e com ifto fe livrou. Ha huns paffaros mais pequenos que patos, de grandes pefcoços, todos ruivos, e todo o mais corpo muito negro, tem os pés muito curtos como papagaios, e andam de faltinhos, tem o bico grande, e com tantos debruns nelle, como quantos annos tem, porque cada anno lhe nafce hum. A femea quando choca não fahe do ninho todo aquelle tempo, e alli a mantem o macho : em quanto alli eftá, perde toda

da a penna, e lhe naſce outra de novo igualmente com os filhos, com quem juntamente ſahe do ninho renovada. O macho he tão cioſo, que em quanto a femea eſtá no ninho, não deixa paſſar alguem por perto, e logo arremete a morder, principalmente mulheres prenhes que perſeguem mais. Ha tamanhos morcegos, que diz Gabriel Rebello, que medio hum, que tinha ſete palmos de huma ponta da aza á outra. Tem guinchos, andorinhas, zorzaes, arveolas, gaviães, mochos, corujas, e outras muitas ſortes de paſſaros, e aves. No mar tem muitas ſortes de peſcados, baleas, botos, toninhas, peixe vaca, como o do Brazil. Nos arrecifes ſe tomam huns caranguejos mui conhecidos dos outros por certo pêlo, e comendo de huma certa parte, mata logo em vinte e quatro horas. Ha outros que por outro tanto eſpaço fazem grandes febres a quem os come, e huma muito alegre doudice, porque em todo aquelle tempo não deixa de ſaltar, bailar, ſem comer, beber, nem dormir, e paſſado o termo, tornam em ſi como dantes. Eſtes caranguejos ſe criam aos pés de humas arvores que ha na praia, debaixo de cuja ſombra adoecêram algumas peſſoas da meſma doudice: eſtas arvores são mui conhecidas, e em todo o chão que ſua ſombra toca, he tão ſecco, e eſcaldado, que nenhuma

ma

ma herva produz. Ha outros caranguejos como lagoſtas, ainda que de menos pernas, com humas bocas de dentes brancos, com que quebram os caroços pera lhe comerem a amendoa: criam-ſe em covas no mato, tomam-os de noite com fogo, ou ao luar, e tem o corpo, e as pernas a meſma carne de lagoſta: no rabo tem hum bolſo de huma certa maça de mui grande goſto, pelo que são tão eſtimados, que valem tanto como huma gallinha. Em huma certa Lua perto da noſſa Paſcoa lança de ſi o mar do Moro huma grande quantidade de huma immundicia como minhocas, de que todo o mar ſe coalha: e como os naturaes já eſperam por iſto com ſeus barcos, enchem-os muitas vezes daquillo, e fazem hum betume que os ſuſtenta todo o anno, e em nenhum outro dia ſe vê mais. Ha na Ilha do Buro hum rio doce, e onde a maré não chega, faz hum pégo, em que andam muitos ſalmões mui bons, e gordos, que nas aguas vivas de outra Lua ſahem dalli, e vam-ſe ao mar, que lançam então outra grande quantidade de peixe miudo, que he tanto, que ſe fartam elles; e os peſcadores daquellas Ilhas enchem ſeus barcos, e os ſalmões ſe tornam a recolher a ſeu pégo, ſem os naturaes lhes fazerem mal; porque dizem, que por ſeu reſpeito lhes dá Deos aquella multidão de

pei-

peixe, que alli não apparece mais que aquelle dia, e o que tomam lhes dura secco, e salgado todo o anno. Ha nestas Ilhas de Maluco hum páo que tira a vermelho, que arde no fogo, e faz chamma, e braza sem se gastar, e parece que tem natureza de pedra, porque se desfaz facilmente entre os dedos, e tratado entre os dentes, trinca, e quebra. A porta da fortaleza de Ternate está huma formosa arvore chamada Catopa, de que cahem humas folhas mais pequenas que as geraes, cujo pé he cabeça de hum bicho, ou borboleta, e o talo, o corpo, e as veias, que procedem delle pés, e mãos, e as folhas azas, com que logo voam, ficando perfeita borboleta, e folha. E quando esta arvore renova cada anno, lança algumas candeias como de Castanheiro: e do pedaço de huma, diz Gabriel Rebello, que vio hum bicho servindo-lhe os grãos á roda de pés, e o talo de corpo, e as folhas novas criam huns bichos como de hortaliça, que cahem de cima pendurados por fios como teas de aranha, que acodem a apanhar huma casta de bespas, e as mettem em seus ninhos, que fazem de lama dentro nas casas, e enchendo-as daquelles bichos, tapam hum pequeno buraco que tinham pera serventia, e vamse as bespas pera outro pouso: e destes bichinhos que ficam nos ninhos se geram ou-

tras

tras beſpas, que por tempos ſahem dalli a buſcar mantimentos. Fazem neſtas Ilhas o ſal de lenha das arvores que ſe criam ao longo do mar, e ſe lhes falta eſta, da que dá o mato, que queimam, e vam coando o fogo com a agua ſalgada, e depois a cinza que fica põe-ſe em hum panno comprido, alto do chão quanto huma vara de medir, e vam-lhe lançando por cima decoada quente da meſma cinza, e vai gotejar em teſtos poſtos ſobre brazas, e alli ſe coalha aquelle licor, e faz hum pão duro que ſalga muito bem. Outras couſas muitas ha muito notaveis, que deixamos por não enfaſtiar.

CAPITULO XI.

Da Armada que eſte anno de trinta e hum partio do Reyno: e de como Manoel de Macedo ſe perdeo em Calecare, e do que alli paſſou: e de como o Governador Nuno da Cunha partio com huma groſſa Armada pera o Malavar: e da granda batalha que D. Roque Tello teve com huma Armada de Calecut.

COm as novas que ElRey teve por Manoel de Macedo, que levou Rax Xarrafo prezo, ſoube ficar o Governador Nuno da Cunha na India chegado de pouco, que determinou de prover nas couſas da India,

dia, ſem embargo dos grandes trabalhos que no Reyno havia; porque eſte anno foram tamanhos os terremotos em todo elle, (principalmente em Lisboa, Azambuja, Almeirim, Santarem, e outras partes,) que cahiam a mór parte dos edificios; e foi no mar a tempeſtade tamanha, que deſtrouçou, e quebrou todas as náos que eſtavam no porto de Lisboa; e ſe affirma, que o rio Téjo ſe abrio pelo meio, apartando-ſe ſuas aguas, deixando caminho de feição, que apparecêram as arêas. Com iſto foi tamanho o medo nas gentes, que ſe foram morar aos campos em lapas, e tendas. Os meſmos terremotos houve em Africa no Reyno de Tunes, e nos Eſtados de Frandes, e houve nos Ceos grandes, e eſpantoſos ſinaes, de que os homens andavam como paſmados. Com todos eſtes trabalhos não ſe deſcuidou ElRey das couſas da India, mandando negociar ſinco náos de que não fez Capitão mór, e nellas mandou embarcar mil e quinhentos homens. Eſta Armada ſe fez á véla em Março. Os Capitães dellas eram Archiles Godinho, Diogo Botelho Pereira, (que Nuno da Cunha mandou ao Reyno eſtando em Mombaça, como já diſſemos,) João Guedes, Manoel Botelho, e Manoel de Macedo, que levou Rax Xarrafo, a quem ElRey fez mercê da fortaleza de Chaul. E indo ſeguindo ſua der-

ro-

rota, foram as quatro dellas á India a ſalvamento com tão proſpero tempo, que ſe affirma que Achiles Godinho em menos de quatro mezes ſurgio na barra de Goa. Manoel de Macedo pela má navegação do ſeu Piloto ſe foi metter do cabo de Çamorim pera dentro ſem ſaber por onde hia, e foi varar com a náo na reſtingua da Ilha dos Jogues defronte do lugar de Calecare, que eſtá na terra firme, antes de chegar aos baixos de Chilao. Eſte lugar he povoado de Mouros Naiteás grandes ladrões. Manoel de Macedo, tanto que ſe vio perdido, deſembarcou na reſtingua, que era huma ponta de arêa, onde ſe fortificou com muita preſſa com pipas, páos, tavoas, e madeira que tirou da náo, mandando deſembarcar todo o mantimento, e agua que havia, porque logo conheceo a terra. E aparelhando o eſquife, embarcou nelle alguns homens de confiança com cartas pera o Capitão de Cochim, pera que lhe ſoccorreſſe com navios em que ſe pudeſſe ſalvar. As novas da perdição da náo corrêram logo pela terra, com que os Mouros de Calecare, e dos mais lugares vizinhos, havendo que tinham huma groſſa preza, ajuntando todos os navios que pudéram, foram demandar os noſſos, que eſtavam nos baixos, e os começáram a bater com muitas peças de artilheria, cercando a ponta em

que

que eſtavam á roda, trabalhando por deſembarcarem em algumas partes pera os commetterem dentro nas tranqueiras. Manoel de Macedo, que era muito esforçado cavalleiro, defendeo-ſe delles com muito valor, e esforço dez, ou doze dias, ſem tomar repouſo de dia, nem de noite, até lhe chegar o recado de Cochim, cujo Capitão em vendo as cartas armou com muita preſſa duas caravelas, e alguns navios de remo, que deſpedio logo. E chegando a Calecare, que os Mouros víram o ſoccorro, foram-ſe recolhendo; e Manoel de Macedo ſe recolheo nas caravelas com toda a gente, cabedal, artilheria, munições, e toda a fazenda da náo, ſem lhe ficar mais que o caſco, e ainda a eſſe puzeram o fogo, porque ſe não aproveitaſſem os inimigos de couſa alguma, e dalli ſe foram pera Cochim. O Governador eſtava eſperando pelas náos com huma Armada muito groſſa, preſtes, e preparada, pera ir ao Malavar, por eſtar aſſentado em conſelho, que ſe fizeſſe huma fortaleza no rio de Chale, pera o que ſe tinha carteado com aquelle Rey pera lhe dar lugar naquelle rio, offerecendo-lhe grandes partidos que lhe elle acceitou. E tinha tambem negociado com ElRey de Cochim pera lhe dar dous mil Nayres pera o acompanharem naquella jornada, a quem tinha manda-

dado que ſe lhes deſſem embarcações, e todas as couſas neceſſarias, com ordem ao Capitão de Cochim, que a gente que o havia de acompanhar a tiveſſe preſtes até ver ſeu recado. Todas eſtas couſas negociou por cartas no inverno, pera eſtarem preparadas como eſtavam quando as náos ſurgíram na barra de Goa. E logo deſpedio Antonio de Saldanha pera ir até Cochim recolher toda a Armada, e gente, que lá eſtava preſtes, dando-lhe por regimento, que por todo Novembro o eſperaſſe ſobre o porto de Calecut. E mandou dar muita preſſa a toda a fabrica, que havia de levar pera a obra da fortaleza, que mandou embarcar em muitos Tauris, e Cotias. E tanto que entrou o mez de Novembro, poz-ſe o Governador no mar com cento e ſincoenta embarcações, entre Náos, Galeões, Caravelas, Galés, Fuſtas, Bargantins, em que embarcou tres mil Portuguezes, e mil Laſcarins da terra. Não nomeamos os Capitães deſta Armada, porque os mais delles, ou todos, eram os que o verão paſſado acompanháram nella o Governador a Dio. Com toda eſta frota ſe fez á véla, e foi ſeguindo ſeu caminho devagar. Antonio de Saldanha, que partio diante, tanto que chegou ao rio de Panane, ſoube que eſtavam dentro duas náos do Çamorim á carga; e porque não ſahiſſem, deixou ſobre

aquelle rio D. Roque Tello Capitão do Galeão Lambea morim com alguns navios de remo, e elle paſſou a Cochim a fazer o negocio a que hia. Os Mouros, que são os que no Reyno Malavar nos fazem a guerra, foi-lhes máo de ſoffrer verem aquella barra tomada, porque perdiam muito em as ſuas náos deixarem de fazer viagem; e azedado ſobre eſte negocio o Camorim, offerecêram-ſe-lhe pera irem pelejar com o Galeão, fazendo-lhe muito facil renderem-no, o que elle acceitou, mandando com muita preſteza armar quarenta navios; e as náos que eſtavam á carga ſe fizeſſem preſtes pera darem á véla tanto que rendeſſem o Galeão. E primeiro que Antonio de Saldanha tornaſſe de Cochim, negociados os navios, e cheios da melhor gente que havia entre os Mouros, ſahíram todos juntos huma manhã, muito creſpos, e com muitos inſtrumentos de guerra. D. Roque Tello tanto que vio a Armada, aſſentou de a não eſperar ſobre amarra, e levando ancora, deo o traquete, e afaſtou-ſe hum pouco da terra, recolhendo as Fuſtas por derredor do Galeão, que preparou muito bem, fazendo ſua artilheria leſtes, e repartindo os homens de mais confiança pelos lugares mais importantes. Os inimigos vinham voga arrancada, e chegando ao Galeão o rodeáram, e começáram a deſ-
car-

carregar nelle ſua artilheria, e arcabuzaria, e tão eſpeſſas nuvens de fréchas, que empenáram o Galeão pelos maſtos, vergas, e por todas as obras de cima. O Galeão, que era muito grande, e poſſante, começou a laborar, e viſitar com ſua artilheria pera todas as partes, e foi tão bem empregada, que lhe arrombou muitos navios. As noſſas Fuſtas, que eram ſinco, ou ſeis com as pôpas no Galeão tambem fizeram ſeu emprego nos inimigos, deſaparelhando-lhes alguns navios, e matando-lhes dentro muita gente. O Galeão como andava com o traquete, mareava-ſe pera onde queria, fazendo ſeus empregos muito á ſua vontade. O Capitão mór da Armada Malavar, vendo que o hiam deſtroçando, reforçou os maiores navios de ſua companhia, e com grande determinação inveſtio o Galeão pela banda das eſcoteiras, e commetteo a ſubida: os noſſos acudindo alli lha defendêram com muito valor, lançando ao mar huns mortos, outros feridos, fazendo em todos grande eſtrago. Vendo os Mouros o deſtroço que era feito nelles, houveram por ſeu partido affaſtarem-ſe, o que fizeram com mais de dez navios menos, e nos outros a mór parte da gente perdida: e deſtroçados, e deſacreditados ſe tornáram a recolher, levando comſigo as náos pera dentro, porque já hiam ſahindo pera fóra.

D. Roque Tello, poſto que lhe feríram alguns homens, não recebeo mais damno, e tornou a ſurgir no meſmo poſto, eſperando por Antonio de Saldanha, que em Cochim deo preſſa ao ſoccorro, e Armada que havia de levar, com que tornou a voltar pera o Governador.

CAPITULO XII.

De como o Governador Nuno da Cunha chegou a Chale, e ſe vio com aquelle Rey ſobre o lugar que lhe havia de dar pera fazer a fortaleza: e dos tratos que houve entre elle, e o Çamorim ſobre pazes: e de como ſe concluíram, e ſe começou a fortaleza.

DEixámos o Governador dado á véla pera o Malavar, que foi continuando ſeu caminho muito devagar, por cauſa da grande frota que levava: e meado Novembro foi deitar ferro ſobre a barra de Chale, mettendo tamanho terror, e eſpanto em todo o Malavar, que encolheo todos aquelles Reys. O Çamorim como mais culpado ſe fortificou, e repairou, porque não ſabia aquelle negocio em que veria a parar. O Governador achou já alli Antonio de Saldanha com huma grande frota de muita, e muito boa gente, e deixando os Galeões, e náos fóra, paſ-

ſan-

ſando-ſe aos navios de remo, entrou no rio, onde foi logo viſitado da parte de Unirama Rey de Chale; e depois de tratarem ſobre as viſtas, e ElRey eleger o dia que ſeus Bramenes lhe aſſignáram, vieram á falla á borda da praia, onde o Governador o eſperou com todos os Fidalgos, e Capitães da Armada, e as Fuſtas com os proizes em terra, com toda a gente poſta em armas. ElRey chegou ao meſmo tempo acompanhado de alguns Senhores vizinhos, e de todos os principaes de ſeu Reyno. O Governador o recebeo com grandes honras, e lhe fez muitos offerecimentos da parte d'ElRey de Portugal, e alli logo aſſentáram as pazes, e amizades, que juráram ambos a ſeu modo. E lhe prometteo ElRey em aquelle ſeu porto hum lugar pera fazer fortaleza na parte que elle eſcolheſſe, de que paſſou ſuas ollas, e aſſinados. E logo o Governador deo a ElRey huma eſpada, e adaga de ouro muito rica, e algumas peſſas de veludo de côres, e de brocado, aſſi pera elle, como pera ſeus Regedores, de que todos ficáram contentes. O Governador notou logo o ſitio em que ſe poderia fazer a fortaleza, que era em huns palmares, que ficavam ſobre o rio da banda do Sul, por terem alguns poços de agua boa pera beber: e porque eram de partes, os comprou por ordem d'ElRey

muito á vontade de ſeus donos. Logo alli mandou traçar a fortaleza, e derribar os palmares, o que ſe fez aquelle dia. Ao outro deſembarcou o Governador, e poz toda a ſua gente em terra pera começar a pôr as mãos na obra, aſſentando o ſeu exercito na parte que lhe pareceo ſobre o rio, e por detrás o mandou fortificar muito bem, no que gaſtou aquelle dia. Ao ſeguinte mandou abrir os aliceſſes, ſendo elle o que deo as primeiras enxadadas ao ſom de muitos inſtrumentos de alegria, e ſalvas de artilheria de toda a Armada, eſtando ElRey preſente com os ſeus, que tambem feſtejáram aquelle auto com outros inſtrumentos a ſeu modo. Os Capitães, Fidalgos, e principaes da Armada tomáram á ſua conta a obra do aliceſſe, repartindo-a entre ſi, em que os trabalhadores, que eram muitos, foram pondo as mãos, correndo os Fidalgos, e ſoldados com os ceſtos do entulho que ſe tirava, tudo com tanto regozijo, e contentamento de todos, que era muito pera ver. Os aliceſſes foram abertos em poucos dias, pela multidão dos trabalhadores que havia, e logo começou a correr a obra de pedra, e cal, de que foram muitas cotias carregadas de Goa. O Governador andava entre os trabalhadores apegando tambem das padiolas, e com a bolſa ſempre aberta, dando a to-

todos muito liberalmente. Aqui veio Nirange, hum Rey da outra banda de Chale, a visitar o Governador, que elle recebeo com grandes gazalhados, e lhe deo peças, e brincos, que he cousa em que estes Gentios todos trazem o olho. A obra hia crescendo a olho, porque os officiaes della eram repartidos pelos baluartes, e cada hum trabalhava no seu, de que eram os olheiros os Capitães mais velhos, pera assi virem todos juntos a hum tempo sobre a terra. E porque defronte do lugar em que se fazia a fortaleza estava huma mesquita de Mouros antiga, e grande, que lhe ficava em padrasto, tratou o Governador em segredo com o Rey mandalla derribar: e primeiro que o acabasse com elle, teve muito grande trabalho, e o peitou com muitas peças ricas, e contra vontade dos Mouros, que se a isso oppuzeram, a mesquita foi derribada, e a pedra trazida pera os muros que alumiou muito na obra, que hia crescendo a olho. O Çamorim, que estava encolhido com ver o Governador em Chale, tanto que soube das pazes que tinha feitas com aquelle Rey, e que já se começava a pôr as mãos á fortaleza, havendo seu conselho, pareceo-lhe que lhe convinha tratar de amizades com o Governador, porque com aquella nova fortaleza ficava tão sujeito todo o seu Reyno, que de ne-

nenhum rio delle podia sahir náo sua pera Meca, o que sería total destruição sua. E não se descuidando nesta materia, foi-se ver com ElRey de Tanor, e lhe pedio que fosse terceiro entre elle, e o Governador, e os concertasse, o que elle prometteo de fazer. E logo se foi a Chale ver com o Governador, que o recebeo com grande apparato, e lhe deo huma espada de ouro esmaltada, com outras peças curiosas. E depois de passada a primeira vista, se tornou a ver com o Governador, e tratou com elle sobre as cousas do Çamorim, sobre o que o Governador o ouvio, e lhe concedeo tudo o que sobre isso lhe pedio, mostrando que o fazia com muito gosto, por elle ser o terceiro nellas. Logo vieram Embaixadores do Çamorim, e assentáram, e juráram as pazes com o Governador, cujos capitulos não achámos neste Estado. O Governador despedio os Embaixadores, e com elles hum daquelles Capitães, a quem não sabemos o nome, pera ir visitar o Çamorim, e a ver jurar as pazes por elle, mandando-lhe hum rico presente, e muitas peças pera o Principe, e pera os Regedores. Este homem levou doze navios comsigo, e foi a Calecut, onde o Çamorim o recebeo com muitas honras, e tornou a jurar as pazes de novo com grandes solemnidades, e alvoroço de todo o

po-

povo pelo proveito que diſſo tinham. O Embaixador ſe deſpedio do Çamorim, e tornou-ſe ao Governador, que eſtimou muito as pazes por fazer aquella fortaleza mais á ſua vontade. Com eſtas pazes começáram a vir alguns Senhores de Calecut a viſitar o Governador, e entre elles foi Paná Ache pai do Principe herdeiro do Çamorim, a que o Governador recebeo muito bem, e lhe deo muitas peças, porque com eſtes Gentios primeiro ſe ha de dar que negociar. A obra da fortaleza foi correndo tão apreſſadamente, que aos quinze de Dezembro já eſtava toda á roda em altura de hum homem; e eſcrevendo a ElRey o eſtado das couſas da India, deſpedio as náos pera irem tomar a carga a Cochim, porque até então as teve comſigo. Eſtas náos acháram a carga preſtes, e tomando-a em breves dias, deram á véla pera o Reyno, aonde todas chegáram a ſalvamento.

CA-

CAPITULO XIII.

Da Armada que o Governador Nuno da Cunha mandou ao Estreito de Meca, de que foi por Capitão mór Antonio de Saldanha: e da guerra que Diogo da Silveira fez por toda a costa de Cambaya.

VEndo o Governador a fortaleza em estado que já se podia defender, e que estava amigo, e quieto com todos aquelles Reys, despedio Antonio de Saldanha pera o Estreito de Meca a esperar as náos de Cambaya, e do Achem, a quem deo seis Galeões, de que eram Capitães, elle, que hia em S. Mattheus, D. Roque Tello no Lambea morim, D. Fernando Deça o narigão em huma Galeaça, Antonio de Lemos da Trofa nos Reys Magos, e Francisco da Cunha em outro Galeão. Deo-lhe mais doze navios, cujos Capitães eram Thomé Baião, Fernão Lourenço, Diogo Gonçalves, João Correa, Tristão Dorta, Gaspar de Lemos, Christovão Rangel, Francisco Mendes, Antonio Fernandes, e outros. O Governador deo por regimento a Antonio de Saldanha que fosse invernar a Ormuz. Esta Armada se fez á véla por fim de Janeiro deste anno de 1532 em que entramos; e de sua jornada adiante daremos conta, porque he razão

que

que continuemos com Diogo da Silveira, que deixámos invernando em Chaul, a quem o Governador efcreveo que de lá fe paffaffe á enceada de Cambaya, e fizeffe por ella toda a guerra que pudeffe, mandandolhe pera iffo mais gente, e provimentos. Na entrada de Setembro fahio daquella barra com quarenta navios, de que a fóra elle (que hia na galé Conceição) eram Capitães Manoel de Miranda, Joanne Mendes de Macedo, Pero Preto, Diogo Dalva, Antonio Borges, Jorge Pires, Gonçalo Fernandes, Antonio de Faio, Chriftovão de Caftro, Filippe Alvão, Belchior da Veiga, Ayres Dias, Manoel Rodrigues Coutinho, Luiz Coutinho, Francifco da Silva, Affonfo Alvares, Bartholomeu Vaz Zambujo, Henrique Amado, Francifco de Soufa, João Correa Feitor da Armada, Antonio Velofo, Nuno de Andrade, Paio Rodrigues de Araujo, Ruy Freire, Diogo Porfee, Jorge Dias, Diogo de Lemos, Rodrigo Girão, Balthazar da Silva, e outros: e com toda a Armada fe paffou á ponta de Dio a efperar as náos que haviam de vir de Meca, e de Ormuz, onde andou todo Outubro fem lhe ir cahir coufa alguma nas mãos, porque as náos de Meca eram chegadas a Dio primeiro que elle. Vendo que o tempo fe lhe hia gaftando, voltou pera a enceada de Cambaya, e

foi

foi demandar a Cidade de Bandorá, que he a primeira do Reyno de Cambaya da banda do Sul, que eſtava muito proſpera, e rica, por ſer de grande trato, e commercio. E aſſentando com os ſeus Capitães de dar nella, a commetteo huma madrugada por duas partes; e pojando em terra acháram na praia perto de mil e quinhentos homens, que ſahíram da Cidade a lhe defender a deſembarcação, como fizeram; mas a noſſa arcabuzaria os affaſtou de feição, que tiveram lugar de ſaltarem em terra, onde tiveram huma grande batalha; mas como a noſſa arcabuzaria era muita, fez nelles tal eſtrago, que os arrancáram do campo, e os foram levando até á Cidade, em que entráram de envolta com elles tão apreſſadamente, matando, e ferindo nelles, que lhes não deram tempo pera ſe determinarem, antes com o medo que levavam foram ſahindo pela outra porta fóra pera a banda do ſertão, ficando a Cidade em mãos dos noſſos com todo o ſeu recheio, de que foi ſaqueado o melhor, e a tudo o mais ſe deo fogo, em que a Cidade ardeo eſpantoſiſſimamente. Diogo da Silveira ſe recolheo perdendo neſta jornada dous homens, a fóra feridos que houve alguns. Dalli ſe paſſou ao rio de Bombaim, e por elle dentro foi demandar a Cidade de Taná, que com as coſtas, e favor

de

de Melique Tocão eſtava rebellada, e não pagava as pareas. E chegando a ella com a enchente da maré, deſembarcou tambem em duas partes. E poſto que acháram muitos Mouros pera lhe defenderem a deſembarcação, todavia a pezar ſeu ſaltáram em terra, e commettêram a Cidade, em que acháram muito grande reſiſtencia; mas os noſſos com grande eſtrago dos Mouros a entráram, e foi aſſolada, e deſtruida, e poſta a fogo, e a ferro, o que tudo ſe fez em tão breve eſpaço, que ſe tornáram a embarcar primeiro que a maré vaſaſſe, porque alli fica tudo em ſecco. E ſahidos do rio voltáram pera a enceada de Cambaya, e dalli até Surrate foram dando em todas as aldeas, e povoações que acháram ſobre o mar, em que cativáram, e matáram muita gente, pondo tudo a ferro, e fogo, não perdoando a couſa alguma. Aqui defronte de Surrate deo hum tempo á Armada, que eſtava perigoſa, com que o navio de Franciſco da Silva foi dar á coſta; mas ſalvou-ſe toda a gente, que foi tomada dos outros navios. Paſſado o tempo, e não havendo por aquella coſta mais que fazer, paſſáram-ſe á outra de Dio, e o meſmo damno fizeram nos lugares do Caſtelete, Taloya, Madrefaval, queimando naquelles portos muitos navios carregados de fazendas. Em fim tantas cruezas

zas fez eſta Armada eſte verão , que todos os moradores do maritimo deſpovoáram ſeus lugares , e foram á Corte com grandes prantos , e queixas , que Soltão Badur ſentio muito. Diogo da Silveira andou todo o verão por aquella enceada , e como foi tempo ſe recolheo com mais de quatro mil cativos , e carregados todos de riquezas , e deſpojos.

CAPITULO XIV.

Do que o Governador Nuno da Cunha fez em Chale , e acabou a fortaleza , e a proveo de Capitão : e das ceremonias que os Nayres guardam no negocio das jangadas , e que couſas são Amoucos.

FOi o Governador Nuno da Cunha continuando na obra da fortaleza com tanta preſſa , que quando foi por fim de Fevereiro a poz em ſua perfeição , fazendo-lhe caſas pera o Capitão , e pera ſoldados , almazens , Igreja , e todas as mais couſas neceſſarias. E pera mór ſegurança da fortaleza mandou derribar todas as caſas , e palmares á roda , pera lhe deixar terreiro , o que tudo fez a poder de peitas , comprando a ſeus donos os chãos muito bem. E tendo tudo feito á ſua vontade , provêo a fortaleza de Capitão ; pera o que elegeo Diogo Pereira hum Fidalgo velho , e muito honrado , e lhe af-

assinou duzentos e sincoenta soldados de guarnição, com alguns Capitães pera lhes darem mezas, que deixou alli com seus navios, e guarneceo a fortaleza de boa artilheria, que mandou tirar dos Galeões, e de seus bombardeiros, e os almazens provêo de muitas munições, e mantimentos de trigo, e arroz pera aquelle inverno. E pera maior segurança da terra, tomou por Jangada da fortaleza ao mesmo Rey de Chale, dando-lhe por isso huma tença cada anno. E sendo tempo de se recolher pera Goa, se despedio delle, e o mandou fazer do Çamorim, e deo á véla.

E porque este negocio de Jangadas não he entendido na Europa, daremos razão da ordem que nisso guardam os Nayres de todos estes Reynos. Esta Provincia Malavar he toda povoada de Gentios idólatras, mui supersticiosos, e differentes em castas, e ritos. Huns delles chamados Nayres, (que são os principaes de todos, e mui dados ao exercicio das armas, em que todos são mui destros:) Outros chamados Tibas, que são lavradores, pescadores, e que usam toda a mecanica: Outros chamados Poleas, que he a mais infame de todas, e tão avorrecidos dos mais, que não podem viver entre os outros, nem communicallos, nem tratallos, (como antigamente eram os do povo de Sama-

maria com os Judeos.) Esta casta baixa usam os officios de magarefes, de lavandeiros, çapateiros, pedreiros, alimpadores de ruas, e que levam as immundicias das casas fóra. Os Nayres como superiores de todos, são tão soberbos, e arrogantes, que pelas ruas por onde passam, vam bradando alto, *pó*, *pó*, que quer dizer, affasta, affasta. E assi tanto que são ouvidos de todas as mais nações inferiores, logo lhes despejam as ruas, e se escondem pelos becos, e pelas casas. Os Mouros, que são forasteiros naquelles Reynos, usam a arte do mar, e da mercancia, são todos Arabios, ou seguem sua seita, de huma casta chamada Naiteas. Estes vindo ter áquella Provincia, misturam-se em casamento com os naturaes, tirando Nayres, (que esta casta não se mistura com outra,) e dantre elles nascêram huns mestiços, de que toda aquella fralda do Malavar he povoada, os mais falsos, máos, e enganosos Mouros, que ha entre todos os do Mundo: Estes vivem nesta Provincia como cativos dos Nayres, que tem liberdade pera lhes entrarem por suas casas cada vez que quizerem, quer estejam nellas, quer não, e elles não podem entrar na de algum Nayre. E em tudo o mais, no modo de fallar, no desprezo os tratam como escravos, porque cuida o Nayre que nasceo pera ser senhor de

to-

todas as mais nações. E assi são tão soberbos, que andam sempre assoprando. Todos em geral são homens mui bem dispostos, de côr bassa, andam nús da cinta para cima, e cingidos com huns pannos brancos grandes, com que dam muitas voltas ao redor de si até aos giolhos. As cabeças trazem descubertas, os cabellos mui grandes, e crescidos como mulheres, e apanhados no meio della; trazem de contino espadas, e rodellas, e nos braços manilhas de ouro, e pedraria lá em cima nos buchos; e isto trazem os que na guerra fazem feitos assinalados, que he a sua insignia de honra, como entre nós os habitos das cavallerias. As mulheres Nayras são formosas, e bem dispostas, vestem pannos alvos, e com huma volta por hum hombro, não cubrindo os peitos até á ilharga da outra banda, andam sempre limpas, e luzidias, untadas de azeites cheirosos. Ouvimos em Portugal no Paço contar aos homens velhos, que aquelles Embaixadores que ElRey de Calecut mandou a ElRey Dom Manoel, tendo-os em hum serão de festa por lhes mostrar a grandeza de sua Corte, estando as Damas, (que então havia muitas, e muito formosas, e ricamente vestidas, e adornadas,) lhes mandára ElRey perguntar, que lhes pareciam aquellas Damas? Ao que os Nayres respondêram, que muito bem;

mas que todavia não havia coufa como huma Nayra, que com huma bochecha de agua lhe lavavam todo o corpo. São eftas mulheres commuas pera os parentes dos maridos, e affi vivem todos tão feguros de ciumes, que indo hum pera fua cafa, fe acha á porta da banda de fóra a rodella do outro, que eftá dentro com fua mulher, (porque he obrigado a deixar aquelle fignal fóra,) torna a voltar, e vai-fe a paffear até que lhe defpejem a cafa: e efta he a razão, por que feus filhos não são feus herdeiros, fenão os de fuas irmans, porque eftes hão por de feu fangue, fejam feus pais quaefquer que forem. Guardam eftas gentes hum coftume com os eftrangeiros mui digno de louvar, e engrandecer: Efte he, que tendo hum forafteiro neceffidade do favor de hum deftes Nayres pera paffar de huma parte pera outra, pera fegurar fua peffoa de ladrões, e falteadores, chega-fe a hum Nayre, e lhe pede feja fua Jangada, e lhe dá por iffo algum dinheiro, valía de meio cruzado: Efte Nayre tanto que lhe toma o feu dinheiro, lhe dá a mão em final que o toma em fua guarda, e affi o leva comfigo até onde o outro lhe releva, muito feguro, e fem receber affronta de peffoa alguma. E fe acafo efte forafteiro for avexado, ou affrontado de alguma peffoa, fica efta affronta, e injúria tan-

to

to á conta deste Nayre, e de toda sua geração, que logo se ajuntam todos, e se offerecem a morrer até satisfazerem aquella affronta, usando certas ceremonias, como homens que se despedem da vida, rapando as barbas de huma ilharga, que he o final de homens determinados a morrer, a que elles chamam Amoucos, e juntos todos, dam naquelle lugar onde lhe fizeram a affronta, e o destroem, e abrazam. Pelo que he isto tão arreceado em todo o Malavar, que se hum Portuguez, (que he a mais odiosa nação de todas com os Mouros,) quizer passar de Cananor pera Cochim por todo aquelle Malavar, posto que esteja de guerra, e por meio dos Mouros, que lhe beberáõ o sangue; tomando sua Jangada, vai com ella tão seguro, como por Alentejo, sem lhe ninguem perguntar donde vem, nem pera onde vai. E se este Nayre que se fizer Jangada for menino, ainda esse he muito mais seguro; porque a affronta que se faz a hum destes, a satisfazem mais, que a que se faz a hum homem grande; porque dizem, que quanto menos força este tem pera se defender, tanto he mór a obrigação dos parentes em acudirem pela affronta que se lhe fizer. Em outro negocio se fazem estes homens Amoucos, que he quando na guerra lhe matam o seu Rey, então todos os seus criados, fa-

miliares, e todos os que delle tem tenças, ordenados, e comedías, logo se fazem Amoucos, e se determinam a morrer em vingança do seu Rey; que são tão receosos, e precatados, que por essa causa nas batalhas nunca se atira bombardada, espingardada, nem fréchada aonde está hum sombreiro alevantado, que he a insignia d'ElRey, pera que saibam que está elle alli. E por esta razão as nossas fortalezas do Malavar tem Jangadas, a que ElRey dá tenças, que são obrigadas com todos os parentes, e criados acudirem ás affrontas que os vizinhos lhes fazem. Destes Amoucos achámos que Cesar no seu Bello Gallico fez tambem menção; porque diz, que andando Publio Crasso em Guiana, e estando sobre hum lugar dos Sonciates, sahíra de dentro Adjantana, que era alli Governador, com seiscentos Soldrios, que he o mesmo que offerecidos, que tinham por lei morrerem, e acompanharem em todos os trabalhos aquelles a quem se offerecessem por amizade, ou serviço: e que jámais se achou escusar-se nenhum destes da morte, vendo matar aquelles a quem se offerecêram, que he o mesmo que tem estes Amoucos. Destas Jangadas dos Nayres faz tambem Sabelio menção, e diz que os Nayres do Malavar guardavam a ordem da cavalleria, e que andavam pelos caminhos

de-

defendendo as donas, e donzellas, e satisfazendo-as de seus aggravos. O Governador depois de chegar a Goa, despedio os provimentos pera Malaca, Maluco, e mais fortalezas, e com isto se serrou o inverno.

DE-

DECADA QUARTA.
LIVRO VIII.
Da Hiſtoria da India.

CAPITULO I.
Das couſas, que eſte anno paſſado acontecêram em Maluco: e de como os da terra matáram o Capitão Gonçalo Pereira, e lhe ſuccedeo Vicente da Fonſeca.

DEIXÁMOS as couſas de Maluco em Gonçalo Pereira Capitão daquella fortaleza correr em pazes, e amizades com a Rainha, e com os Ternatezes, pela promeſſa que lhes tinha feito de lhes dar El-Rey, e lhe davam todas as ajudas neceſſarias pera a obra da fortaleza, em que hia trabalhando com muita preſſa, por eſtar rota por muitas partes; e vendo que a terra eſtava de paz, começou a pôr em execução certos regimentos que levava ſobre o cravo daquellas Ilhas, que nunca comprehendem os

os Capitães das fortalezas senão os pobres dos moradores dellas, que as sustentam no tempo das necessidades com seu braço, com seu sangue, e com seu dinheiro: e os Capitães acabam os seus tres annos, e vam-se pera Portugal cheios de ouro, deixando as fortalezas estragadas, e os vizinhos escandalizados com suas desordens, e tyrannias, e a terra de guerra, e sem provimentos, e os moradores com os trabalhos, e sem proveitos; porque esses poucos que tem, ha homens tão zelosos do serviço do Rey, e tão amigos de sua fazenda, que lha querem accrescentar com diminuição da de seus vassallos, dando alvitres pera isso, que todos vem a redundar em proveito dos Capitaẽs; e raramente neste negocio de accrescentar se falla verdade ao Rey; porque como tratam de seu particular ou pera enriquecerem, ou pera medrarem, mostram os proveitos, e encobrem as perdas; e as que os Reys mais sentem são as de seus vassallos, que todos desejam de apoupar, e conservar, porque Rey de vassallos pobres não póde ser rico, e as perdas que estes desejosos de enriquecer o Rey lhe encobrem, debaixo de hum pequeno de dourado, he como pirola dourada, que se o Rey a mastigar forçadamente, lhe ha de amargar, e como Catholico, e Christão ha de sentir as perdas de seus vassal-

ſallos: eſtas perdas, e crecenſas nós alguma hora apontaremos ſe nos cahir a pêlo, poſto que muito claramente o temos já feito no noſſo *Dialogo do ſoldado prático*. E tornando ao Capitão de Maluco, como ſe vio quieto, e que não havia miſter os homens, mandou lançar pregões, que nenhuma peſſoa compraſſe cravo em todas aquellas Ilhas ſenão o Feitor d'ElRey, e com iſſo mandou pelos officiaes entrar pelas caſas dos caſados, e tomar-lhes todo cravo que lhes achaſſem, pagando-lho pelo preço da terra: e todos os pezos, e balanças, medidas, e toda a outra couſa deſta qualidade, que por todas as caſas achou, mandou queimar publicamente. Eſta couſa eſcandalizou tanto os moradores de Ternate, (porque ficavam ſem remedio algum, e não tinham pera que viver na terra, ſe lhes tolhiam o commercio della,) que ſe ajuntáram todos em caſa do Vigario da fortaleza, (que com o braço Eccleſiaſtico muitas vezes fazem tambem por todas as fortalezas bem de ſem-razões,) e alli tratáram ſobre não conſentirem aquelles aggravos, e injuſtiças, fazendo-ſe cabeça hum Vicente da Fonſeca, e aſſentáram que ſe foſſe fazer hum requerimento ao Capitão, que os deixaſſe viver na liberdade em que eſtavam; e que quando não quizeſſe, que deixaſſem todos a fortaleza, e ſe paſſaſſem

hums

huns pera os Castelhanos, e outros pera a povoação dos Mouros. Isto houveram alguns que era caso mui rijo desamparar a fortaleza d'ElRey, e que menos mal sería solicitarem a morte ao Capitão por via dos naturaes. E andando assi indeterminados, succedeo mandar o Capitão prender Vicente da Fonseca por humas palavras que teve com hum sobre rolda: isto escandalizou tanto aos da conjuração, que logo se foram alguns em segredo a casa da Rainha, e com ella, e com seus Regedores tratáram os aggravos do Capitão, dizendo-lhes, que era hum tyranno, e máo, e que fora pera aquella Ilha pera destruição de todos, e que soubesse de certo, que o juramento que tinha feito de lhe entregar o Rey que tinha na fortaleza, que o não havia de cumprir, antes estava determinado de a prender a ella, e aos Regedores pera se melhor segurar, porque outra vez com qualquer achaque lhe não tolhessem os mantimentos, como já fizeram; e que lhe certificavam, que se o não matavam, que elle poria todos os daquella Ilha no mais miseravel estado em que nunca se víram, e que todos os Portuguezes haviam de folgar com sua morte, e que quando lha quizessem ordenar a não haviam de impedir, antes favorecer. A Rainha, e os Regedores ficáram muito contentes de verem

aquel-

aquellas divisões, porque esperavam de por ellas tornarem a cobrar a liberdade daquella Ilha, e lançarem fóra todos os Portuguezes: e vendo que se lhes offerecia tamanha occasião, não a quizeram perder. E fazendo a Rainha ajuntamento de todos os principaes da Ilha, lhes fez a todos esta falla:

» Bem vos lembra, amigos meus, a quem
» eu sempre amei como filhos, que vindo
» os Portuguezes ter a estas Ilhas perdidos,
» os mandou ElRey Boleife meu marido bus-
» car, e trazer pera esta Ilha, onde com hon-
» ras, e mimos os recebeo, e agazalhou,
» e deo fortaleza, perdendo por amor del-
» les a amizade dos Reys vizinhos, e pa-
» rentes. E depois que os recolheo nesta ter-
» ra, pelos sustentar, e defender nella, teve
» muitas guerras, perdas, e damnos, e ar-
» riscou muitas vezes a vida, e o Estado,
» tratando-os em quanto viveo com mais
» amor, que a seus proprios filhos: mas el-
» les em satisfação deste hospicio, gazalha-
» dos, mimos, e favores, fechando ElRey
» meu marido os olhos, quizeram logo lan-
» çar mão de mim, que lhes escapei, andan-
» do muitos tempos por matos, e por bre-
» nhas, passando muitas miserias, e desaven-
» turas, tomando-me meus filhos meninos
» com engano; e quando meu filho Baya-
» no começava a entrar em idade pera to-

» mar

» mar poſſe do Reyno , matáram-mo com
» peçonha, e póde bem ſer que ſe não acu-
» dir, o façam a eſſoutro que tem na forta-
» leza, tão mal tratado , como ſe fora al-
» gum malfeitor, e fugitivo. E além diſto,
» aſſi quizeram tratar noſſas fazendas , ca-
» ſas , e ainda noſſa propria patria , como
» ſe fora todo ſeu, e nós foramos os foraſ-
» teiros, avexando-nos ſobre iſto, fazendo-
» nos guerra, uſando as crueldades que ha
» poucos dias viſtes nos noſſos proprios na-
» turaes, deitando-os aos cães, como alima-
» rias brutas. Qualquer deſtas couſas era mui
» baſtante pera trabalharmos de ſacudir de
» noſſos peſcoços hum tão duro, e pezado
» jugo, quanto mais tantas quantas pera iſ-
» ſo temos. E ſobre tudo iſto , o que he
» mais de ſentir, a affronta que ſe faz á noſ-
» ſa religião , avexando noſſos Sacerdotes,
» deſprezando noſſos templos, e vituperan-
» do noſſa lei. E pois o tempo nos offere-
» ce tamanha occaſião, como a que hoje ha
» com a deſavença dos Portuguezes com ſeu
» Capitão, lancemos mão della, pois temos
» em noſſo favor todos os Portuguezes , e
» então ahi nos fica depois matarmo-los a to-
» dos , e darmos liberdade ao voſſo Rey ,
» e á voſſa patria, e não conſentir mais hoſ-
» pedes, que tão mal nos hão de pagar o
» gazalhado.

A

A todos movêram as razões da Rainha, a quem não faltáram lagrimas em quanto renovou as cousas passadas, e todos alli se lhes offerecêram pera dar á execução aquelle negocio, tratando logo alli o modo, e o dia, em que havia de ser. Assentando isto entre elles, pera mór dissimulação, mandava a Rainha correr com as cousas necessarias pera a obra da fortaleza em muita abastança, dizendo publicamente (pera que o Capitão o soubesse) aos officiaes, que dessem pressa ás obras, porque nisso estava haver seu filho, como lhe tinham promettido. E vindo o dia ordenado em que haviam de matar o Capitão, ajuntáram-se os Ternates com suas armas na força do meio dia, e foram-se huns poucos metter em huma mesquita, que estava detrás da fortaleza, e outros em hum bosque, que alli estava perto, com ordem, que como vissem sinal da fortaleza, arremettessem a ella por huma parte que ainda estava quebrada. E entre os officiaes que hiam á obra se mettêram alguns com armas secretas, em trajos de trabalhadores; e os criados d'ElRey, que hiam, e vinham á fortaleza fallar com elle, e servillo, tambem leváram suas armas. Estes entrados na fortaleza sem lho ninguem impedir, como homens que eram alli continuos, entráram aonde estava ElRey, e lhe deram

avi-

aviſo pera que eſtiveſſe preſtes. Dalli ſe foram a caſa do Capitão, que eſtava dormindo a ſéſta, ſem haver ninguem nas caſas, por ſerem todos os ſeus criados, e familiares recolhidos. Os Ternatezes puzeram os hombros ás portas, que eſtavam fechadas, e dando com ellas dentro, arremettêram ao Capitão, (que ás pancadas tinha já acordado,) e levando de huma eſpada, e rodella, ſe defendeo hum pedaço; mas como os inimigos eram muitos, carregáram ſobre elle, e o ataſſalháram, fazendo nelle anatomias eſpantoſas. E huma eſcrava ouvindo o reboliço, começou a gritar. Os Ternatezes que eſtavam detrás da meſquita ſentíram tambem o eſtrondo, e ſem eſperarem o ſinal ſahíram fóra, e deram com hum Portuguez com quem arremêtteram pera o matar; mas elle foi fugindo, e gritando, *Mouros*, *Mouros.* Já neſte tempo os criados do Capitão tinham acudido com ſuas armas aos gritos da eſcrava, e ſubindo á torre da menagem, onde o Capitão ſe agazalhava, acháram dentro os que o matáram, e remettendo com elles os fizeram lançar pelas janellas fóra, fazendo-ſe em baixo todos em pedaços, e acudindo ás portas as fecháram com muita preſſa. Os Ternatezes, que eſtavam emboſcados, não ouvindo o ſinal que lhes haviam de fazer, e ſentindo o repique na fortaleza,

(que

(que tanto que fecháram as portas logo o deram) havendo que eram descubertos, recolhêram-se pera a Cidade. Os Portuguezes da conjuração, que foram naquelles tratos, acudíram com suas armas pera dissimulação, e entráram na fortaleza, e acháram o Capitão morto. E acudindo o Alcaide mór, requereo a todos, que conforme ao Regimento d'ElRey de Portugal, o houvessem por seu Capitão, a que elles não quizeram deferir, antes se atravessou o Vigario da fortaleza, chamado Fernão Lopes, e fazendo-se cabeça de todos, fez eleger Vicente da Fonseca (que estava prezo) por Capitão, que logo tomou posse da fortaleza. Isto foi cousa muito escandalosa, e contra o serviço d'El-Rey. Tanto que Vicente da Fonseca tomou posse da fortaleza por ordem do Vigario, sem haver quem fizesse justiça ao Alcaide mór, lançou logo mão d'ElRey, e o reteve, e a primeira cousa em que entendeo foi largar outra vez o trato do cravo como d'antes. E porque todos foram em consentimento da morte do Capitão, fez-se della pouco caso, porque nem devassa se tirou della, não deixando de correr em paz, e amizade com a Rainha, e Ternatezes. A Rainha mandou de novo pedir ao Capitão, que lhe entregasse seu filho, pois ella tinha dado toda a ajuda que lhe pedíram pera a fortaleza, que es-

eſtava acabada. Vicente da Fonſeca poz aquelle negocio em parecer dos caſados, e todos aſſentáram, que não era licito entregarem aquelle Rey, até ſe não fazer a ſaber ao Governador o que era paſſado. Diſto ſe eſcandalizou a Rainha, mas diſſimulou alguns dias, não deixando de requerer o filho com rogos, e com peitas. Neſte eſtado deixaremos as couſas deſte anno, de que aviſáram ao Governador, pedindo-lhe que proveſſe nellas.

CAPITULO II.

Da Armada, que eſte anno de 1532 partio do Reyno: e do que aconteceo a D. Eſtevão da Gama na Coſta de Melinde. E da grande guerra, que Diogo da Silveira fez no Reyno de Cambaya; e de como deſtruio as Cidadas de Por, e Mangalor.

SEm embargo deſte anno de 1532 andar ElRey D. João occupado em ajudar com dinheiro, e outras couſas ao Imperador ſeu cunhado, que ſe fazia preſtes pera ir buſcar (como foi a Vienna) o Turco Soleimão, que tinha entrado por Alemanha, com tenção de ganhar Auſtria; todavia não deixou de prover nas couſas da India, pera onde deſpachou huma Armada de ſinco náos, de que deo a Capitanía mór ao Doutor Pero

Vaz

Vaz do Amaral, que tinha despachado por Capitão, e Veador da Fazenda de Cochim. E porque a Christandade da India hia em grande crescimento, e á mingua de Bispos deixavam de se ordenar muitos em Sacerdotes, é de benzerem os Santos Oleos, e de administrar o Sacramento da Confirmação, elegeo ElRey pera isso ao Bispo Fr. Fernando Vaqueiro da Ordem dos Menores, que devia ser Bispo de Annel do Bispo do Funchal, debaixo de cuja jurdição estava toda a India, como melhor ao diante diremos. Era este homem natural de Evora, Varão Religioso, e deo-lhe o Papa titulo de Bispo Aurense, e ElRey lhe passou Provisões pera como passassem tres annos se tornar pera o Reyno; e lhe mandou dar todo o necessario pera sua embarcação, e o mandou embarcar nesta Armada na náo de Vicente Gil. Esta Armada partio em Março, e os mais Capitães eram D. Estevão, e D. Paulo da Gama, ambos filhos de D. Vasco da Gama primeiro Conde Almirante, que hiam provídos da Capitanía de Malaca hum após o outro; porque entre as mercês que ElRey D. João fez ao mesmo Conde, quando o mandou por Viso-Rey da India (segundo em Portugal ouvimos) foi dar-lhe a fortaleza de Malaca pera todos os seus filhos que serviram os quatro delles, e nesta Armada vi-

nham

nham tres, eſtes dous, e D. Chriſtovão da Gama, que hia embarcado com D. Eſtevão, que era o mais velho delles. E aſſi tinham naquelle tempo os Reys medidas, e regiſtadas as mercês aos homens, que quando os deſpachavam com as fortalezas era pera entrar logo, e de maravilha ſe achavam mais de dous provídos de huma fortaleza, porque goſtavam os Reys de verem lograr a ſeus vaſſallos as mercês que lhes faziam. Iſto ſe veio depois a corromper tanto, que de todas as fortalezas vimos deſpachados dezoito, e vinte, que são quarenta, e ſeſſenta annos. E por certo que por demais animo ſe devem de ter os homens, que vam vivendo em eſperanças tão compridas, que por commetterem Elefantes, e Tigres bravos. E tornando á noſſa ordem: os mais Capitães das náos da companhia do Doutor Pero Vaz do Amaral eram Vicente Gil, e Antonio Carvalho; e fazendo ſua viagem apartadas humas das outras, como he ordinario neſta carreira, as quatro dellas foram tomar Goa entrada de Setembro. A outra, de que era Capitão D. Eſtevão da Gama, errando Moçambique, foi buſcar Melinde pera fazer aguada, que tambem não pode tomar, pelo que foi demandar Sacotorá. E como as aguas alli correm muito, foi-os deſviando, e vendo que não podiam tomar a Ilha, foram a

Xael, na coſta de Arabia, cujo Rey era amigo do Eſtado; e conhecendo a náo ſer de Portugal, mandou a ella embarcações com refreſco, que D. Eſtevão eſtimou muito. E vendo-ſe tão perto da terra, e que era forçado ir o batel fazer agua, como hia enfadado, deſejoſo de ver a terra embarcou-ſe nelle, e levou comſigo D. Manoel de Lima, e D. Fernando de Lima, que hiam embarcados com elle, e chegados á terra eſtiveram na praia em quanto ſe fazia aguada; mas quiz a deſaventura que naquelle tempo déſſe huma tormenta tamanha, que não a podendo ſoffrer a náo, que andava ás voltas com o traquete, foi-lhe neceſſario virar em poppa, e ir correndo por onde pode. O vento era Levante, e quando alli começam são tormentoſos, e aſſi ſem poderem al fazer foram-ſe demandar a coſta de Melinde, vendo-ſe muitas vezes perdidos; e não podendo ferrar terra, porque ficáram os Levantes curſando, paſſáram avante, e foram tomar Moçambique com infinito trabalho, e com a maior parte da gente morta. Indo D. Chriſtovão da Gama nella, que com ſer mancebo aſſi corria com os homens, e aſſi ſe negociou, que elle foi a unica occaſião de ſe ſalvar aquella náo. E tornando a D. Eſtevão, ficou em terra eſperando hum dia, ou dous conjunção pera ir buſcar a ſua náo, e paſ-

ſa-

ſada aquella primeira pancada, embarcou-ſe no batel, que levava cheio d'agua, carneiros, gallinhas, e outros refreſcos, e foi ao mar a buſcar a náo, cuidando que andaſſe por alli ás voltas, e não a vendo ficou muito enfadado. E tomando parecer ſobre o que faria, aſſentáram que foſſem até Socotorá, porque forçado a haviam de achar lá, e aſſi foram demandar aquella Ilha, e nem alli a achåram, do que ficou mui apaixonado. Os officiaes da náo que hiam no batel lhe diſſeram, que aquelle tempo era Levante, e que já alli havia de curſar até o inverno, que ſem dúvida a náo havia de eſtar em Melinde, porque os ventos, e as aguas a haviam de lançar pera lá: que o bom ſería ir demandar Melinde, e quando a deſaventura foſſe tamanha que a não achaſſem, que fizeſſe o que lhe pareceſſe. Aſſi ſe deixáram ir pela coſta adiante, e depois que paſſáram o Cabo de Guardafu, indo Dom Eſtevão tão triſte que queria morrer de pezar, chegados a Magadaxo, fizeram aguada. E ſabendo o Rey da terra, que alli hia hum filho do Conde Almirante, de que todos tinham grande conhecimento, por ſer o primeiro que deſcubrio, e navegou por aquella coſta, o foi ver á praia, e lhe fez grandes offerecimentos de tudo o que houveſſem miſter. D. Eſtevão lhe pedio huma
 em-

embarcação maior, e amarinheirada, e com algum Piloto pera o poder levar até Melinde, o que lhe elle logo mandou negociar, e lhe deo muito refreſco da terra. Partidos daqui, chegáram a Melinde, onde eſtava por Capitão hum Cavalleiro honrado chamado Nuno Fernandes, que os agazalhou muito bem, e delle ſoube como a ſua náo era paſſada pera Moçambique, porque algumas embarcações que a víram paſſar muito ao mar, lho diſſeram. Com iſto ficou D. Eſtevão deſaliviado, e Nuno Fernandes lhe deo huma fuſta mui bem concertada, e tudo o mais de que tiveram neceſſidade. Partidos dalli como hiam com Levantes rijos, em poucos dias foram a Moçambique, onde a náo eſtava, e D. Chriſtovão ſeu irmão deſconfiado de poderem ſer vivos; e acudindo á praia ao irmão, ſe feſtejáram grandemente. Alli ſe deixáram ficar eſperando a monção de Agoſto. As outras náos chegáram a Goa, e o Doutor Pero Vaz do Amaral foi mettido de poſſe da Capitanía de Cochim, e do cargo de Veador da Fazenda, e logo ſe embarcou pera dar ordem á carga das náos. Neſta Armada mandou ElRey hum Alvará a Nuno da Cunha, em que lhe fazia mercê de quatro mil cruzados pera ajuda de ſuas deſpezas. E mandou o cargo de Capitão mór do mar a Diogo da Silveira, com quem he razão
que

que continuemos, em quanto o Governador despede as náos pera Cochim.

Atrás temos contado como Diogo da Silveira ficou invernando em Chaul, que tanto que o verão entrou armou huma galé, sinco galeotas, e quinze navios, com que se passou á ponta de Dio a esperar as náos de Ormuz, e de Méca, que haviam de ir pera aquella Ilha, onde já eram recolhidas quasi todas as que esperavam, e todavia lhe vieram cahir nas mãos duas, que sem custo se rendêram, e despedindo-as com gente pera Goa, passou-se á costa de Por, e Mangalor, que estava ainda inteira, e sem se tocar nellas. Alli começou pelos lugares maritimos (que estavam descuidados de tal açoute) a escalar, destruir, e abrazar, matando, e cativando muita gente, e assi foi até chegar á Cidade de Pate, que tinha hum porto mui frequentado de náos, e navios de todas as partes, aonde concorriam muitos mercadores grossos, porque desejou de dar hum papo quente a seus soldados. E desembarcando nella huma madrugada com quinhentos homens, a commetteo, tendo huma muito aspera batalha com seus moradores, que sahíram á lhe defender a desembarcação, com quem apertáram de feição, que os foram mettendo pela Cidade, entrando de envolta com elles, destruindo, e assolando tudo,

do, uſando eſpantoſas cruezas, porque parecia ſer aſſi neceſſario, pera o que o Governador pretendia, ou o permittio Deos, pela maldade do Soltão Badur, porque muitas vezes pelas dos Reys caſtiga ſeus póvos. Os ſoldados deram hum formoſo ſacco á Cidade, onde acháram muitas riquezas, e tantas, que não foi poſſivel recolherem-ſe todas, mas tomou cada hum o que lhe melhor pareceo, e o que puderam levar. Tudo o mais ſe entregou a hum cruel, e eſpantoſo fogo, em que toda aquella Cidade ſe conſumio com grandiſſimo eſpanto, e terror dos naturaes; porque os que puderam eſcapar, eſtavam de longo vendo as labaredas, e fumaças em que ſe desfaziam ſuas fazendas. Pela meſma maneira ſe queimáram todas as embarcações que havia no porto carregadas de differentes fazendas. Feito iſto, tornáram-ſe os noſſos a embarcar ſem cuſto mais que de alguns feridos. E paſſando pela coſta adiante, foram aſſolando tudo até chegarem ao lugar de Patan, que tambem era huma eſcala bem grande de muitos, e mui ricos mercadores, onde tambem deſembarcáram: e poſto que acháram grande reſiſtencia, a entráram, e fizeram nella outro ſemelhante eſtrago, que em Pate. Dalli paſſáram á Cidade de Mangalor, que era maior, e mais proſpera de todas, e deſembar-

barcando nella com mais tento que nas outras, acháram tambem bem differente resistencia, porque tinha muita, e muito boa gente de guerra; mas por fim do negocio a Cidade foi entrada, e escalada, matando-lhe muita gente, e a mór parte della mulheres, e meninos, que não puderam fugir. Os nossos tomáram o que quizeram, e o mais entregáram ao fogo, em que toda a Cidade se consumio. No porto havia muitas embarcações carregadas de mantimentos, de que toda a Armada se provêo, e depois as entregáram todas ao furioso, e espantoso fogo. Feito isto, embarcáram-se logo, e passáram-se á costa de Cambaya, por onde fizeram cruelissima guerra.

CAPITULO III.

Das cousas em que o Governador Nuno da Cunha provêo; e da grande Armada com que partio para o Norte.

DEterminava o Governador Nuno da Cunha de ir passar todo este verão pelo Norte, pera continuar na guerra de Cambaya, e ver se por alguma via lhe abria o tempo occasião pera lançar mão da fortaleza de Dio, pera o que deo pressa ás náos do Reyno, pera irem tomar a carga a Cochim. E despedio por Capitão mór do Mala-

lavar Manoel de Sousa, hum Fidalgo filho de hum irmão do Prior de Rates, que foi aquelle, que depois morreo no rio de Dio com Soltão Badur (como na quinta Decada se verá.) Este Fidalgo partio em fim de Outubro com huma galé, em que elle hia, e quinze navios, de que eram Capitães Dom Luiz, Gonçalo Pereira, Henrique de Sousa, Alvaro de Siqueira, Vicente Rodrigues, Diogo Pires Deça, Martim de Castro, Fernão Villela, Fernão Gil Porcalho moço da Camara do Infante D. Luiz, e outros. Depois de despedidas as náos, e Armada, chegou a Goa Antonio de Saldanha com a sua Armada, de que não damos razão, porque não achamos informação do que succedeo na jornada; sómente tomar algumas náos ricas, com muitas prezas, e ir invernar a Ormuz, e sobre as prezas teve o Governador com elle algumas razões, de que se elle enfadou, e se foi embarcar pera o Reyno. Depois da sua chegada logo o Governador se embarcou, e deo á véla com huma Armada de mais de cento e cincoenta vélas, em que entravam vinte galeões, e náos, muitas galés, e galeotas. Os Capitães, que nesta jornada hiam, são os seguintes: Garcia de Sá, Dom Fernando Deça, Antonio da Silva, Manoel de Alboquerque, Jorge de Lima, Francisco de Sá, Ruy Vaz Pereira, Antonio de

Sá

Sá o Rume, D. Paulo da Gama, Nuno Pereira de Lacerda, Triſtão Homem, Jorge Cabral, Martim Affonſo de Mello Juzarte, Franciſco de Vaſconcellos, Vaſco Pires de Sampaio, Henrique de Macedo, Martim de Freitas, D. Roque Tello, Manoel de Miranda, Manoel Rodrigues Coutinho, Chriſtovão de Caſtro, Luiz Coutinho, Franciſco da Silva, Paio Rodrigues de Araujo, Lopo Pinto, Pero Botelho, Jorge de Souſa, Antonio da Cunha, Franciſco de Souſa, Pero de Meſquita, Affonſo Figueira, Antonio Ribeiro, Franciſco da Coſta, Gaſpar Luiz, Bartholomeu Vaz, João Fernandes o Taful, e outros muitos Fidalgos, e Cavalleiros. Neſta Armada hiam de ventagem de tres mil homens Portuguezes, e quaſi mil e quiquinhentos Laſcarins da terra, que hiam embarcados em dous Juncos, de hum delles era Capitão, e ſenhorio Diogo Rodrigues de Azevedo, e do outro não achamos cujo era. E primeiro que partiſſe de Goa, entregou o Governador a Simão Caeiro Ouvidor geral hum irmão do Soltão Badur, que Antonio da Silveira Capitão de Ormuz tomou naquella Cidade, que hia fugido da ira do irmão, porque o queria matar. A eſte Principe não ſoubemos o nome, nem onde morreo, mas alcançamos homens neſta Cidade de Goa, que o víram andar eſte inverno pe-

la

la Cidade bebado em cima de hum elefante, o que fazia os mais dos dias, e não pela razão porque o fazia aquelle filho do Grão Turco, que eſtava em Roma cativo, que dizia que ſe embebedava por não ſentir os deſgoſtos do cativeiro: mas eſtoutro embebedava-ſe, porque lhe ſoube muito bem o vinho do Reyno. A eſte Principe fez o Governador muitos gazalhados, e lhe deo caſa honrada, e deſpeza; mas não achamos (como já aſſima diſſemos) em toda a India homem que nos diſſeſſe do fim deſte Principe; porque quando o Governador Nuno da Cunha matou em Dio ElRey Soltão Badur, como logo adiante ſe verá, vinha o Reyno a eſte homem, porque o Badur não tinha filhos, e em defeito de herdeiros elegêram os póvos Soltão Mahamede ſeu ſobrinho, e não declaram as hiſtorias ſe era filho deſte irmão, ſe do outro a quem elle roubou o Reyno. E tornando ao Governador, foi ſeguindo ſua jornada até á fortaleza de Chaul, onde eſtava Manoel de Macedo por Capitão, que lhe fez grande recebimento. Aqui tomou informação das couſas de Cambaya, e ſoube eſtar na Cidade de Baçaim Melique Tocão, ſenhor de Dio, que Soltão Badur tinha mandado com dez, ou doze mil homens, pera ſe metter naquella Cidade, pelas novas que havia dos grandes apercebimentos que fazia

o Governador pera ſahir fóra eſte verão. Melique Tocão eſtava muito fortificado, e ſoberbo pelo ſucceſſo paſſado de Dio, de que o Governador andava bem deſconfiado, e deſejava de ſatisfazer aquella quebra. E tomando conſelho ſobre o que faria, ſignificando a todos os Capitães o deſejo que tinha de dar na Cidade de Baçaim, por ſer das principaes do Reyno de Cambaya, e donde ſe provía de mantimentos. A todos pareceo bem, e lho approváram, ſem embargo de lhe repreſentarem no conſelho o grande poder com que Melique Tocão eſtava, porque quanto maior lho pintavam, mais lhes creſcia o deſejo a todos de ſe verem ás mãos com os inimigos, porque os Fidalgos deſte tempo não buſcavam outras fazendas, e fardos, ſenão pelouros, e bombardas, honra, e fama. Em fim aſſentado no conſelho eſte negocio, logo o Governador deſpedio Manoel de Alboquerque no Galeão em que hia, com quinze navios mais de remo, pera ſe ir pôr ſobre a barra de Baçaim, porque não entraſſe, nem ſahiſſe couſa alguma. E porque ſoube que Diogo da Silveira eſtava com toda ſua Armada na ponta de Dio, o mandou chamar pera que o foſſe eſperar em Baçaim, e lhe mandou o Alvará d'ElRey, porque o fazia Capitão mór do mar da India. Com eſte recado ſe fez Diogo da Silveira á véla,

la, e atravessou a Baçaim, e surgio sobre aquella barra, aonde já estava Manoel de Alboquerque. O Governador depois que deo despacho a alguns negocios, deo á véla pera Baçaim, e surgio naquella barra com huma tamanha Armada que cubria o mar, e dando conta a Diogo da Silveira do que estava determinado, lhe mandou que fosse reconhecer o sitio, e fortificação da Cidade, e que notasse a parte porque se podia desembarcar. Diogo da Silveira se fez prestes, escolhendo pera isso alguns navios muito ligeiros, pera ao outro dia de madrugada commetter aquelle negocio.

CAPITULO IV.

Do modo da fortificação da Cidade de Baçaim: e de como o Governador Nuno da Cunha desembarcou nella, e a entrou, e destruio de todo.

AO outro dia em rompendo a manhã se embarcou Diogo da Silveira em hum navio muito ligeiro, levando comsigo alguns Capitães, e Fidalgos da sua companhia, que pera isso escolheo, e outros alguns navios de remo, com alguns Pilotos da Armada pera irem sondando a barra, e o rio todo. E commettendo a entrada na reponta da maré, foi muito devagar notando o modo da for-

fortificação, que era por esta maneira. Sobre o canal da barra da banda do Norte estava hum baluarte muito grande com huma cava muito larga em roda, que se enchia com a agua do mar. Do baluarte corria hum muro pera dentro de longo da praia, que era a face da Cidade, que ficava pera o sertão. Por este muro havia muitas torres, e guaritas, todas guarnecidas de muita, e boa artilheria, e gente de guarnição. Entre este muro, e a Cidade havia huma boa fortaleza, posta sobre hum tezo grande, e formosa, com seus baluartes, e revézes, e não se podia passar pera a Cidade sem tomarem primeiro os baluartes, e fortes da praia, porque mettendo-se algum exercito em meio ficava arriscado a se perder, por causa da muita artilheria que de ambas as partes lhe ficava. Diogo da Silveira foi vendo, e notando tudo, sem o perturbarem as muitas, e amiudadas bombardadas, que sobre elle choviam, e passando pelos fortes notou que adiante delles pelo rio bem assima havia hum lugar em que se podia desembarcar, e commetter a fortaleza, que estava entre a Cidade, e as fortificações da praia pela outra face, sem se metterem em meio dos fortes. Notando tudo muito bem, tornou-se ao Governador, sem lhe acontecer desastre algum: e presente todos os Capitães velhos, lhe deo

re-

relação do que víra, com que se assentou, que se commettesse a Cidade por aquella parte, e que fosse ao outro dia, pera o que se fizeram prestes, ordenando as cousas necessarias pera o commettimento da fortaleza, no que gastáram todo aquelle dia, e noite seguinte. E tanto que amanheceo, poz o Governador em ordem a desembarcação, ordenando de toda a gente tres esquadrões. O primeiro, que era a dianteira, deo a Diogo da Silveira, pera quem se passáram todos os Fidalgos aventureiros da Armada. Do segundo esquadrão era Capitão D. Fernando Deça. O terceiro tomou o Governador pera si com todos os Fidalgos, e Capitães velhos: ordenando o Governador, que as galés, e duas barcassas que levava, se puzessem a bataria com os fortes da praia. Ao outro dia tanto que a maré começou a encher, foram entrando o rio com todos aquelles navios de remo, que eram mais de cento e vinte, formosamente embandeirados, tocando muitas caixas, e pifaros, trombetas, e charamelas, misturando com as cousas de guerra, outras de alegria, pera mostrarem o furor, e alvoroço que levavam. Diogo da Silveira hia diante com toda a sua Armada, e foi passando pelos fortes com grandes salvas de artilheria, arcabuzaria, e gritas de todos os marinheiros, com que mettêram mui grande ter-

terror, e eſpanto nos inimigos, que acudíram aos fortes da praia cuidando que os quizeſſem commetter. Diogo da Silveira como hia deſpedido do remo, foi paſſando por meio de nuvens de pelouros, e de fumaças, que aſſi da terra, como da noſſa Armada erão tantas, e tão eſpeſſas, que cubriam o rio, e parecia que a terra, e o Ceo ſe desfazia em coriſcos. E paſſando adiante, foi pôr a prôa na parte que tinha notado, em que logo ſaltou com todos os ſeus, e formou em terra o ſeu eſquadrão, que era de mais de mil e quinhentos homens, com ſuas bandeiras deſenroladas, e ao ſom de caixas, e piſaros, foram marchando á fortaleza, donde lhes atiráram infinitas bombardadas, que todas davam em meio delles ſem fazer damno algum, o que foi couſa milagroſa. Diogo da Silveira que hia demandando a fortaleza pela face da banda do Levante, achou já no campo Melique Tocão com dez mil homens, poſto em ordem de batalha. Diogo da Silveira animando os ſeus brevemente, appellidando *Sant-Iago*, remetteo com os inimigos, baralhando-ſe todos em huma cruel batatha, derribando-lhe os noſſos daquella primeira ſalva da arcabuzaria mais de quatrocentos, e vindo á eſpada começáram a fazer nelles grande deſtruição, e como hiam com aquelle primeiro impeto, e furor, não eſti-

eſtimando os inimigos em couſa alguma, aſſi apertáram com elles que os fizeram voltar. Meliqui Tocão vendo-ſe desbaratado, não ſe quiz recolher pera a fortaleza, mas foi-ſe de longo della pera o ſertão. Os que eſtavam na fortaleza, vendo ir Melique Tocão fugindo, não ouſando a eſperar os noſſos, lançáram-ſe pela outra parte fóra, e foram ſeguindo os ſeus, deixando a fortaleza deſpejada. Diogo da Silveira chegando á porta, vendo que a victoria eſtava por ſua, não quiz entrar dentro, e eſperou pelo Governador. Iſto tudo foi tão apreſſado, que quando chegáram os outros eſquadrões era tudo concluido. O Governador chegou á porta da fortaleza, onde achou Diogo da Silveira com a ſua bandeira encoſtado nella; e levando-o nos braços lhe diſſe muitas palavras de louvores, engrandecendo a Deos com huma tamanha victoria ſem cuſto algum. E mandou a Diogo da Silveira que entraſſe na fortaleza, e a déſſe a ſacco aos ſeus ſoldados: á volta delles entráram todos, e a eſcaláram. O Governador mandou recolher toda a artilheria, de que ſe acháram quatrocentas peças, muitas munições, e petrechos de guerra. Depois de tudo eſcalado, mandou o Governador fazer algumas minas, que encheo de barris de polvora, e dando-lhes fogo, arrebentou toda a fortaleza até os

ali-

aliceces. Dalli ſe foram aos fortes da praia, que já eſtavam deſpejados, e lhes mandou fazer o meſmo, mandando primeiro lançar todos os corpos mortos dos inimigos (que eram mais de quinhentos e cincoenta) dentro na cava, e ſobre elles cahio toda aquella máquina dos edificios, quando arrebentou. Feito iſto, mandou o Governador talhar os campos todos á roda, e cortar os palmares, e deſtruir as povoações, que eſtavam pelo rio dentro de longo da agua de huma, e da outra parte. E deixando tudo aſſolado, abrazado, e feito em cinza, mandou dar em Taná, Caranja, Carapuſa, Brundim, Galiana, Bombaim, e em todos os mais lugares d'ElRey de Cambaya, em que fizeram grandes damnos, e cativáram muita gente. Feito iſto, recolheo-ſe o Governador pera Chaul.

CAPITULO V.

De como Diogo da Silveira partio pera o Eſtreito de Meca, e o Governador Nuno da Cunha pera Goa, ficando Manoel de Alboquerque com huma Armada na coſta de Cambaya, e do que lhe aconteceo.

DEpois de ſer o Governador em Chaul, negociou Diogo da Silveira pera o Eſtreito de Meca ás prezas, que partio entra-

da de Fevereiro, levando ſinco Galeões, de cujos Capitães não achámos os nomes, mais que de Vaſco Pires de Sampaio, e vinte navios de remo, de que eram Capitães Ruy de Mello, Lopo Pinto, Affonſo Figueira, Bartholomeu Vaz, Gaſpar Luiz, Filippe Baião, Pero Botelho, Jorge de Souſa, João Fernandes o Taful, Gonçalo Eſtevens, Antonio Fernandes, Diogo Gonçalves, Alvaro Mendes, Belchior Gonçalves, Antonio Ribeiro, Franciſco da Coſta, Antonio da Cunha, e outros. E deſta jornada adiante daremos razão. O Governador depois de prover em muitas couſas, e lhe era neceſſario ir-ſe pera Goa, ordenou huma Armada pera ficar naquella coſta, de que fez Capitão mór Manoel de Alboquerque, a quem deo huma galé, e vinte e hum navios de remo, dando lhe por regimento que ſe fizeſſe pela coſta de Cambaya toda a guerra que pudeſſe. Deſpedida eſta Armada, deo o Governador á véla pera Goa, aonde chegou em breves dias, e tratou de prover nas couſas de Malaca, e Maluco; e porque achou cartas da morte de Gonçalo Pereira, e dos deſarranjos daquella terra, a que lhe era neceſſario acudir, deſpachou Triſtão de Taíde, que eſtava provído daquella Capitanía, pera ir entrar nella, e lhe deo por regimento, que lhe mandaſſe prezo em ferros Vicente da Fonſeca,

e lhe escrevesse toda sua fazenda, que viria entregue em mãos de pessoas abonadas. Em sua companhia mandou embarcar Pero de Monte mór o Castelhano, (que atrás dissemos,) que os perdidos que ficavam em Maluco da companhia de Sayavedra mandáram ao Governador a pedir-lhe licença pera se irem pera a India, a quem escreveo cartas de muita honra, e mandou que se lhe désse embarcação, e todas as cousas necessarias. E pera Malaca despachou D. Paulo da Gama, por não haver novas de seu irmão D. Estevão. Estes Capitães partíram entrada de Abril. O Governador mandou a Manoel de Sousa, que estava no Malavar, que se recolhesse, e deixasse alguns navios, e gente na fortaleza de Chale pera invernarem, e lhe mandou dinheiro pera pagas, e provimentos pera mezas. Com isto concluio o Governador todos os negocios deste verão: e nós o faremos tambem com as cousas que succedêram a Manoel de Alboquerque, e a Diogo da Silveira, o que tudo faremos neste Capitulo, por não gastarmos outro, pelas muitas cousas que temos com que continuar.

E tratando de Manoel de Alboquerque: Tanto que o Governador o despedio, logo se fez na volta da costa de Cambaya, por onde andou fazendo toda a guerra que pode, dando em todas as povoações que ha-

via de Baçaim até Tarapor, queimando, e assolando tudo, e tomando-lhes muitas embarcações com fazendas: e á torna viagem achou na barra de Bombaim huma náo, que havia pouco tinha vindo de fóra, e estava já descarregada com medo da nossa Armada: que tanto que foi vista da terra, receando que lha queimassem, veio hum Mouro em huma almadía com huma bandeira branca, e foi levado á galé do Capitão mór, e lhe disse, que era hum mercador estrangeiro, que aquella náo era sua, que lhe pedia lha não mandasse queimar, que elle daria quinhentos pardaos pera ajuda dos provimentos daquella Armada. Manoel de Alboquerque lhos acceitou, visto ser estrangeiro, e elle logo os mandou buscar, e entregou. E deixando-lhe a sua náo, foi entrando por aquelle rio dentro, dando em alguns lugares da Ilha de Salcete, que já se começava a povoar: e porque todavia o damno não fosse por diante, acudíram alguns Tanadares della, e offerecêram ao Governador pareas, com tanto que lhes não queimassem suas povoações, e pela mesma maneira as mandáram offerecer os Tanadares de Taná, Bandorá, Maym, Bombaim, e concertando-se com todos, promettêram quatrocentos pardaos cada hum destes Tanadares cada anno, e deste anno pagáram logo todos em prata,

que

que ſe vendeo a razão de nove Xerafins o marco, cuja quantia achámos carregada ſobre o Feitor deſta Armada, com declaração que era de pareas. Feito iſto por ſe vir chegando o inverno, recolheo-ſe a invernar em Chaul, pelo aſſi mandar o Governador.

E continuando com Diogo da Silveira, foi ſeguindo ſua viagem até o Cabo de Guardafúi, onde as náos que vam do Achem pera Meca ſempre vam demandar. Alli lhe foi cahir huma nas unhas, que logo foi rendida, poſto que com trabalho por ir forte, e com muita gente, e foi tomada com todo ſeu recheio, e os que eſcapáram vivos foram cativos. Aqui ficou a Armada até ſer tempo de ſe recolher como fez pera ir invernar a Ormuz, como levava por regimento. E chegando a Çacotorá o galeão de Vaſco Pires de Sampaio, que ſe adiantou da Armada, houve viſta de huma náo de Rumes, grande, e poderoſa, que tanto que conheceo o Galeão, foi-ſe em outro bordo. Vaſco Pires a ſeguio, porque o ſeu Galeão era veleiro, e alcançou-a em poucas horas, e deo-lhe huma formoſa ſalva de bombardadas, e depois a inveſtio com todas as vélas, commettendo a entrada com muito valor, e esforço, porque achou nos Mouros (que eram mais de duzentos) mui grande reſiſtencia, havendo mortos, e feridos de ambas

bas as partes; mas os noſſos entráram a náo a poder de golpes, e no convés della ſe travou huma formoſa batalha, mas por fim do negocio os Mouros foram rendidos, depois de ſerem os mais delles mortos. E tomando a náo comſigo, ficou eſperando pela Armada, que chegou logo, e fazendo aguada em Çacotorá, foram ſeu caminho. No cabo de Fartaque deo Vaſco Pires de Sampaio com outra náo, que tambem abordou, e rendeo, que levava muita fazenda. Diogo da Silveira deo com outra poderoſa náo, e atirando-lhe a amainar, o fez o Capitão della, e ſe foi no batél ao Galeão de Diogo da Silveira, e lhe apreſentou com grande confiança huma carta, que era de hum Portuguez, que eſtava cativo em Judá, que trazia como ſalvo conduto, por lha pedir o meſmo Mouro; abrindo-a, vio que dizia aſſi: *Peço aos Senhores Capitães d'ElRey, que encontrarem eſta náo, que a tomem de preza, porque he de hum muito roim Mouro, a quem paſſei eſta por não poder fazer mais*, e ao pé della ſe aſſinou. Vendo Diogo da Silveira a confiança do Mouro, e a velhacaria do Portuguez, pelo credito que convinha a Chriſtão, approvou-lhe o ſeguro; e rompendo-lho, porque não ſoubeſſe o engano, e lhe fizeſſe damno com qualquer outro Capitão que achaſſe, paſſou-lhe outro em fórma, com

que

que o Mouro ſe foi ſem ſentir o engano. Inda eſte foi maior feito que o de Scipião o Maior, que tomando huma náo de Carthaginenſes, com que o Imperio Romano eſtava de guerra, e os que hiam nella por ſe ſalvarem, lhe diſſeram que hiam por Embaixadores a Roma; e ainda que elle entendeo, que por ſe ſalvarem do perigo ſe aproveitavam do nome de Embaixadores, ſem lhes moſtrarem mais authoridade, largou-os livremente, porque quiz antes que a fé dos Romanos foſſe enganada, que deixalla em alguma maneira ſuſpeitoſa. E poſto que iſto foſſe feito valeroſo, o deſte noſſo Capitão ſe póde ter por maior, por ſer menos cubiçoſo, porque antes quiz perder huma náo carregada de ouro, (o que os Carthaginenſes não levavam,) que quebrar a fé de nenhum Portuguez, vindo aquelle Mouro tão confiado nella. E tornando á noſſa hiſtoria, Diogo da Silveira foi paſſando adiante, e embocou o Eſtreito de Perſia, e foi demandar Maſcate, aonde haviam de ficar os Galeões: no porto achou João Fernandes o Taful, que indo diante huma náo, que lhe diſſe que trazia cartas, e pedindolho o achou falſo, pelo que a reprezou até chegar o Capitão mór que a julgou por perdida, e ſe vendeo naquelle porto, e montaria tudo o que tinha ſete mil cruzados. O

Ca-

Capitão deixou os galeões em Mascate, e elle se passou aos navios de remo, e nelles foi a Ormuz, onde invernou. Aqui o deixaremos até tornar a elle.

CAPITULO VI.

Das cousas, que este anno acontecêram em Maluco: e do grande aperto em que a Rainha poz aos da fortaleza: e de como lhe entregáram por partido seu filho El-Rey Ayalo: e de como se passou pera Tidore, e Vicente da Fonseca alevantou por Rey seu irmão Tabarija.

CONTINUANDO com as cousas de Maluco, por nos cabarem neste tempo: Depois da morte de Gonçalo Pereira, e succeder em seu lugar Vicente da Fonseca, (como atrás temos dito,) vendo a Rainha quão mal lhe succedêra aquelle negocio, e que todavia seu filho ficava na fortaleza reteudo como dantes, cuidando que pelo avorrecimento que todos tinham a Gonçalo Pereira, e pela largueza que com elle tinha usado Vicente da Fonseca em lhes largar o commercio do cravo, lhe concederiam seu filho, grangeando pera isso a todos os casados, mandou em segredo peitas a Vicente da Fonseca pera que lhe désse seu filho. Vicente da Fonseca receando de bolir naquelle negocio, desen-

enganou a Rainha, que lhe cortariam a cabeça se tal fizesse, sem o Governador da India o mandar. Vendo a Rainha que não podia haver o filho ás mãos, nem por peitas, nem por rogos, determinou de o haver por força; pera o que convocou ajuda de todos os Reys vizinhos pera contra os Portuguezes, e mandou recolher todos os mantimentos, pera que não fossem á fortaleza, nem por mar, nem por terra: com o que começáram os nossos a sentir grande falta de tudo. E assi chegou a cousa a tanto estremo, que assentáram pedirem pazes á Rainha, e concederem-lhe seu filho, que era o que ella pertendia, porque isso era menos mal que perder-se a fortaleza. E assi lhe mandáram fallar por algumas vezes, e seu filho lho mandou pedir por termos, que veio a conceder pazes com todas as condições que os nossos quizeram, com lhe entregarem seu filho, com o que ella ficou tão apaziguada, e quieta, que tornou logo a povoar a Cidade, e a correrem os mantimentos em abastança, e os nossos a sahirem fóra das necessidades em que estavam. ElRey como esteve em poder da Rainha, logo ella lhe entregou a governança do Reyno, em cujo principio elle começou a mostrar severidade, e aspereza com os principaes, e a descubrir mocidades, que até então não pode, com o

que

que ſe tornou a fazer tão avorrecido a todos, que já o tomáram antes prezo como eſtava. Eſtes deſgoſtos nunca pode temperar ſua mãi, porque o moço não tinha natureza pera iſſo. Eſtando as couſas entre os Ternatezes aſſi arruinadas, ſuccedeo irem huns tres homens Portuguezes de baixa ſorte á povoação dos Ternatezes, ou a roubar, ou a fazer força a algumas mulheres (no que eſta gente baixa he mui deſcomedida, pela pouca diſciplina que neſtas partes ha.) A iſto acudíram alguns Mouros, e dando nelles os matáram. Sabido eſte caſo por Vicente da Fonſeca, mandou tirar grandes inquirições daquellas mortes; e como ElRey eſtava odioſo a todos, foram certos Ternatezes principaes á fortaleza, e em ſegredo fizeram crer ao Capitão, que ElRey mandára matar aquelles homens, ajuntando a iſto outras culpas, e mexericos, com que o indignáram contra ElRey, tratando logo de o haver ás mãos pera o caſtigar. Iſto não pode ſer em tanto ſegredo, que elle não foſſe aviſado, e como ficára eſcaldado da prizão, nunca mais quiz converſar á noſſa fortaleza, andando mui precatado, e receoſo do Capitão; porque como no peito malicioſo he muito natural imaginar em todo o outro algum engano como elle faria, aſſi eſte nunca mais ſe quiz fiar do Capitão. E vendo

do elle que o não podia haver ás mãos, começou-se a declarar, e a lhe fazer guerra, porque bem entendeo que estava tão mal quisto, que o não haviam de ajudar os seus. E armando algumas embarcações, lhe mandou dar em algumas povoações, em que fizeram bem de damno, e cativáram muitas pessoas, e o mesmo fez o Capitão em pessoa, sahindo da fortaleza a dar-lhe alguns assaltos na sua Cidade, com que o inquietou muito. E como elle estava odioso a todos, vendo-os retirar, e não o ajudarem, receando-se que hum dia dessem nelle, e o entregassem ao Capitão, não se havendo por seguro naquella Ilha, passou-se a Tidore, onde aquelle Rey o recolheo contra o contrato das pazes. Sabido isto por Vicente da Fonseca, mandou logo chamar os Governadores de Ternate, e hum irmão do Rey fugido mais moço, chamado Tabarija, e o alevantou por Rey de Maluco, com as ceremonias entre elles acostumadas. Disto se escandalizáram alguns dos naturaes, e outros folgáram. Entre os Portuguezes não faltavam tambem desgostos, porque viam que Vicente da Fonseca fora injustamente eleito por Capitão, tendo culpas, e estando prezo por crimes: e mais haviam que elle fora o principal induzidor da morte de Gonsalo Pereira, e elle andava tambem tão pejado, que

co-

como homem que lhe remordia a consciencia, não se quietava, nem largava as armas da mão temendo-se de todos, vivendo triste, e malenconizado, desejando de se ver fóra daquella obrigação. ElRey Tabarija tratou de proceder no governo mais suavemente que o irmão, correndo em amizade com os Portuguezes, cousa que o irmão muito sentio: que como foi sempre inimigo dos Portuguezes, tratou de homiziar ElRey de Tidore, e os mais vizinhos com elles, e assi teceo estas cousas, que começou ElRey de Tidore a se declarar por inimigo, lançando mão de achaques bem pequenos. Neste estado estavam as cousas de Maluco, quando chegou áquella fortaleza Tristão de Taíde, como adiante diremos.

CAPITULO VII.

De como ElRey D. João despedio este anno de trinta e tres tres Armadas pera a India, duas em Março, e huma em Outubro de dez caravelas, de que veio por Capitão D. Pedro de Castello branco: e do que aconteceo a Diogo da Silveira, que invernou em Ormuz.

ERa tamanho o cuidado que ElRey Dom João tinha de prover nas cousas da India, que tendo novas pela Armada que este

te Setembro de mil e quinhentos e trinta e dous chegou ao Reyno, de como Nuno da Cunha ficava ſobre Dio, ſem ſaber ainda o que lhe tinha ſuccedido, mandou negociar ſete náos pera lhe mandar eſte anno de trinta e tres, que repartio em tres Capitanías. Da primeira, que partio em Março, era Capitão mór D. João Pereira, pai de D. Martinho Pereira, que em tempo d'ElRey Dom Sebaſtião governou o Reyno, a quem ElRey deſpachou com a Capitanía de Goa, e foi embarcado na náo Flor de la mar; e os Capitães da ſua companhia eram Vaſco de Paiva na náo Santa Barbara, Diogo Brandão na náo Santa Clara, e D. Franciſco de Noronha na náo S. João. E logo na entrada de Abril deram á véla as outras tres náos, de que era Capitão mór D. Gonçalo Coutinho, que tambem hia deſpachado com a Capitanía de Goa; e os mais Capitães de ſua companhia eram Simão da Veiga, e Nuno Furtado. Neſtas náos mandou ElRey hum Alvará ao Governador Nuno da Cunha, feito em Evora por Pero de Alcaçova Secretario, em que mandava a todos os Capitães das fortalezas da India, que acudiſſem com as menagens dellas aos Governadores, e lhe obedeceſſem como á ſua propria peſſoa: por onde parece, que até então eram todos izentos dos Governadores da India, e não co-

nhe-

nheciam outro ſuperior ſenão o Rey, em cujas mãos davam as menagens de ſuas fortalezas. Depois deſtas Armadas partidas, chegáram as náos da companhia do Doutor Pero Vaz de Amaral, por quem ElRey teve novas do ruim ſucceſſo da jornada de Nuno da Cunha em Dio; e como eſtava aſſentado, que pera ſegurança da India era neceſſario fazer-ſe fortaleza naquella Ilha, ſe determinou de mandar mais poder: e logo mandou tomar caravelas por Villa de Conde, e por Vianna, e ajuntando dez, as mandou negociar com muita brevidade, e fazer por todo o Reyno dous mil homens pera mandar nellas; e por Capitão mór deſta Armada elegeo D. Pedro de Caſtello branco, a que deo quatro annos da Capitanía de Ormuz. Eſta Armada deo á véla entrada de Novembro: os mais Capitães eram Nicoláo Juzarte, Balthazar Gonçalves, Antonio Lobo, Lionel de Lima, Heitor de Souſa, Franciſco Pereira, Gonçalo Fernandes, João de Souſa, e Franciſco Leme. Todas eſtas caravelas eram Latinas, ſómente D. Pedro hia no galeão Salvador, que era huma formoſa peça, e todas hiam ordenadas pera ficarem na India; e de ſua viagem adiante daremos razão. E continuando com as duas Armadas que partíram primeiro, tiveram ambas tão boa viagem, que foram em Setem-

bro

bro tomar a barra de Goa: ſómente a náo, de que era Capitão D. Franciſco de Noronha, que ſe ſoçobrou na paragem do Cabo de Boa Eſperança á viſta das outras, com hum tempo groſſo que lhe deo. Neſta companhia veio D. Eſtevão da Gama, que eſtava em Moçambique de invernada. O Governador folgou muito com eſta Armada, porque determinava de metter todo o reſto nas couſas de Cambaya; pelo que logo mandou dar aviamento ás couſas de ſua embarcação, porque determinava de ſe partir tanto que deſpediſſe as náos pera Cochim, a que mandou dar muita preſſa, e elle eſcreveo a ElRey o eſtado em que a India ficava, e metteo de poſſe da Capitanía de Goa a D. João Pereira. E em quanto o Governador ſe não embarca, continuaremos com Diogo da Silveira Capitão mór do mar, que deixámos invernando em Ormuz.

Tanto que entrou Agoſto foi-ſe pera Maſcate, onde eſtavam os galeões, e fazendo-lhes ſeus provimentos, deo á véla pera Goa com toda a ſua Armada junta. E indo já demandar a coſta de Dio, da outra banda de Por deo-lhe huma tormenta mui grande, com que toda a Armada ſe eſpalhou, correndo cada hum como melhor pode; e a fuſta de Filippe Baião, que era velha, foi comida dos mares ſem apparecer mais couſa alguma del-

della. Vaſco Pires de Sampaio, que foi no ſeu Galeão correndo á vontade dos ventos, tanto que a tormenta ceſſou, houve viſta de huma náo de Meca, a que deo caça muitas horas, e alcançando-a, a abordou, deitando-ſe logo dentro com os ſeus ſoldados, e depois de grande reſiſtencia da parte dos Mouros a rendeo com grande damno dos inimigos; e paſſando o Capitão da náo com os mais que eſcapáram ao ſeu Galeão, mettendo alguma gente na náo que eſtava cheia de fazenda, a levou comſigo, e foi demandar a ponta de Dio, aonde toda a Armada ſe havia de ajuntar. E indo já perto, houve viſta de alguns navios da Armada, que hiam correndo a huma náo de Meca; e como o tempo era groſſo, por ſer ainda em Setembro, prepaſſou hum dos Galeões da companhia, (que já ſe tinha ajuntado,) pela náo que Vaſco Pires levava tomada, e deo-lhe huma pancada tamanha, que a abrio toda, e ſe foi logo ao fundo, ſalvando-ſe porém os Portuguezes que nella hiam, que eram ſinco, ou ſeis. Os navios que hiam ſeguindo a náo de Meca foram apôs ella até á barra de Surrate, onde a alcançáram, e rendêram, e tomando-a comſigo a leváram pera Chaul. E quaſi no meſmo tempo chegou tambem o Capitão mór áquelle porto, e deſpedio os navios groſſos pera ſe irem concertar,

tar, e elle se embarcou na galé de Manoel de Alboquerque, e mandou negociar os navios de remo, e armou outros que alli achou, e prefazendo cópia de vinte, foi-se continuar na guerra de Cambaya, e se poz na enceada, e totalmente defendeo a navegação aos inimigos, com que os poz em grandes necessidades assi por lhes não entrar cousa alguma de fóra, como por não poderem levar suas fazendas a outras partes. E andando na paragem de Surrate, foi ter com elle hum navio ligeiro de Cambaya, em que hia hum pagem do Soltão Badur com huma carta pera o Governador, e dando razão ao Capitão mór de si, e ao que hia, lhe fez muitas honras, e gazalhados, e mandou em sua companhia dous navios; e chegando áquella Cidade, foi levado ao Governador, que o recebeo mui bem, e vio a carta de Soltão Badur, em que lhe pedia que se fosse ver com elle a Dio, porque cumpria assi ao serviço d'ElRey de Portugal. O Governador mandou agazalhar o messageiro, e pondo este caso em conselho, foi assentado por todos os Fidalgos, e Capitães, que era necessario ir-se ver com aquelle Rey, porque poderia ser lhe quizesse dar fortaleza em Dio pela necessidade em que estava, e pelo aperto em que o tinham posto com a contínua guerra que lhe tinha feito. Com is-

iſto mandou o Governador lançar a Armada ao mar, porque queria metter neſta jornada todo o reſto de ſua potencia; e deſpachando as náos pera Cochim, eſcreveo de novo a ElRey a jornada pera que ſe ficava fazendo preſtes.

CAPITULO VIII.

Da razão porque Soltão Badur mandou pedir ao Governador Nuno da Cunha, que ſe viſſe com elle: e da grande Armada, que ſe chamou das Viſtas, com que o Governador partio pera Dio: e do deſafio que houve entre Manoel de Macedo, e o Rumecan, de tantos por tantos.

COm as grandes guerras, que noſſas Armadas fizeram eſtes tres annos paſſados áquelle Reyno de Cambaya, andava Soltão Badur tão aſſombrado, (porque cada dia tinha prantos, e choros de ſeus vaſſallos, que hiam fugindo das mortes, dos damnos, e dos incendios que recebiam,) que ſe não ſabia determinar. E como era máo, cruel, e tyranno, e Deos o queria caſtigar, lhe chegáram tambem novas, que os Reynos de Chitor, e do Mandou, (que elle tyrannicamente tinha tomado aos vizinhos,) ſe lhe tinham rebelado. Iſto acabou de o melanconizar de feição, que perdeo o conſelho, porque ſe

via

via em meio de duas tallas, que o não deixavam bolir comsigo: huma, a cruel guerra que o Governador lhe fazia; outra os Reynos que se lhe alevantáram, a que se quizesse acudir, havia de desamparar as cousas de Cambaya, e arriscar a lhe tomar o Governador Dio, de que elle estava tão cioso, se se descuidasse dos outros Reynos, e vissem que se lhes não acudia, podiam-se rebelar os mais que tinha pera aquella parte, como Uzem, Agará, Nagaor, Agimir, e outros. E entendendo que a indeterminação naquelle negocio podia ser de muito damno, chamou a conselho Mostafá Baxá, Coge Çofar, Caracem, Aminacem, e todos os mais Capitães grandes, e com elles tratou sobre o modo que teria pera nem perder os Reynos, que se lhes tinham rebelado, nem desamparar a Ilha de Dio, em que o Governador trazia tanto os olhos? E debatido este negocio, assentáram todos, que mandasse chamar o Governador da India, e lhe concedesse a Cidade de Baçaim com suas tanadarias, e jurisdicção, que era cousa de mais importancia no rendimento que Dio, e que fizesse com elle humas firmes pazes, e que com ellas ficariam seus vassallos resfolegando, e tornariam a levantar cabeça, e elle poderia acudir ás outras cousas sem sobresalto algum. Com esta resolução despedio o

Badur aquelle pagem, que era hum dos do ſeu ſeio, com a carta que diſſemos. O Governador depois de deſpachar as náos pera Cochim, e prover a coſta do Malavar com alguns navios por não ficar deſamparada, embarcou-ſe entrada de Dezembro em toda a Armada que a India tinha, em que levava de vantagem de ſinco mil homens, e dando á véla, foi tomar Chaul, onde ſe foi ajuntar com elle Diogo da Silveira; e depois de dar deſpacho a algumas couſas, deo á véla pera Dio, e ſurgio ſobre aquella barra com duzentos navios, que enchiam todo aquelle mar, dando a mais ſoberba moſtra, e ſalva de artilheria, que podia ſer. Soltão Badur que eſtava na Cidade de Novanager, dalli a duas leguas, mandou logo viſitar o Governador, e elle lhe pagou a viſita mandando-lhe o Secretario, e João de Sant-Iago por lingua, e a voltas diſſo mandou tratar com elle ſobre o modo de como ſe haviam de ver. Sobre iſto corrêram muitos recados de parte a parte, em que ſe detiveram alguns dias; e por não ſatisfazer ao Governador o modo que ElRey queria que ſe tiveſſe nas viſtas, o não quiz acceitar. Sobre eſte modo ha differentes opiniões; mas a certa he, que queria o Governador que lhe foſſe ElRey fallar á borda da agua, hum da terra, e outro do mar: ElRey que não, ſe-

ſenão que o foſſe ver a terra na Villa dos Rumes em ſuas tendas, pelo que não ſe concluio em couſa alguma. Neſtes dias que ſe detiveram ſuccedeo eſte caſo. Como os noſſos eſtavam em tregoas, vinham os grandes de Cambaya ver a Armada, e os Portuguezes hiam a terra á Villa dos Rumes a ver o exercito que alli eſtava, (que era couſa formoſiſſima de ver.) Entre eſtes foi hum dia Manoel de Macedo Capitão de Chaul, (que tinha ido com o Governador pera o acompanhar,) e andando vendo, e notando o exercito, encontrou-ſe com hum Rume, que ſe chamava entre os Mouros o *Tigre do Mundo*, genro de Coge Çofar, homem façanhoſo aſſi em corpo, como em forças, que era como Guarda mór d'ElRey, e andava ſempre ao longo delle. Eſte como ſe prezava de grande Cavalleiro, e era muito ſoberbo, e arrogante, em paſſando pelos Portuguezes parece que os encontrou de má feição, e foi torcendo os bigodes por bizarrice. Tomado Manoel de Macedo daquelle negocio, foi-ſe pera o Galeão do Governador, e lhe contou o caſo, pedindo-lhe licença pera mandar deſafiar Rumecan, porque convinha aſſi á ſua honra: o Governador como tinha grande confiança em Manoel de Macedo, e aquelle negocio todo vinha a redundar em gloria, e honra dos Portuguezes, concedeo-

lho,

lho, o que elle houve por mercê mui assinalada. Logo fez hum cartel de dezafio ao Tygre do Mundo em lingua Persia, e lho mandou por João de Sant-Iago, em que o desafiava de pessoa a pessoa, ou tantos por tantos, e que o lugar fosse entre a fortaleza de Dio, e o exercito, cada hum em sua Fusta de remo. O Tigre do Mundo acceitou o desafio de tantos por tantos; porque quiz nelle metter alguns Rumes seus amigos. Este numero de quantos foram não achámos na fortaleza, e neste negocio ha nos homens grandes desconcordancias; porque huns dizem que foram dez por dez, outros que trinta por trinta. Em fim como quer que fosse, começou a haver antre os Portuguezes grandes alvoroços, porque os mais dos Fidalgos, e Capitães queriam ser do numero; mas o Governador mandou, que fossem os que primeiro se offerecêram a Manoel de Macedo, que foram Manoel Rodrigues Coutinho, Antonio de Sá o Rume, João Juzarte Tição, Gonçalo Vaz Coutinho. Estes Fidalgos sós achamos nomeados; e porque os soldados se não aggravassem de ficarem de fóra em negocio tão honrado, escolheo o Governador dous, hum chamado João Velho, e outro Francisco Gonçalves das Armas, pelas ter sempre muito boas, e se prezar muito dellas. E o dia aprazado se vestí-

tíram todos muito rica , e louçãmente , levando todos collares de hombros , medalhas , perolas , e eſpadas ricas , porque tudo iſto lhes deram com muito goſto os que o tinham. As armas que levavam eram eſpadas , e adagas , e rodellas. E aſſi muito cuſtoſamente ataviados ſe embarcáram em huma galeota rija , e forte , que pera iſto eſcolhêram , guarnecida com ſeu toldo de ſeda , e de formoſas bandeiras de côres , com charamelas , e outros inſtrumentos de alegria , e foram ſalvar o galeão do Governador , e entráram nelle a lhes dar ſua viſta. O Governador os ſahio a receber fóra da tolda , abraçando a todos mui alegre , folgando de os ver tão gentis-homens , e acompanhando-os até o bordo do galeão , ao deſpedir lhes diſſe : *Senhores Fidalgos , e Cavalleiros , eu não tenho que vos lembrar , mas ſó vos lembro , que ides pelejar por honra de noſſa nação : a victoria eſtá certa , vá Deos comvoſco.* Embarcados na galeota foram-ſe pôr no poſto a eſperar os inimigos. Na Armada havia grandes alvoroços , e invejas , e as enxarceas dos galeões , e as gaveas eſtavam todas cheias de gente pera verem o deſafio , ainda que de longe. Os noſſos eſperáram todo aquelle dia ſem os inimigos virem , e tanto que anoiteceo recolhêram-ſe pera junto da Armada , e em amanhecendo tornáram-ſe ao poſ-

posto sem tambem os virem demandar, nem ao outro dia que foi o terceiro. E acabado o dia, havendo-se por desobrigados, salváram a Cidade com algumas bombardadas, e depois com charamelas, e trombetas, e foram-se recolhendo pera a Armada, e nunca se soube a razão porque os inimigos lhe não sahíram; mas soube-se que Rumecan Capitão geral do exercito ficára mui pezaroso, e sentírà muito aquella affronta, ficando desta vez os Rumes mui desacreditados.

CAPITULO IX.

Da differença que ha entre os Rumes, e Turcos, e porque se chamam Rumes: e do que fez o Governador Nuno da Cunha: e de como Diogo da Silveira foi com huma Armada ao Estreito.

JÁ que fallamos em Rumes, (porque muito poucas pessoas sabem a differença que ha delles aos Turcos,) e donde vem este nome Rume, o diremos brevemente. He de saber, que os verdadeiros Turcos são aquelles, que descêram dos montes Caspios, e foram conquistar toda essa Natolia, toda essa Grecia, e o Grande Imperio de Constantinopola; e porque a primeira parte que povoáram foi a de Natolia, se chamou delles a Grão Turquia, porque elles trouxeram já com-

comſigo eſte nome de Turcos, porque deſcêram da Provincia de Turcheſtan, como adiante melhor ſe verá, quando fallarmos da origem dos Magores, e reprovamos a opinião que alguns tiveram em dizerem, que os Turcos ſe chamáram aſſi dos Teucros, que foram os Troianos; ou porque povoáram aquella parte que os Teucros poſſuíram: eſta opinião parece que tomáram da ſemelhança do nome. Os Rumes são todos aquelles naturaes da Provincia de Tracia, e daquella parte de Conſtantinopola, que ſe chamou Romania, daquelle privilegio que o Papa Silveſtre concedeo ao Imperador Conſtantino, (ſegundo Platina,) que querendo gratificar áquelle Imperador, quando lhe largou a Cidade de Roma pera nella aſſentar a Cadeira de S. Pedro, mudando-ſe pera Conſtantinopola, mandou que aquella Cidade ſe chamaſſe dalli por diante Roma, concedendo-lhe grandes privilegios, e liberdades. Dalli por diante ſe ficou chamando toda aquella parte de Tracia, Romania, e ſeus naturaes Romanis: e os Turcos depois corrompendo-lhe o nome, lhe chamáram Rumeli, e nós depois Rumes. E não ſó os que ſe paſſáram á lei de Mafamede, depois que aquelle Imperio ſe perdeo, mas ainda os de toda Grecia, que ficáram na ſua antiga; porque como os Gregos eram muitos, e anda-

davam miſturados com hum meſmo trajo; ſem fazer differença o Mouro do Chriſtão, mandou hum daquelles Principes Turcos, que os Chriſtãos trouxeſſem nas cabeças toucas pretas pera ſerem conhecidos, e differenciados, e aſſi o são tanto de todos, que os nomeão por eſte nome Cara Rum, que quer dizer os Rumes da diviſa preta. E aos Judeos mandou que trouxeſſem toucas amarelas, e os Mouros todas brancas. Iſto mudou Soltão Amurat filho de Soleimão, e neto de Selim; e mandou que os Chriſtãos trouxeſſem barretes pretos, e os Judeos vermelhos, e os Mouros ſeus turbantes brancos. Eſtes Rumes como procedem dos Gregos, tem-ſe por mais honrados que os Turcos, e na verdade lhe são avantajados em coſtumes, limpeza, e valor; e onde quer que chegam logo ſe nomeam por Rumes á boca cheia; e a mór affronta que ſe lhe póde fazer he, chamar a hum deſtes Turco, por haverem a todos por baixos, torpes, e deſprimoroſos. Eſta he a razão deſte nome de Rume, e não a que dam alguns mal viſtos nas hiſtorias, que dizem chamarem-ſe aſſi por procederem dos Romanos, que ficáram naquelle Imperio do Egypto depois que veio a poder dos Soltãos.

E tornando a continuar com o Governador: Depois de ſe deter na barra de Dio al-

alguns dias, vendo que Soltão Badur não queria consentir nas vistas, mandou-lhe pedir por João de Sant-Iago, que lhe fizesse mercê de Diogo de Mesquita, e de todos os Portuguezes que tinha cativos, que lhe elle negou; e não aguardando mais, fez-se á véla com toda a sua Armada, sem ter mais comprimentos, e foi tomar Chaul. Alli se deteve alguns dias em negociar Diogo da Silveira, que havia de ir ao Estreito de Meca ás prezas; porque naquelle tempo aquillo era o que sustentava a India, e tão grandes Armadas como então se fazião, porque os rendimentos das entradas eram poucos. Partio Diogo da Silveira de Chaul em Fevereiro com seis galeões, e vinte navios de remo. Dos galeões eram Capitães, a fóra elle que hia no Reys Magos, D. Roque Tello do Çamorim grande, Antonio de Lemos da Trofa em outro. Dos mais Capitães não achámos os nomes. Os Capitães das Fustas eram quasi todos os que levou da outra vez ao Estreito, que sempre o acompanháram, e de sua viagem adiante daremos razão. Despedida esta Armada, o Governador se foi pera Goa, onde começou a entender nos provimentos de Malaca, e Maluco, despachando D. Estevão da Gama pera ir entrar na fortaleza de Malaca, por ser primeiro em tempo que seu irmão D. Paulo,

que

que lá eſtava, dando-lhe poderes de Veador da Fazenda, e huma Provisão pera ſeu irmão D. Paulo ficar por Capitão mór do Mar todo o ſeu tempo, até lhe tornar a caber a Capitanía que era apôs elle, porque eſtava o Rey de Viantana de guerra, e era neceſſario acudir áquellas couſas, pera o que deo a D. Eſtevão tres galeões, de que a fóra elle eram Capitães Simão Sodré, Antonio de Brito, que havia de ir a Banda, e alguns navios ligeiros, em que hiam André Caſco de Evora, João Rodrigues de Souſa, irmão de Martim Affonſo de Souſa, e Dom Franciſco de Lima: neſtas vazilhas iriam quatrocentos Portuguezes. Eſta Armada ſe fez á véla de quinze de Abril por diante, indo embarcado com D. Eſtevão ſeu irmão D. Chriſtovão da Gama, com Provisão, pera que ſe D. Paulo ſeu irmão não quizeſſe lá ficar por Capitão mór, o ſer elle. Neſta conſerva foi tambem Vaſco da Cunha na náo Santa Cruz pera em Malaca carregar de drogas, e de pimenta da Sunda, (que eſtava já feita em Malaca,) e ir-ſe pera Portugal lá pelo boqueirão da Sunda fóra.

CA-

CAPITULO X.

Do que aconteceo a Diogo da Silveira na viagem do Eſtreito : e de como chegou a Goa D. Pedro de Caſtello-branco com as caravelas.

PArtido Diogo da Silveira de Chaul com toda ſua Armada junta, ſem lhe acontecer deſaſtre algum, foi haver viſta da coſta de Arabia, e a monte de Felix ſe deixou andar com os navios poſtos por paragens. Alli lhe foram dar nas mãos algumas náos de Cambaya, e do Achem, que logo foram rendidas, e algumas de pouco porte, e depois de lhe tirarem o ſubſtancial, lhes deram fogo por ſe não pejarem com ellas, e outras deixáram com as fazendas, que leváram comſigo até Maſcate, onde ficáram os galeões: e o Capitão mór em os navios de remo ſe foi invernar a Ormuz, levando as náos de preza, que ſe vendêram com as fazendas, o que tudo importou perto de oitenta mil pardaos, que fizeram as deſpezas da Armada. Aqui os deixaremos, porque he razão que continuemos com D. Pedro de Caſtello-branco, que deixámos partido do Reino. Seguindo eſta Armada ſua viagem ora com bonanças, ora com contraſtes, foram em Fevereiro tomar Moçambique, aonde

de todas as caravelas ſe ajuntáram, reformando-ſe, e aparelhando-ſe de muitas couſas de que tinham muita neceſſidade, com os tempos que paſſáram, tomando agua, e refreſco; e de quinze de Março por diante ſe fizeram á véla pera Goa, achando no caminho muitas calmarias, que lhes deram trabalho, e os deteve até entrada de Maio, que chegáram á barra de Goa, aonde ſurgíram. O Governador tanto que teve novas acudio á barra com muitos officiaes da ribeira, e muitas barcas, em que mandou deſcarregar o galeão, porque era grande, e mettello pera dentro com as caravelas, porque as não tomaſſe fóra o inverno, porque cada dia eſperavam. E recebeo D. Pedro de Caſtello-branco com muitas honras, e o levou comſigo pera a Cidade, onde o mandou apoſentar mui bem, e aos Reynoes da Armada (que aſſim chamam a todos os que vam do Reyno o primeiro anno) mandou o Governador pagar ſeus quarteis. Com eſtas Armadas, de D. João Pereira, D. Gonçalo Coutinho, e eſta de D. Pedro, que toda veio ordenada pera ficar na India, ficou ella proſpera de navios, e Officiaes. Eſta he a razão por que naquelles tempos havia tamanhas Armadas, e porque a ribeira d'ElRey eſtava tão provída de Meſtres, Pilotos, bombardeiros, marinheiros, calafates, e todos os

mais

mais Officiaes de que ſempre havia perto de mil homens deſtes, e mantimentos. Que por regimento que havia, não podiam ſer paſſados em algum tempo a titulo de ſoldados, nem ſervirem em outra couſa, ſenão nas Armadas, em que eſtes Governadores tinham tal ordem, que todas as náos, e galeões d'ElRey (que eram de vantagem de vinte e ſinco) tinham Capitães nomeados, que venciam ordenados todo o anno, quer fizeſſem viagem, quer não: e o meſmo o Meſtre, Piloto, Bombardeiros, e mais Officiaes ordenados a cada navio, que eram obrigados a terem ſeus aparelhos leſtes, e preparados de feição, que ſe em dous dias quizeſſem guarnecer todos os galeões, o podiam fazer ſem embaraço, porque cada Meſtre com os marinheiros de ſua obrigação acudiam ao ſeu galeão, ſem ter cuidado de outra couſa, e aſſim era ElRey muito bem ſervido, e os ſeus galeões reformados, concertados, e vigiados, e duravam muitos annos: E com a India não render mais que a metade do que depois rendeo, havia dinheiro pera iſto, e pera ſe pagarem quatro mil ſoldados a quatro quarteis cada anno, e pera ſe fazerem náos, galés, galeões quaſi todos os annos novos; e mais não havia tanto Véador, e Superintendente da Fazenda, como ha hoje pelas fortalezas, que os Gover-

vernadores, e Viſo-Reys ordenam pera aproveitar a Fazenda d'ElRey, que nunca foi tão deſaproveitada como em ſeu poder. E naquelle tempo ſerviam os Officiaes ſeus cargos livremente, ſem as vexações que hoje tem os Feitores, aſſim dos Capitães, como dos Veadores da Fazenda, que muitas vezes não são nem de tanto ſangue, nem de tanto merecimento. E neſte tempo em que as couſas corriam via ordinaria, havia tudo de ſobejo; mas depois veio iſto a deſcahir tanto, que com render a India duas vezes mais que naquelle tempo, chegou a ribeira d'ElRey a não ter mais que ſinco, ou ſeis Officiaes Portuguezes, e a ſe irem os galeões ao fundo com agua ſurtos no porto, por não terem quem lhes déſſe á bomba, nem quem os vigiaſſe; e eſcaçamente ſe poderem fazer duas Armadas de navios de remo pera o Malavar, e pera o Norte muito mal provídas, com mil e duzentos homens que podem andar nellas, pagos a hum quartel cada anno; e com iſto acontecer, deixar-ſe de prover Maluco por falta de hum galeão, pelo não haver na ribeira. A razão deſtas couſas não foi de alguma mudança dos Ceos, nem da terra, porque os elementos ſempre foram huns, a terra, e os campos aſſim meſmo acodem com ſeus fruitos a ſua ſezão como dantes: por onde a

mu-

mudança deve ser a dos homens, das leis, e dos costumes tão differentes em tudo daquelles com que a India se ganhou; porque diz Seneca, que os Estados he necessario sustentarem-se com as mesmas artes com que se ganháram: Logo parece que tanto que nellas houver mudanças, estarão a risco de se perderem. A India ganhou-se com peitos desinteressados, e com o intento no serviço de Deos, e d'ElRey, com desejos de honra, e fama, com se estimarem os homens, com os Capitães não terem outros arreios, nem tapeçarias mais que muitos soldados em suas casas com poucos Desembargadores, e Ouvidores: o que depois veio a ser tão differente, que já hoje ha poucos que pertendam fama, senão renda. Trocáram-se os ardís da guerra em ardís de fazenda, e recolher os soldados tem-se já por doudice, e por isso andam muitos pelas portas dos Mosteiros. Costumava a dizer D. Antonio de Noronha, sendo Viso-Rey da India: *Que ella não duraria mais, que em quanto nella houvesse doudos.* E perguntando-lhe que doudos haviam de ser, respondeo: *Que Fidalgos que sahiam ricos de suas fortalezas, e tudo o que dellas traziam, tornavam a despender no serviço d'ElRey*; e praza a Deos que não venha a ser verdadeira sua opinião, porque hoje assim se fecham os Capitães com seu di-

nheiro, que não ha poder entrar com elles mais que a morte, que parece que de propoſito os eſpreita; porque em os vendo ricos, e proſperos, vem huma dor de cabeça, e acabam-ſe todos os ſeus caſtellos de vento. E pelo decurſo da hiſtoria apontaremos tempo, em que nenhum Capitão logrou o que acquirio pelos meios que elles ſabem. Deixemos eſta materia que he perigoſa, e continuemos com noſſa hiſtoria.

CAPITULO XI.

Do que aconteceo a D. Eſtevão da Gama até chegar a Malaca: e de como Lac Ximena Capitão d'ElRey de Viantana foi dar viſta a Malaca, e D. Paulo da Gama lhe ſahio, e da cruel batalha que tiveram, em que D. Paulo foi morto, e desbaratado.

PArtido de Goa D. Eſtevão da Gama, como atrás diſſemos, tendo ſempre boa viagem, foi a Malaca entrada de Junho, ſendo muito bem recebido de ſeu irmão D. Paulo, que o tinha por morto, e logo lhe entregou a fortaleza, ſem os inconvenientes, e embargos, que hoje tem os Capitães, e mais Officiaes, porque naquelle tempo todo o Capitão a todo tempo que chegava á India, ſendo primeiro em tempo que o ou-

tro que já estava na fortaleza o podia ir tirar, o que depois ElRey revogou com hum Alvará, em que mandava, que tanto que hum Capitão estivesse de posse o não fosse tirar outro vindo do Reyno, posto que fosse primeiro em tempo, o que fez por evitar muitos inconvenientes. E havendo perto de quinze dias que D. Estevão era chegado, succedeo a desastrada morte de seu irmão D. Paulo da Gama, que foi por esta maneira. O Rey de Bintão, que Pero Mascarenhas desbaratou, e destruio, (como atrás temos dito,) passou-se pera a terra firme de Malaca, e fundou naquella ponta da terra, a que chamam Viantana, huma formosa Cidade; e como estava escandalizado dos Portuguezes, buscava todos os modos, e ardís pera se satisfazer delles, lançando Armadas por aquelles Estreitos de Sincapura, e Sabão, por onde corriam todos os mantimentos, drogas, e fazendas de todas as sortes, desde as partes da China até Malaca pera aquella fortaleza, impedindo-lhes a passagem, e recolhendo em seu porto todos os navios que as levavam, com que o engrandeceo muito, favorecendo aos mercadores assim em seus direitos, como em suas compras, e vendas: o que tudo foi em damno da fortaleza de Malaca, que começou a sentir aquella mudança em suas entradas, e a

padecer falta de todas as cousas: com o que aquelle Rey andava tão soberbo, que quasi se tinha feito Senhor do mar, trazendo de continuo suas Armadas nelle, com que fazia guerra a Malaca. E porque todas foram como cossairo, e muito miudas, as não quizemos particularizar em seus lugares, por não enchermos esta nossa historia com cousas pequenas, tendo tantas, e tão grandes pera escrever. E como este inimigo se tinha já feito poderoso, e andava favorecido da fortuna, quiz festejar o novo Capitão de Malaca com ver se por ardil podia acolher alguns navios ás mãos: pera o que despedio Lac Ximena seu Capitão geral com huma Armada de setenta vélas, muito bem petrechadas, com que se foi lançar detrás da Ilha a que os nossos chamam das Náos, mas os naturaes Pongor, que está duas leguas de Malaca, e dalli despedio oito, ou dez lanchâras, pera que corressem até á vista da fortaleza, pera verem se lhe sahiam algumas embarcações, como sempre faziam, e que lhe fossem fugindo até á Ilha onde elle ficava escondido, o que tudo succedeo como elle imaginou; porque chegando os navios á vista de Malaca andáram fazendo algumas sobranças. D. Estevão da Gama acudio ao cais, e com elle D. Paulo seu irmão, e mandáram com muita pressa nego-

ciar

ciar alguns bantins, e tres batéis das náos, mettendo-lhes falcões, e muitas munições, e D. Paulo da Gama ſe embarcou em hum batél, e nos outros hiam André Caſco, e Simão Sodré; e nas mais embarcações, que ſeriam perto de quinze, hiam João Rodrigues de Souſa, Balthazar Leite, Juzarte Freire, e outros Cavalleiros honrados; e tomando o remo, foram demandar os navios dos inimigos, que foram manquejando, e fugindo pera a cilada. D. Paulo da Gama os foi ſeguindo até dar nella; e ſendo pegado com a Ilha, lhe ſahio Lac Ximena com grandes gritas, e alaridos. D. Paulo vendo a grande cópia dos navios, entendeo o ardil dos inimigos; e poſto que vio que alguns de ſua companhia ſem curarem de pontos de cortezia ſe foram recolhendo, não fez couſa alguma abalo em ſeu coração, porque era Fidalgo orgulhoſo, e muito Cavalleiro. João Rodrigues de Souſa, André Caſco, Simão Sodré, Juzarte Freire, Balthazar Leite, como eram homens de opinião, e que não haviam de largar o ſeu Capitão mór por todos os perigos da vida, chegáram-ſe a elle pera ſaberem o que determinava, ſendo o primor de todos tal, que nenhum quiz ſer o primeiro que perguntaſſe o que fariam; pondo-ſe todos em armas, negociando os ſeus navios, porque os dos inimigos já ſe

hiam

hiam chegando. D. Paulo da Gama, que era todo cheio de opinião, estava apostado a morrer antes que fugir, e vendo que os da sua companhia se faziam prestes, e preparavam pera a peleja, encadeou-se com todos, porque os inimigos os não rompessem, e dividissem. Alguns homens velhos de Malaca dizem, que vendo D. Paulo a grande Armada dos inimigos, bem entendeo que se havia de perder, e quando vio chegar a elle os outros Capitães, e lhe não diziam cousa alguma, começára a cantar assim em tom baixo aquella cantiga velha, que diz: *Olival, olival verde, azeitona preta: quem te colhesse*; o que dissera por ver se algum lhe dizia, que não era siso esperar os inimigos, e que se recolhessem. Mas como nenhum quiz ser primeiro, (ou pera melhor dizer, tinha Deos alli ordenado o fim de D. Paulo, e de outros,) dando-lhe a desconfiança, vendo que todos se calavão, disse: *Avante, avante*, e foi remando pera os inimigos. Como quer que fosse, elles se investíram, dando-se primeiro sua salva de artilheria, mettendo-lhes os nossos alguns navios no fundo das primeiras falcoadas, e assim se começou antre todos huma muito cruel, e arriscada briga, servindo-os os nossos com muitas panellas de polvora, e lanças de fogo, com que queimáram muitas das lancha-

ras. Da parte dos inimigos choviam nuvens de séttas hervadas, que encraváram os mais dos nossos, e matáram muitos. D. Paulo, João Rodrigues de Sousa, Simão Sodré fizeram este dia espantosas cavallerias, e o mesmo todos os mais, porque pelejavam em defensão da vida, obrando todos cousas não esperadas de homens, senão de leões bravos. E por não particularizarmos golpes, a crueza foi tamanha, que quando a noite os apartou, já dos nossos eram mortos sessenta, e todos os mais feridos mortalmente. D. Paulo da Gama fez este dia o officio de bom Capitão, e de muito valeroso soldado, recebendo muitas feridas, e em quanto as forças lhe deram lugar, sempre o acháram diante obrando cousas dignas de seu sangue. Mas faltando-lhe elle pelas muitas, e mortaes feridas que tinha, cahio entre os bancos do seu batél. João Rodrigues de Sousa, e André Casco depois de fazerem grande estrago nos inimigos cahíram mortos de crueis fréchadas. Vindo a noite ficáram os inimigos em tal estado, que não pudéram levar os nossos batéis que andavam anhotos, e se recolhêram com a mór parte da gente morta, e Lac Ximena ferido mortalmente, ficando-lhe a mór parte de suas embarcações mettidas no fundo, e destroçadas. Alguns dos nossos, que ficáram vivos, ainda que mal

fe-

feridos, vendo-ſe livres dos inimigos, (que os deixáram em eſtado, que quaeſquer dous bantis os pudéram levar a todos,) dando á véla chegáram a Malaca, aonde logo ſe ſoube a deſaventura. D. Eſtevão acudio ao cais, e deſembarcou ſeu irmão, que hia já na derradeira, e achou os batéis, e bantis alaſtrados de corpos mortos, couſa que muito o cortou. E com hum animo muito ſeguro mandou dar a todos ſepultura; e a ſeu irmão mandou curar com muita diligencia, e os mais feridos: huns foram recolhidos no hoſpital, e outros pelas caſas dos caſados, aonde ſe curáram, e deſtes morrêram muitos. A João Rodrigues de Souſa negou-ſe-lhe a ſepultura em ſagrado, porque diziam que tivera humas paixões com hum Prégador, e que lhe dera huma bofetada. As peſſoas principaes que aqui morrêram foram o meſmo João Rodrigues de Souſa, André Caſco, Miguel Freire homem Fidalgo, Sancho Sanches filho do Commendador de Calatrava, que era caſado em Elvas com huma mulher do appellido dos Gamas, Bernardo Queimado, Jorge Fernandes Borges, Luiz Alvares, e outros. D. Paulo como hia ferido mortalmente durou poucos dias, falecendo depois de ter feito todos os actos de Chriſtão. Deixou em ſeu teſtamento a ſeu irmão D. Eſtevão da Gama por ſeu herdei-

ro,

ro, e teſtamenteiro, e nomeou nelle dous annos, que lhe ficáram por ſervir da ſua fortaleza, que depois ElRey lhe confirmou no meſmo tempo, ſervindo ſinco a eito. Sentio D. Eſtevão muito a morte de ſeu irmão, porque o amava muito, e fez-lhe o officio funeral com o mór apparato que pode ſer; promettendo-lhe em ſeu coração huma muito grande vingança de ſua morte, como logo tomou. Foi eſta batalha tão famoſa, (e aſſim eſtá hoje tão freſca na memoria dos Malayos, pelo grande damno que nella recebêram,) que ſe tem em cantigas, que elles muitas vezes cantam com grandes ſentimentos. E porque começam logo em louvor de D. Paulo, nos pareceo bem pôr aqui os primeiros verſos, porque o teſtemunho dos inimigos he de mais fé que todos, e eſtes o são do valor deſte Fidalgo. Começa a cantiga em Malayo aſſim:

Capitão D. Paulo,
Baparam de Pungor,
Anga dia malu,
Sita pa tau dor.

Que quer dizer: *Capitão D. Paulo pelejou em Pungor, e antes quiz morrer, que recuar hum palmo.* Os oſſos de João Rodrigues de Souſa mandou depois ſeu irmão Martim Affonſo de Souſa, ſendo Governador da India, levar pera Goa, e os foram deſenterrar

rar do campo dos Jaos onde eſtavam, com grande acompanhamento, e vaidade do Mundo. E porque havia muitos annos que acontecêra o caſo, e depois ſe enterráram naquelle lugar muitos Jaos, e a cova de João Rodrigues tinha já perdido o ſinal, e caváram onde lhes pareceo, e os oſſos que acháram foram levados com grande pompa: indo Ruy Vaz Pereira, que então era Capitão, acompanhando-os, e vendo aquella pompa, e que os Clerigos hiam cantando aquelles Reſponſos coſtumados, diſſe alto: *Cantai vós embora quanto quizerdes, Padres meus, que ahi levais vós os oſſos de hum valente Jao.* Baſta, quaeſquer que foram, ſe embarcáram pera Goa, onde foram recebidos com a mór pompa, e apparato funeral que pode ſer, e depoſitados na Capella mór da Sé Matriz na parede da parte do Evangelho, aonde eſtam com huma formoſiſſima pedra de marmore mui bem lavrada, e com ſuas armas, e letreiro, e em ſima outra pedra mais pequena, que tem hum letreiro, em que diz, que o Summo Pontifice concede grandes perdões a toda a peſſoa que rezar hum Pater noſter, e huma Ave Maria pela alma de João Rodrigues de Souſa. E foi a vaidade do Governador tamanha, que poz os oſſos do irmão aſſima da ſepultura do Viſo-Rey D. Garcia de Noronha, Fidalgo tão velho,

e

e tão honrado, que está lançado no chão da mesma Capella, e quasi aos pés de João Rodrigues de Sousa.

CAPITULO XII.

De como D. Estevão da Gama foi contra o Rey de Viantana, e lhe destruio a Cidade de todo: e dos proveitos que ElRey tem das Ilhas de Banda, e da qualidade de seus frutos.

POsto que estas cousas acontecêram em Outubro que vem, por nos não sahirmos de Malaca, quizemos aqui concluir com ellas, por não pejarmos o verão em que entramos, porque temos muitas cousas que escrever. E assim continuaremos com D. Estevão da Gama, que não querendo deixar passar a paixão da morte do irmão, nem que lhe arrefecessem os desejos de sua satisfação, ordenou logo em fresco tomar della muito bastante vingança, pera o que se fez prestes pera ir em pessoa contra aquelle Rey, e deitallo fóra daquelle porto. E fazendo alardo da gente que havia pera levar, achou perto de quinhentos Portuguezes, e duzentos homens da terra. E entrando Outubro se embarcou levando sinco náos, de que eram Capitães, a fóra elle, Vasco da Cunha, Antonio de Brito, D. Christovão da Gama, e

D.

D. Francifco de Lima. Levou mais doze fuftas, de que eram Capitães Balthazar Leite, Juzarte Freire, Thomé Rapofo, Fernão Gomes Cabreira, Diogo da Cunha, Alvaro Carvalho, Lourenço de Abreu, Gafpar Soares Pimentel, Antonio Ferraz, Manoel Pinto, Manoel Mendes, Francifco Mendes, e Diogo Vaz Feitor da Armada. Hiam tambem alguns bantis, em que hia a gente da terra. E paffando com toda efta frota o Eftreito da Sincapura, (que alguns tem pela Zaba de Ptholomeo,) que he huma paffagem que fe faz entre as Ilhas de Bintão, e a terra firme de Malaca, que por outro nome fe chama o Canal de Varela; e paffando o Eftreito, foram furgir na boca do rio de Jor, onde aquelle Rey tinha feito feu pofto. Fica efte rio antes de chegarem áquella ponta derradeira da terra de Malaca, que eftá em altura de dous gráos do Norte, a quem os noffos, que por alli primeiro navegáram, chamáram a ponta de Romania, porque acháram fempre por aquella paragem humas frutas que pareciam romans pequenas. D. Eftevão da Gama entrou no rio com toda a Armada, e a outro dia fe embarcou em alguns navios ligeiros, e foi reconhecer a Cidade, que eftava pelo rio dentro hum bom efpaço; e chegando á vifta a notou, que eftava toda eftendida do longo do rio

fo-

ſobre hum tezo , hum pouco affaſtada da agua , e a face que daquella parte apparecia, era cercada de huma formoſa tranqueira de maſtos muito groſſos de duas faces com ſeus entulhos , e tres baluartes de pedra , e terra, e mui grandes , e fortes , guarnecidos de muita , e muito formoſa artilheria , de que por aquella face ſó havia de vantagem de quatrocentas peças , e na praia em baixo havia algumas tranqueiras de madeira com artilheria , e gente de guarnição. ElRey eſtava na Cidade com perto de oito mil homens , e andava-ſe fortificando a mór preſſa , porque em a Armada partindo de Malaca teve logo aviſo della. D. Eſtevão tanto que reconheceo bem o ſitio , e a parte em que ſe podia deſembarcar , que não havia outra ſenão aquella praia , nem ſe podia paſſar pera a Cidade ſenão por cima dos fortes , não lhe parecendo aquillo duvidoſo a ſeu animo , mandou entrar toda a Armada , e ſurgio defronte da Cidade o mais perto que pode ſer : e logo a mandou bater pelos galeões com grande terror , e eſpanto por dous dias continuos : em que ordenou com os Capitães o modo da deſembarcação , que ſe aſſentou foſſe por eſta maneira. De toda a gente Portugueza fez duas batalhas de duzentos e ſincoenta homens cada huma : A primeira que havia de ſer a dianteira , deo

a

a D. Francisco de Lima, e com elle Dom Christovão da Gama, Simão Sodré, e os Capitães das fustas que já nomeámos: A outra batalha tomou pera si, ficando com elle Antonio de Brito, e Vasco da Cunha. E porque as particularidades desta desembarcação, e commettimento da Cidade não pudémos nunca achar a certeza dellas, nem alcançámos pessoas que nella se achassem, a contaremos assim em summa. Desembarcáram os nossos, e acháram Lac Ximena no campo com tres mil homens pera lhes defender a desembarcação, e com elle tiveram os da dianteira huma aspera batalha, em que houve grande damno de ambas as partes; mas a seu pezar, e com morte de muitos largou a praia, levando-o os nossos de vencida até os fortes debaixo, aonde alguns se recolhêram, e os outros foram passando pera a Cidade. Chegados os nossos aos fortes os commettêram com grande determinação, e depois de muita referta os entráram. Dom Estevão chegou aqui com o resto do poder, e formando seus esquadrões, foi marchando pera a Cidade, não cessando em todo este tempo a bateria assim do mar, como da terra, que foi a mais espantosa cousa que se podia ver, porque tudo o que se via, e ouvia eram trovões, relampagos, fogo, e fumo, em que a Cidade, e toda a Armada

da

da eſtavam eſcondidas. D. Eſtevão commetteo a Cidade por huma ilharga, pelejando de fóra, e de dentro com grande valor, e esforço, cortando-ſe com machados alguns maſtos, abrindo caminho por onde os noſſos entráram com grande damno, e cuſto, porque ſe perdêram muitos. Dentro tiveram huma muito cruel batalha; mas no fim della foram os inimigos desbaratados de todo, fugindo ElRey pera o ſertão. Os noſſos ficáram ſenhores da Cidade, que foi mettida a ſacco, achando-ſe nella muitas, e ricas fazendas, que foram roubadas por todos francamente. D. Eſtevão, entretanto que os ſeus ſoldados ſe cevavam, mandou embarcar a artilheria pelos marinheiros. Depois da Cidade toda roubada, e eſcalada, lhe deram fogo, em que toda ſe conſumio até os aliceces, que foi couſa temeroſa de ver, por ſer toda de madeira, cujas labaredas parecia que chegavam aos Ceos; e a todas as embarcações que eſtavam varadas, e outras no mar tambem ſe lhes deo fogo de maneira, que tudo ficou feito cinza. D. Eſtevão ſe recolheo de noite á Armada, por não haver já que fazer, deixando bem vingada a morte de ſeu irmão D. Paulo. O numero dos noſſos que morrêram não ſoubemos em certo, nem de peſſoa aſſinalada que ſe alli perdeſſe. Foi eſta huma das famoſas vitorias que

os

os Portuguezes alcançáram na India; que foi muito feſtejada em Malaca, e D. Eſtevão recebido com triunfo, ficando aquelle Rey deſtruido de todo. D. Eſtevão da Gama depois de ſer em Malaca, entendeo na carga da náo Santa Cruz, que havia de ir pera o Reyno, de que era Capitão Vaſco da Cunha, que logo partio o Dezembro ſeguinte, e teve muito boa viagem, e Vaſco da Cunha foi bem recebido, e ElRey o deſpachou com a Capitanía de Chaul, e o tomou por Fidalgo, que até então o não era. Tambem deſpedio D. Eſtevão Antonio de Brito pera ir fazer as viagens de Banda. E porque até agora deſtas Ilhas, e de ſeu commercio não temos dado relação, o faremos agora aqui o mais abbreviadamente que pudermos.

Eſtas Ilhas quando foram deſcubertas por outro Antonio de Brito nos annos de mil e quinhentos e onze, fez elle hum contrato com os Regedores dellas, (porque eram então izentas, e governavam-ſe como République,) por eſte modo, que dariam aos Capitães do navio do trato que ElRey de Portugal mandaſſe áquellas Ilhas o bar da noz a tres cruzados de Malaca, porque em todas aquellas partes não corria outra moeda ſenão cruzados, e caixas, (que he moeda de cobre miuda como os noſſos reaes,

de

de que trezentos e sessenta fazem hum cruzado,) e com condição, que em cada sete bares da noz seriam obrigados a lhe dar hum de massa, e por elle lhe pagariam o que valessem sete de noz, que eram vinte e hum, cujo preço ainda atégora durava, e depois se veio a alterar pelas desordens dos Capitães que lá foram. Este commercio montava a ElRey cada anno sessenta mil cruzados, sem metter mais cabedal, que o galeão, que sempre era o de maior porte que havia na India, e de ordinario carregava mil e duzentos bares de noz, e massa, porque he droga que avoluma muito. Os proveitos que ElRey tinha eram estes. Toda a pessoa que na náo d'ElRey carregasse os bares que quizesse de massa, ou de noz, tiraria em Malaca outros tantos pelo pezo daquella Cidade, que eram tres quintaes, duas arrobas, dez arrateis, e tudo o que sobejasse, e crescesse do pezo de Banda, que era sete arrobas em cada bar, fosse pera ElRey, porque o bar de Banda he de sinco quintaes, huma arroba, e dez arrateis: estes proveitos eram muito grossos, mas ao diante pelas desordens dos Governadores, e Viso-Reys; das grandes, e largas mercês que vieram a fazer a parentes, e criados desta noz, e massa que vinha a ElRey, ou de liberdades pera não pagarem cousa alguma, veio

muitas vezes ElRey a pôr, como lá dizem, as linhas de ſua caſa, pelo que ſe largáram, como em ſeu lugar diremos. São eſtas Ilhas outras ſinco, como as de Maluco, Lontor, Neira, Puloay, Pulorum, e Gunuape, e jazem em quatro gráos e meio do Sul, e correm todas Norte, e Sul; e no numero, grandeza, perpétua verdura, e em tudo o mais ſe parecem com as de Maluco, ſó nos frutos differem. Eſtas Ilhas foram primeiro deſcubertas, e tratadas dos Jaos, Malayos, e Chins, que as de Maluco, porque em principio quando foram ter a eſtas Ilhas os das de Maluco, lhe levavam lá a vender o ſeu cravo, e ficavam aquellas Ilhas de Banda ſendo de mór commercio, e trato que todas, por concorrerem nellas todas aquellas nações eſtrangeiras, que aſſima nomeámos. Pelo que mais antigo foi o conhecimento da noz, e maſſa dos Perſas, e Arabios, que do cravo, poſto que Plinio dá muita razão do cravo, e nenhuma da noz, e maſſa. Nem ſe acha, ſegundo ſoubemos de muitos, e bons Medicos que á India paſſáram, que os Gregos tiveſſem conhecimento da noz, e maſſa, porque o Macer de Galeno, que alguns cuidáram ſer a maſſa, dizem os noſſos modernos, que differe muito na qualidade, e ſó pela apparencia cuidáram ſer ella, porque os Gregos pintáram

eſ-

este fruto vermelho. Nomea-se a massa entre todas as nações do Oriente por differentes nomes. Na sua propria terra lhe chamam á noz, pala, e á massa, buna pala. Os Dacanis chamam á noz, Japatri, e á massa, Jayfol: os Arabios lhe chamam, Geauzibanda, que quer dizer noz de Banda, e á massa, Bisbaese. E posto que elles tambem chamam ao coco da India, geauz, todavia logo lhe accrescentam geauzi Indij, que quer dizer noz da India. E quem ler em alguns Medicos modernos, principalmente no Doutor Horta (no seu Tratado que fez de todos os simples da India) geauzi alindi, entenda que he grande corrupção, o que havia de nascer de traducção do Arabio. Estas arvores da noz são do tamanho dos nossos pereiros, alargam mais do que se alevantam, a folha he redonda, e quasi quer parecer com as das nogueiras. São todas estas arvores tão mimosas, que se lhes dão hum pequeno furo no pé, ou lhes mettem hum prégo, logo se seccam: dão tres, ou quatro novidades cada anno, e colhe-se muito grande quantidade, de que vam muitos Juncos da Jaoa carregados, com não vir á luz a mór parte do fruto, por cahir facilmente antes de madurecer com as trovoadas. Não dão estas arvores flor alguma, porque logo sahe fruto branco, e como amadurece fica amarello, e depois de maduro

incha, e rompe a primeira casca, que he da grossura de tres tostões, e como se abre toda, fica apparecendo a noz por dentro, que he hum bugalho cuberto todo de huma delgada casca preta, rodeada da formosa massa, e assim como vai o fruto crescendo, e abrindo, o vai tambem fazendo esta massa a partes, de feição, que parece huma muito formosa brosladura de ouro sobre preto. Da casca de fóra que he grossa, como dissemos, fazem conserva, ou de açucar, ou de vinagre, e o bugalho de dentro lançam-no ao Sol, com cuja quentura se despede a massa, mudado já a côr, e fica a outra casca do bugalho, que não aproveita pera cousa alguma; e o miolo de dentro, que he a noz, fello a Natureza tão mimoso, que como lhe toca agua logo apodrece, como tambem o faz á massa. Fazem em Banda hum oleo della, que depois de frio endurece, e quasi que quer imitar os sabonetes de Flandres, e he muito bom pera mal de frio, porque he quente, e esfregado entre as mãos untando, e correndo as partes aggravadas, mitiga a dor. E nós já usámos della pera huma gotta artetica de frio, de que ha annos somos enfermos; e posto que não tirou a dor de todo, abrandou-a, he quente, e secca no terceiro gráo.

CAPITULO XIII.

Das cousas que este anno succedêram em Maluco, e dos Senhores daquelle Archypélago, que se fizeram Christãos: e de como Tristão de Taíde prendeo ElRey Tabarijá, e o mandou á India, e alevantou por Rey seu irmão Aeiro: e da crueldade que usáram com sua mãi por lho não querer dar.

JÁ que estamos desta parte, bem he que continuemos com as cousas de Maluco. Deixámos atrás Tristão de Taíde partido pera aquella fortaleza, onde chegou, e tomou posse della, achando-a no estado em que o anno passado a deixámos. Vicente da Fonseca logo se embarcou pera a India, onde o Governador o prendeo por muitas culpas que lhe mandáram de Maluco, e o castigou por ellas. Tristão de Taíde achou aquella Ilha toda escandalizada, e em nenhuma outra cousa se occupou, senão em temperar a Rainha, e ElRey, quietando-os alguma cousa, e começando a correr alguns mantimentos, e a se concertarem as cousas; porque este Fidalgo entrou governando branda, e suavemente, o que logo se lhe mudou, porque os máos homens, que vivem por todas estas fortalezas, são a principal causa dos trabalhos dellas com os seus Capitães pelos

los mexericos, invenções, e ardís com que lhes vam, cuidando que os agradam, e todos em prol de suas fazendas, que he o que elles pertendem contra a obrigação da alma, e do serviço do Rey. Succedeo em principio do seu governo irem duas corocoras de Mouros a dar em huma Cidade do Moro, chamada Momoya, cujos naturaes eram idólatras, e a saqueáram, e destruíram, escapando o Senhor della, que era hum Sangage Gentio, homem moralmente virtuoso, e honrado. Estava naquelle tempo hum Portuguez chamado Gonçalo Veloso em hum lugar alli perto fazendo suas mercancias. Este depois disto passado foi ter á Cidade de Momoya, e vio-se com aquelle Sangage, que lhe fez grandes queixas daquelles Mouros seus vizinhos, pedindo-lhe conselho de como se vingaria, e satisfaria delles, porque estava muito escandalizado. Gonçalo Veloso movendo-lhe Deos a lingua, lhe disse, que o remedio estava certo, se o elle quizesse tomar, que era mandar pedir ao Capitão de Maluco pazes, e correr em amizades com os Portuguezes, porque como os tivesse por amigos, nenhum Rey, nem Senhor lhe faria affronta, que lha elles logo não satisfizessem até aventurarem as vidas, e o Estado, porque assim o mandava o seu Rey. Mas que pera aquillo se fazer me-

melhor , e com mais gosto, era necessario fazer-se Christão , porque com isso segurava sua alma , (que era o que mais importava,) e possuiria seu senhorio em paz , e quietação. Com isto lhe fallou das cousas de nossa Fé tão altamente, que ficou o Sangage pasmado: e tocando-o Deos, cahio naquella verdade , e disse a Gonçalo Veloso , que lhe fallava como amigo , que lhe pedia quizesse ir a Maluco com alguns homens seus a pedir ao Capitão désse ordem como fosse baptizado. Gonçalo Veloso partio com este alvitre em companhia de alguns homens honrados , que o Sangage elegeo pera esta jornada , que foram em Ternate mui bem recebidos; e tão satisfeitos ficáram das honras que lhes fizeram, e do modo dos Portuguezes, que pedíram a Tristão de Taíde os mandasse fazer Christãos , o que elle logo ordenou, celebrando-se aquelle auto com muitas festas , e alegrias , sendo Tristão de Taíde seu Padrinho, que os vestio á Portugueza mui bem. Depois os despedio , mandando louvar ao Sangage a vontade que tinha de receber a Lei da verdade, e de engeitar por ella as ceremonias feias , e abominaveis das idolatrias , em que até então vivêra : E que a ordem de como havia de receber o santo Baptismo, e como , e onde, elle o havia de eleger, porque se faria

co-

como elle quizesse, e ordenasse. Chegáram estes homens a Momoya, e disseram ao seu Sangage tudo o que era passado, e da resposta que lhe o Capitão mandava, e com isto lhe disseram tantas cousas dos bons costumes dos Portuguezes, e dos gazalhados, e honras que lhes fizeram, que o movêram a se embarcar logo pera Ternate em algumas corocoras, em que levou algumas pessoas principaes da Cidade. Tristão de Taíde lhe fez hum grande recebimento, e o mandou agazalhar mui bem, e entregando-o a hum Padre virtuoso pera o catechizar a elle, e a todos os seus, em que gastáram alguns dias; e como estiveram aptos, e sufficientes pera receberem o santo Sacramento do Baptismo, lho deram a elle, e a todos, pondo nome ao Sangage, D. João. Isto se fez com as móres festas que Ternate podia dar de si. Depois de se desenfadar aquelle senhor Christão alli alguns dias, em que o Capitão o banqueteou, despedio-se delle muito contente, e se tornou pera o seu senhorio, levando comsigo hum Sacerdote, que se chamava Simão Vaz, (que foi o que o catechizou,) pera o instruir bem nas cousas da Religião Christã. Este bom Sacerdote viveo naquella Cidade alguns tempos com grande exemplo, exercitando o officio da caridade, e com grande zelo, e amor de

Deos

Deos fez a mór parte dos moradores de Momoya Chriſtãos. E porque era ſó, e não podia com tanto, (por ſer a gente que corria ao Baptiſmo muita,) mandou pedir a Triſtão de Taíde lhe mandaſſe outro Sacerdote pera o ajudar, que logo lhe mandou o Padre Franciſco Alvares, e ambos em poucos dias fizeram Chriſtãos todos os moradores daquella Cidade, e de outros lugares, derribando todos os Pagodes, e purificando os principaes; e das caſas que eram de abominação fizeram Templos, em que o Altiſſimo Deos começou a ſer acatado, venerado, e louvado. Triſtão de Taíde favoreceo tanto eſte Sangage novo Chriſtão, que lhe mandou alguns ſoldados Portuguezes pera o acompanharem, e pera guarda de ſua Cidade. Eſtando as couſas neſte eſtado, e o Rey Tabarija odioſo de alguns que lhe deſejavam de urdir a morte, como logo fizeram, tratando em ſegredo com o Capitão, e affirmando-lhe, que ElRey ſolicitava ſua morte, como já fizera ao Capitão Gonçalo Pereira, e tomar aquella fortaleza, e lançar todos os Portuguezes fóra daquellas Ilhas; e como iſto era couſa que tocava na vida, e no perigo da fortaleza, foi-lhe muito facil de crer, e mais tendo exemplo tão freſco, como na morte do outro Capitão; e diſſimulando o negocio o melhor que pode,

or-

ordenou com alguns Portuguezes, que trouxessem ElRey á fortaleza, como que o tomavam pera com elle por valedor, (como muitas vezes costumavam a fazer.) E sendo chamado de alguns, como elle estava innocente, e não se receava de cousa alguma, vindo á fortaleza foi logo prezo, e mettido em ferros, tirando devaça do caso em que testemunháram os mesmos inimigos que o accusáram: pelo que foi por sentença julgado, que fosse á India livrar-se; e assim o embarcou na monção seguinte. Mas permittio Deos per sua innocencia, que onde Tristão de Taíde cuidava que lhe fazia mal, lhe fizesse hum tão grande bem, como fazer-se Christão, (como em seu lugar diremos,) porque muitas vezes permitte males pera delles nascerem muito grandes bens. Tristão de Taíde tanto que o embarcou, mandou buscar outro irmão chamado Soltão Aeiro bastardo, filho de outra mulher de casta Jaoa, que sería de idade de doze annos. Os que o foram buscar a casa da mãi (que eram Portuguezes criados do Capitão) dizendo-lhe, que era para ser Rey: vendo a mãi o infelice estado que os passados tiveram, depois que os Portuguezes entráram naquella Ilha, querendo antes seu filho seguro em estado privado, que tão arriscado no de Rey, abraçando-se com o filho

lho

lho o não quiz largar, dizendo grandes laſtimas, e dando tantos gritos, como ſe lho leváram pera o matarem. Os homens que foram a eſte negocio, em vez de ſe compadecerem das lagrimas da triſte mãi, e conſolarem-na, ſegurando-lhe a vida do filho, irando-ſe contra ella, lho arrancáram por força dos braços, e a ella lançáram por huma janela fóra, fazendo-ſe em baixo em pedaços, e o filho foi levado á fortaleza, e alevantado por Rey com muitas lagrimas ſuas. Eſta deshumanidade, e caſo brutal foi tão avorrecido em todas aquellas Ilhas, que de novo tratáram conjuração contra os noſſos, carteando-ſe todos aquelles Reys huns com outros. E vindo ás viſtas, os mais delles concluíram, que era intoleravel ſoffrer que homens que elles agazalháram, e deram fortalezas em ſuas terras gracioſamente, vieſſem a tanta ſoberba, poder, e arrogancia, que diſpuzeſſem, e alevantaſſem os Reys que quizeſſem, ſem os naturaes niſſo terem voto, nem parecer. ElRey ficou reteúdo na fortaleza, e com o medo de o matarem, eſtava tão humilde como ſe fora cativo do Capitão. A mãi foi enterrada pelos naturaes muito honradamente; e certo que ſe podiam fazer da morte deſta mulher grandes exclamações, mas falta-nos pera iſſo o talento, e o eſtilo, ſómente diremos, que merece

ſer

ſer mais engrandecida, (porque antes quiz morrer, que ver ſeu filho Rey,) que não a mãi daquelle cruel Nero, por dizer que reinaſſe ſeu filho, ainda que elle a mataſſe. As couſas de Maluco tornáram ao peior eſtado que podiam ter, porque por mar, e por terra lhe começáram a faltar os mantimentos. E aſſim o deixaremos.

CAPITULO XIV.

Da jornada que o Turco Soleimão fez contra o Xathamaz Rey de Perſia: e de como lhe entrou por ſeus Eſtados até á Cidade de Tabris: e de como ao recolher deram os Perſas ſobre elle, e o desbaratáram, e de outras couſas.

PORque as guerras de antre o Turco, e o Rey de Perſia foram em detrimento, e damno da Alfandega, e rendimento da fortaleza de Ormuz, e couſas que entram neſte noſſo Oriente, e ſua Conquiſta, nos pareceo bem fazermos dellas menção, como faremos com o favor Divino pelo decurſo de noſſas Decadas adiante. Pelo que ſe ha de ſaber, que por falecimento do Grão Sofi Iſmael, que foi nos annos de vinte e ſinco, lhe ficáram quatro filhos, o mais velho que lhe ſuccedeo chamado Xathamaz: O ſegundo Becramo, a quem ficou o governo de toda

da a Media, Hiberia, e Albania: O terceiro Hefcaz, a quem o pai deo Babylonia, Affyria, e Mefopotamia: O quarto filho foi Ofem Mirza, que ficou com fenhorio dos Coraçones. Todos eftes irmãos foram amigos, e muito grandes inimigos do nome Othomano, e affeiçoados todos aos Principes Chriftãos. E como o Grão Sofì tinha em fua vida feito huma muito honrada paz com o Grão Turco, defejou feu filho Xathamaz de a confervar, porque lhe era neceffario affim pera o fazer a feus Reynos; e affim gaftou nove, ou dez annos em os fegurar, e em algumas guerras com os Hyrcados, e Thacataes tudo fobre pontos de fua lei. Mas como os Turcos são homens infolentes, e indomaveis, fizeram tal vizinhança ao Xathamaz, que efcandalizados os Perfas rompêram a paz, e fizeram algumas entradas pelas terras do Turco, em que elle recebeo bem de damno. O Turco Soleimão fendo deftas coufas avifado, defejou de fe fatisfazer, e de fazer huma jornada de propofito contra Xathamaz, pera de huma vez lançar fóra aquelle vizinho em que o Imperio Othomano fempre teve tamanho, e tão importuno inimigo. E declarando efta fua tenção, achou grande contradicção em fua mãi, e em fua mulher Roxolana, a quem elle por fua formofura eftava tão fujeito, que fe não ou-

oufava a apartar della. E affim por ifto, como pelo natural odio que eftas mulheres tinham ao nome Chriftão, lhe aconfelháram, que fizeffe antes guerra a Ungria, ou a outro algum Rey Chriftão, e que não gaftaffe o tempo, nem feus thefouros contra homens de fua propria lei; pois tinham por experiencia quão infelices foram fempre as jornadas, que feus paffados fizeram contra a Perfia. Só Abrahão Baxá feu grande privado foi de contrario parecer, porque fundava por muitas razões não lhe vir bem fazer guerra contra Chriftãos, onde havia hum Imperador tão bem affortunado, e tres nações (entre outras) tão valentes, e exercitadas, como eram Hefpanhoes, Italianos, e Tudefcos: e que era muito neceffario pôr de huma vez toda fua potencia contra aquelle Imperio de Perfia, que lhe pertencia por direito, e tirar dalli hum vizinho, que fe hia fazendo poderofo; e que depois quando o quizeffe fazer, pela ventura que não poderia. Todas eftas razões, e outras muitas que Abrahão Baxá lhe deo, além de lhe parecer convir-lhe affim, o principal intento feu era defviar o Turco de fazer guerra a Chriftãos, a quem era muito affeiçoado, como quem procedia delles, e defejava defviar todo o damno á Chriftandade, e por iffo em todas as coufas dos Chriftãos elle as favorecia tanto,

to, e aſſim lhes era affeiçoado, que eſcaça-
mente o podia diſſimular; tanto, que a mãi,
e mulher do Turco lhe chamavam Turco fin-
gido, e Chriſtão diſſimulado. Em fim, pe-
la authoridade que elle tinha com o Grão
Turco, que havia que lhe fallava ſempre
verdade, e o aconſelhava como prudente,
deixou a guerra de Ungria, e determinou de
paſſar á Aſia contra o Xathamaz. E logo co-
meçou a fazer ſuas preparações, e em pou-
co tempo ſe poz em campo com trezentos
mil homens, com que entrou pela Provin-
cia de Licaonia, levando comſigo por guia
a Hulamanes hum grande Capitão Perſa,
que ſe tinha paſſado pera elle: paſſou paci-
ficamente, e ſem damno por toda Meſopo-
tamia, e em ſincoenta e quatro dias chegou
á Cidade de Coy, em Armenia maior, até
onde não achou quem lho defendeſſe, do
que ſe embaraçou, porque ſempre imaginou
que o Xathamaz o eſperaſſe, e lhe apreſen-
taſſe batalha; mas elle tomando melhor pa-
recer, quiz que o meſmo Turco ſe desba-
rataſſe por ſi, e ſem riſco ſeu, e mettello
bem pela Perſia dentro, pera da volta dar
ſobre elle, e o desbaratar. E aſſim ſe reco-
lheo pera as montanhas, mandando deſpo-
voar as Cidades, e talhar os campos, por-
que não tiveſſem os inimigos de que ſe pro-
ver, nem em que ſe cevar. O Turco foi por

ſuas

ſuas jornadas contadas até á Cidade de Tabris, aonde foi recebido dos moradores ſem contradição; por lho aſſim mandar o Xathamaz. E não ſe detendo alli, paſſou a Sulthama; por ſer muito fertil, e abundante de tudo. Alli ſe deteve alguns mezes, havendo que o Xathamaz deſceria dos montes ao buſcar. No tempo que aqui eſteve, lhe ſuccedeo huma brava fortuna de neve, e frio, que cahio huma noite ſobre o exercito, que matou muitos, e eſteve todo o exercito perdido, e ainda o Grão Turco ſe vio em muito grande perigo. E ſempre os Turcos tiveram pera ſi, que lhes viera aquelle mal por encantamento do Xathamaz, porque o tinham por hum grande feiticeiro. Ao outro dia que foi muito claro, alevantou o Turco o exercito por conſelho de Hulamanes, e foi marchando pera Babylonia, por ſer falecido Berchamo irmão de Xathamaz, e ficára em ſeu lugar Mahometes grande amigo do Soleimão, que eſperava que lhe entregaſſe aquella Cidade, o que não foi; porque chegando a ella não quiz Mahometes recolhello, antes ſe poz em ordem de ſe defender. Mas os naturaes receando a potencia daquelle barbaro, alevantáram-ſe contra Mahometes, e o lançáram fóra da Cidade, e recolhêram nella Soleimão com grande mageſtade, por ſe dizer ſer aquella Cidade a

ma-

maior do Mundo; e tambem porque nella residia o seu Calipha, de cujas mãos tomou a coroa, e as insignias de Soldão de Babylonia, conforme ao antigo costume dos Soldãos passados. Alli foram Embaixadores de todas as Provincias comarcans a lhe darem obediencia, e reconhecerem vassallagem quasi todas as Cidades de Assyria, Mesopotamia, até Bacorá na boca do rio Eufrates. Abrahão, e Hulamanes apertáram com Soleimão, que seguisse a vitoria, e que fosse buscar o Xathamaz, porque nisso estava fazer-se senhor de toda Persia; com o que elle sahio de Babylonia na Primavera do anno de 1536, e foi-se na volta de Tabris, por ser avisado que o Xathamaz descêra já dos montes, e que estava naquella Cidade, como de feito assim era. E sendo avisado de como o Turco tornava a caminhar pera lá, tornou-se a recolher ás montanhas, e deixou em alguns passos difficultosos gente de guarnição, pera que inquietassem os inimigos como os vissem descuidados. Chegou o Turco a Tabris, e sabendo como alli estivera o Xathamaz, e que se recolhêra, ficou tão anojado, que mandou pôr a sacco a Cidade, e derribar pelo chão todos os sepulchros, e ornamentos do grande Osembel, Oseucasan, e de seus descendentes que alli estavam, que eram soberbissimos, e lustrosissimos; e

tomando hum numero de cativos, tornou-ſe pera a Provincia de Meſopotamia. Deſta retirada foi aviſado o Xathamaz, e ajuntando ſeſſenta mil cavallos eſcolhidos, o foi ſeguindo com muita preſſa, porque ſe determinou de lhe dar na retaguarda. O Turco teve logo rebate de ſua ida; e porque levava ſuas gentes enfermas, gaſtadas, e debilitadas do caminho, deo-lhe aquillo grande cuidado, e apreſſado foi-ſe recolher na Cidade de Ceranuda. Xathamaz ſabendo a preſſa que o inimigo levava, e que hia tanto adiante, que não era poſſivel podello alcançar, pela grande recovagem com que caminhava, recolheo-ſe na Cidade de Coy, aonde ſe fortificou muito bem. Dalli deſpedio hum Capitão, chamado Delamethes, com vinte mil cavallos, pera que foſſe em ſeu ſeguimento, e lhe déſſe nas coſtas. Eſte Capitão foi caminhando apreſſado com propoſito de ir eſperar os Turcos nas raizes do monte Tauro, aonde lhe ſería muito facil dar-lhes hum grande toque; e aſſim como o traçou, aſſim lhe ſuccedeo, porque chegando a Bethlis, hum lugar daquella Provincia, achou em hum valle certos eſquadrões de Turcos bem deſcuidados, e ſabendo que não era ſentido eſperou pela noite, e na força della deo de ſobreſalto nelles com tamanha furia, que antes que ſe pudeſſem revolver, lhes tomou

to-

toda a bagagem, e matou hum grande número delles, e cativou oitocentos Janizaros, e alguma outra gente lustrosa de sorte, que foi o damno tamanho, que de muitos annos até então se affirma, que nunca os Turcos o tal recebêram. Com esta vitoria se tornou o Delamethes pera o Xathamaz, que o recebeo honradissimamente, e mandou que pera sempre se festejasse aquelle dia entre os Persas, que foi a dez do mez de Outubro. O Turco Soleimão sentio tanto em estremo aquelle desastre, que sem se mais deter deo volta pera Constantinopola com grande ira, e paixão contra Abrahão Baxá por ser o principal author daquella jornada. E assim por isto, como por todos os Grandes, que andavam pejados com sua muita valia, (que lhe urdíram a morte,) veio a tanto avorrecimento do Turco, que o matou. O modo como não se sabe, porque o mandou chamar á sua camara, e aquelle dia desappareceo, que nem vivo, nem morto lhe acháram mais seu corpo. Era Abrahão Baxá Albanez, de hum lugar chamado Ponga, de pais Christãos, e em moço foi cativo, e vendido a Escander Baxá, grande privado do Turco Bajazeto, e depois por degráos lhe veio a Fortuna a dar tudo o que podia na casa do Turco, porque chegou a ser Vizir, que he como Grão Condestabre, e o principal do Reyno.

DECADA QUARTA.

LIVRO IX.

Da Historia da India.

CAPITULO I.

De como Martim Affonso de Sousa partio do Reyno por Capitão mór das náos, e do mar da India; e de como o Governador Nuno da Cunha se fez prestes pera ir ao Norte: e dos recados que se passáram entre os Reys dos Magores, e o de Cambaya.

DEpois que ElRey despedio a Armada de D. Pedro de Castello-branco, como atrás dissemos, determinou de prover nas cousas da India mais de proposito, parecendo-lhe bem prover o cargo de Capitão mór do mar, pera ajudar nos trabalhos ao Governador, e pera elle elegeo Martim Affonso de Sousa Fidalgo em que havia muitas partes de prudencia, cavalleria,

ria, e outras, e mandou negociar ſinco náos, de que elle havia de ir por Capitão mór, pera o que mandou pagar dous mil homens. Eſta Armada ſe fez á véla meado Março deſte anno de 1534 em que andamos. Os mais Capitães eram Diogo Lopes de Souſa, Antonio de Brito, Simão Guedes, (que hia provído da Capitanía de Chaul,) e Triſtão Gomes da Mina. Eſta Armada chegou toda a Goa ſem lhe acontecer deſaſtre; e poſto que o Governador ſe pejou com Martim Affonſo de Souſa por vir provído daquelle cargo, não deixou de o receber bem. Com a chegada das náos mandou o Governador dar grande preſſa á Armada toda, porque determinou de ſe embarcar logo por hum aviſo que teve de Cambaya, de como Soltão Badur ſe fazia preſtes pera ir a Chitor, e a Mandou, o que já o verão paſſado deixára de fazer pelos reſpeitos que diſſemos. E como aquelles grandes apercebimentos, que pera aquella jornada tinha feito, foram logo ſoando por eſſe Induſtan aſſima, chegando ás orelhas da Rainha de Chitor, que havia poucos dias viuvára, ficando-lhe hum filho menino herdeiro do Reyno: e como era mulher fraca, e coitada, receando a ira de Soltão Badur, deſpedio recados a Hamau Paxá Rey dos Mogores, pedindo-lhe com grandes piedades lhe quizeſſe valer naquelle

le negocio, e livralla das mãos de Soltão Badur, pois só elle era poderoso pera isso. O Hamau Paxá tanto que teve este recado, despedio hum Embaixador apressado, por quem mandou dizer a Soltão Badur, que não quizesse mostrar sua potencia contra huma mulher viuva, e fraca, porque soubesse em certo, que a havia de ajudar, e favorecer pela obrigação que os Reys tinham de soccorrer as viuvas desamparadas. Soltão Badur como era o mais poderoso Rey que havia em todo o Oriente, teve em pouco a amoestação, e recado de Hamau Paxá, despedindo o seu Embaixador descontente, pondo-se elle logo em campo pera caminhar. E porque todavia não perdia os ciumes de Dio, (por onde já o verão deixára de pôr em effeito aquella jornada, por não acabar de concluir com o Governador nas vistas pera confirmar as pazes,) determinou de mandar Embaixadores ao Governador, e conceder-lhe Baçaim com todas as condições que quizesse. Destes recados, e apercebimentos teve o Governador logo aviso, pelo que determinou de se pôr no Norte com todo o poder, pera que em virando Soltão Badur as costas, visse se podia levar Dio nas unhas. E despedio diante Martim Affonso de Sousa com quarenta navios pera se ir pôr na enceada de Cambaya a ver o que succe-

dia

dia até elle chegar. E em ſua companhia deſpedio alguns mercadores Mouros pera a Cidade de Amadabá a eſpiar o que fazia Soltão Badur, e outros a Dio a notarem como ficava aquella fortaleza, dando-lhe por regimento, que foſſem ter com elle a Baçaim, onde os eſperaria. Martim Affonſo de Souſa deo á véla entrada de Outubro; os Capitães que com elle foram, dos que pudemos ſaber os nomes são os ſeguintes: Manoel de Souſa de Sepulveda, D. Diogo de Almeida Freire, Fernão de Souſa de Tavora, Franciſco de Sá dos oculos, Martim Correa da Silva; todos eſtes que vieram com elle de Portugal; Pero Botelho, Jorge de Souſa, Antonio da Cunha, e outros. E correndo a coſta toda, foi-ſe pôr na enceada de Cambaya á viſta de Surrate, aonde ſe deixou eſtar. Alli foi ter com elle Diogo da Silveira, que vinha de invernar em Ormuz, aonde o deixámos. E ſabendo que viera por Capitão mór do mar da India, entregou-lhe toda a Armada, e ſe paſſou a Goa em hum catur ligeiro, e deſpedindo-ſe do Governador ſe foi pera Cochim, e dahi pera o Reyno por Capitão mór deſta Armada, em que Martim Affonſo de Souſa veio, pelo mandar aſſim ElRey, em que tambem ſe embarcou Jorge Cabral, e outros Fidalgos. Todas eſtas náos chegáram a ſalvamento. O Go-

ver-

vernador depois de deſpachar as náos pera irem a Cochim tomar a carga, o fez tambem a D. Pedro de Caſtello-branco pera ir entrar na Capitanía de Ormuz, por acabar ſeu tempo Antonio da Silveira que lá eſtava. E dando expediente aos mais negocios, ſe embarcou entrada de Dezembro em huma Armada de galeões, galés, e fuſtas, que eram mais de cem vélas, e em poucos dias foi ſurgir na barra de Baçaim, onde ſe deteve eſperando pelas eſpias que tinha mandado a Dio, e a Cambaya, que não tardáram muito, e lhe deram relação da jornada que Soltão Badur fazia, em que tinha em campo mais de quinhentos mil homens, e que Melique Tocão ficava em Dio com dez, ou doze mil de guarnição, e a Cidade muito fortificada, e provída de todas as couſas neceſſarias; e que ficava deſpedindo hum Embaixador pera elle com negocios que elles não puderam alcançar, e que não poderia tardar dous dias. O Governador tanto que ſoube aquillo, mandou preparar a Armada pera o receber com grande mageſtade. Dahi a dous, ou tres dias chegou o Embaixador á Armada em tres navios ligeiros. Era eſte Embaixador peſſoa principal na caſa d'El-Rey, e chamava-ſe Xacoez, homem de grão prudencia, e conſelho. O Governador ſendo aviſado de ſua vinda, o mandou buſcar

por

por muitos navios de remo, e foi levado ao galeão S. Diniz, que eſtava rica, e formoſamente embandeirado, e paramentado por dentro. O Governador o eſperou na tolda, que eſtava cuberta de pannos de ouro, aſſentado em huma rica cadeira, e todos os Capitães, e Fidalgos velhos em pé, de huma, e outra parte, muito bem ataviados. E ao entrar do galeão ſalvou elle com algumas peças de artilheria, e logo toda a Armada com aquella tormenta de bombardas, que poz grande eſpanto nos Mouros. O Embaixador chegando a elle ſe lhe lançou aos pés, o Governador o levantou com honras, e gazalhados, mandando-lhe perguntar (por Marcos Fernandes lingua do Eſtado) pela ſaude d'ElRey, e a elle como vinha da jornada. O Embaixador reſpondeo com palavras geraes, humilhando-ſe por aquella honra. O Governador lhe diſſe, que ſe foſſe deſcançar, que depois o ouviria devagar. Dalli foi levado ás ſuas embarcações com outra ſalva de novo, aſſim de artilheria, como de tambores, trombetas, charamelas, e de todos os mais inſtrumentos de guerra, e de paz.

CA-

CAPITULO II.

De como Soltão Badur mandou offerecer ao Governador Nuno da Cunha a Cidade de Baçaim: e dos Capitulos, e Condições com que se assentáram as pazes.

DEixou o Governador descançar o Embaixador dous dias, e por não mostrar tambem alvoroço o não quiz ouvir logo. Passados elles o mandou levar ao galeão, e o ouvio na sua camara, sendo presentes alguns Capitães velhos, e o Secretario Simão Ferreira; e as linguas Marcos Fernandes, e Coge Peredi homem Parsio, e avisado por parte do Embaixador: que apresentou ao Governador huma carta de crença com o sinal, e sello d'ElRey Soltão Badur, e huma Procuração, em que lhe dava, e concedia todos os seus poderes pera tudo o que determinasse, e assentasse com o Governador em o negocio de pazes, e amizades que lhe mandava commetter. Depois de vistos estes papeis, e havidos por solemnes, o Governador mandou dizer ao Embaixador, que podia fallar tudo o que quizesse, com o que o Embaixador deo sua embaixada, cuja substancia era: » Que ElRey Soltão Badur seu » Senhor desejava muito de ter paz, amiza- » de, prestança, e commercio com ElRey

» Dom

» D. João de Portugal, e com elle Gover-
» nador, que eſtava em ſeu lugar, e que em
» começo deſte amor, e amizade dava, e
» doava de hoje pera todo ſempre a Cidade
» de Baçaim com todas ſuas Tanadarias, e
» jurdição a ElRey de Portugal, por ſer cou-
» ſa grande, e que importava muito, e que
» por iſſo não queria mais que algumas con-
» dições que foſſem juſtas, e honeſtas. » O
Governador lhe mandou reſponder com pa-
lavras mui graves, tendo em mercê aquel-
la viſitação, que ElRey ſeu Senhor lhe
mandava fazer, e que eſtimava muito a-
quelles deſejos de ter paz, e amizade com
ElRey de Portugal ſeu Senhor, e que ac-
ceitava por ſua parte os offerecimentos da
Cidade de Baçaim, não tanto por ſua im-
portancia, quanto pelo goſto com que lha
offerecia, que não podia deixar de naſcer
de muito amor, como elle tambem lhe
moſtraria em todas ſuas couſas; e elle Go-
vernador como ſeu vaſſallo o ſerviria em
tudo o que lhe mandaſſe. E que quanto ás
Capitulações, e Condições, que pedia, que
tudo remettia ao Ouvidor Geral, Secreta-
rio, e mais Officiaes d'ElRey de Portugal,
pera com elle Embaixador as concluirem,
e aſſentarem. Com iſto ſe deſpedio o Em-
baixador muito ſatisfeito, mandando-lhe dar
algumas peças muito ricas. E ajuntando-ſe
per

per vezes com os Officiaes a quem o Governador o remetteo naquelle negocio, apresentando-se Capitulos de parte a parte, vieram a concluir as pazes com as condições seguintes:

» Que ElRey Soltão Badur dava, e
» doava a ElRey de Portugal daquelle dia
» pera todo sempre a Cidade de Baçaim com
» todas as suas terras, assim firmes, como
» Ilhas, e mares, com toda sua jurdição,
» mero, e misto Imperio, com todas suas
» rendas, e direitos Reaes, assim, e da ma-
» neira que elle Soltão Badur Rey do Gu-
» zarate até então as possuíra, e possuíram
» seus Capitães, e Tanadares. E que dalli por
» diante desistia de todo o direito, que nas
» ditas terras, Ilhas, e mares tinha: e que
» todo traspassava, e applicava a ElRey de
» Portugal; e que havia por bem, que lo-
» go por seus Officiaes mandasse tomar pos-
» se de todo o sobredito.

» Com condição, que todas as náos que
» partirem dos Reynos, e senhorios delle
» Soltão Badur pera entrarem das portas do
» Estreito pera dentro, iriam a Baçaim tomar
» salvo conducto (a que elles chamam Car-
» tazes) dos Capitães d'ElRey de Portugal,
» que alli estiverem, e que da torna viagem
» tornariam á dita Cidade a pagar seus di-
» reitos sob pena de serem perdidas pera El-

» Rey

» Rey de Portugal; e que as poderiam ſeus
» Capitães tomar, como de boa guerra, ſem
» ElRey do Guzarate o contrariar, nem ha-
» ver por mal.

» Que todas as náos do ſeu Reyno, que
» navegarem pera todas as outras partes, não
» ſendo pera Meca, levariam os meſmos Car-
» tazes, e que os Capitães lhes não levariam
» por cada hum mais de huma tanga, e que
» com iſſo navegariam livremente pera on-
» de quizeſſem ſem terem outra obrigação;
» e que iſto ſe não entenderia nas cotias,
» galvetas, e vazilhas pequenas, que coſtu-
» mavam a navegar de longo da coſta.

» Que em nenhum porto, aſſim do Rey-
» no Guzarate, como dos mais ſenhorios que
» poſſuia, dalli em diante ſe faria navio al-
» gum de guerra, e os que houveſſe feitos
» não navegariam mais, mas que poderiam
» fazer todas as náos que quizeſſem a ſeu mo-
» do pera ſeus tratos, e commercios.

» Que ElRey Soltão Badur não recolhe-
» ria em porto algum de ſeus Reynos, e ſe-
» nhorios Rumes alguns, nem lhes daria man-
» timentos, favor, gente, ajuda, nem cou-
» ſa alguma, que em ſuas terras houveſſe.

» Que todo o dinheiro das terras de Ba-
» çaim, que eſtava até então por arrecadar
» do que Melique Az havia de haver, deſ-
» que entrou o anno dos Mouros até aquel-

» la

» la hora, poderia o Governador mandar ar-
» recadar pera ElRey de Portugal.

» Que entregaria logo Diogo de Mesqui-
» ta, Lopo Fernandes Pinto, Manoel Men-
» des, João de Lima, e todos os mais Por-
» tuguezes, que em seu poder estavam cati-
» vos. » Estes sete Capitulos de Condições, que os Officiaes d'ElRey de Portugal apresentáram, acceitou o Embaixador d'ElRey Soltão Badur, e se obrigou aos cumprir, ter, manter, e guardar em todo, e por todo, como se nelles, e em cada hum delles continha, sem engano, nem cautéla, com toda a verdade, e segurança d'ElRey; e logo o Embaixador apresentou outros Capitulos por parte d'ElRey Soltão Badur, que são os seguintes:

» Que todos os cavallos que viessem do
» Estreito de Meca, e das partes de Arabia
» os primeiros tres annos, depois da fortale-
» za de Baçaim ser acabada, viriam a ella,
» pera elle Soltão Badur, e seus vassallos os
» mandarem alli comprar, pagando os direi-
» tos delles a ElRey de Portugal, assim, e
» da maneira que se pagavam na Cidade de
» Goa, e que não iriam aos portos do De-
» can, Canará, nem Malavar: e que não se
» comprando os taes cavallos em Baçaim,
» seus donos os poderiam levar pera onde
» quizessem.

» Que

» Que vindo alguma náo do Reyno de
» Cambaya com cavallos pera elle Soltão Ba-
» dur, de qualquer parte que fossem, não
» pagariam direitos até quantia de sessenta.

» Que vindo alguma náo de mar em fó-
» ra desgarrada, de qualquer parte que fosse,
» tirando do Estreito de Meca, e com tem-
» po fortuito fosse tomar Baçaim, vindo pe-
» ra o Reyno do Guzarate, depois que fos-
» se dentro naquelle porto, ninguem enten-
» deria com ella, e se poderia tornar cada
» vez que quizesse.

» Que sinco mil tangas larins, que esta-
» vam applicadas nas rendas de Baçaim pe-
» ra as Mesquitas, se lhe pagariam sempre
» nas mesmas rendas: e que com as Mesqui-
» tas das terras de Baçaim, e prégações que
» nellas se fizessem, não entenderia pessoa al-
» guma, nem se faria nisso innovação algu-
» ma.

» Que duzentos pardaos, que se pagavam
» nas rendas de Baçaim aos Lascarins das duas
» fortalezas, Aceira, e Coeja, que estam en-
» tre as terras de Baçaim, e as dos Resbu-
» tos, se pagariam sempre nas mesmas ren-
» das, como até então se pagavam. »

Estes sinco Capitulos concedeo o Gover-
nador em nome d'ElRey de Portugal, e se
obrigou aos cumprir, e guardar sem cauté-
la, nem engano algum, e logo com muito
gran-

grande ſolemnidade ſe juráram as pazes, aſſim pelo Governador, como pelo Embaixador, cada hum em ſeu modo, de que ſe fizeram autos em Parſeo, e Portuguez, aſſinados por elles, e pelos Officiaes d'ElRey. Declarou, e accreſcentou mais o Governador, que elle Embaixador iria com elle pera Goa, aonde invernaria, e ficaria em refens do Embaixador, que havia de mandar a confirmar as pazes com ElRey de Cambaya, e pera tomar entrega dos cativos. O Embaixador deſpedio logo correios pela poſta com recado de tudo o que era paſſado pera ElRey Soltão Badur, que já hia marchando pera Chitor. O Governador deo peças ricas ao Embaixador, e lhe fez muitas honras. Ao outro dia deſembarcou em terra com o Embaixador, e elle lhe fez entrega da Cidade de Baçaim, acudindo á obediencia os principaes della, e o Embaixador mandou por todas as Tanadarias apregoar as pazes, e notificar aos Tanadares, e Pateis, que foſſem dar a obediencia a ElRey de Portugal, e ao ſeu Governador. No meſmo dia que elle tomou poſſe da Cidade, foi logo com todos os Fidalgos, e Capitães notar o ſitio pera fazer huma fortaleza pera ſegurança da terra, que traçou hum pouco affaſtada da agua, porque a praia era toda de hum areal ſolto, e pera ſe começar a obra mandou

dou deſembarcar toda a gente, e aſſentou ſeu arraial, e o fortificou muito bem; e por ordem do Embaixador mandou trazer de todas as aldeias vizinhas muitos ſervidores, pedreiros, e cavouqueiros, e mandou cortar a pedra pera a fortaleza da outra banda do rio, aonde havia huma muito formoſa pedreira, e huma aguada muito boa, de que toda a Cidade ſe provía pera beber, por ſer a agua em ſi excellente.

E aos vinte de Janeiro deſte anno de 1535, em que com o favor Divino entramos, dia do Martyr S. Sebaſtião, deitou o Governador a primeira pedra no fundamento, veſtido elle, e todos os Fidalgos muito louçãmente, dando nome á fortaleza do Santo Martyr, em cujo dia aquelle auto ſe celebrou com as móres feſtas, e alegrias que podiam ſer. E logo ſe começou a correr com a obra da fortaleza com muita preſſa, ſendo o Governador, e os Capitães, e Fidalgos os primeiros que apegavam nas padiolas, e que acudiam ao trabalho. Os Tanadares começáram a correr a darem a obediencia, levando comſigo todos os Pateis, e rendeiros com os foraes, que ſe apreſentáram ao Governador, de que mandou fazer novos Tombos. A todas eſtas peſſoas deo peſſas, e cabaias ricas, com que ficáram mui contentes, e ſatisfeitos, mandan-

do que correſſem os arrendamentos como eſtavam, ſem innovar nelles couſa alguma. E porque a fortaleza hia creſcendo, e o verão ſe hia acabando, deſpedio o Governador Simão Ferreira Secretario pera ir a Cambaya a ver jurar as pazes por Soltão Badur, que havia de vir, e invernar da jornada em que era. E delle adiante daremos razão, porque nos pareceo aqui bem continuarmos com Soltão Badur.

CAPITULO III.

De como Soltão Badur foi contra o Reyno de Chitor, e tomou aquella Cidade: e do que paſſou Simão Ferreira até ſe ver com o Badur: e das couſas, em que o Governador Nuno da Cunha provêo até partir pera Goa.

TAnto que Soltão Badur deſpedio Xacoez, logo ſe pôz no caminho do Mandou, e Chitor pera averiguar aquelle negocio primeiro que o inverno entraſſe. Levava eſte barbaro o mais potente exercito, que podia haver no Mundo, porque paſſavam de quinhentos mil homens os que podiam pelejar, a fóra huma grande multidão de gente inutil, de camellos, bois, e mais ſerviço de recovagem, artilheria, munições, e mais petrechos de guerra. Deſte grande exer-

ercito era General Mostafá Baxá, que tinha o titulo de Rumecan, (como já dissemos.) Levava ElRey pera guarda de sua pessoa Diogo de Mesquita, Lopo Fernandes Pinto, Duarte da Gama, e todos os mais Portuguezes que lá tinha cativos, que seriam perto de sessenta, a quem deo armas, cavallos, servidores, e todas as cousas necessarias em muita abastança, porque tinha nelles tanta confiança, que os não apartava de si, e por suas jornadas foi ter á Cidade de Chitor, donde todo aquelle Reyno toma o nome. Está esta Cidade de Chitor em altura de perto de dezenove gráos do Norte, conforme a situação que seus naturaes lhe dam, e assentada em sima de huma altissima serra, que a natureza fez tão inexpugnavel, que se não póde subir a ella senão por hum só caminho muito ingrime, que está fortificado de muitos, e fortes passos. A Cidade he grande, e cercada de formoso muro, e de grandes, e fortes baluartes, e ella tamanha em si, que tinha de vantagem de sessenta mil pessoas, e toda a serra tão fresca, e viçosa, que lhe deram os naturaes o nome de Chitor, que alguns dizem que he o de hum passaro, que ha naquelle Reyno muito formoso, e de muitas côres; inda que outros Guzarates dizem, que Chitor quer dizer debuxo. Soltão Badur chegando á serra, assentou ao pé em ro-

da o feu exercito ; e foube eftar a Rainha dentro com muita gente , e muitos mantimentos ; e porque pera commettella pelo paffo era difficultofo , mandou por mais de vinte mil gaftadores minar a ferra por algumas partes , em que mandou metter muitas pipas de polvora , a que fe deo fogo , e arrebentando a mór parte da ferra por effes ares , deixou por ella affima muitas ruinas , por onde foram fazendo caminho até fima á força de braços. E com grandes engenhos , e forças levåram algumas peças de artilheria affima , e o Badur poz todo o feu exercito fobre a Cidade , e a começou a bater por algumas partes , por onde fizeram grandes entràdas , por onde foi commettida , dando ElRey a dianteira a Diogo de Mefquita com todos os Portuguezes , que na entrada fizeram tantas coufas , que efpantáram a todos. E ainda nós achámos em Dio , onde invernámos o anno de feffenta , Guzarates , que fe acháram nefta jornada , e contavam difto coufas monftruofas , que deixamos , porque não foubemos as particularidades. Em fim a Cidade foi entrada , e a Rainha , e o filho cativos. Soltão Badur reformou a Cidade , e deixou nella alguns Capitães com fincoenta mil homens de guarnição , e depois diffo andou ganhando as mais Cidades , e Villas daquelle Reyno , no que gaftou até todo o mez de

de Março, que se recolheo pera seu Reyno. Castanheda, e Pedro Maffeo, que o segue, contam isto de outra maneira, e dizem que a Rainha com o filho desesperada de se poder defender fugíram huma noite, e que a mais gente achando-se ao outro dia sem o Rey, fizeram grandes fogueiras, em que se queimáram com todas suas fazendas, e que quando a Cidade fora entrada não acháram nella pessoa viva: cousa que não achámos na lembrança dos Gentios daquelle tempo, e achámos em hum livro de regimentos velhos, que andam na casa dos Contos de Goa, feita memoria desta jornada por Gaspar Pires de Matos, (que servia de Escrivão do Secretario Simão Ferreira, que de lá trouxe Diogo de Mesquita, e os mais Portuguezes, que lhe contáram o successo desta jornada,) que fallando nas cousas de Dio, diz estas pontuaes palavras: » Neste tempo par-» tio pera Chitor Soltão Badur com grande » exercito, levando comsigo Diogo de Mes-» quita, Lopo Fernandes Pinto, Manoel » Mendes, Duarte da Gama, e os outros » Portuguezes que lá estavam cativos, e poz » cerco áquella Cidade, e a commetteo, e » entrou, sendo os primeiros que subíram os » muros os Portuguezes que lá estavam ca-» tivos, que mostráram bem nesta entrada o » valor de seu esforço, cativando-se a Rai-

» nha,

» nha, e ſeu filho. » A iſto ſe deve dar muito credito. Soltão Badur chegando á Cidade de Amadabá achou nella o Secretario Simão Ferreira, e pelas cartas do Embaixador Xacoez tinha já ſabido tudo o que era ſuccedido, pelo que o mandou buſcar por peſſoas principaes de ſua caſa, e o recebeo com muitas honras, e moſtras de grande amizade. Simão Ferreira lhe deo as cartas do Governador, e o preſente que lhe mandava, que eram peças mui ricas, e tratou com elle o negocio a que hia, pedindo-lhe que o deſpachaſſe pera tornar a invernar a Goa, o que ElRey fez, jurando logo as pâzes com grande ſolemnidade, e confirmando os capitulos que por ſua parte eſtavam concedidos, e mandando-os apregoar por todo o Reyno: e fazendo-lhe entrega de Diogo de Meſquita, e de todos os Portuguezes, dando-lhe muito dinheiro, e peças, os deſpedio, e foram-ſe embarcar a Cambayete, onde tinham navios ligeiros.

E tornando ao Governador, que eſtava em Baçaim, continuando nas obras da fortaleza, ſendo já o mez de Março, lhe deram cartas de D. João Pereira Capitão de Goa, em que lhe dizia, que o Idalcan tentava novidades, e que fazia preſtes Capitães pera mandar ſobre as terras de Salcete, que devia acudir áquellas couſas. O Governador

ten-

tendo já a fortaleza em altura pera ſe poder defender, a guarneceo de artilheria, e proveo os armazens (que já eſtavam acabados) de muitos mantimentos, e munições. E andando pera eleger Capitão, chegou de Ormuz Antonio da Silveira ſeu cunhado, que acabára de ſervir aquella fortaleza, e lhe deo a Capitanía de Baçaim, aſſinandolhe oitocentos homens pera ficarem com elle, e muitos Fidalgos, e Capitães. Eſte Março em que andamos faleceo em Ormuz o Biſpo Fernando Vaqueiro, que foi o primeiro Biſpo que á India veio, e foi ſepultado na Capella mór da Igreja de Ormuz, e tem huma ſepultura de pedra branca mui boa com ſuas armas lavradas, que são huma vaca, ou touro; e o letreiro diz aſſim: *Ferdinandus Epiſcopus Aurenſis.* Faleceo aos quatorze de Março de 1535. O Governador Nuno da Cunha quiz prover nas couſas de Ormuz primeiro que ſe partiſſe de Baçaim; porque Antonio da Silveira lhe trouxe novas de como era falecido o Guazil Xeque Raxete, e com elle tinham vindo procuradores de Mouros principaes a requererem o cargo, pelo modo que ſempre ſe coſtuma a fazer; mas o Governador o deo a Xeque Hamed filho do morto, aſſim pelos merecimentos do pai, como pelas partes que pera iſſo tinha. Feito iſto, deſpedio-ſe de An-

to-

tonio da Silveira, e deo á véla pera Goa, aonde chegou em poucos dias, e começou a entender nos provimentos de Malaca, e Maluco, que logo despedio; e assim mandou invernar gente a Chale, e a Cananor. Depois disto chegou Simão Ferreira com os Portuguezes de Cambaya, que o Governador recebeo muito bem, fazendo mercês a todos. E logo despedio o Embaixador de Cambaya, que estava em Goa em refens, e lhe deo dous navios pera o levarem. Foi este Mouro tão satisfeito das honras que lhe o Governador fez, que depois o avisou de muitas cousas, como em seu lugar diremos.

CAPITULO IV.

Da conjuração que houve entre os Senhores das Ilhas de Maluco contra os nossos, e do grande aperto em que os puzeram.

POis este he o tempo em que nos cabem as cousas de Maluco, continuaremos com ellas, que deixámos o anno passado em aquelle grande escandalo, que todos os Reys daquelle Archipélago tiveram dos nossos, pela grande crueza que usáram com a mãi d'ElRey Aeiro, e prizão de Tabarija. E carteando-se, se ajuntáram todos, tratando de tomar satisfação de caso tão abominavel, ajuntando pera isso em segredo as cousas que

lhes parecêram neceſſarias. E pera mais fazerem odioſos, e avorrecidos naquellas Ilhas todos os Portuguezes, urdio o demonio outro caſo tão eſcandaloſo, ou mais a ſeu modo que os paſſados. O caſo que novamente ſuccedeo, que nos acabou de fazer avorrecidos, foi eſte. Mandou Triſtão de Taíde neſta meſma conjunção hum Foão Pinto a deſcubrir as Ilhas de Mindanáo, e as vizinhas a ella pera ſe prover de mantimentos, porque em todas as de Maluco lhes tinham tapados os portos por onde lhes corriam. Partido eſte homem em huma naveta, chegou á Ilha de Mindanáo, aonde deſembarcou, e vio aquelle Rey, que lhe fez muitos gazalhados, e aſſentando com elle pazes, e amizades, vendeo o que levava, e comprou o que quiz muito liberalmente, e á ſua vontade. Dalli ſe paſſou á Ilha de Seriago, onde o Rey lhe fez os meſmos gazalhados, e aſſentou tambem com elle pazes, que celebráram com huma ceremonia entre elles guardada tão inviolavelmente, que nunca já mais ſe quebrava, que era, beberem, os que faziam a amizade, o ſangue hum do outro, como penhor do amor que ſe haviam de ter; porque dizem, que aſſim mette cada hum em ſi a alma do outro: e aſſim ficáram dalli por diante correndo com os noſſos em tanto amor, e amizade, que hiam á ſua náo

com-

comprar, e vender ſem receio de engano, porque elles o não tratavam com peſſoa alguma depois daquella ceremonia celebrada. O Capitão do navio vendo quantos concorriam á ſua náo, entrando a cubiça de fazer preza nelles, e de levar huma boa cópia pera vender, depois que fez ſeu negocio, o dia que ſe havia de partir foram perto de quarenta, poucos, e poucos, a venderem á náo ſuas couſas, que aſſim como entravam os levava abaixo da cuberta, como que lhes hia moſtrar alguma couſa, e lá os fechava. Mas permittio Deos, que hum dos prezos debaixo, quando levavam outros, tiveſſe modo de eſcapulir, e ſe lançou ao mar, e foi a terra a dar conta a ElRey do que paſſava. ElRey cheio de paixão de quebrarem os Portuguezes aſſim aquelle tão firme vinculo de amizade entre elles guardada como couſa religioſa, mandou com muita preſſa metter muita gente em algumas embarcações que eſtavam no mar, e lançar a elle outras que eſtavam em eſtaleiro, e mandou commetter a náo, que foi rodeada, e combatida aſperamente. O Capitão Pinto andava já levando ancora, porque tinha viſto os navios, e a gente em terra, e acudindo ás armas com vinte e ſinco homens que comſigo levava, poz-ſe em defensão, porque já o entravam por algumas partes, e os Officiaes foram lar-

gan-

gando as vélas; mas os Seriagos ferrados na náo trabalháram pela entrar, e sem dúvida o fizeram senão sobreviera huma serração, descarregando logo huma trovoada tão soberba, e medonha em força, e carrancas, que parecia ira dos Ceos. Os Seriagos largáram a náo, e se acolhêram á terra: os da náo foram correndo com hum bolso de véla á vontade dos ventos, e mares que os comiam; e foi-lhes necessario alijarem ao mar todas as cousas que por sima levavam, e ainda toda a artilheria, porque se víram muitas vezes alagados, e soçobrados. Durou-lhes este castigo alguns dias, deixando-os tão destroçados, desbaratados, e medrosos, que como homens que tinham visto tantas vezes a morte, estavam como alienados, e assim foram ter a Ternate tão cortados do temor, que estando em terra, ainda lhes parecia que corriam as mesmas tormentas, que ainda alli a ira de Deos os ameaçava pelo peccado que commettêram em violarem a santa lei do hospicio: cousa tão feia, e avorrecida ainda entre tão barbaros como estes. Sabendo todos os Reys daquellas Ilhas huma maldade tão grande, acabáram de se resolver, que lhes eram prejudiciaes os Portuguezes, e quão necessario era lançarem-nos fóra daquellas Ilhas; pelo que logo tratáram, e puzeram em execução huma liga geral

ral contra elles, mandando lançar por todas aquellas Ilhas hum edicto geral, pera que logo matassem todos os Portuguezes, que por ellas andassem, e que totalmente se recolhessem os mantimentos todos, e se tivesse nelles tal guarda, que nem por mar, nem por terra entrassem na nossa fortaleza, já que não tinham artilheria pera a bater, pera que a viessem tomar á fome; e que quando isto não bastasse, e na fortaleza houvesse mantimentos pera se sustentarem até irem os galeões da India, então que os Ternatezes despejassem aquella Ilha, e se passassem pera as outras, cortando primeiro todas as arvores do cravo, e deixando-a deserta, porque não pudessem os nossos lograr-se de seus frutos, que era o porque elles tinham usado com elles tamanhas crueldades, e desordens naquella Ilha, e hiam de tão longe por tão grandes riscos, e perigos em busca delle: e que como elles se vissem sem poderem lograr do que tanto cubiçavam, forçados da necessidade despejariam a fortaleza, e se tornariam pera a India, e elles quietariam, e viviriam em suas terras sem aquellas oppressões, e tyrannia. Com isto começáram a pôr aquellas cousas em execução, fazendo cabeça da liga ElRey de Tidore, por andar com elle ElRey de Ternate, que lá estava homiziado pela morte de Gonçalo Pereira. Os

Ter-

Ternatezes despejáram logo a Cidade, mandando suas fazendas pera as outras Ilhas. E porque entendessem os nossos que de todo se desnaturavam, mandáram pôr fogo a toda a Cidade, em que se consumíram todos os edificios, que foram de seus antepassados, tantas centenas de annos atrás. Tristão de Taíde vendo aquella desesperação, quiz acudir a isso, mandando muitos recados á Rainha, e aos Regedores com promessas, e satisfações, que não aproveitáram cousa alguma. Postos os Ternatezes nos matos sahiam muitas vezes em ciladas a esperar os Portuguezes que hiam fazer lenha, e agua, matando, e ferindo alguns. Em todas as outras Ilhas se começou a executar o edicto, matando todos os Portuguezes que por ellas andavam. Na Cidade de Momoya matáram sete, ou oito, que estavam com o Padre Francisco Alvares, que escapou milagrosamente, e se recolheo a huma embarcação com muitas feridas. Na Ilha de Chião principal de Morotay matáram Simão Vaz outro Sacerdote: e hum Mouro daquelles tomou hum retavolo de Nossa Senhora, que o Padre tinha, e o quebrou em pedaços; e não soffrendo Deos esta offensa feita a sua Sacratissima Mãi, logo alli supitamente se lhe aleijáram as máos áquelle Mouro, e morreo em poucos dias. E ainda se notou

mais,

mais, que dentro em hum anno morreo toda a geração que eſte Mouro tinha de deſaſtres, e o derradeiro foi metter-lhe hum peixe agulha o bico por hum olho eſtando peſcando: e o lugar todo que era muito grande em mui poucos annos ſe conſumio, e desfez por guerras, e por deſaſtres de maneira, que delle não ha já memoria alguma, o que notáram os Portuguezes que lá eſtavam, e outros de Maluco, de quem ſoubemos iſto. Triſtão de Taíde foi logo aviſado de tudo, e o ſentio em eſtremo, e bem entendeo que ſe lhe offereciam grandes trabalhos, e mandou pôr muito reſguardo, e regra nos mantimentos que havia, deitando muitas eſpias pera ſaber dos deſenhos dos inimigos; e em ElRey Aeiro que eſtava na fortaleza poz grandes vigias, e guardas, não lhe deixando mais que as amas que o creavam, e deitou algumas peſſoas que apalpáram a Rainha com pazes, e o meſmo a ElRey de Tidore, commettendo-ſe-lhe por ſua parte muitos partidos, ſem elles defirirem a couſa alguma. Neſte tempo Catabruno Governador de Geilolo, e tutor do Rey menino, o matou com peçonha, e ſe alevantou por Rey: quizeram dizer, que Triſtão de Taíde fora em conſentimento diſſo, e que lhe mandára huma cabaia de veludo azul, com que ſe alevantou por Rey. E como era

máo,

máo, e tyranno, e começou a uſar de ſua natureza, mettendo-ſe logo na liga contra os noſſos, foi o mór inimigo, e de quem mór damno recebêram os noſſos, que de todos os outros. Neſte eſtado deixaremos as couſas deſte anno, que era o peior que podia ſer.

CAPITULO V.

De como Hamau Paxá Rey dos Magores foi buſcar Soltão Badur, e lhe tomou os Reynos de Chitor, e Mandou, a que acudio Soltão Badur: e das grandes covardias que fez: e de como o Magor o deſtruio, e desbaratou.

VEndo Hamau Paxá Rey dos Magores o pouco caſo que Soltão Badur fizera de ſeus recados, e que ſobre elles fora contra o Reyno de Chitor, e o deſtruíra, ficou muito affrontado; e como já eſtava eſcandalizado d'antes por recolher em ſeu Reyno Omir Mahamede Zaman, ſeu cunhado, irmão de ſua mulher, (que foi o que urdio eſtes odios antre eſtes dous poderoſos barbaros,) porque como era ambicioſo, e deſejoſo de reinar, quiz ver ſe podia por eſte modo chegar ao que tanto deſejava; porque entendia que ſe elles vieſſem a rompimento de batalha, hum delles forçado havia de ficar quebrado, com o que lhe ficaria lugar

pe-

pera poder metter pé em algum daquelles Imperios, no que o não enganáram seus pensamentos, porque lhe veio a Fortuna a cumprir seus desejos, como logo diremos. Hamau Paxá (como hiamos dizendo) tanto que teve novas da tomada de Chitor, tomando aquella affronta muito á sua conta, partio logo da Cidade do Deli com trinta e sinco mil cavallos, e tomou o caminho de Chitor mui apressadamente, cuidando que ainda alli achasse Soltão Badur. Pelo caminho lhe foram acudindo vassallos, com que perfez o número de sessenta mil cavallos; e chegando a Chitor soube que estava pelo Soltão Badur, e logo lhe poz cerco. Os de dentro sabendo ser elle chegado, como o nome do Magor entre todas aquellas nações era hum terror, e espanto grande em seus ouvidos, logo lhe mandáram commetter partidos, e se entregáram. O Hamau sem se deter nada, como hum raio mui apressado foi passando adiante, entrando por todas as Cidades, e Villas com tamanho estrondo, e temor de todos, que tudo se lhe largou sem achar impedimento, e assim foi correndo até o Reyno de Mandou, em que não teve que fazer; porque como todos hiam fugindo da ira dos Magores, e o medo lhes fazia parecer maior o número do que era, vinham apregoando hum tão grosso poder, que a

toda a parte a que chegavam achavam tudo deserto, e despovoado. Soltão Badur teve logo aviso do Magor, e com ter hum exercito o mais potente, que no Mundo podia ser, foi tamanho o seu medo pelo que via trazer aos seus que vinham fugindo, que de todo esteve pera se recolher, senão fora Rumecan que o fez sobreestar, animando-o pera ir buscar o inimigo como fez. E levando seu exercito, foi caminhando até á Cidade de Arrayol, huma das principaes do Guzarate, onde foi avisado que o Magor se vinha chegando, encontrando por aquelles caminhos infinidade de gente que vinha fugindo, tão assombrados de suas cruezas, que com acharem o seu Rey com tão potente exercito não paravam alli, porque o temor lhes não dava lugar a se segurarem com cousa alguma. Soltão Badur vendo vir descendo aquella multidão de gentes com aquelle medo, e desatino, ficou embaraçado, e não quiz passar adiante, assentando seus exercitos ao pé de huma serra fortissima, onde se fortificou muito grandemente, mandando recolher a ella todos os mantimentos que pode. E como o Magor vinha descendo com tamanho impeto, e furia, (como costumam a trazer os arrebatados, e poderosos rios na força do inverno, que vem alagando tudo por onde passam,) assim este barbaro, tra-

zendo diante de si todas aquellas enchentes dos que vinham fugindo delle, chegou á vista do exercito do Badur, e não muito longe delle assentou o seu, travando-se logo entre elles algumas escaramuças com damno de ambas as partes, sem o Badur ousar a se bolir, nem dar batalha, tendo duzentos mil de cavallo, a fóra a Infanteria que era em dobro, quatrocentos Elefantes, e setecentas peças de artilheria de toda sorte, (poder que se não fora governado por hum homem tão fraco, e pusillanime, pudera dar batalha a todo o Mundo, quanto mais a hum inimigo tão inferior em poder como temos dito, e em seu proprio Reyno, e terras.) O Magor entendeo logo a covardia do inimigo, quando vio, que com tão potente poder o não sahia a buscar, pelo que o commetteo rijamente na serra, trabalhando pela entrar, o que não pode fazer pela difficuldade de seus passos, perdendo nestas commettidas alguma gente. O Badur como tinha já cobrado em seu coração tamanho medo, determinou de se defender na serra, e deixar-se estar, porque o inimigo não podia deixar de se recolher. Rumecan Capitão geral de seu exercito vendo tamanha covardia em hum homem tão poderoso, como era astuto, e experimentado no conhecimento dos casos da guerra, não duvidou per-

der-

der-se o Badur nesta jornada, e ficar o Magor senhor daquelle Imperio do Guzarate. E querendo segurar sua pessoa, e accrescentar seu Estado, teve modo com que se carteou com o Magor, fazendo seus partidos pera se passar pera elle. E depois de assentados á sua vontade, o mandou avisar, que tomasse hum passo da outra banda da serra, por onde se mettiam mantimentos nella, o que elle logo fez, começando elles logo a faltar no exercito do Badur. Rumecan, em quem Soltão Badur tinha todo seu remedio, e conselho, como vio tempo occasionado passou-se pera o Magor com sete, ou oito mil de cavallo de sua cevadeira. Isto acabou de descoraçoar o Badur de feição, que se houve por perdido, e logo tratou de salvar sua pessoa, buscando modos, e ardís pera isso, sem o dar a entender a pessoa viva. E como o passo por onde a serra se provía estava tomado, e a gente que na serra estava era muita, começáram a faltar os mantimentos, e chegáram a estado, que comêram os elefantes, cavallos, hervas, raizes, e todas as mais cousas desta qualidade. Vendo-se o Badur de todo perdido, dando conta do que determinava a alguns Capitães seus mais fieis, como o Magor não podia ter tanta vigia, que se não descuidasse, huma noite se sahio o Badur com os do seu seio, e pela posta

foi caminhando pera Cambaya, levando comſigo a mór parte dos ſeus theſouros de ouro, pedraria, e perolas, que era infinito. Iſto não pode ſer tanto em ſegredo, que não foſſe logo ſabido na ſerra, e todos os que puderam ſe foram por aquelle paſſo vaſando-ſe por elle a mór parte da gente, que foram tomando differentes caminhos. Em amanhecendo teve o Magor rebate do negocio, e commettendo a ſerra houve pouco que fazer em a entrar, porque os que nella eſtavam ſe lhe entregáram. Elle ſe apoderou daquelle poderoſiſſimo, e riquiſſimo exercito, de tendas, elefantes, artilheria, e de todas as mais riquezas, em que os Magores ſe cevàram bem. O Badur tomou o caminho tão apreſſado como lho fazia levar o medo que tinha cobrado ao inimigo, e ſem deſcançar, perdido o animo, e conſelho, foi parar na Cidade de Champanel, que eſtá ſituada em huma ſerra tão alta, que tem quatro leguas e meia de ſubida, e no cume della eſtá a Cidade muito forte, aſſim pelo ſitio, como pela induſtria. Será eſta Cidade huma jornada do Deberadora, ou Barodar, a que commummente chamamos Verdora. Alli ſe deixou ficar o Badur, provendo-ſe de mantimentos, e de outras couſas neceſſarias, cuidando que o inimigo o não ſeguiria; mas não foi aſſim, porque depois

de

de o Magor ſe apoderar de ſeu exercito, começou logo a ſeguillo: havendo que eſtava o remate, e a honra da victoria em lhe não dar tempo pera ſe fortificar em parte alguma, (no que ſe póde ter por mór Capitão que Annibal, porque ſe ſeguíra a victoria, fora ſenhor de Roma.) O Hamau Paxá não ſe embaraçando com couſa alguma foi paſſando avante até chegar a Champanel, onde o Badur eſtava, que teve logo rebate de ſua vinda, e acabou de lhe cahir o coração aos pés de todo, moſtrando neſta jornada bem differentes effeitos do que ſeu nome ſignificava; porque Badur na lingua Guzarata quer dizer Cavalleiro. E não querendo aguardar alli o inimigo, largou a Cidade huma noite, mandando primeiro queimar muitas riquezas, que comſigo não podia levar, e foi-ſe caminhando pera Dio, porque era onde podia ſegurar ſua peſſoa. E com tamanhas deſordens fez eſte caminho, que deo occaſião aos ſeus pera o roubarem, uſando niſto o que coſtuma a gente vil, que he deſamparar com a Fortuna o ſeu Rey. E vendo elle como ella o perſeguia, tomando ſuas joias, pedraria, e ouro, (que era huma ſomma mui grande) mandou tudo diante pera Dio: e a tudo o mais que lhe podia ſer eſtorvo ao caminho mandou pôr o fogo, por não dar occaſião aos que o ſeguiam a ou-

tra

tra vez o roubarem. E assim acompanhado de alguns principaes, e de suas mulheres, que tinha mandado recolher, chegou a Dio. Alguns dizem, que mudára os trajos por não ser conhecido, mas os Mouros o negam; nem podia ser tal, porque se fóra só, pudera acontecer isso: mas elle sempre foi acompanhado de mais de dez mil cavallos, assim de sua guarda, como dos seus Capitães. Chegado ElRey a Dio passou-se logo á Ilha, e mandou com muita brevidade recolher nella todos os mantimentos das aldeias vizinhas, e com a mesma fortificou os passos por onde a Ilha se podia entrar, pondo nelles artilheria, e gente de guarnição, deixando-se alli ficar com a tristeza, e mágoa, que era razão tivesse, por perder em tão breve tempo hum Imperio tamanho, e tão potente, como era o de Guzarate, tão nomeado no Mundo. O Magor foi logo avisado de sua fugida, e desejoso de o haver ás máos o foi seguindo com grande pressa, e chegou até á serra de Uná tres leguas de Dio, onde teve por novas ser já passado á Ilha, pelo que tornou a voltar pera trás, correndo todas as Cidades de Cambaya, que saqueou, destruio, e assolou, levando dellas grandissimo thesouro, usando todos aquelles Magores (que por natureza são torpes, e nefandos) as mais brutas deshumanidades,

des, que ſe podem imaginar, padecendo todo aquelle Reyno de Guzarate as mais piedoſas miſerias que ſe nunca víram, andando os Magores por todo elle (que era fertiliſſimo de tudo) tão derramados, que ſe Badur não fora tão acovardado, com muito pouco cabedal ſe pudera reſtaurar de ſuas perdas, ſem lhe eſcapar hum ſó Magor vivo. Mas era tamanho o medo que lhe tinha cobrado todo o Reyno, que cento que chegavam a huma Cidade muito grande, e poderoſa, a ſaqueavam, e deſtruiam, como ſe foram dez mil, tomando-lhes as mulheres, e filhas ſem ouſarem a bolir comſigo. E aſſim ficou o Hamau Paxá ſenhor de todo o Imperio do Guzarate, tão antigo, e opulento, como aquelle, que ſempre foi o mais rico de todo o Oriente.

CAPITULO VI.

Dos limites que o antigo Reyno do Guzarate tem: e donde naſceo o erro dos Geografos lançarem o rio Indo na enceada de Cambaya.

JÁ que eſtamos neſte Reyno do Guzarate, razão he que moſtremos os ſeus antigos limites, e que confundamos o erro de Abrahão Ortelio, e de todos os mais Geografos, que lançáram o rio Indo dentro na enceada de Cambaya, eſtando elle tão diſtan-

tante como he dalli a Cinde. Eſte Reyno do Guzarate teve ſempre ſeus antigos limites da banda do Norte, na ponta de Jaquete, que he a que Ptolomeu chama, Maleo Promontorio, que ſitua em dezoito gráos, e hoje anda verificado em vinte e dous e meio: por onde Barace, que elle mette em dezeſete gráos, parece Dio, e aſſim o tem Nicoláo Veneto. Vai-ſe eſtendendo eſte Reyno pera a banda do Sul até o rio de Bandorá, que parece ſer o rio Nanaguna de Ptolomeu, que elle ſitua em quatorze gráos, e onde mette a Cidade de Nitra em Porju, que ſem dúvida temos pela meſma de Bandorá; porque nas antiguidades da India ſe acha ſer eſta a mais magnífica Cidade de toda ella, de que ainda hoje ha mui grandes veſtigios. Aqui perto da Cidade havia hum campo de duas leguas, que ainda depois de noſſa entrada na India era todo cheio de ſepulturas com aquellas pedras redondas á cabeceira, como ſe coſtuma em muitas partes do noſſo Portugal, ou em todo. E affirmam os antigos naturaes, que alli tivera o grande Alexandre com hum Rey muito poderoſo da India huma grande batalha, e que o desbaratára, e lhe matára muita gente, que toda ſe ſepultou naquelle campo. E ſe tal he, devia de ſer com Poro; poſto que Quinto Curcio, e outros affirmam, que eſta batalha fora

ra

ra muito mais pera o Norte. Em fim ſeja como for, tem eſte Reyno por coſta pouco mais de duzentas leguas: pelo ſertão jaz eſtendido até á Cidade do Agará, que ſerá por linha direita cento e ſincoenta leguas. E vendo nós Abrahão Ortelio, e nos mappas communs, que vem da Europa, lançado o rio Indo na enceada de Cambaya, (ſendo elle o verdadeiro que atraveſſa o Reyno do Cinde, e vem embocar no mar,) e os Guzarates lançados do Indo pera fóra, eſtando elles tanto do Indo pera dentro; e cuidando donde naſceria tamanho erro, nos parece que foi do Roteiro de Nearcho Capitão de Alexandre Magno da viagem que por ſeu mandado fez pela coſta da India até o rio Eufrates, que Alexandre, ſegundo conta Ariano author Grego, depois de vencer Poro, deſceo até o mar, onde mandou ordenar huma Armada pera ir deſcubrir aquella coſta, em que mandou por Capitão eſte ſeu grande privado Nearcho, que diz Ariano, que ſahio pelo rio Indo fóra na coſta dos Arbios, e como ſempre tinham andado por derredor do Indo, que ſe divide em muitos ramos pera differentes partes, tomando differentes nomes, todos os rios que achavam, cuidavam ſer o Indo, e por iſſo diz o Roteiro, que ſahíra por elle fóra. E como não tinham ainda conhecimento das altu-

turas, e gráos da elevação do pólo Artico, como depois veio a ter Ptolomeu, fez o Roteiro daquella viagem por número de estadios, e por singraduras, e segundo sua conta claramente se mostra não sahir pelo rio Indo fóra. E pondo nós nosso juizo, e fazendo nossas conjecturas, conformando-nos com o mesmo Roteiro de Nearcho, e com a conta dos estadios que navegou, nos parece que sahio por hum dos rios da enceada de Cambaya mais chegado a Dio, que he o de Madrefaval. E ainda faz parecer mais certa nossa conjectura o que diz o mesmo Nearcho, que querendo sahir pela boca do rio Indo fóra, achára a barra pequenâ, e de muita penedia, e que fizera huma fossa pera huma parte da boca onde havia areia, por onde sahíra ao mar largo. Do que se vê muito claro não sahir pelo rio Indo, que tirando o Gange, he o mais prospero, e de melhores barras, que todos os da India, e entram, e sahem por elle formosissimas náos; e Nearcho não navegou senão em navios pequenos de remo. Quanto mais, que o Roteiro nos está claramente mostrando isto; porque do rio por onde Nearcho sahio até entrar na Gedrosia, andou pela costa dos Arbios, e Oritios dous mil e seiscentos estadios, que são cem leguas nossas, a oito estadios por milha Italiana, e

tres

tres milhas e meia por legua; e diz que chegou ao rio Arbio, onde começavam os Oritios, e se acabavam os Indianos. Do que se vê muito claro sahir com aquella Armada do rio Indo pera dentro todo aquelle caminho, e antes de se acabarem as terras do Guzarate, que está muito averiguado fenecêram na ponta de Jaquete, e todos os que dahi pera fóra sahem, já se não chamam Guzarates, como nós o averiguámos com os mesmos naturaes. E continuando com o Roteiro desta viagem, diz Nearcho, que passada a Provincia dos Oritios, e entrando pela Gedrosia, lhe ficára o Sol perpendicular, e as sombras se mudavam, como acontecia no tempo do Solsticio na Ilha Meroe. Do que se vê começar-se esta Provincia hum pouco antes do rio Indo no rio de Cache, por sima de quem atravessa o Tropico. E como era em Agosto quando fazia esta viagem, e o Sol andava sobre o Tropico de Cancro, ficava-lhe sobre a cabeça, e achava differença nas sombras. Esta Provincia Gedrosia, segundo Ptolomeu, será de cem leguas, porque começa na Cidade Rizana em vinte gráos, (que nós temos pela mesma de Cache,) e acaba no rio Arbio em vinte gráos, em que ha a mesma distancia das cem leguas. E fazer Nearcho esta Provincia de dez mil estadios, que são quasi trezentas e sincoenta le-

guas,

guas, devia de naſcer ou do erro da traducção do Grego, em que Ariano eſcreveo eſta jornada, ou do engano da eſtimativa; porque como fazia conta ás jornadas, dando tantos eſtadios a cada huma, e por aquellas paragens ſempre ha impedimento de aguas, de cujo curſo Nearcho não tinha noticia, achando as correntes contra ſi em algumas paragens, cuidavam que andavam avante, e tornavam atrás, dando ſingraduras ordinarias, porque não tinham conhecimento da terra, nem de ſuas balizas, como nós hoje temos, porque por toda a coſta da India dentro, e fóra do Indo pelas balizas, e conhecenças ſabemos o que navegamos. E daqui viria Nearcho fazer eſta Provincia tanto maior que a Carmania, ſendo tanto mais pequena, como logo adiante moſtraremos, quando particularmente tratarmos de ambas.

E tornando ao Roteiro, depois deſta Armada entrar pela Provincia Gedroſia, andou por ella, e pela de Carmania, Perſia, Suſia, até chegar ao rio Eufrates, dezoito mil duzentos e ſincoenta eſtadios, que são mais de ſeiscentas leguas noſſas, não havendo da boca do rio Indo até o Eufrates mais que trezentas e trinta. E querendo os Geografos modernos, Abrahão Ortelio, João de Cadamaſto, Joſefo Moletio, Jeronymo Ruſcelli, e outros fazer ſuas tavoas, e mappas,

in-

indo buſcar eſte rio Indo por onde Nearcho ſahio, pela conta dos eſtadios que andou, aſſim em toda a jornada, como dantes de chegar a Gedroſia, deram comſigo na enceada de Cambaya, lançando-o da ponta de Dio pera dentro, e deixando os Guzarates da banda de fóra. Eſte erro lhes fez confundir o ſino Cantincolpus de Ptolomeu com o ſino Bragazeno, não lançando todos em ſuas tavoas mais de quatro enceadas da boca do Indo até o Gange, deitando Ptolomeu eſtes ſinco.

Sinus Cantincolpus, em que o rio Indo deſcarrega com ſete bocas, de que a mais Oriental he Linabare, que elle mette em vinte gráos do Norte, e a mais Occidental Sagapa em dezenove e meio, a que Plinio chama Sando, ou que ſeja corrupto de Cinde, ou que elle ſeja de Sando.

A ſegunda enceada he Sino Barigazeno, em que mette alguns rios, e os principaes são Gaoris, e Rende em dezeſeis gráos, que parecem os de Baroche, e Surrate, a quem os naturaes chamam Narbenda, e Tapeti, que eſtam hum do outro na meſma diſtancia em que Ptolomeu os põe.

A terceira enceada he Sinus Colchicus, onde mette Colchi em Porju, que por ſem dúvida ſe tem ſer Cochim, que naquelle tempo devia de ſer hum grande ſeio; porque das

das eſcrituras da India ſe tem, que já o mar naquella parte chegou até o pé do Gate, e que depois recolhendo-ſe em ſeu centro, deixou aquella faxa de terra, que hoje chamam Malavar.

A quarta enceada he o Sino Agarico, que elle mette do Cabo Comori pera o Gange, que he aquella, que ainda hoje ſe vê de Beadala até Negapatão.

A quinta he o Sino Gangetico, em que vai deſcarregar aquelle famoſo em nome, e ſoberbo em aguas Gange; e da confusão que depois os Geografos fizeram nos dous Sinos, Cantincolpus, e Barigazeno, fazendo de ambos hum, naſceo a Cidade de Conſamba, que Ptolomeu mette no Sino Cantincolpus em vinte gráos, fazerem-na cabeça do Reyno de Cambaya, ſendo eſta a Barigaza, que o meſmo Ptolomeu mette no Sino Barigazeno em .... gráos; por onde fica confundido o erro dos mappas, e entendidos bem os termos, e fins do Reyno Guzarate, em que elles tanto variáram. E quando fallarmos em huma Armada, que foi de ſoccorro ao Cinde, ſendo Governador Franciſco Barreto, moſtraremos claramente donde naſceo o erro dos modernos chamarem áquella Provincia Dyul Cinda, ſendo Dyul huma couſa, e Cinda outra. Como tambem com o favor Divino pelo decurſo da hiſtoria moſtraremos

mui-

muitos nomes proprios de Cidades, Villas, rios, promontorios, e muitas outras cousas, que andam adulteradas nos Escritores Italianos, que á India vieram antes dos Portuguezes, como foram Marco Polo Veneto, Micer de Conti, e outros; porque de traducção em traducção, vindo a mudar syllabas, e letras, perdêram de todo os nomes verdadeiros, e muito poucos dos que elles nomeam são hoje conhecidos neste Oriente. Deixamos Gregos, e Latinos, que isso he hum pégo infinito, do que tem nascido tão grande confusão nos nomes dos simplices entre os Medicos, e não nos tem dado pouco trabalho as informações que com os Mouros, e Gentios tomámos; porque escrevendo hum nome proprio de huma cousa com as mesmas letras que elles dizem, quando lha tornavamos a recitar, já pelo assento, e pronunciação o não conheciam, porque são linguas grosseiras, e os caracteres mui differentes dos nossos.

CAPITULO VII.

De como Soltão Badur tratou de ſe ir pera Meca, e foi contrariado dos ſeus: e de como mandou pedir ſoccorro ao Governador Nuno da Cunha contra os Magores, promettendo-lhe fortaleza em Dio: e de como foi ter com elle Martim Affonſo de Souſa.

E Tornando a continuar com as couſas de Soltão Badur, que deixámos recolhido na Ilha de Dio, depois de tornar em ſi, e perder parte do medo que levou, que lhe não deixou ſentir o que perdeo, veio a cahir na conta, e começou a entriſtecer-ſe por ver, que por ſua fraqueza, e máo conſelho perdêra em tão pouco tempo o mais poderoſo, mais rico, e mais eſtendido Imperio, que todos os do Mundo naquelle tempo, que via em poder de hum inimigo cruel, e tyranno, e de que cada dia tinha novas, que ſem piedade alguma punha tudo a ferro, e a fogo, e uſando com ſeus naturaes as móres deshumanidades que ſe podiam imaginar. Iſto ſentia na alma, e lhe fazia de novo reſuſcitar o medo com que lhe fugio, porque temia o foſſe ainda commetter naquella Ilha, onde lhe não poderia eſcapar, que quando a não pudeſſe entrar por armas,

o faria por fome; porque posto que nella tivesse muitos mantimentos, a gente era tanta, que receava faltarem-lhe. Com estas imaginações não se quietava, cuidando no que faria. E como era fraquissimo de animo, e de condição vil, e baixa, tratava de prover mais a sua vida, que a seu Estado, fazendo muitos discursos pera a poder salvar. E em fim de todos veio a determinar-se de se ir pera Meca, tomando por escusa de sua fraqueza, que de avorrecido do Mundo desejava de ir servir Mafamede o que da vida lhe restasse; mandando pera isso com muita brevidade preparar sete náos, em que entravam dous galeões, pera se embarcar com suas mulheres, e thesouros, começando a mandar embarcar cousas necessarias pera a jornada, e quasi quatro milhões de ouro em moeda, e pedraria, com outras riquezas de peças, e louçainhas sem conto: e com isto a sua principal mulher, com suas donas, e donzellas. E querendo ultimamente embarcar-se, foi impedido de alguns Grandes, que ainda o acompanhavam, persuadindo-o com muitos rogos, que não fizesse tal jornada, porque era cousa indigna de hum Rey tão nomeado no Mundo de rico, e poderoso, porque todos os que o soubessem, o haviam de attribuir mais a covardia, que a devoção: que elle tinha hum remedio mui-

to á mão, e muito certo pera tornar a cobrar ſeu Reyno, que era o favor, e ajuda dos Portuguezes, que com lhes dar fortaleza naquella Ilha, que era o que o Governador da India tantos annos havia que pretendia, e que com os ter nella, podia quietar-ſe, e não receiar o inimigo; e que tanto que ſeus vaſſallos ouviſſem, que ſe preparava pera tornar a cobrar ſeu Reyno, e que os Portuguezes o favoreciam, eſtava muito certo acudirem-lhe todos; e que pelo contrário, vendo-o embarcar, entregariam liberalmente o Reyno aos inimigos, e ficaria o Imperio do Guzarate (que tantos annos foi Senhor ſupremo) debaixo de jugo alheio. Com eſtas, e com outras muitas couſas, que lhes diſſeram, cobrou algum alento, e começou a reſpirar. E vendo que o aconſelhavam bem, como era máo, não deixou logo de conceber em ſeu animo, que poſto que por então concedeſſe fortaleza em Dio, tanto que tornaſſe a cobrar ſeu Eſtado, todas as vezes que quizeſſe lha tornaria a tomar. E mudando parecer, como foi tempo deſpedio as náos que eſtavam de verga d'alto, e fez dellas Capitão hum Mouro muito ſeu acceito, chamado Cafarcan, a quem entregou ſeus theſouros, e ſua mulher, dando-lhe por regimento, que ſe não partiſſe de Judá até não ver recado ſeu. A tenção do Ba-

Badur mandar eſtes theſouros, e a mulher, foi, não lhe ſahir de todo o medo, e a deſconfiança de poder tornar a cobrar ſeu Eſtado; porque quando de todo em todo a Fortuna niſſo o quizeſſe perſeguir, ahi lhe ficava então lugar pera fazer a jornada que pertendia, e paſſar-ſe a Meca, ainda que foſſe em trajos mudados, pera o que queria lá ter todas aquellas couſas. Deſpachadas eſtas náos, deſpedio logo por Embaixador Xacoez, que era já conhecido do Governador, com cartas pera elle, e procurações baſtantes pera lhe poder offerecer huma fortaleza na Ilha de Dio, pedindo-lhe que logo ſe foſſe pera elle com todo o poder que tiveſſe junto; dando-lhe por regimento, que paſſaſſe por Chaul, onde eſtava Martim Affonſo de Souſa Capitão mór do mar da India invernando, e lhe déſſe cartas que lhe eſcreveo, em que lhe dizia, que logo ſem fazer dilação ſe foſſe pera Dio, porque importava aſſim ao ſerviço d'ElRey de Portugal. Xacoez partio logo em hum navio muito ligeiro, e em tres dias chegou a Chaul, e ſe vio com Martim Affonſo de Souſa, e lhe deo as cartas de Soltão Badur, e ſeu recado, com que ſe alvoroçou muito; e porque tinha toda a Armada varada por ſer ainda entrada de Setembro, embarcou-ſe logo em quatro navios ligeiros com muitos Fi-

dalgos, e Cavalleiros; e deo á véla pera Dio, escrevendo ao Governador pelo mesmo Embaixador a jornada que fazia, deixando em Chaul ordem pera logo ir apôs elle toda a Armada, que o Capitão de Chaul com muita pressa fez lançar ao mar, e embarcando-se seus Capitães o foram seguindo. Martim Affonso de Sousa atravessou o golfo, e foi ferrar a outra costa, e demandou a barra de Dio, e entrou por ella muito embandeirado salvando a Cidade, e foi surgir defronte dos Paços d'ElRey, que estavam hum pouco assima, donde hoje está a Alfandega; e logo desembarcou acompanhado de todos os que com elle foram, e entrou na Casa d'ElRey, que o mandou receber pelos seus Grandes, e chegando a elle se lhe humilhou, mandando-lhe dizer, que era alli vindo pera o servir; e que por acudir a seu chamado deixára toda a sua Armada, que logo chegaria, com que elle estava muito prestes pera o servir em tudo o que lhe mandasse; e que quanto aos Magores, que bem se podia segurar, porque em quanto alli estivessem os Portuguezes, elles não chegariam á vista daquella Ilha, e que o Governador não tardaria muito, e que então se faria tudo o que elle mandasse. Soltão Badur o recebeo honradamente, e lhe agradeceo seus offerecimentos, e lhe disse,

que

que elle eſtava preſtes pera dar ao Governador o lugar que quizeſſe na Ilha, e que pera iſſo o mandára chamar: que entre tanto viſſe elle onde ſe queria agazalhar, que o fizeſſe, e que ſe lhe daria tudo o neceſſario. Martim Affonſo eſcolheo a ponta de ſobre a barra, onde eſtava hum baluarte, e alli eſteve até chegar a ſua Armada, que era de quarenta navios. E deſembarcando toda a gente, poz eſtancias em terra, e arvorou ſuas bandeiras, e começou a correr com o ſerviço de Soltão Badur, mandando rodear a Ilha pelos catures pera defenderem os paſſos, ſe os Magores os vieſſem commetter; do que elles não tratavam, porque andavam eſpalhados pelo Reyno a roubar; e alguns Regulos Resbutos por remirem ſuas vidas, e Eſtados ſe foram pera o Magor, e ſe fizeram ſeus vaſſallos; mas outros que viviam em ſerras, e paſſos eſtreitos, fortificáram-ſe nellas, e ſe defendêram, e todos os mais foram deſtruidos dos Magores, e os que podiam eſcapar de ſuas mãos vinham fugindo pera Dio, onde eſtava Soltão Badur, cuidando que ſe ſeguravam; porque na verdade, não ha couſa que mais anime os vaſſallos, que a preſença do ſeu Rey, quando elle não he tão fraco, e acovardado como eſte barbaro; que niſto paſſou tanto os limites da natureza, que nem com quantas ſegu-

guranças o Capitão mór lhe dava, e por muito que trabalhava pelo animar, nada baſtava; porque como cada dia vinham os pobres, e miſeraveis fugindo de todas as partes pera aquella Ilha, atroando o Mundo com as cruezas dos Magores, aſſim ſe lhe resfriava o ſangue, e lhe corria pelas veias hum humor frio, e malenconico, que quaſi perdia o ſentimento; e não havia momento, que não tiveſſe ſobreſaltos, e que lhe não pareceſſe que os Magores eram com elle. (Quanto póde hum animo fraco de hum Capitão, que elle ſó he baſtante pera fazer perder tamanhos exercitos como eſtes que o Badur tinha, que ſempre foram vencedores, e nunca vencidos!) Aqui ſe cumprio bem aquelle dito antigo: Que antes tomariam hum exercito de ovelhas com hum leão por governador, que não hum de leões com huma ovelha por capitão.

CAPITULO VIII.

Da Armada que este anno de 1535 partio do Reyno: e de como o Embaixador de Cambaya chegou a Goa, e o Governador Nuno da Cunha mandou com elle Simão Ferreira pera assentar com o Badur o contrato das pazes, e dos Capitulos com que se concluíram.

PArtido o Embaixador de Cambaya de Chaul, deo-se tanta pressa, que chegou a Goa em tres dias; e sendo o Governador avisado de sua vinda, o mandou receber mui honradamente por algumas galés, e sendo trazido diante delle, o recebeo mui bem, e vio as cartas d'ElRey, e do Capitão mór, de que soube tudo o que era passado. O Embaixador lhe disse de palavra, que ElRey seu Senhor ficava em Dio muito alvoroçado esperando por elle, porque desejava muito sua amizade, e de lhe dar fortaleza naquella Ilha pera mór liança della: que lhe rogava, e pedia, que sem fazer detença alguma fosse ter com elle, porque cumpria assim a serviço d'ElRey de Portugal. O Governador lhe agradeceo aquella vontade que ElRey tinha, e fez ao Embaixador muitos cumprimentos, mandando-o agazalhar mui bem. E vendo que aquillo não era negocio pe-

ra ſe diſſimular, deſpedio logo o Embaixador, e com elle Simão Ferreira com poderes baſtantes pera o Capitão mór Martim Affonſo de Souſa com elle aſſentarem, e confirmarem de novo pazes, dando-lhe algumas inſtrucções, e apontamentos, dizendo-lhe que em Baçaim eſperava por reſpoſta ſua, porque logo partia apôs elles; eſcrevendo a Soltão Badur grandes agradecimentos daquella mercê, e que ſe ficava embarcando com muita preſſa pera o ir ſervir; e que entre tanto lhe mandava o Secretario, pera com o Capitão mór aſſentarem com elle as couſas, que cumpriam á ſegurança da paz, e amizade, que já em ſeu animo ficava firme, e ſegura. E ao Embaixador fez o Governador muitas mercês, e deo muitas peſſas, e de ſua jornada adiante daremos razão. O Governador mandou logo com muita preſſa negociar galeões, e galés, tauris, e cotias pera levarem pedreiros, cavouqueiros, ſervidores, ferramenta, e mais petrechos neceſſarios pera a obra da fortaleza, de que mandou ajuntar grande cópia pelas Tanadarias de Goa. Poucos dias depois do Embaixador partido, chegáram á barra de Goa as náos que eſte Março paſſado de 1535 tinham partido do Reyno, que eram ſete, de que era Capitão mór Fernão Peres de Andrade, e os outros Martim de Freitas, Thomé de Souſa, Jorge

ge Maſcaranhas, Luiz Alvares, Fernão Camello, e Fernão de Moraes. Eſtas náos mandou ElRey cheias de muita, e boa gente, e com muito dinheiro, e cabedal: ſem embargo de outra muito grande que em Portugal ordenava pera mandar de ſoccorro ao Imperador ſeu cunhado, que ſe fazia preſtes pera ir reſtituir a ſeu Reyno ElRey Muça Azei, Tunes, por lho ter tomado Barbaroxa. E o Infante D. Luiz deſejoſo de o acompanhar neſta jornada partio fugido, e afforrado pela poſta. ElRey ſeu irmão depois que o ſoube, mandou-lhe huma grande Armada, de que foi Capitão mór Antonio de Saldanha, e dava Deos naquelle tempo dinheiro pera todas eſtas deſpezas, não rendendo a India a metade do que depois veio a render; e chegou o Reyno com iſto a eſtado, que eſcaſſamente podia armar quatro náos pera eſta carreira. Com a chegada deſta Armada ſe embarcou o Governador, deixando encarregadas as couſas ao Capitão da Cidade D. João Pereira, com ordem pera deſpedir as náos pera irem tomar a carga a Cochim, porque elle havia de deſpedir de Dio as vias. Levou o Governador cem navios groſſos, e miudos, em que hia embarcada muita, e mui luſtroſa gente, e todas as couſas que lhe parecêram neceſſarias pera a fabrica da fortaleza, deixando

or-

ordem pera ſe lhe mandar ainda mais, que ſe lhe ficavam fazendo, e negociando. Dada á véla com eſta frota, foi ſeguindo ſua jornada, em que o deixaremos, porque he neceſſario continuar com Simão Ferreira, que tanto que partio de Goa em companhia do Embaixador de Soltão Badur, tanta preſſa ſe deo, que antes de quinze de Setembro chegou a Dio. Simão Ferreira ſe deſembarcou na eſtancia do Capitão mór, e lhe deo as cartas do Governador, inſtrucções, e Procurações que levava. O Embaixador foi dar conta a ElRey da jornada, e da vinda de Simão Ferreira, a que elle logo mandou buſcar pelo meſmo Embaixador, e por todos os Grandes de ſua Caſa, que o leváram, indo elle acompanhado de muitos Portuguezes. O Badur o recebeo com muita honra, e elle lhe deo a carta de crença do Governador, além de outra que lhe eſcreveo de cumprimentos. ElRey moſtrou folgar com aquella preſſa, e remetteo todos os negocios a Xacoez, e a Medinarrão Capitão da Cidade, e a outros Officiaes de ſua Caſa; porque todos com o Capitão mór capitulaſſem as pazes, o que logo ſe fez, ajuntando-ſe na eſtancia do Capitão mór, aonde ſe apreſentáram os apontamentos de parte a parte, que viſtos, e praticados ſe vieram a concluir na fórma ſeguinte:

» Que

» Que ElRey Soltão Badur se obrigava » a dar logo hum lugar naquella Ilha na pon» ta de sobre a barra, pera se nelle fazer hu» ma fortaleza da grandura, e tamanho que » o Governador quizesse.

» Que lhe concedia, e dava o Baluarte » do mar sem a sua artilheria.

» Que de novo lhe dava, e confirmava » a Cidade de Baçaim com suas terras, e jur» dição, assim, e da maneira que já pelo ou» tro contrato lhe tinha dadas. » Estes são os Capitulos que o Badur concedeo. Os seus que lhe concedêram, são os seguintes:

» Que todas as náos de Meca, que pe» lo primeiro contrato eram obrigadas irem » a Baçaim, dalli por diante iriam á Ilha de » Dio, assim como d'antes costumavam, ás » quaes se lhes não faria força alguma; e que » querendo qualquer dellas por sua vontade » ir a Baçaim, o poderia fazer; e assim o fa» riam todas as náos de todas as mais partes, » que navegariam assim á ida, como á vinda, » pera onde quizessem livremente; mas que » todas seriam obrigadas a tomar salvo condu» cto dos Capitães d'ElRey de Portugal.

» Que naquella Ilha de Dio não teria El» Rey de Portugal nenhumas rendas, direi» tos, nem entradas, nem jurdição alguma » sobre seus naturaes: e que sómente pos» suiria a fortaleza das portas a dentro.

» Que

» Que os cavallos da Persia, e Arabia, » que pelos contratos passados eram obrigados a ir a Baçaim, dalli por diante iriam » a Dio, aonde pagariam direitos a ElRey » de Portugal, segundo o costume de Goa. » E que os cavallos que se alli não comprassem, poderiam seus donos tornar a levar livremente pera onde quizessem. E que isso » mesmo todos os cavallos que viessem dos » portos de Meca seriam livres, e não pa- » gariam direitos alguns.

» Que ElRey de Portugal, e seus Go- » vernadores não mandariam fazer guerra ao » Estreito do mar Roxo, nem nos lugares » da costa da Arabia; e que todas as náos » daquellas partes navegariam livremente sem » as nossas Armadas entenderem com ellas. » Mas que havendo Armada de Rumes, e » Turcos, então os poderiam ir buscar, e » fazer-lhes guerra.

» Que os Reys de Portugal, e os de Gu- » zarate seriam amigos de amigos, e inimi- » gos de inimigos. E que o Governador Nu- » no da Cunha seria obrigado a ajudar a el- » le Soltão Badur com todo o seu poder por » mar, e por terra contra seus inimigos.»

Estes contratos assignou Soltão Badur, e jurou de guardar, e cumprir perante o Capitão mór, Simão Ferreira, e Capitães da Armada, de que se passáram dous instrumen-

tos,

tos, hum pera ficar em poder dos Officiaes do Soltão Badur, e outro pera se levar ao Governador a Baçaim, aonde havia de esperar por recado. Soltão Badur despedio logo o Embaixador Xacoez com o traslado dos Capitulos, e lhe escreveo elle, e o Capitão mór, pedindo-lhe que logo se fosse pera Dio. Chegado Xacoez a Baçaim, já achou o Governador, e dando-lhe as cartas, e Capitulos, os festejou muito. E porque a carta do Badur he substancial, nos pareceo bem ir aqui junta, que continha o seguinte:

» Nomeado do Grande Rey, leão do
» mar das aguas azuis, Nuno da Cunha por
» mercê d'ElRey seu Capitão mór. Sabe-
» reis que o Secretario Simão Ferreira fiel
» privado em ambas as partes, e Xacoez fi-
» lho dourado vieram a mim, e me deram
» a carta que me enviastes, onde vi, e en-
» tendi mui bem vossa vontade, e desejo,
» o que antes disso Xacoez me tinha declara-
» do; mas agora por boca de Simão Ferrei-
» ra me acabei de certificar da vossa amiza-
» de. Pelo que o que tantos annos ha que se
» não póde cumprir, nem vos houvera de
» vir ás mãos tão cedo, (que he lugar pera
» estarem Portuguezes em Dio,) eu vos faço
» mercê delle da banda que quizerdes, as-
» sim como me mandais pedir com todas as
» condições, que Simão Ferreira por virtu-

» de

» de da vossa Procuração outorgou, como
» sabereis por sua carta, e por palavra de Xa-
» coez, que lá vai. Agora he necessario, que
» tanto que esta vos for dada, sem dilação
» alguma vos venhais com Xacoez. Eu ti-
» nha escrito ao Capitão mór que se viesse
» pera mim, e tanto que vio meu manda-
» do, logo se veio a minha casa, com o
» que eu folguei muito, e o detive pera me
» servir. Feita em Dio a vinte e oito de Se-
» tembro. » O Governador tanto que vio os
Capitulos, e contratos, largando tudo, em-
barcou-se com muita pressa, e atrevessando
aquelle golfo foi surgir aos dez dias de Ou-
tubro na barra de Dio, aonde logo foi vi-
sitado da parte do Soltão Badur, pedindo-
lhe que desembarcasse em terra, que lhe da-
riam lugar pera se aposentar com toda sua
gente. O Governador lhe respondeo, que
logo lhe iria beijar as mãos, e servillo em
tudo, porque pera isso era alli vindo. Mar-
tim Affonso de Sousa logo se vio com o Go-
vernador, e lhe deo conta do estado em que
as cousas estavam, e chamando todos os Ca-
pitães, e Fidalgos velhos a conselho, tra-
tou com elles sobre o modo que teria nas
vistas com Soltão Badur. E por todos foi as-
sentado, que agora que elle estava quebra-
do, e em estado que se valia delle, que o
fosse visitar a sua casa, sem outros pontos,
nem

nem ceremonias, porque tambem elle eſtava em cama mal deſpoſto, e que agora já ſe viam como amigos. Concluido iſto, mandou o Governador recado por toda a Armada, pera que todos ſe preparaſſem o mais cuſtoſamente que pudeſſem pera o dia da deſembarcação.

CAPITULO IX.

De como o Governador Nuno da Cunha ſe vio com Soltão Badur, e de novo confirmáram as pazes, e ſe começou a fortaleza: e de alguns ſoccorros que o Governador deo ao Soltão Badur contra os Magores.

AO terceiro dia da chegada do Governador, em que tinha ordenado ver-ſe com ElRey, paſſando toda a gente aos navios de remo com a enchente da maré, foi entrando pera dentro, porque até então eſteve de fóra do baluarte no pouſo das náos. Hiam os navios formoſamente toldados, e embandeirados de ſedas de cores, tangendo muitos inſtrumentos, até defronte das caſas d'ElRey onde ſurgio, e ſalvou com toda a artilheria, e o meſmo fizeram os galeões de fóra, dando huma mui ſoberba, e formoſa moſtra. O Governador mudou-ſe da galé em que hia a hum bargantim toldado

de

de borcado, e formosamente embandeirado, e foi-se entretendo até todos os navios pôrem os proizes em terra de longo da praia defronte dos Paços d'ElRey; tendo o Governador dado ordem a todos, pera que estivessem prestes, e armados pera tudo o que succedesse. Depois de todos os navios terem chegado a terra, foi o Governador passando por entre elles, que o foram salvando por ordem, e pondo a prôa defronte dos Paços desembarcou acompanhado do Capitão mór, de Garcia de Sá, Pero de Faria, Fernão Rodrigues de Castel-branco Ouvidor geral, e de João da Costa Travaços, que aquelle anno chegára de Portugal provído do cargo de Secretario. Á borda da agua achou o Governador a Xacoez, e a Medinarrão Capitão da Cidade, e com elles Alucan, Coge Çofar, Zengircan, e outros Capitães que o esperavam por ordem d'ElRey, a quem o Governador fez muitos gazalhados, porque lhos deo Xaçoez a conhecer; e assim acompanhado de hum grande tropel entrou em Casa d'ElRey. Hia o Governador vestido á Hespanhola, calças inteiras ricas, çapatos de veludo, saio preto até os joelhos aberto, com mangas cortadas, tomados os golpes com pontas, e botões de pedraria, e os braços tirados pelos golpes do saio, e por dentro huma coura de seda rica guarne-

ci-

cida de ouro, aos hombros hum rico collar esmaltado, na cabeça gorra com plumas, e medalha; espada, adaga, e talabartes de ouro, e na mão hum bastão, assim, e da propria maneira que hoje está retratado na casa dos Governadores. E como era hum dos grandes, e formosos homens de Portugal, em pondo os olhos nelle, quem o não conhecêra, logo o julgára por quem era, e certo que em tudo parecia digno do cargo que representava. Ao entrar da camara em que ElRey estava, o não fez com elle mais que Xacoez, e os linguas Marcos Fernandes, e Coje Percoli, e Fidalgos Martim Affonso de Sousa, Garcia de Sá, Pero de Faria Ouvidor Geral, e Secretario. A casa, em que ElRey estava, era cuberta de alcatifas ricas por baixo, e as paredes de pannos de ouro, e seda. Jazia ElRey em huma camilha muito rica, vestido em huma cabaia muito fina, e com huma touca branca na cabeça, e nos dedos anneis muito ricos. O Governador foi entrando pela casa com grande continencia, repouso, e gravidade, e antes de chegar hum pouco á cama d'ElRey, tirou a gorra, e lhe fez mesura ao modo Portuguez. ElRey se suspendeo todo da cama, e o gazalhou com hum repouso alegre, e gracioso. Algumas pessoas dizem, que o mandou assentar; outros

nos affirmáram que lhe fallára de pé, e que logo o despedíra; mas as palavras pontuaes que lhe ElRey disse foram estas: *Venhais embora, leão do mar, fólgo de vos ver, cousa que muito desejava. Como vindes do caminho?* O Governador fazendo-lhe sua cortezia, lhe mandou responder pela lingua, que vinha mui bem pera servir a Sua Alteza, como amigo que era d'ElRey de Portugal seu Senhor, pera o que estava prestes com todo o poder que na India tinha. ElRey mostrou folgar muito com aquelles comprimentos, e lhe disse que fosse repousar, que Xacoez, e Medinarrão correriam com elle em todas as cousas que fossem necessarias, porque pera tudo lhes tinha dado seus poderes. O Governador se despedio delle, e se tornou a embarcar, acompanhando-o até á praia todos os da Casa d'ElRey, e levando ancora foi surgir com toda a Armada defronte da ponta onde estava o Capitão mór. Ao dia seguinte desembarcou, e mandou armar suas tendas, e logo foram a elle Xacoez, e Medinarrão, e começáram a tratar os negocios, e de novo tornáram a renovar as Capitulações, e se juráram as pazes aos vinte e sinco dias do mez de Outubro, assim por ElRey a seu modo, como pelo Governador; o que se fez com a mór solemnidade, pompa, e magestade que podia ser, com mui-

to

to goſto (ſegundo então parecia) d'ElRey, que na verdade o não tinha, como depois moſtrou. E logo o Governador correo com Medinarrão, Xacoez, e mais Officiaes d'ElRey, que foram ver, e marcar o lugar pera a fortaleza, que o Governador eſcolheo á ſua vontade, e lhe poz ſeus marcos, e balizas, de que foi logo mettido de poſſe pelos Officiaes d'ElRey, e aſſim do baluarte do mar, tirando-lhe primeiro a artilheria que dentro tinha conforme ao contrato. Eſta poſſe ſe celebrou com grande apparato, e inſtrumentos de alegria, e de tudo ſe fizeram autos, e papeis aſſinados por ElRey, e por ſeus Officiaes, que devem de eſtar na Torre do Tombo do Reyno, porque na India não ha mais que algumas lembranças em alguns livros velhos de Regimentos daquella fortaleza, donde nós tirámos a ſubſtancia. Feito iſto, mandou o Governador deſembarcar as couſas neceſſarias pera a fortaleza, e toda a gente Canarim que de Goa trouxe, aſſim de armas, como de officiaes, que ſe apoſentáram em huma parte da Ilha ſeparada, que de ſeu nome ſe ficou chamando *Canarim Vará*, que em ſua lingua quer dizer: *Povoação dos Canarins*. E os Officiaes d'ElRey mandáram trazer das aldeias vizinhas huma grande cópia de cavouqueiros, e pedreiros, com que logo mandou o Governador

pôr mãos á obra dos aliceſſes, dando elle as primeiras enxadadas ao ſom de muitos inſtrumentos, feſtas, e alegrias. Foram-ſe abrindo os aliceſſes de mar a mar com tanta preſſa, que quando foi aos vinte e hum do mez de Dezembro, (dia do Bemaventurado Apoſtolo S. Thomé Padroeiro da India,) lançou o Governador com ſua mão a primeira pedra do baluarte, a que ſe deo o nome do Santo, o que ſe fez com grande ſolemnidade de Prelados reveſtidos, que como he coſtume a benzêram. Começou-ſe com muita preſſa a pôr as mãos á obra, ſendo os primeiros que apegavam das padiolas, e dos ceſtos de cal os Fidalgos, e Capitães, achando-ſe ſempre o Governador preſente a tudo, e feſtejando-ſe tanto a obra da parte dos naturaes, como da noſſa, andando ſempre o Governador com a mão na bolſa, dando aos pobres, e miſeraveis que trabalhavam, e fazendo mercês a muitos outros, com o que acudiam tantos que ſobejavam. A hum Fidalgo honrado daquelle tempo ouvimos dizer, que vendo Nuno da Cunha o ſitio da fortaleza, e a preſſa com que ſe fazia, olhando pera certos Fidalgos que eſtavam junto delle, lhes diſſera: *Vedes vós, Senhores, eſta fortaleza, que com tanto alvoroço ſe faz, ſabei que ainda ha de ſer ſepultura de muitos Portuguezes*: e praza a

Deos

Deos que se tenha cumprido esta profecia nos que morrêram naquelles dous espantosos cercos, que adiante tratamos na quinta, e sexta Decada. Indo a obra crescendo, não deixavam de acudir a Dio os rebates dos Magores, que ainda andavam pelas terras do Reyno de Cambaya á sua vontade, e naquelles dias chegou hum catur de Baroche com carta daquelle Capitão, em que pedia a ElRey o soccorresse, porque tinha por novas, que os Magores determinavam de ir commetter aquella Cidade, pera o que elle se quiz valer do Governador, e lhe mandou pedir algum Capitão com soldados pera se irem metter nella, e favorecerem os seus, porque com verem Portuguezes se animariam todos a se defenderem. O Governador encommendou aquelle negocio a Manoel de Macedo, a quem deo dous navios com setenta Portuguezes, mandando Soltão Badur em sua companhia hum Capitão seu com quinhentos homens em outros navios. E fazendo-se á véla, chegáram a Baroche, e Manoel de Macedo se foi metter na Cidade, e com o Capitão della andou vendo os muros, e baluartes, provendo-os de gente, e Capitães, e renovando algumas partes rotas, e damnificadas, deixando-se elle ficar de fóra com os seus soldados pera acudir onde fosse necessario, animando, e esforçando

do os naturaes pelos ver acovardados, e atemorizados das cousas que cada dia ouviam dos Magores. Hamau Paxá, que andava já senhor de todo o Imperio Guzarate, estava na Cidade de Amadabá, e dalli despedio seu irmão Ascan Mirza com dez mil cavallos pera ir dar na Cidade de Berodora, e Baroche, que eram grandes, e ricas. Este pelo caminho foi destruindo todas as Villas, e lugares até chegar á Cidade de Berodora, que era riquissima, em que se fazem as mais finas roupas de côres, e capas pera as colchas de todo o Guzarate. Esta Cidade tanto que teve novas de sua vinda se lhe despejou por ser toda de Gentios mecanicos, e entrando-a os Magores, sem resistencia a saqueáram, e roubáram, destruindo, e assolando seus edificios, que eram muitos, mui grandes, e sumptuosos. Depois de fartos de roubos, e cruezas foram caminhando pera Baroche, levando diante de si muita gente que lhe hia fugindo, que deo novas em Baroche como os Magores vinham apôs elles. Isto metteo tamanho medo nos naturaes, que sem esperarem ver o rosto aos inimigos, largando tudo começáram a fugir, e a desamparar a Cidade, que era cercada á roda de muros, e baluartes, e por nenhum caso os Magores os podiam entrar, se houvesse qualquer defensão. Manoel de Macedo vendo

do aquelle medo, e desatino tanto nos grandes, como nos pequenos, acudio com muita pressa aos deter, esforçando-os, e animando-os, e persuadindo-os a lhe ajudarem a defender sua Cidade, que elle com os Portuguezes que tinha a defenderiam até morrerem todos; e que era pouquidade, e covardia de animo fugirem sem verem de que: que esperassem os inimigos, e que quando vissem que elle os não rebatia, e affastava dos muros daquella Cidade, que então fizessem de si o que lhes melhor viesse; dando-lhes muitas razões pera não haverem de recear os Magores, e que de hum dia pera o outro teriam muitos soccorros do Governador. Mas como o medo tinha já entrado em seus corações, nenhuma destas cousas os quietou, antes desordenadamente se foram da Cidade largando-a, e deixando-a deserta assim os moradores, como o Capitão, e gente que ElRey mandou em sua companhia. Vendo Manoel de Macedo aquelle desatino, deixou-se ficar na Cidade até apparecerem os inimigos. E não sendo possivel defendella, por ter mais de huma legua em roda, tambem se embarcou em seus navios, e se fez á véla pera Dio, e deo conta ao Governador de tudo o que passou, e elle lhe teve muito a bem o que fez.

CA-

CAPITULO X.

De como Hamau Paxá Rey dos Magores se recolheo pera seus Reynos, por lhe entrar por elles hum Rey dos Patanes: e de como Soltão Badur o foi seguindo, indo em sua companhia Martim Affonso de Sousa: e do que lhe na jornada aconteceo.

HIa o Governador Nuno da Cunha continuando na obra da fortaleza com tanta pressa, que aos nove dias de Fevereiro, dia de Santa Apollonia, estava já toda em roda na altura do andar das ameias, e no mesmo tempo se acabou a cava; porque pela multidão dos trabalhadores se repartíram os baluartes de feição, que quando se acabou hum, acabáram todos. Soltão Badur trazia grandes espias sobre os inimigos, e cada dia era avisado do que faziam, e perto dos quinze dias de Fevereiro teve rebate que os Magores se recolhiam pera suas terras mui apressados por lhes virem novas que os Patanes vinham sobre ellas. Com estas novas resfolegou o Badur, e começou a fazer preparamentos, e ajuntar a gente de cavallo, que estava recolhida pelas aldeias da outra banda pera ir apôs os inimigos, mandando diante alguns Capitães pera que fossem ajuntando toda a gente que pudessem, como

fi-

fizeram. Elle ſe poz em campo com dez mil de cavallo, que eram os ordinarios; e que o ſeguiam ſempre; e mandou pedir ao Governador, que lhe déſſe Martim Affonſo de Souſa com mil Portuguezes pera o acompanhar neſta jornada. O Governador vendo que pelo contrato das pazes eſtava obrigado a lhe dar todo o favor, e ajuda que lhe pediſſe, e por outra parte entendendo que ſe lhe concedeſſe o que pedia, punha toda aquella gente a muito grande riſco, e perigo, porque não ſabia ſe aquella retirada dos Magores ſería invenção, e ardil de guerra, pera ver ſe podia haver ás mãos o Badur; porque ſendo aſſim, e voltando os inimigos, eſtava muito certa ſua perdição por ſua grande covardia, e que os Portuguezes haviam de ficar todos na cilada, porque não haviam de fugir. E praticando todas eſtas couſas em conſelho com os Capitães, e Fidalgos velhos, lhes pedio ſeu parecer. Mas primeiro que fallaſſem, como Martim Affonſo precedia a todos por Capitão mór do mar, levantou-ſe em pé, e diſſe, que elle eſtava preſtes pera naquelle negocio arriſcar a vida, honra, e liberdade, porque menos era perder tudo iſto, que huma tamanha occaſião de moſtrar a lealdade, e valor Portuguez, e ganhar naquella jornada huma tamanha honra; e que quanto maior foſſe o perigo,

tan-

tanto maior era o desejo que tinha de se ver nelle. Quanto mais, que nada se arriscava em seguir homens, que já por si hiam desbaratados, e desmandados, acudindo a suas terras: que lhe fizesse mercê conceder-lhe aquella jornada, porque negando-lha, maior risco corria a fama do nome Portuguez, que sua vida, e mais estando tão obrigado pelo contrato das pazes, que tinha juradas de lhe dar todo favor, e ajuda necessaria pera tornar a cobrar seus Reynos, e que por sima de tudo só pela confiança, que aquelle Rey attribulado tinha nos Portuguezes, se lhe havia de conceder o que pedia. O Governador lhe louvou aquelle zelo, e vontade com que se offerecia pera aquella jornada, assim por serviço do seu Rey, como por honra de sua nação, e assim lha concedeo, assinando-lhe quinhentos homens, o que lhe elle teve em mercê. E logo lhe acudíram a se lhe offerecerem os melhores, e mais lustrosos de toda a Armada. Soltão Badur estimou muito aquelle soccorro, porque lhe foi Martim Affonso dar mostra com a sua gente, que foi huma cousa formosissima de ver; e mandou dar cavallos a todas as pessoas que os quizeram, e todas as mais cousas necessarias. ElRey passou-se logo á outra banda, e começou a marchar, levando sempre apar de si Martim Affonso com todos os Portuguezes,

zes, que tomou pera guarda de ſua peſſoa. Os Fidalgos, e peſſoas principaes que foram neſta jornada eram Manoel de Souſa primo com irmão de Martim Affonſo de Souſa, Fernão de Souſa de Tavora, Francisco de Sá dos ocolos, D. Diogo de Almeida Freire, Martim Correa da Silva, Manoel de Souſa de Sepulveda, Antonio Moniz Barreto, e hum Foão Freire, que era provído da Capitanía de Cananor, e outros. ElRey foi caminhando apreſſadamente, e antes de chegar á Cidade de Amadabá, teve rebate que os inimigos tornavam a voltar, e apôs o recado começou a vir o tropel das gentes das aldeias, que vinham fugindo. Soltão Badur ficou tão ſobreſaltado, que perdido o animo perguntou a Martim Affonſo de Souſa que faria, (que como eſtava fóra do medo que elle tinha, e naturalmente era reſoluto, e de grande conſelho) diſſe, que ſe recolheſſe a hum monte grande que eſtava no cabo do campo em que elles eſtavam, (pera onde vio recolher toda aquella gente que vinha fugindo, que eſtava todo cuberto della,) e que alli no cume delle puzeſſe as inſignias Reaes, porque vendo-as os inimigos, e cuidando que toda aquella gente era de guerra, eſtava certo não o ouſarem a commetter. E poſto que o quizeſſem fazer, o monte era grande, e accommoda-

do

do pera ſe defenderem nelle, e que ſe ſeguraſſe, porque elle, e todos os Portuguezes o defenderiam ao Mundo todo, e que primeiro haviam de morrer diante delle por defensão de ſua peſſoa, que ſeus proprios naturaes. O Badur pareceo-lhe bem aquelle conſelho, quietando-ſe com ver o animo, e ſegurança de Martim Affonſo de Souſa, e foiſe recolhendo pera o monte ſempre no meio dos noſſos; e ainda não era bem em ſima, quando arrebentou pelo campo Aſcari Mirza irmão do Rey dos Magores com oito mil de cavallo eſcolhidos, que ſe vinha recolhendo de Baroche, por ElRey ſeu irmão lhe ter mandado recado que ſe recolheſſe, e ficaſſe com aquella gente na ſua retaguarda, como o hia fazendo. E eſtando na Cidade de Amadabá teve aviſo de como Soltão Badur hia após elle com pouco poder; pelo que tornou a voltar por ver ſe o podia colher; e tanto que chegou áquelle campo, que vio a multidão de gente ſobre o monte, conhecendo as inſignias Reaes, cuidando (como Martim Affonſo de Souſa diſſe) que toda era de guerra, foi dando viſta pelo pé do monte, e cingindo o campo deſappareceo delle. Martim Affonſo de Souſa, contra vontade d'ElRey, com eſſes poucos de cavallo de ſua companhia deſceo abaixo pera tomar viſta dos inimigos, e os vio entrar

trar por algumas aldeias a que deram fogo; e vendo que não podia remediar aquelles damnos por não ter gente, tornou-se a recolher muito pezaroso de lhe não poder dar hum toque. O Badur ficou alli toda aquella noite com grandes vigias, deitando espias apôs os Magores, e ao outro dia soube serem recolhidos. E receando-se de outras ciladas, tratou de se recolher a Dio, mandando alguns Capitães com cavallos ligeiros pera seguirem os inimigos até de todo os lançarem fóra do Reyno. ElRey chegou a Dio muito contente dos nossos, e fez a todos muitas mercês, e entre tantos males hum só bem tinha, que era ser muito liberal, e grandioso, e tanto, que se affirma, que visitando-o Martim Affonso de Sousa dia de Reys, lhe dera elle peças de ouro, e pedraria, que valiam vinte mil cruzados, porque lhe disse João de Sant-Iago, que naquelle dia se costumavam a dar Reys. Assim deixaremos agora estas cousas, por darmos a conhecer os Magores, em que até agora fallámos, porque he assim necessario pera a historia.

DECADA QUARTA.

LIVRO X.

Da Hiſtoria da India.

CAPITULO I.

Da origem, e principio dos Magores, e Tartaros, e Provincias que poſſuíram: e do tempo em que recebêram a Lei de Chriſto: e de como entre elles ſe conſtituio a dignidade do Preſte João, a que chamam das Indias: e de como ſe traſpaſſou no Imperador da Ethiopia.

JÁ que agora tratamos dos Magores, (de que muitas vezes havemos de fallar,) razão ſerá que os demos a conhecer ao Mundo, e moſtremos donde tiveram principio, e origem; porque nos não lembra termos viſto eſcritura alguma, que nos déſſe verdadeiro conhecimento deſtes barbaros, poſto que confuſamente muitos Authores eſcreveſſem delles, havendo-os por Tartaros, o que tudo logo apontaremos, e traremos a verdade á luz, porque a tirámos de ſuas pro-

proprias hiſtorias, que em lingua Perſica achámos em poder de huns Embaixadores dos meſmos Magores, que a eſta Cidade de Goa vieram. E porque havemos de tomar a couſa de longe, e forçado nos havemos de eſtender, nos devem perdoar os leitores, poſto que iſto ſervirá ſó pera curioſos de antiguidades, que nos devem bem de agradecer o trabalho, que niſto tomamos, por tirar a confusão que até agora houve neſtas couſas. Pelo que ſe ha de ſaber, que nas hiſtorias Tartaras, e Perſicas ſe acha procederem eſtas gentes de hum dos netos de Noé (a que elles chamam Noa) filho de Japhet, chamado Turc, que na repartição do Mundo dizem caber-lhe eſta parte de Aſia. Deſte Turc não achamos feito memoria em eſcritura alguma outra; porque nem na Sagrada, nem em Joſefo de *Antiquitatibus*, nem em Beroſo, nem em todos os mais Authores, que eſcrevêram da povoação do Mundo depois do diluvio, não achamos nomeado a Japhet, mais deſtes ſete filhos, Gomer, Magog, Medir, Javan, Tubal, Moſcho, e Tiras, que povoáram toda a região que jaz do monte Amano, e Tauro até o Tanais. Deſtes dizem, que o ſegundo chamado Magog, e pela ventura, que eſte ſeja o Turc, formou de ſi os Magogas, a quem os Gregos chamam Scithas. Por onde pois dam

as

as escrituras Tartaras a este Turc seu principio, e affirmam ser filho de Japhet, deve ser este o mesmo Magog, e pela ventura que o Turc seja filho deste, que nisso vai pouco. Este Turc entre alguns filhos que teve, o mais velho se chamou Acharus, que tambem teve muitos filhos, e o maior foi Huncha, destes nascêram outros, o primeiro foi Debacu, este gerou a Cuive, com outros irmãos de Cuive nasceo Alangim, e outros filhos, porque elles não fazem menção mais que dos primogenitos, que ficavam antre elles como cabeças, e juizes dos mais. Este Alangim teve muitos filhos, e os dous primeiros se chamáram Tartar, e Mongal. Estes sendo homens, (por haver já grande multiplicação, e hum grande número de homens, e mulheres, divididos em tribus, governados, e regidos pelos irmãos mais velhos,) tratáram de se dividirem, e apartarem; assim porque a parte em que viviam os não podia sustentar já a todos, como porque entrava já com elles a cubiça de reinar. E assim o Tartar mais velho escolheo aquella parte debaixo do Norte, que jaz de sessenta e seis gráos pera sima fóra do Imao, a que Ptolomeu chama Scithia. E porque até então nenhuma terra daquellas tinha nome proprio, nem havia Cidades, nem povações, por viverem debaixo das Lapas, poz o Tar-

tar

tar áquella parte que escolheo Tartaria. O segundo irmão Mongal foi descendo pera baixo com sua familia, e com muitas tribus que o quizeram seguir, e foi parar do Imao pera dentro de sessenta gráos pera baixo, e parecendo-lhe a terra bem, deixou-se ficar nella, pondo nome a toda aquella Provincia Mongalia, e por tempos todos os seus povoadores della se chamáram Mongales, que he o seu verdadeiro nome, e não Magores, como corruptamente lhe chamamos. E succedendo-lhes os filhos mais velhos no governo, vieram a formar povoações, e dividir toda aquella parte em Provincias, como a de Sanchion, Saccuir, Campion, Georza, Bargu, Carcorim, Tangut, e outras, que todas tomáram o nome de seus povoadores, ficando-se chamando Mongalia. Desta Provincia nos deram confusamente conhecimento os Padres Fr. Odorico de Frivli da Ordem dos Menores, que faleceo nos annos de 1331 Santo, e fazendo milagres; e o Padre Fr. Anselmo Dominico, que nos de 1247 o Papa Innocencio IV mandou por Embaixadores ao Grão Cão Senhor do Cathayo, que era Christão, (como refere Marco Polo Veneto no seu Itinerario,) que não fazendo differenças destas Provincias, Tartaria, e Mongalia, as fazem ambas huma, como se vê no primeiro capitulo do seu Iti-

nerario, que daquella jornada fizeram, que anda junto ao de Marco Polo, onde dizem achar-se nas partes do Oriente huma Provincia chamada Mongal, ou Tartaria; e que estava situada naquella parte que o Oriente se ajunta com o Aquilon, e que não tinha Cidades, nem Villas, ainda que sómente huma chamada Corcorim. Abifalda Ismael, que foi hum Senhor da Suria, grande Cosmografo, (que concorreo nos annos de Mafamede setecentos e quinze, que são de nossa Redempção 1308,) na descripção que faz da Provincia da China, diz, que da parte do Ponente tem a India do meio dia o mar Indico, do Levante o mar Oriental, e da Tramontana as Provincias de Magog. Mustero na sua Cosmografia diz no seu quinto livro, que Mongalia, e Tartaria são huma mesma Provincia. Marco Polo Veneto no segundo livro do seu Itinerario fol. 16, fallando da Provincia Tendur diz, que junto della ha duas regiões chamadas Og, e Magog, e os que nellas moram se chamam Ung, e Mongal: em cada huma dellas ha huma nação de gente, e que os de Ung são Cog, e os de Mongal são Tartaros. Desta confusão (que havia de nascer da traducção do seu livro) vieram os nossos modernos a fazerem os Magores, e Chaquetaes (de que logo fallaremos) Tartaros, sendo bem diffe-

ren-

rentes nas Provincias, posto que todos descendam de huns mesmos avoengos; como por exemplo vemos nos Hespanhoes, e Portuguezes, que procedendo todos de Tubal, que povoou as Hespanhas, huns se chamáram Hespanhoes de Hispan, filho de Hispalis, e os outros Lusitanos de Luso filho de Siccelio, que foi o primeiro que naquella parte reinou antes da vinda de Christo 1505, segundo Beroso. Assim todos os que ficáram povoando aquella parte, que já mostrámos, que coube ao irmão Tartar, se ficou chamando Tartaria, e seus naturaes Tartaros. E a que coube ao irmão Mongal se chamou Mongalia, e todos os habitadores della Mongales. Estes foram sempre mais famosos, e poderosos que os Tartaros, e conquistáram mais Provincias, e Reynos que elles, como adiante se verá. Esta gloria lhe tem roubado o tempo pela confusão que houve em os haverem por Tartaros todos os que até hoje escrevêram. E deixando os descendentes do Tartar, continuaremos com os de Mongal.

A este nasceo hum filho com as mãos fechadas, e abrindo-lhas lhe acháram dentro postas de sangue; pelo que lhe puzeram nome Ogus, que quer dizer abrir. Este teve seis filhos, e o mais velho se chamou Gun, que foi o primeiro que começou a governar

antre elles com mais ſuperioridade, tomando titulo de Can, a que commummente chamamos Cão, que antre elles quer dizer Senhor, ficando-ſe chamando Gunchan. Eſte teve muitos filhos, e o que lhe ſuccedeo na governança ſe chamou Hiel-Dux-Chan, que quer dizer em ſua lingua *Eſtrella* por ſer formoſo: e affirmam, que naſceo com huma na teſta. A elle ſuccedeo ſeu filho Mungel Chan, e a elle ſeu filho Tanguis Chan, e apôs elle ſuccedeo ſeu filho Hil Chan. No tempo deſte reinava na Provincia Tartaria hum Senhor chamado Feridum. Todos eſtes Magores teve debaixo de ſeu dominio, e diſcorrendo pera o Ponente ſujeitou toda aquella Provincia, que corre dos deſertos de Lop até o rio Jaſartes por quarenta e oito gráos até os ſincoenta, onde deixou hum filho chamado Turc, que deo nome a toda aquella regiāo de Turc, e Eſtan, que quer dizer Provincia de Turc; e ſujeitou tambem pera o Ponente Aſogdiana, Bactriana, Aracoſia, e outras Provincias. E porque até entāo nāo havia Cidades, nem povoações por aquellas partes por ſerem todos os ſeus naturaes como brutos, edificou eſte barbaro de novo algumas. Na Mongalia fez huma formoſa Cidade chamada Mavarena, de que hoje nāo ha noticia; mas por conjeituras julgamos que deve de ſer a de Tendul, que

ſem-

ſempre foi cabeça, e aſſento dos Reys que alli reináram. Outra Cidade edificou na Sogdiana, a que chamou Comarcant, que até hoje conſerva ſeu nome. Outra fez na Provincia Bac Triana, chamada Balc, aonde já reſidíram ſeus Reys, e hoje he mui conhecida, por ſer huma das principaes Cidades do Imperio Coraçone, a quem depois os Husbeques a tomáram, como em ſeu lugar diremos. Deſta feita ficáram os Tartaros ſenhores de ambas as Provincias Tartaria, e Mongalia perto de duzentos annos; até que hum Senhor de Mongalia chamado Hiel Dux, ajuntando os Magores, que andavam derramados pelos campos, fazendo-ſe cabeça de todos elles, tornou a ſenhorear toda aquella Provincia, e ainda parte de Tartaria, matando aquelle Rey em huma batalha. Tornáram aſſim os Tartaros a ficar ſem cabeça, vivendo pelos campos ſem ordem com ſeus gados, e familias, fazendo-ſe os Reys que foram ſuccedendo na Mongalia muito poderoſos, até que o Filho de Deos veio á terra a remir o genero humano, e ſeus Diſcipulos ſe eſpalháram pelo Mundo a prégar a Lei de Graça, que os Magores recebêram logo no principio. Mas como naquelle tempo não uſavam ainda de letras, nem caracteres, nem tinham conta de annos, nem entendiam as revoluções da Lua, não ſabem di-

dizer em que tempo, nem por quem foram feitos Christãos. E revolvendo nós sobre isso muitos livros, por sem dúvida temos, que o Bemaventurado Apostolo S. Thomé foi o primeiro que lhes prégou a Lei Evangelica, e que deo ordem áquella Christandade, que se infere muito claro daquellas palavras de Santo Isidoro no seu livro de *Ortu, & obitu Sanctorum*, onde diz assim: » O Santo Apostolo Thomé prégou o Evan» gelho aos Parthos, Medos, Persas, Balo» trianos, e passando adiante ás partes Orien» taes, e á terra dos Indios, prégou até sua » morte, que foi ás lançadas. » E como os Tartaros, e Magores misturados andavam conquistando aquellas Provincias, de crer he que o Santo os converteria facilmente, porque até então viviam sem lei, e adoravam o Sol como author de todas as cousas creadas. Santo Antonino na primeira parte, fallando do Apostolo, diz estas palavras: » E » depois disto foi o Santo Apostolo á India » superior, onde fez muitos milagres, e con» verteo muita gente. » Donde se vê claramente, que passou ás partes assima da India bem pera baixo do Norte, a que os Geografos modernos chamam India superior, ou India maior em differença da nossa que he a menor. E o que certifica mais esta nossa opinião, foi o testemunho de hum Bispo Arme-

menio natural de Babylonia, que na Cidade de Meliapor foi perguntado por couſas do Santo em huma inquirição, que ElRey D. João mandou tirar da vida, morte, e milagres deſte Santo, em cujo teſtemunho diz o Biſpo eſtas palavras: » Que havia quin-
» ze annos que eſtava naquella Cidade de Me-
» liapor, e que ouvíra dizer a muitos Chri-
» ſtãos, e Gentios velhos de Biſnagá, e em
» Babylonia, donde era natural, que o Apoſ-
» tolo S. Thomé fora enviado por Deos Noſ-
» ſo Senhor a eſtas partes da India em com-
» panhia de Judas Thaddeo, e que foram ter
» a Babylonia, e que dalli ſe paſſáram atra-
» vés de Baçorá a huma terra chamada Ca-
» lacadaca, onde S. Judas ficára, e S. Tho-
» mé ſe paſſára á Arabia, e fora á Ilha de
» Sacotorá; aonde fez muitos Chriſtãos, e
» huma caſa de oração; e que dalli ſe paſ-
» ſára ao Reyno de Narſinga, e na Cidade
» de Meliapor fizera muitos Chriſtãos; e de-
» pois de gaſtar alli alguns annos ſe fora pe-
» ra as partes da China, e que eſtivera em
» huma Cidade chamada Cambalia, aonde
» hum Rey reſidia, e que alli fizera grande
» Chriſtandade, e alevantára Templos, e que
» dalli ſe tornára a Meliapor, aonde fora
» morto. » De tudo iſto ſe vê bem claro, que aquella Chriſtandade que fez por aquellas partes, a que chama pera banda da China, fo-

ram eſtes Tartaros, e Magores; porque a Cidade de Cambalia que nomea, ſabidamente he a de Cambalec, ainda que commummente lhe chamam Cambalu, mas o ſeu proprio nome he Cambalec, aonde hoje vivem os Imperadores do Cathayo, que são Chriſtãos deſtes que fez S. Thomé; o que parece que antes que ſe tornaſſe daquellas partes, vendo que deixava muita Chriſtandade, ordenaria alguns Biſpos, e conſtituiria aquella dignidade, (a que commummente chamamos Preſte João,) pera que tiveſſe ſuperioridade ſobre todos no eſpiritual; e com que nome o intitulou não o achámos, mas as eſcrituras Tartaras lhe chamam Hunchan, outros lhe chamam Jovano, dizem que de Jonas Profeta. Depois por tempos foram alguns Reys daquelles Chriſtãos a conquiſtar terras, e affirmam que hum delles chegou até Suría, donde levou comſigo muitos daquelles Chriſtãos Neſtorianos, que o inſtruíram a elle, e a todos em ſeus erros. Eſte póde bem ſer que lhe déſſe aquelle nome de Jovano. Eſte Pontifice, e cabeça deſta Chriſtandade levava diante de ſi, cada vez que cavalgava, huma Cruz alçada, como o eſcreve Antonino Arcebiſpo de Florença, e ainda hoje o uſam aquelles Reys Chriſtãos, ſenão quanto affirmam muitos que levam tres Cruzes, huma de ouro, outra de prata, outra de fer-

ro,

ro, ou metal. A fama defte Rey Chriftão da India, e que trazia diante Cruz alçada, fe eftendeo pela Europa com efte nome de Prefte João das Indias, o que parece leváram lá alguns Italianos, que muito antes de nós entrarmos na India paffáram áquellas partes. E quando ElRey D. João o II de Portugal quiz defcubrir a India, pela fama de fuas riquezas, mandou a iffo por terra Pero de Covilhã, e Affonfo de Paiva, a quem deo por regimento, que bufcaffem hum Rey, que trazia huma Cruz alevantada diante. Eftes homens apartáram-fe, e o Covilhã foi ter á Cidade de Ormuz, que era mui profpera, e continuada de todas as nações; e perguntando por hum Rey Chriftão, que trazia Cruz diante, não lhe fouberam dar a razão fenão de hum que havia na Abaffia. E paffando em companhia de alguns mercadores á fua Corte, ficou nella, e ainda o achou lá D. Rodrigo de Lima, que Diogo Lopes de Siqueira mandou por Embaixador. Daqui fe ficou efte Rey da Ethiopia chamando Prefte João das Indias, por outras razões mais que fe verão em João de Barros Decada III Livro IV. E do pouco conhecimento que até agora houve deftas gentes, nafceo entre os Efcritores huma grande confusão, e maior em Pero de Mariz no feu *Dialogo da varia hiftoria dos Reys de Portugal*, aonde fal-

fallando nos Tartaros, na vida d'ElRey Dom Affonſo II, diz eſtas palavras: » Sahíram » de ſuas terras os Tartaros, e fizeram-ſe ſe- » nhores de todo o Oriente, e da grande E- » thiopia, extinguindo o nome do Imperador » della chamado Preſte João. » Eſte erro naſceo a eſte Eſcritor de não ter conhecimento dos Tartaros, como nós aqui o damos, nem de ſaber o ſitio das terras que habitáram, porque não ſabemos outra mais apartada, que a Scithia da Ethiopia.

CAPITULO II.

Que trata como eſtes Reys Chriſtãos conquiſtáram o Turcſtan, e das gentes que lhes foram fugindo até Aſia menor, de que ſe ſenhoreáram, dando-lhe o nome da Grão Turquia: e dos Reys dos Magores que houve deſde Grão Tamorlão até eſte Hamau Paxá.

PORque capitulos muito compridos enfaſtiam, quizemos cortar eſte pera mór ſabor, e clareza da hiſtoria que imos tratando, em que he neceſſario dividirmos os tempos, e as couſas. E continuando com eſte Rey Chriſtão, que ficou tendo ſuperioridade ſobre todos, deixou aſſim o Eſtado, como a dignidade a ſeu filho, e aſſim o foram herdando os deſcendentes, que por tem-

pos ſe foram fazendo tão poderoſos, que ſugigáram todos os vizinhos; e ainda paſſáram a tanto, que pertendêram metter debaixo de ſeu dominio toda Aſia. E hum delles entrando pela Provincia Turcſtan a ſugigou toda, uſando com os naturaes grandes cruezas, que por fugirem do ſeu açoute, ajuntando-ſe grandes multidões delles com mulheres, e filhos, foram pera o Ponente buſcar habitação, e chegáram até pararem naquella parte chamada Aſia menor, que por lhes parecer bem, conquiſtáram, e ſenhoreáram perto dos annos de oitocentos da vinda de Chriſto, ſegundo Othom Arcebiſpo de Florença, dando-lhe o nome da terra em que naſcêram, e que deixáram, que era Turcſtan, chamando-lhe dalli por diante Turquia, e a elles chamáram depois della Turcos. Eſta he a origem deſte nome, e não por deſcenderem dos Troianos, a quem chamavam Teucros, como alguns diſſeram. Guilhelmo Arcebiſpo de Tiro no livro que compoz da Conquiſta da Terra Santa, fallando do principio dos Turcos, diz, que ſahíram das partes Septentrionaes, e que paráram no Turcſtan, aonde vivêram muitos annos governados por cabeças de Tribus, e que depois ſe paſſáram á Perſia, onde habitáram outra temporada, e alli foram creſcendo, e multiplicando muito. E que vendo

do aquelle Rey o poder que hiam tendo em seu Reyno, temendo-se delles os lançou fóra, e sahidos dalli foram pera o Ponente, e paráram na Suría, onde se deixáram ficar. Depois por tempo ajuntando-se grandes exercitos delles foram conquistar a Persia, de que foram senhores muitos annos, e estes se ficáram alli chamando Turchimanes. Os que ficáram nas partes da Suría tambem por tempos se fizeram senhores de toda aquella Provincia da Asia menor, a que deram o nome de Turquia: alli recebêram a falsa seita de Mafamede, porque a acháram conforme a suas barbarices. E favorecendo-os a Fortuna, em poucos annos se fizeram senhores do grande Imperio que hoje possuem, sendo sempre os móres perseguidores que a Igreja Romana teve. Estes são os que estavam figurados naquelle quinto corno, que vio o Profeta Daniel, que era o quinto Reyno que havia de opprimir a Terra Santa, porque o primeiro foi dos Babylonios, o segundo dos Persas, o terceiro dos Gregos, e o quarto dos Romanos. E parece que delles tambem já estava profetizado em Ezechiel aos vinte e quatro capitulos, aonde diz que Gog, e Magog dariam grandes trabalhos aos Fieis, porque entendem os Theologos innumeraveis gentes da Scithia. Como tambem o tinha profetizado S. João no Apocalypse aos

vin-

vinte, dizendo: Será ſolto Satanás do ſeu carcere, e enganará as gentes que são ſobre os quatro cantos da terra de Gog, e Magog, que são as Provincias que atrás temos moſtrado, donde eſtas gentes em ſeu principio ſahíram a conquiſtar o Turcſtan, e depois a Aſia menor, e a Terra Santa, e o grande Imperio de Conſtantinopola, até chegarem á Monarquia, em que hoje eſtam. E com o conhecimento que temos dado deſtas gentes, e deſtas Provincias, parece que ficam melhor entendidas as profecias ditas. Poſto que alguns Theologos tambem entendam por ellas o Anti-Chriſto, e ſeus ſequazes, que como ha de ſahir da banda do Norte, conforme ao que eſtá profetizado, póde bem ſer ſeja deſtas Provincias aſſima. E tornando aos Magores, ficáram eſtes Senhores Chriſtãos poderoſiſſimos opprimindo, e maltratando os Tartaros, que eram ſeus vaſſallos, tomando-lhes groſſos direitos de ſeus gados, e criações, e obrigando-os a muitos ſerviços em que ſe gaſtavam, e conſumiam. Vendo-ſe elles tão aperreados, tratáram entre ſi de ſua liberdade, ſahindo-ſe grandes multidões delles a povoar novas terras, e lançando-ſe pera o Ponente, tomáram aquella Provincia, ou parte, que ſe chamava Scithia Europea, em que ſe deixáram ficar, pondo-lhe o nome de Tartaria, como aquel-

aquella em que nascêram. Dalli se espalhá-ram pera muitas partes da Europa, que se-nhoreáram, de que ainda hoje vivem aquel-les que se chamam Tartaros Preçopenses so-bre o mar maior, povoando, e dando no-mes a muitas Provincias. E se havemos de crer a Beroso, Diodoro Siculo, Mestre An-nio, e outros Authores gravissimos, tambem os Hespanhoes descendem destes Tartaros, e Magores; porque dizem elles, que quasi nos annos de cento e oitenta antes da vin-da de Christo, quando Dionysio Rey do E-gypto (por outro nome Osiris) foi a Hes-panha, e matou o tyranno Gerion, que já vinha de rodear toda Africa, e Asia, e os desertos, e ultimos fins da India, e que da Scithia levára humas gentes chamadas His-palos; e que indo ter á Provincia Bethica, fundára alli a famosa Cidade de Sevilha, que povoou daquellas gentes, e lhe chamou Hispalis. Isto refere Santo Isidoro, D. Ro-drigo Ximenes na Chronica geral de Hes-panha, e ElRey D. Affonso o Sabio. Os Tartaros, que se não puderam apartar da sua Provincia, nem seguir os outros; vendo-se tão aperreados dos vizinhos, elegêram en-tre si hum Capitão que os governasse, cha-mado Tamochim, (da casta dos antigos Reys que se extinguíram,) filho de Macuça, que teve vinte e nove filhos. Este ajuntando gran-

des

des exercitos ſahio daquellas partes de Georzá, e Bargú nos annos de 1162 de Chriſto, (ſegundo a conta de Marco Polo livro 1. fol. 14,) e entrando pelas Provincias Turcſtan, e Cathayo, a poucos golpes os ſujeitou com ſeu muito ſaber, e esforço, e aſſentou ſua cadeira na Cidade de Cambalec, que engrandeceo, e reformou. Alli ſe fez tamanho Senhor, que tomou o titulo de Can, que quer dizer Senhor ſobre todos, como Imperador, mudando o nome proprio de Tamochim, em Chinguis, ficando-ſe chamando Chinguiſcan. Blondo diz, que ſe levantou eſte barbaro nos annos de 1222, em que diz, que os Tartaros começáram a ſer conhecidos no Mundo, ſahindo da Scithia debaixo do ſeu Capitão Canguiſta, havendo de dizer Chinguiſcan: e por não ter eſte conhecimento que nós temos dos Magores, os faz Tartaros. Eſte Chinguiſcan por lhe Ohuncan Rey dos Chriſtãos não querer dar huma filha (que ainda lhe era parenta) pera caſar com ella, havendo-o por affronta, ajuntando ſuas gentes entrou pela Provincia Tenduc, onde Ohuncan lhe ſahio, e lhe apreſentou batalha, em que Ohuncan ficou morto, e desbaratado, e o Chinguiſcan ſe apoderou do Eſtado, e caſou com ſua filha. Eſta batalha foi perto dos annos do Senhor de 1187, ſegundo a conta de Marco Polo, porque de en-

então pera cá começa elle a contar a Genealogia dos Imperadores do Cathayo. Alguns Efcritores dizem, que efte Chinguifcan deo huma parte do Reyno ao filho de Ohuncan, e que recolhendo toda aquella Chriftandade, ficára elle, e feus herdeiros depois naquelle pequeno Eftado, e que efte Chinguifcan fe affeiçoára tanto á mulher, que a feu rogo fe fizera Chriftão. Ifto não o havemos por muito certo, porque no Catalogo dos Imperadores do Cathayo não fe faz menção de Rey algum Chriftão até Magucan, que foi o quarto do numero, que a rogo de Aiton Armenio, que foi á fua Corte, recebeo noffa Lei quafi nos annos de duzentos e fincoenta e tres. Efte foi o que mandou feu irmão Halaon á conquifta da Terra Santa, que tornou a arrancar das mãos dos Califas, matando ao Muftacem Mubila, perto dos annos de 1258, em que fe acabáram os feus Califas. E tornando ao Chinguifcan, vendo-fe tão grande Senhor, e tão poderofo, fahio a conquiftar toda a Afia, fujeitando Afogdiana, Bactriana, Aracofia, Aria, Parthia, Perfia, Armenia, e todos os mais Eftados que jazem de huma, e da outra banda do mar Corazu, ou Cafpio, repartindo tudo com feus filhos; dando a hum o Eftado da Perfia, (de que depois daremos razão,) e a outro chamado Chachatay deo Afogdiana, e

or-

ordenou por cabeça a Cidade de Camorcant. A outro filho chamado Husbeque deo a parte do Turcſtan, que ficou ſenhoreando. A ſogdiana ficou com tudo o que jaz entre o Oxo, e Jaſartes (a que hoje chamam Cheſer Ebiamu) chamando-ſe aquella Provincia dalli em diante Charchata, do nome do ſeu Rey, e os naturaes Chachatais, a quem todos os Geografos modernos corruptamente chamam Zagatais. E ainda ha mappas, que os mettem da outra banda do Jazartes pera a Tartaria, como tambem o tem para ſi Paulo Jovio, o que com reverencia he erro mui grande; porque muito averiguado he que a antiga Scithia, e a Tartaria ſe dividem da Sogdiana, da parte que corre da Volga pera o mar Caſpio, e da banda do Turcſtan pelo muito celebrado rio Jazartes, e tudo o que jaz fóra delle pera o Norte, e pera o Levante; tudo he Tartaria. A eſte Chinguiſcan, que conquiſtou eſtas Provincias, nomea Ruy Gonçalves de Clavijo, (que ElRey Dom Henrique o IV mandou ao Grão Tamorlão com Embaixada) por Imperador da Cidade de Dorgancho, (como ſe vê no Itinerario que fez deſta jornada,) e diz que eſte nome Dorgancho quer dizer theſouro do Mundo, de que não faz Marco Polo menção; mas havia de ſer nome impoſto pelos Cathaynos á Cidade de Cambalec, que elle

tanto engrandeceo; que ſe affirma, que era a maior, e mais formoſa que ſe ſabia no Mundo. Mas em tudo o mais como nos filhos, e em outras couſas, conformam ambos.

E tornando á noſſa ordem, conquiſtada a Provincia Sogdiana, ficou nella reinando Chatay, que depois foi morto por hum Senhor que ſe levantou contra elle, que ſe fez Rey, ſendo já ſeu pai no Cathayo falecido, e reinava ſeu filho Ocdacan, como lhe chamam as Chronicas Perſicas, e Aiton Armenio Ocotacan, Marco Polo Sincan, e os Frades, que foram ao Cathayo, Cuican. Eſte ſabendo da morte do irmão, foi com grandes exercitos contra o tyranno perto dos annos de 1243, e vindos á batalha o matou, e lhe tomou o Reyno, em que deixou ſeu filho Sodochi, por cuja morte herdou o Reyno ſeu filho Barach; porque quando Miſer Nicopolo, pai de Marco Polo, foi ter a Baçorá os annos de 1252, reinava eſte Barach, a eſte ſuccedeo Chapar; a eſte Soltão Hamed, e a elle Incan, todos Reys Chachatais. No tempo deſte ſe levantou o Grão Tamorlão, cujo proprio nome he Tamur, nos annos de 1390, ſegundo a mais commum conta; reinando no Cathayo Chuinſcan, oitavo do numero daquelles Imperadores, cujos vaſſallos ſempre foram os Reys de Camorcant; porque Ruy Gonçalves de Clavijo eſtando

na Corte de Tamur nos annos de 1403, fallou com huns Embaixadores do Cathayo, que vieram pedir ao Tamur as pareas, o que elle tomou tão mal, que esteve pera os mandar enforcar. Era este barbaro Tamur natural de huma Villa chamada Quex, junto de Camorcant, da casta Chacatay, nobre, de pouca posse, mas de grandes pensamentos. E vendo-se já homem, e pobre, ajuntando alguns que o quizeram seguir, andou alguns annos pelos caminhos salteando as Cafilas, em que enriqueceo, e tão liberal se mostrou na repartição dos roubos, que se lhe ajuntáram tantos, que veio a formar hum mui arrezoado exercito. Neste officio de salteador foi ferido em huma perna de que ficou aleijado: e porque naquella lingua, langar, quer dizer manco, lhe chamáram Tamur Langar, e vindo-se a adulterar este nome, lhe chamáram Tamorlão. Este vendo-se rico, e poderoso, chamando-o sua fortuna pera maiores cousas, sabendo que ElRey desejava de o haver ás mãos, entrou hum dia na Cidade de Camorcant com os que o seguiam, e tomando ElRey descuidado, entrou em seus Paços, e o matou, e como tinha posse, e cabedal, mandou commetter a todos os principaes grandes partidos, dando muito dinheiro a muitos, que logo lhe acudíram; em fim elle se fez Rey

pacifico, e quieto. E por aqui ſe verá o erro que tiveram (Baptiſta Ignacio, e Baptiſta Fulgoſo nas Collectaneas, e o Papa Pio na ſegunda parte do livro da ſua Geografia, e Platina na vida de Bonifacio, Mattheu Palmeirinho nas Addições a Euſebio, Cambino Florentino na Hiſtoria Turqueſca, Paulo Jovio na de ſeu tempo, e ainda o noſſo João de Barros na ſua Aſia) em o fazerem huns Partho, e outros Tartaro, ſendo puramente Chacatay, como já diſſemos. Eſte barbaro depois de ſe ver Rey, e tão mimoſo da Fortuna, havendo ainda aquelle Eſtado por eſtreito pera ſua condição, formando groſſos exercitos, ſahio a conquiſtar as Provincias de Coraçone, Perſia, Armenia, e todas as mais que jazem perto do mar de Abacu, (a que os Turcos chamam Danguis Xor, que quer dizer mar ſalgado, e os Armenios Xorguilan, que he o meſmo que mar de gilan, por huma formoſa Cidade deſte nome, que tem ſobre ſuas ribeiras.) Todos eſtes Eſtados repartio com os filhos que tinha, deixando na Perſia o mais velho chamado Mirza Miruxa, e dos outros logo fallaremos. Recolhido o Tamur pera Camorcant, ſahio logo a conquiſtar o Induſtan, onde teve huma grande, e muito cruel batalha com hum Rey do Dely, que o ſahio a buſcar, em que o Tamur foi vencido por cauſa dos muitos ele-

fan-

fantes que aquelle Rey trazia. O Tamur refazendo ſeu exercito, voltou contra o inimigo que o eſperou, e poſtos em campo pera romperem batalha, ao commetter della lhe lançou o Tamur diante grande número de camellos carregados de palha, a que ſe deo fogo, que foi tão bravo, e medonho, que os camellos com aquelle impeto foram rompendo pelos inimigos, fazendo fugir os elefantes que traziam diante, que com o medo do fogo tão eſpantoſo voltáram pera trás, e rompêram os ſeus. O Tamur, vendo o inimigo desbaratado, deo nelle, e o acabou de deſtruir, e vitorioſo ſe recolheo a Camorcant, deixando hum neto ſeu chamado Pirmahomed, (filho de Janguir ſeu filho mais velho, que já era morto,) naquella parte, que ganhou, fóra do Oxo pera a banda da India, cujas principaes Cidades eram Bel, Nibab, e Cabul, e neſta aſſentou ſua cadeira. Foi iſto perto dos annos de 1394. Depois nos de 1396 tornou com groſſos exercitos com tenção de paſſar á Europa, e ſahindolhe ao encontro o Turco Bajazeto, vindos a batalha foi o Turco desbaratado, e prezo, e o Tamur lhe mandou fazer huma gaiola de ferro em que o trazia. E contente com eſta vitoria ſe recolheo a Camorcant, onde logo morreo, tendo reinado onze annos, e faleceo nos de 1405. Ficáram-lhe tres fi-

filhos, Omar Miruxa, que eſtava na Perſia; Xarola, a que deo o Eſtado do Coraçone; o outro Haomarxac, que alguns nomeam por Balobo, que era moço, e ficou ſem nada, porque os outros dous irmãos lançáram mão de tudo o que pudéram, ficando ainda em guerras travados ſobre os Eſtados. Eſte Haomarxac, ou Balobo vendo-ſe desherdado determinou ſervir a Mafamede, e ſahindo-ſe dos Eſtados, que foram de ſeu pai, em trajos de Calandar (que he peregrino) foi caminhando pera as partes da India, e atraveſſou todo o Induſtan, e foi parar no Reyno de Dely, donde ſe deixou ficar. Alli lhe acudíram outros Calandares a ouvir ſua doutrina, a fama de ſua vida, e religião, que era eſpantoſa. Reinava naquelle Reyno hum filho daquelle Rey, com quem o Tamur teve as batalhas que aſſima contámos. Cobrou eſte Calandar tamanho credito, e authoridade naquellas partes, que o adoravam tòdos como a Santo; e aſſim creſceo o número da gente que o ſeguia tanto, que bem ſe pudéra della formar hum muito arrezoado exercito. E como eſte homem era aſtuto, e conhecedor dos tempos, entendendo que a Fortuna o hia favorecendo, tratou de ſe fazer Rey daquelle Reyno: e adquirindo ſecretamente armas, ſendo hum dia o Rey á caça afforrado, o ſalteou, e matou, e em freſ-

co

co ſe foi apoderar da Cidade, onde ſe fortificou até ſe quietar como fez, acudindo-lhe todos os do Reyno a lhe dar obediencia. Dalli ſahio a conquiſtar muitos Reynos do Induſtan, de que ſe fez ſenhor, ficando já poderoſo. E indo eſtas noticias ter á Cidade de Camorcant, lhe acudíram muitos dos naturaes, fugindo das guerras que havia entre os filhos do Tamur, e alguns Capitães dos principaes, que ſe pera elle vieram, eram de caſta dos Magores, e o meſmo a mór parte das gentes que os acompanhavam. Eſtes naquellas conquiſtas ſe aſſinaláram ſobre todos, ficando os Magores mui nomeados em todo o Induſtan, e aſſim os eſtimou o Balobo, que ſe intitulou Rey dos Magores. Eſte foi o principio deſte Reyno, que veio a ſubir a tamanha Monarquia, como adiante ſe verá. E com iſto fica confundido o erro de Baptiſta Fulgoſo nas Collectaneas, e o de Platina na vida de Bonifacio, que affirmam, que por morte do Tamur não ficára memoria de ſeu ſenhorio, nem de homem que procedeſſe de ſua geração; ſendo hoje os mais poderoſos dous barbaros, que ha em todo o Oriente (Magor, e Husbeque) ſeus quintos netos. Por morte deſte primeiro Rey dos Magores ficou herdando aquelle Reyno ſeu filho Abuſſeir, que ainda accreſcentou mais terras a ſeu Eſtado. A

eſ-

eſte Abuſſeir ſuccedeo ſeu filho Babur, que herdou os Eſtados de Camorcant por morte de hum primo ſeu a que não ficáram herdeiros; e por ſua morte ſuccedeo ſeu filho Hamau Paxá, (que he eſte de que tratamos,) que tomou o Reyno de Cambaya, que foi homem muito valoroſo, e que engrandeceo ſeu Eſtado muito. E por aqui temos bem dado a conhecer eſtes Magores, com quem (com o favor Divino) havemos de continuar por todo o decurſo de noſſa hiſtoria. São todos homens ſoberbiſſimos, e crueis, grandes archeiros, muito déſtros a cavallo, e todos os ſeus são aquartelados, mui grandes corredores, e aturadores do trabalho, e alguns tão andadores, que muito fará hum bom ginete á redea ſolta ſe os aturar. Seguem aos Arabios em ſuas maximas, e são Sonis, a que os Perſas chamam homens deſencaminhados, pelos haverem por taes em ſua doutrina. São homens muito comedores, grandes de corpo, e eſpadaudos, de roſtos mui largos, e barbudos.

CA-

CAPITULO III.

Da razão por que se recolheo Hamau Paxá, e largou o Reyno de Cambaya: e de como se levantou nas partes de Bengala hum Patene chamado Circan, e dos Estados que conquistou: e de como destruio, e desbaratou Hamau, e lhe tomou seus Reynos.

ANdando Hamau Paxá Rey dos Magores vitorioso por todos os Reynos de Cambaya, como Senhor dellẽs, acudindo-lhe muitos Regulos Resbutos a dar-lhe obediencia pera segurarem seus Estados, determinou de ficar alli invernando pela fertilidade, e abundancia da terra, tendo já juntos della muitos, e grossos thesouros. Mas a Fortuna, que se não descuida nesta parte, não tardou com seus escarneos, e revézes; porque estando este barbaro na mór felicidade, que podia ter, e desejar, bem descuidado de tão supito revéz, lhe vieram novas, que hum Rey dos Patanes lhe entrára pelo Reyno de Dely, e pelos mais, e se senhoreára delles, tomando-lhe suas mulheres, e thesouros, e que tinha sua Corte na Cidade do Dely. Estas novas foram de tamanho espanto, e dor pera Hamau Paxá, que parecia querer arrebentar, e largando tudo, ajun-

ajuntando ſuas gentes, começou a caminhar pera ſeus Reynos com huma mui grande preſſa, largando os alheios. Aqui entra o eſcarneo da Fortuna, e pera melhor fallar a Juſtiça Divina, que permitte, que por cubiça do alheio ſe venha a perder o proprio. E de todos os Eſtados de Cambaya não reſervou eſte barbaro pera ſi mais, que a Cidade de Agará, e a do Mandou, em que deixou ſeus preſidios; e foi continuando ſeu caminho, em que o deixaremos, por darmos razão deſte Rey, que lhe tomou ſeus Reynos.

Andavam na Corte d'ElRey de Bengala eſtes annos atrás paſſados dous irmãos de caſta Patanes, grandes cavalleiros, que de homens pobres, e particulares vieram a ſer dos principaes, e mais poderoſos daquelle Reyno. E por hum deſgoſto que ElRey veio a ter de hum delles por mexericos, (officio muito certo da inveja, a que os que privam andam ſempre arriſcados,) lhe mandou cortar a cabeça; porque as leis de todos os Reys Mouros são como as de Draco, que todos os caſos pequenos, e grandes caſtigam com morte. O irmão do morto, que ſe chamava Xircan, ficou tão eſcandalizado, que logo em ſeu animo tratou de ſua ſatisfação; e foi diſſimulando com o negocio o mais que pode, até buſcar occaſião, que a Fortuna nunca nega, porque pera eſtas couſas ſempre eſ-

tá

tá prompta, e aparelhada com ſeus favores. Eſte homem era muito rico, e tinha muita poſſe no Reyno, e muitos amigos, e como os homens todos o são de novidades, ſentindo em alguns humor pera o que pertendia, lhes communicou ſua tenção; e como todos eram eſtrangeiros, logo ſe lhe affeiçoáram. Porque eſtes Reys do Oriente são todos governados por elles, que como não entram com amor natural neſte negocio, ſenão com intereſſe proprio, andam ſempre com o olho vigiando as occaſiões da Fortuna, e todas as vezes que lhe ella dá geito, matão o Rey, e tyrannizam o Reyno. O que he tão ordinario, que em ſete, ou oito Reynos de Mouros, com quem na India vizinhamos, todos eſtam em poder de eſtrangeiros; do que os naturaes eſcandalizados favorecem ſempre a parte que mais póde, e a da Fortuna. Pelo que devem os Reys do Mundo trabalhar muito por trazerem no ſeu governo vaſſallos naturaes, porque eſtes ſempre tratam as couſas com amor, e lealdade, eſtimando mais a vida de ſeu Rey, que a ſua propria. E vai tanta differença neſte negocio de huma couſa a outra, como he a de eſcravos a filhos; porque eſtes arriſcam ſuas vidas pela do ſeu Rey, e os outros vem-lhe melhor Rey eſtrangeiro como elles, porque ſe lhes avorrece hum,

lo-

logo negoceam outro, porque não entram nesta materia senão com o olho em seu gosto, e interesse. Assim este Patane fiando-se daquelles estrangeiros como elle, achando-os facilissimos pera sua tenção, ajuntando gente da sua valía em segredo, andando ElRey hum dia folgando, deram sobre elle, e o matáram. E voltando pera a Cidade metteo-se o Xircan nos Paços, e apoderou-se dos thesouros, que começou a repartir tão liberalmente pelos que o seguíram, que em poucos dias se fez Rey daquelle Reyno por vontade de todos. Este, como era homem de grandes pensamentos, e muito grande Cavalleiro, quiz agazalhar os mimos da Fortuna, e ajuntando grande poder foi sobre o Reyno dos Patanes donde era natural, e com grande industria o sujeitou todo, e assim a mór parte dos seus vizinhos, ficando hum dos mais poderosos Reys do Mundo. E estando na Cidade de Patane, donde o Reyno tomou o nome, soube que o Hamau Paxá Rey dos Magores era a conquistar os Reynos de Cambaya, e não se contentando com os Estados que possuia, querendo subir a mór Imperio, ajuntou muito grosso poder, e entrou pelo Reyno de Dely, que tomou logo, senhoreando-se daquella Cidade, em que estavam os thesouros, e mulheres do Magor, que logo teve aviso deste negocio: pelo que lar-

gou

gou tudo, e acudio com presteza, e com a diligencia que dissemos. Xircan, que estava no Dely, foi logo avisado como o Magor hia em busca delle com grosso poder, e ajuntando o mais que pode, o foi esperar ao caminho; e ajuntando-se ambos, travaram huma das mais crueis batalhas, que no Mundo se víram, em que de ambas as partes houve casos notavelissimos, que deixamos, porque não convem á nossa historia. Depois de durar hum dia todo, em que houve grandes estragos de parte a parte, ficou o Magor desbaratado, e destruido de todo, perdendo a mór parte de sua gente, e elle com muito trabalho salvou sua pessoa. O Magor vendo-se naquelle miseravel estado, como homem desesperado se foi com poucos, que o seguíram, tomando o caminho do Cinde com grande desconsolação, e tristeza, por se ver em hum tão breve espaço de hum tão grande Monarca em tal estado, que não sabia aonde se recolhesse; e assim o levou a Fortuna até á Cidade de Thatha, aonde o Rey do Cinde tinha sua Corte. Era este Rey de casta Magor, e chamava-se Mirza Can Ocen, filho de Xabil Can, o primeiro Rey Magor, que conquistou aquelle Reyno, como em seu lugar diremos. Sabendo este Rey da vinda, e desaventura de Hamau Paxá, o sahio a receber com muita honra, conso-

lan-

lando-o de ſua deſaventura, offerecendo-lhe ſeu Reyno, e theſouros. O que lhe Hamau Paxá agradeceo muito, dizendo-lhe, que ſua intenção era paſſar á Perſia a pedir ajuda, e favor ao Xathamaz, que ſó queria delle modo pera fazer eſta jornada. ElRey lhe mandou negociar muitos camellos, e encavalgaduras, e lhe deo joias, dinheiro, e muito honrado ſerviço de ſua caſa, com o que ſe poz no caminho da Perſia. Não deixaremos de louvar, e engrandecer a grandeza do animo deſte Rey do Cinde, que com lhe o Hamau ter feito muitas vezes guerras ſobre pertenções daquelle Reyno, (como em outro lugar melhor diremos,) quando ſoube que hia perdido, e em tão miſeravel eſtado, compadecendo-ſe da miſeria, e deſaventura de hum tamanho Rey, eſquecido dos aggravos paſſados o foi buſcar, e o negociou, e remediou, como diſſemos; porque o animo Real de nenhuma couſa mais ſe compadece, que das infelicidades de outro Rey, poſto que ſeja inimigo, porque bem ſabe que não ha na vida quem eſteja ſeguro dos revézes da Fortuna. Em fim eſte Hamau paſſou á Perſia, (poſto que alguns dizem que não, mas que mandou ſeus Embaixadores; mas todos os Magores, que até hoje tem vindo a Goa, e ainda Perſas, conformam com o que nós dizemos.) O Xircan

tan-

tanto que desbaratou o Magor, tomou-lhe todos os thesouros que levava de Cambaya, e a sua principal mulher, e com tudo se recolheo pera a Cidade do Dely. Era este barbaro tão grandioso de animo, que visitando aquella Rainha cativa, vendo-a tão desconsolada, e miseravel, e que não havia cousa que lhe enxugasse suas lagrimas, entregoulhe todas suas joias, donas, donzellas, e todo o mais serviço de sua casa, dando-lhe camellos, carretas, e cavalgaduras, e a despedio com muita honra, dizendo-lhe que se fosse pera seu marido: avantajando-se nisto ao grande Alexandre, no que usou com a mulher de Dario. Esta Senhora foi tomando o caminho do Reyno de Cabul, aonde reinava hum irmão do marido chamado Aycan Mirza, que a recebeo muito honradamente. O Xircan vendo-se tão mimoso da Fortuna, em poucos tempos conquistou os Reynos do Magor todos, com o que ficou tamanho Senhor, que se affirma terem seus Estados mais de mil e quinhentas leguas em roda. E não tendo mais que desejar, tomou hum titulo soberbissimo, que foi o de Xá Holão, que quer dizer senhor do Mundo. O que tambem lhe durou tão pouco, como em seu lugar diremos.

CAPITULO IV.

Que trata de como os Mouros conquiſtáram o Decan, e de todos os Reys que houve até Iſmael, que faleceo eſte anno em que andamos: e da antiguidade, e nomes da Ilha de Goa: e de como o Accedecan deo as terras firmes de Salſete, e Bardés ao Governador Nuno da Cunha.

PRimeiro que tratemos das guerras, que eſte anno fez o Idalxá ao Eſtado ſobre as terras firmes de Salſete, e Bardés, que deram muito trabalho ao Eſtado da India, nos pareceo bem darmos razão de todos eſtes Reys Mouros de Viſapor, e do tempo em que ſe conquiſtou eſte Decan, poſto que João de Barros o tenha já feito. Mas ficaram-lhe muitas couſas, de que o não ſouberam informar, que nós alcançámos, e ſoubemos pela communicação de muitos annos, que tivemos neſta Cidade de Goa com os Embaixadores deſtes Reys, em cujo poder achámos as Chronicas daquelles Reynos. E tambem he neceſſario ſaber-ſe a razão por que ſe deram as terras firmes de Salſete, e Bardés ao Governador Nuno da Cunha, e em que tempo, porque de induſtria o deixámos para eſte lugar. Pelo que ſe ha de ſaber, que perto dos annos de noſſa Redem-

pção

pção de 1312 ſe levantou hum Rey do Dely, que foi o maior Senhor que até então houve em todo o Oriente: e ſahindo de ſuas terras com grandes exercitos, entrou pelos Reynos do Decan, que eram de Gentios ſujeitos aos Reys do Canará, e a poucos golpes os ſujeitou a todos; e nelles deixou por Governador hum filho ſeu, (ainda que outros dizem que ſobrinho,) chamado Thogalaça, que he aquelle, a quem João de Barros nomea por Abetxa, no que nos não embaraçamos, porque póde mui bem ſer, que eſte foſſe o nome depois de ſer Rey, e outro o ſeu proprio que dantes teria, porque todos eſtes Reys tem muitos nomes; e todavia nas Chronicas dos Mouros nomeam a eſte Thogalaça pelo primeiro Rey do Decan, e foi o primeiro Mouro que nelle começou a reinar. Eſte ſemeou por todos aquelles Reynos a falſa lei de Mafamede, que aſſim frutificou por noſſos peccados, que já no tempo em que deſcubrimos a India era tudo untado della. Recolhido o Rey do Dely pera ſeus Reynos, dahi a alguns annos faleceo, ſuccedendo-lhe ſeu filho, a que não ſoubemos o nome. Eſte foi o que teve aquella grande batalha com o Grão Tamorlão, que no Capitulo atrás tratámos. Morto o Rey do Dely ficou no Decan Thogalaça, que já tinha Corte na Cidade de Ultadab,

onde depois de reinar dezenove annos faleceo, ſuccedendo-lhe no Reyno ſeu filho Soltão Singabupa. Eſte foi o que intitulou eſtes Eſtados, e Reyno do Decan, donde os ſeus naturaes ſe chamáram Decanis, que em ſua lingua quer dizer meſtiços, porque quaſi todos os que vieram com ſeu Avô, que alli ficáram, eſtavam miſturados por caſamentos com os naturaes Gentios. Eſte Singabupa reinou ſinco annos, e dezoito dias. Succedeo-lhe no Reyno ſeu filho Perú Soltão, que mudou ſua Corte pera a Cidade de Cabum Bargui, aonde reinou dezoito annos, e quatro mezes; e aſſim foram ſuccedendo os filhos huns aos outros por eſta maneira. Singa reinou ſinco annos, e ſete mezes e meio. Mahamede Alaudym vinte e ſete annos, e tres mezes. Mugerdar dez annos, e ſeis mezes e meio. Soltão Daul ſete annos, e dez mezes. Soltão Mahamede ſinco annos, e dous mezes. Xadom Dilagar Soltão quatro annos, e quatro mezes. A eſte ſuccedeo ſeu filho Soltão Piros, que fundou huma formoſa Cidade, a quem do ſeu nome chamou Piros Zobat, que hoje he das principaes do Reyno do Idalxá. Eſte andando á caça em huns matos bem ao Norte deſta Cidade, deitando hum cão a huma lebre, em o ella ſentindo virou, e remettendo a elle o fez fugir. O que viſto por ElRey diſſe, que aquel-

la terra era boa pera crear peitos esforçados, e mandou logo fazer naquelle mesmo lugar outra formosa Cidade, a que poz nome Xar Bedar, que quer dizer Cidade sem medo, por causa da lebre que o não teve do cão, e mudou pera ella sua Corte. Foi este Rey grande Filosofo, virtuoso moralmente, e amador dos pobres, e pequenos em tanta maneira, que ainda hoje quando se nomea entre todos aquelles Reys, e em todos aquelles Reynos, lhe chamam pai dos pobres. Este fez huns versos na sua lingua, que mandou pôr á porta dos seus Paços, pera que todos os vissem, que ainda hoje duram, e conservam sua memoria. Estes por serem muito notaveis, de muita sentença, e muito pera todos os Reys Christãos os saberem, nos pareceo bem pôr aqui:

Com os grandes ser temeroso,
Com os pequenos amoroso.
Aos grandes dou eu o meu,
Os pequenos me dam do seu.
O grande sempre quer muito,
O pequeno folga com pouco.
Os peixes, que andam no mar,
Os homens, que andam na terra,
Aos pequenos fazem guerra.
Aos pequenos se ha de ter amor,
Que aos grandes não falta favor.

Envergonhem-ſe os Reys, e Grandes do Mundo de verem tanta virtude em hum barbaro, que a couſa que mais eſtimava em ſeus Reynos eram os pequenos, e pobres; de que todos, ou os mais dos Grandes fazem tão pouca conta, ſendo tão obrigados pela Lei que profeſſam aos favorecer, e amparar; couſa tão encommendada de Deos, como ſua propria, dizendo por S. Mattheus no capitulo 25: *O que a hum deſtes fizerdes, a mim o fazeis.* Vejam agora os poderoſos, e privados, que mandam tudo, o como ſe hão com eſtes pequenos, e o como tratam o negocio de hum pobre, porque aſſim ſe ha Deos de haver com elles. E deixando eſta materia, em que havia bem que bradar, e tornando á noſſa ordem: os Reys que ſuccedêram a Soltão Piros em Xarbedar, que reinou ſinco annos, são os ſeguintes. Soltão Mahamede doze annos, e ſinco mezes. Homahu Soltão treze annos, e ſinco mezes e meio. Soltão Hamed hum anno, dez mezes, e ſeis dias. Homem Soltão quatro annos. Soltão Mahamed dezenove annos, ſete mezes, e vinte dias. Valebur Soltão ſinco annos, e dez mezes. A eſte ſuccedeo ſeu filho Daudar Soltão homem apoucado, e de pouco governo. Eſte repartio a Provincia do Decan em governanças, aſſinalando limites a cada huma por eſta maneira. Em tudo o

que

que jaz de Angediva até Cifardão, que são sessenta leguas por costa, poz por Governador a hum Capitão chamado Adel Can, que era Justiça maior de seus Reynos, a este chamamos corruptamente Idalcão. Na outra parte que jaz de Cifardão até Nagotana, que serão por costa perto de quinze leguas até vinte, poz outro Capitão, que era pagem de sua lança chamado Nizaman Moluc, que quer dizer, pagem de minha lança; a que tambem adulteradamente chamamos Iza Maluco. Estes dous sós ficáram tendo quinhão naquella parte, que se estende sobre o mar chamada Concan. E outro Capitão estrangeiro chamado Coth Moluc, que quer dizer, recebedor de rendas, porque era Thesoureiro mór d'ElRey de casta Coraçone, poz por Governador na Comarca dos Talingas, que são os Gentios mais apurados na linguagem, que todos os do Decan. Esta Comarca fica ao Levante de estoutras, e parte com o Reyno do Cannará pela banda do Norte, e com o de Orixá pelo Nascente, cuja principal Cidade se chama Palicondá; a este Capitão tambem chamamos erradamente Cota Maluco. Naquella parte chamada vulgarmente Berara, sendo seu proprio nome Hada Verar, que quer dizer, terra de casamentos, (porque alli vam todos os Gentios do Decan fazer suas vodas por ser de muitas ribeiras, e mui-

muito abaſtada de mantimentos,) que fica ao Noroeſte do Reyno do Tamaluco, e confina com os Eſtados do Mirão, e Virgi, que já são do de Cambaya: aqui poz outro Capitão chamado Idmad Maluco, que quer dizer, Capitão fiel, porque era Condeſtabre mór dos Reynos, de caſta Charques, Chriſtão arrenegado. A eſtes quatro Capitães deo ElRey jurdição civel, e crime em ſuas Governanças. Reinou ElRey Solião Daudar ſete annos, e faleceo, ficando-lhe hum filho menino debaixo da tituria de hum Capitão chamado Virido, Ungaro de nação, Armeiro mór d'ElRey, em que elle tinha muita confiança, que ficou na Cidade de Xarbedar com o menino em ſeu poder. Mas como neſte negocio de reinar não ha fé, vendo todos eſtes Governadores o Rey menino, fazendo a cubiça ſeu officio, carteando-ſe todos, de commum conſentimento ſe alevantáram com o que cada hum governava, ficando o moço entregue ao Virido, que o tinha em huns formoſos Paços em grande cuſtodia, dando-lhe todo o neceſſario. Os alevantados tomáram titulos de Reys, e para encubrirem ſuas tyrannias mandavam todos os annos dar a ſua obediencia por ſeus Embaixadores a eſte menino, nomeando-ſe todos por ſeus eſcravos. Eſte Principe como teve idade, o caſou o Virido ſeu tutor, (que

ſe

ſe appellidava Rey de Xarbedar) com huma filha ſua, de que houve hum filho, que depois veio a herdar o ſeu Reyno por morte de ſeu avô Virido, porque lhe não ficáram filhos machos, eſte foi depois caſado com huma filha do Idalxá. E eſte he o verdadeiro herdeiro de todos eſtes Eſtados, e ficou com o menor quinhão delles. Foi eſte alevantamento perto dos annos de 1491. E deixando todos os mais alevantados pera ſeu tempo, continuaremos com o Soltão Adelcan, que poz ſua cadeira na Cidade de Viſapor. Andava na ſua Corte hum Turco chamado Cufo, que em tempo de Daudar Soltão foi ter a Xarbedar em huma Cafila de mercadores, ſendo ainda mancebo. Eſte Turco era de tantas forças, e tão grande lutador, que não havia em todo aquelle Reyno quem o derribaſſe, pelo que ElRey folgava muito com elle. Alguns dizem, que aquelles mercadores da Cafila lho deram de preſente; outros que elle meſmo ſe vendeo a ElRey por ſe ver alli muito pobre, e deſamparado. Iſto não queria conſentir ſeu filho Meale, (eſtando em Goa, como adiante diremos,) com quem praticámos eſtas couſas: ſómente confeſſava, que fora em moço lutador, e que tinha outras habilidades, com que ganhava ſua vida. Eſte Cufo nos alevantamentos ſe paſſou pera o Adelcan, que ſe
lhe

lhe affeiçoou tanto, que lhe encarregou cousas de muita importància, de que deo sempre mui boa conta; e assim pouco a pouco o foi a Fortuna encaminhando pera o que lhe tinha guardado, (o que elle com sua muita prudencia soube conservar mui bem,) até o pôr no supremo lugar do Reyno, governando ElRey absolutamente. E como a Fortuna nunca sóbe a huns sem abaixar outros, permittio Deos que este Adelcan fosse morto á traição por huns Capitães seus, pela de que elle usou com o seu Rey; porque este he o fim, que todos os máos vem a ter, como o tiveram todos estes alevantados, que vieram a morrer mal, e seus herdeiros não lograrem seus Reynos, porque todos tornáram a poder de outros tyrannos, como pelo decurso da historia diremos. Morto o Adelcan achou-se o Cufo na Corte, e logo lançou mão de hum filho d'ElRey menino fazendo-se seu tutor, com cuja côr acquirio os Grandes de sua parte, tendo tanta astucia, e saber, que provêo as fortalezas principaes de Capitães de sua valia, e como teve tudo seguro, e por si, dizem que ajudou o menino, que faleceo dentro em hum anno depois do pai morto, e logo se fez alevantar por Rey, no que houve pouco que fazer. Este Cufo estendeo ainda os limites do seu Reyno tudo o que pode, até ir em pessoa

ſoa conquiſtar a Ilha de Goa, que era couſa muito groſſa em renda, que poſſuia hum Senhor Canará chamado Savay, vaſſallo do Rey Canará, que naquelle tempo tinha ſua Cidade na parte que hoje chamam Goa a velha, onde ſempre foi o aſſento dos Senhores todos antigos daquella Ilha até os annos de 1479, que entráram os Mouros nella, vindo fugidos de huma conjuração, que contra elles houve no Reyno de Onor, que ſeriam perto de quatrocentos homens; cuja cabeça era hum Mouro chamado Melique Ocem, que ſe concertou com o Senhor que então era daquella Ilha, e lhe deo a parte em que hoje eſtá a noſſa Cidade de Goa, que então era tudo mato, aonde os Senhores daquella Ilha hiam matar porcos, e veados: que os Mouros cortáram, e roſſáram, fazendo ſuas povoações ſobre o mar, ficando alli mais accommodados que em Onor, por ſer o porto, e rio mais capaz pera as ſuas náos. Neſta parte ſendo ainda mato tinha o Savay Senhor de Goa humas caſas, em que ſe elle apoſentava quando hia á caça; e aſſim meſmo Cufo Idalcão o fazia depois de conquiſtar aquella Ilha. Eſtas caſas conſervam ainda hoje a memoria do Gentio Savay, chamando-ſe as caſas do Savayo, que depois foram muitos annos apoſentos dos Governadores da India. E porque não ſouberam

ram dar verdadeira informação ao noſſo João de Barros deſtas couſas, confundio o nome do Gentio Savay com o de Cufo Adelcan, dizendo no quinto Livro da ſegunda Decada, que quando entrámos na India era Senhor de Goa hum Mouro chamado Soay, a que commummente chamamos Sabayo vaſſallo do Rey do Decan, Parſeo, natural da Cidade Savá. Diſto ſe ríram ſeus filhos bem, quando lhe liamos iſto, dizendo que ſeu pai não era ſenão Turco, nem ſe chamava ſenão Cufo. Eſta Ilha de Goa he tão antiga, que ſe não acha nas eſcrituras Canarás (cuja ſempre foi) o principio de ſua povoação. Mas acha-ſe que foi ſempre tão continuada dos eſtrangeiros, que andava entre elles por adajo, vamo-nos recrear ás freſcas ſombras de Goa, e a goſtar da doçura do ſeu betre. E aſſim lhe chamavam por excellencia Goe moat, que na ſua antiga linguagem quer dizer terra freſca, e fertil. E pela continuação do nome ſe veio a abbreviar, e a lhe chamarem Goe, e nós mudando-lhe a letra E, lhe chamamos Goa. Os naturaes Canarins della lhe chamam Tis Vari, que quer dizer trinta aldeias, por ſerem tantas as que eſta Ilha tem, que todas, louvado Deos, são hoje povoadas de Chriſtãos, e repartidas por doze, ou quinze Freguezias. Viveo eſte Cufo Adelcan até os annos de 1505. Ficáram-lhe dous

fi-

filhos, hum chamado Ismael, e outro Meale. E deste havemos muitas vezes de fallar pelo decurso da historia, que por isso o damos aqui a conhecer, que estando o pai no artigo da morte pedio ao filho Ismael, que lhe succedia no Reyno, que a seu irmão Meale, que ficava moço, o não matasse, e o fizesse Religioso, (porque antre estes Mouros he melhor ser porco de Herodes, como lá dizem, que irmão d'ElRey, porque a primeira cousa, que fazem em herdando o Reyno, he matarem todos, ou quando menos tirarem-lhe os olhos por se não temerem delles.) A este Ismael tomou o nosso valeroso Capitão Affonso de Alboquerque a Ilha de Goa. Reinou este Rey vinte e oito annos, e faleceo este passado, antes de o Governador Nuno da Cunha partir pera o Norte. Ficáram-lhe dous filhos, hum chamado Malucan, e o outro Abrahemo. O Malucan que era mais velho havia-se por filho suspeitoso por ser muito negro, e assim o tinham feito crer ao pai: pelo que alguns Capitães (de que era cabeça Icuf Xandivan homem poderoso) tratáram de alevantar por Rey ao Abrahemo; e o Accedecan, que era a maior pessoa do Reyno, com outros que o seguiam, trabalháram de assentar naquella cadeira a Meale Can irmão do Rey morto, sobre o que se ateáram grandes bandos, ao que acu-

dio

dio Babugi mulher que foi do Cufo Adelcan avó dos moços, que era huma Senhora muito valerosa, e tal manha teve, que contra o poder de todos fez alevantar o neto Malucan por Rey; e logo mandou metter ao irmão, e ao tio em masmorras, e perseguio o Accedecan, que favorecia o tio, que por se livrar delle passou-se a Pondá, e dalli se carteou com o Governador Nuno da Cunha, pera que sendo caso que o Rey o perseguisse de todo, e o fosse buscar, o recolhesse na Cidade de Goa, e lhe désse livre embarcação pera Meca, pera o que deo ao Governador as terras firmes de Salsete, e Bardes, que eram suas, de que o Governador logo mandou tomar posse por Christovão de Figueiredo Tanadar mór de Goa, a quem mandou que fizesse hum forte em que se recolhesse, elle o fez assim. E achando em hum lugar, que se chama Mardor, hum grande, e forte pagode, o mandou cercar em roda de tranqueiras fortes, deixando-o no meio, e alli se recolheo com duzentos homens que levou, e muitos piães da terra, e dalli sahia a recolher as rendas, e fóros das aldeias. Este Rey Malucan, que se tinha por adulterino, foi tão má cousa, tão torpe, çujo, e vicioso, que havendo pouco mais de seis mezes que governava, foi morto este Agosto passado pelo Capitão

Icuf Xandivan , porque lhe trazia hum filho ſeu por manceba. E tanto que o matou logo entrou nas prizões , e tirou o Abrahemo , e o jurou por Rey. Eſte como era amigo do Accedecan , era bom homem , e pertendia de reinar pacificamente , não querendo vaſſallos deſcontentes , paſſou logo hum formão , e perdão geral ao Accedecan , confirmando-lhe as terras que ElRey ſeu pai lhe tinha dado , e o mandou chamar , e recebeo com muitos mimos. Vendo-ſe elle já reconciliado com ElRey , e que não havia miſter o Governador pera couſa alguma , tratou de lançar mão das terras que lhe tinha dadas , em quanto o Governador andava no Norte , e deſpedio com muita preſſa hum Capitão Turco chamado Soleimão Agá com nove mil homens de pé , e duzentos e ſincoenta de cavallo , pera que ſe foſſe metter nellas , como fez : e apoſſando-ſe das aldeias de Cocolí , Aſolona , e Margão ſe deixou ficar alli recolhendo os rendimentos.

CAPITULO V.

Dos recontros, que os noſſos tiveram com os Mouros: e de como D. João Pereira pelejou com elles, e os desbaratou: e das couſas em que o Governador Nuno da Cunha provêo em Dio, e em Goa.

CHriſtovão de Figueiredo, que eſtava por Capitão em Mandor, teve logo rebate de como os inimigos eram entrados nas terras, e fortificando-ſe mui bem, deſpedio Miguel Froes Feitor de Goa (que era ſeu genro, e viera alli arrecadar as rendas) com quinze de cavallo, e alguns piães, pera que foſſe eſpiar os inimigos, e ver que gente ſeria. Miguel Froes chegou á aldeia de Verná meia legua da tranqueira, aonde deo de roſto com os inimigos, e tão perto que não pode virar ſem riſco de ſe perder de todo. E em os vendo arrancou com os de cavallo com grande furia, e os foi commetter derribando alguns dos primeiros encontros. E como era grande homem de cavallo, e de muito animo, e esforço, tanto que quebrou aquella primeira furia dos inimigos, que ſe acháram embaraçados com aquelle atrevimento, foi-ſe recolhendo com grande ordem, levando todos os de pé diante, tendo-lhes o encontro dos inimigos porque

os

os não rompeſſem, fazendo muitas voltas a elles, de que ſempre eſcalavrava alguns. Todavia os Mouros apertáram tanto com todos, que lhes derribáram oito companheiros. Mas Miguel Froes com os poucos que lhe ficáram foi ſempre ſuſtendo o pezo da gente ás voltas até perto da tranqueira. Chriſtovão de Figueiredo foi aviſado do negocio por alguns piães que foram fugindo, e ſahindo fóra com toda a gente que tinha pera ir recolher o genro, achou-o já perto da tranqueira mui baralhado com os inimigos, e dando *Sant-Iago* nelles, com grande furia os fez parar, travando-ſe huma muito arriſcada batalha, porque ficáram todos baralhados. Neſte encontro fizeram os noſſos o que ſe delles eſperava, e derribáram muitos Mouros; mas como elles eram tantos mais, tornáram a carregar ſobre os noſſos, que ſe foram recolhendo, ficando detrás o ſogro, e genro, tendo-lhe o encontro; e aſſim chegáram ao forte já tudo tão baralhado, e travado, que houveram de entrar de envolta huns com os outros. Perdêram-ſe neſta jornada ſeis Portuguezes, e trinta piães da terra com dous Naiques valentes homens Gorça Naique, e Malu Naique, naturaes de Goa velha, que pelejáram como leões bravos. Recolhidos os noſſos ao forte, foram cercados á roda dos Mouros, ſem lhes darem

lu-

lugar pera poderem lançar hum pião pera levar recado ao Capitão de Goa, que não deixou de o ter por alguns piães que fugíram, que se não puderam recolher ao forte. Tanto que D. João Pereira Capitão de Goa teve aviso do trabalho, e perigo, em que os da tranqueira ficavam, negociou-se com muita pressa pera os soccorrer, mandando ajuntar todos os piães das Ilhas de Goa, e moços dos casados, que todos fariam hum corpo de mil e quinhentos homens, e provendo-os de lanças, espingardas, e outras armas, passou-se a Agaçaim com todos os casados, e alguns fronteiros que estavam em Goa, que seriam setecentos homens, em que entravam cento e oitenta de cavallo, e passou á outra banda, e foi marchando em muito boa ordem, levando diante alguns cavallos ligeiros pera descubrirem o campo. Gastou nisto oito dias, em que sempre de dia, e de noite o forte foi commettido por todas as partes, com que deram aos cercados infinito trabalho, porque não largáram em todos elles as armas das mãos, defendendo-se muito valorosamente, não deixando de haver mortos de parte a parte. Soleimão Agá teve logo aviso da vinda do Capitão de Goa, e tomando parecer sobre o que faria, assentáram que se fossem pera Verná, que era hum campo

po mui largo, e grande, e que alli efperaffem os Portuguezes, e pelejaffem com elles, e affim o fizeram. D. João Pereira chegou a Mardor, fahindo-o a receber Chriftovão de Figueiredo, e Miguel Froes com os mais Portuguezes, e delles foube o que lhes era acontecido com os Mouros, e do poder que era, e onde eftavam, porque já os tinha mandado efpiar. E tomando alli parecer, affentáram, que aquelle dia defcançaffem, e que ao outro foffem bufcar os inimigos, e pelejaffem com elles, pera o que fe todos preparáram. Ao outro dia pela manhã ordenou o Capitão fua gente toda, fazendo da de cavallo duas batalhas, huma deo a Jurdão de Freitas, e a outra tomou pera fi, com quem ficáram os Cidadãos, e Cavalleiros principaes, que fe acháram nefta jornada, que eram os feguintes: Galvão Viegas Alcaide mór de Goa, e feu irmão Galaz Viegas, Vicente Colaço, Jorge Garcez Vereadores daquelle anno, Pero Preto fogro de D. Diogo de Almeida Freire, Sebaftião da Fonfeca, Gregorio Martins, Francifco de Mendoça, Manoel de Vafconcellos, Affonfo Pires do Vale, e outros. Da gente de pé fez tres batalhas, duas dos Portuguezes, de que deo a Capitanía a Chriftovão de Figueiredo, e a Miguel Froes; e a outra que era de toda a gente da terra deo,

e fez Capitão della Icuf Tanadar Mouro valente homem. Neſta ordem começáram a marchar pera Verná; e chegando á viſta, achou já os inimigos em campo com as coſtas em huma ſerra, com toda a gente de pé em dous eſquadrões de quatro mil e quinhentos cada hum; e em cada ponta cento de cavallo, e ſincoenta que eram acubertados na teſta do exercito, pera ſuſtentarem o primeiro encontro. D. João Pereira poſto que viſſe o grande poder dos inimigos, e a boa ordem em que eſtavam, não fez abalo algum em ſeu coração, não deixando de o fazer nos mais dos da ſua companhia, que ficáram embaraçados vendo tamanho exercito, o que D. João logo entendeo; e receando que mais o desbarataſſe o medo dos ſeus, que o poder dos inimigos, foi diſcorrendo por todos com hum roſto mui alegre, dizendo-lhes: » Que he iſto, Cavalleiros, e com» panheiros meus, aqui temos eſtes Mouros » inimigos de noſſa Lei, que são os meſmos » que vós desbarataſtes muitas vezes, não haja » novidades, ſegui-me, que Deos he comnoſ» co, e a vitoria eſtá certa. » E com iſto deſpedio Jurdão de Freitas, pera que pegaſſe com os de cavallo de huma das pontas, e mandou aos de pé que travaſſem a batalha, e elle com os da ſua companhia remetteo com os cavallos acubertados, dando nelles Sant-

Iago

lago com tamanho impeto, que daquelle primeiro encontro lhes derribou alguns, e os mais fez recolher aos eſquadrões. Os de pé rompêram batalha com os Mouros, de que derribáram muitos das primeiras ſurriadas da arcabuzaria. Chriſtovão de Figueiredo, e Miguel Froes andáram ſempre diante de ſuas companhias, trazendo tanto o tento em os ſeus, como em os inimigos. O Tanadar Icuf Mouro com os piães, e eſcravos commetteo os inimigos por huma das ilhargas de hum eſquadrão com que travou mui determinadamente, derribando logo muitos, andando elle diante de todos em hum formoſo cavallo, fazendo maravilhas, matando, e derribando nos Mouros á ſua vontade, mettendo-ſe tanto antre elles, que lhe matáram o cavallo de huma eſpingardada, ficando a pé cercado de muitos, que trabalháram pelo matar, porque era mui conhecido de todos; mas os ſeus piães, e Naiques lhe acudíram com muita preſſa, e lhe deram outro cavallo que levava a deſtro, em que cavalgou, e fez muitas maravilhas. Os eſcravos dos caſados pelejáram aqui como leões, fazendo nos Mouros grande eſtrago, mas não ſem damno ſeu. D. João Pereira ſobre quem carregava aquelle negocio, depois de romper os cavallos acubertados, pegou com os outros, que eſtavam na outra ponta do eſquadrão, ficando

do assim todas as batalhas travadas com tamanha crueza, que não faziam senão cahir de ambas as partes; mas como os inimigos eram tanto de vantagem, cercáram os nossos de feição, que esteve a cousa tão arriscada, que alguns dos Portuguezes de cavallo se começáram a recolher, e não deixáram de ser vistos de D. João, que posto que pelejava como Cavalleiro, não deixava de ver, e prover a tudo como Capitão. E remettendo com os que se sahiam da batalha, os affrontou de palavras, e ainda deo com a lança, dizendo-lhes: » Voltai, Judeos, onde » vos ides? Porque quereis deshonrar a vossa » sa nação Portugueza? » Elles envergonhados disto voltáram pera os inimigos, pelejando de novo valorosamente. E por não particularizarmos tanto golpe, a batalha esteve muitas vezes declinada contra os nossos; mas Deos, que não tirava os olhos delles, deo animo, e esforço a D. João, e aos mais Capitães, e Cavalleiros Cidadãos de Goa, (que foram os que sustentáram todo aquelle pezo,) que apertáram tanto com os inimigos, que os arrancáram do campo, sendo já quatro horas da tarde, (que tanto durou este conflito.) D. João Pereira que sentio a vitoria por si, esforçando os seus, lhes disse: » Ah esfor» çados Cavalleiros, a vitoria he nossa, vós » a ganhastes por vosso valor, sabei-a seguir,

» e

» e não perdoemos a eſtes Mouros noſſos ini-
» migos. » E arrancando apôs elles os foram
ſeguindo todos com hum novo animo até de
todo os desbaratarem, recolhendo-ſe Solei-
mão Agá ferido, ficando-lhe hum ſobrinho
morto com mais de oitocentos dos ſeus. E
porque o dia ſe hia gaſtando, tocou D. João
a recolher, o que os Portuguezes fizeram;
mas os eſcravos, e piães com o Tanadar
Icuf ſeguíram os inimigos até o rio de Can-
dor, no cabo das terras de Cocolym, (per-
to de tres leguas donde ſe a batalha deo,)
e ao paſſar deſte rio apertáram os noſſos piães
tanto com elles, que com a preſſa fizeram
affogar mais de quinhentos, matando-lhes in-
da mais no alcance, e daqui ſe voltáram.
D. João Pereira tomou o arraial dos inimi-
gos com todo o ſeu recheio, muitos caval-
los, bois, tendas, e toda a mais bagagem;
de que os noſſos ſe carregáram. Morreriam
neſta jornada ſincoenta Portuguezes, e cem
piães, e eſcravos, a fóra muitos feridos. Ma-
táram dous cavallos a Pero Preto, e a Icuf
outros dous, e oito, ou dez mais a Cida-
dãos, que o Governador depois lhes pagou
mui bem. D. João Pereira proveo o forte de
Mardor mui bem, e recolheo-ſe pera Goa,
deſpedindo logo recado ao Governador do
que era paſſado. Eſte chegou em poucos dias
a Dio, e com elle deo o Governador mui-

ta

ta preſſa ás couſas daquella fortaleza pera acudir ás de Goa, e pera prover as fortalezas de Malaca, e de Maluco, porque ſe hia acabando o verão. E tendo já a fortaleza em altura que ſe podia defender, elegeo pera Capitão della a Manoel de Souſa, aſſim pelas partes, e qualidades de ſua peſſoa, como por ſer primo com irmão de Dom Antonio de Taíde Conde da Caſtanheira, que começava a privar com ElRey D. João, e todos o haviam miſter. Ordenou oitocentos homens pera alli ficarem de preſidio, guarnecendo a fortaleza de artilheria, que tirou dos galeões, e a proveo de muitas munições, e mantimentos, deixando alguns navios ordenados pera a ſerventia da fortaleza. E deſpedio Iſac do Cairo Judeo pera ir por terra ao Reyno com cartas a ElRey de como tinha feito aquella fortaleza; e deſpedindo-ſe d'ElRey deo á véla pera Goa, aonde chegou em poucos dias. E logo começou a entender nas couſas da guerra, ſobre o que tomou parecer, e aſſentou-ſe que ſe mudaſſe a tranqueira de Mardor pera Rachol por ficar ſobre o rio, e em parte que por mar podia ſer ſoccorrida com pouco, ou nenhum riſco. Aſſentado iſto mandou D. Gonçalo Coutinho, a que deo poſſe da Capitanía de Goa, (por ter D. João Pereira acabado ſeu tempo,) que foſſe áquelle negocio, mandan-

do

do com elle o Tanadar mór com todos os piães, e gente de ſerviço deſta Armada, das Tanadarias, e muitas embarcações pelo rio aſſima. D. Gonçalo chegou a Mardor, e mandou tirar tudo o que havia na tranqueira, a que ſe deo fogo por não ficar em pé, e paſſou tudo a Rachol, onde fabricou logo outra ſobre hum tezo, que cahia ſobre a agua, que ſe fez de madeira groſſa de duas faces com ſeus entulhos, e algumas guaritas fortes. Iſto tudo ſe fez com muita preſteza por haver já novas que deſcia gente do Idalcan. O Governador poz nella por Capitão Alvaro de Caminha Cavalleiro muito honrado com duzentos Portuguezes, e alguns Nayques, e piães, e ordenou dez, ou doze navios de remo pera andarem naquelles rios, de que fez Capitão mór Ruy Dias Pereira. E porque era neceſſario acudir ás couſas de Maluco, deſpachou por Capitão daquella fortaleza Antonio Galvão; que poſto que entendeſſe o pouco proveito que podia fazer, pelo modo de como aquella fortaleza ficava, não deixou de a acceitar pelo deſejo que tinha de ſervir a Deos, e a ElRey. E porque faltava dinheiro pera os provimentos, empreſtou dez mil cruzados da fazenda que achou na India, de ſeu pai, de que elle era herdeiro, com que ſe negociou o provimento. Pelo que ſe póde com muita razão di-

dizer, que Antonio Galvão resgatou a fortaleza de Maluco com seu dinheiro, e com seu sangue, o que lhe foi tão mal pago, como adiante se verá. E porque desejou de povoar, e engrandecer aquella Cidade de Ternate, solicitou alguns casados pobres pera que se fossem com suas mulheres, e filhos viver a ella; e o mesmo fez a algumas mulheres Portuguezas que viviam mal, pera lá as casar, emprestando dinheiro a todos pera se aviarem, o que fizeram como foi tempo. E com isto concluimos com as cousas deste verão, e entramos nas de Malaca, e Maluco, que sempre guardaremos pera o inverno pelas não contarmos a pedaços.

CAPITULO VI.

Das pazes que D. Estevão da Gama fez com ElRey de Viantana, e das cousas que acontecêram em Maluco todo este verão: e de hum raro caso que aconteceo a hum daquelles senhores Christãos.

TAõ destruido ficou ElRey de Viantana das mãos de D. Estevão da Gama, e em estado tão miseravel, que nunca mais pode levantar cabeça, nem ousou a fazer povoação alguma, nem sahir dos matos onde estava. E lançando suas contas assentou, que pera viver quieto, e seguro lhe era necessa-

rio

rio ter pazes com os Portuguezes, e conceder-lhes tudo o que elles quizessem. Com esta resolução despedio por Embaixadores Curutaule da Raya, Lacximena, Taucão da Raya, e Turcão Marcar filho do seu Bandara, por quem mandou visitar D. Estevão da Gama, e a pedir-lhe que lhe quizesse conceder pazes, porque elle estava bem arrependido das guerras passadas, e que estava prestes pera todas as satisfações que quizesse. Estes Embaixadores chegáram a Malaca em oito, ou dez embarcações embandeiradas com grandes sinaes de alegria. D. Estevão da Gama os recebeo com grande apparato, e ouvio tudo o que lhe disseram da parte do seu Rey com rosto alegre; e mandando-os agazalhar tomou logo parecer com os Capitães, e casados antigos daquella fortaleza sobre aquelle negocio, e todos assentáram, que lhes deviam conceder as pazes com condições honestas, pera assim ficar aquella fortaleza desasombrada, e desapressada. Em fim communicando tudo com os Embaixadores, concluíram as pazes com as Condições seguintes:

» Que toda a artilheria que houvesse por
» todo o Reyno de Viantana com as armas
» d'ElRey de Portugal de muitas embarca-
» ções que por suas costas se perdêram, se-
» ría logo tornada, e trazida a Malaca.

» Que

» Que nunca mais ElRey de Viantana fa-
» ria em porto algum dos ſeus lancharas,
» nem outras embarcações de guerra, e to-
» das as que ſe fizeſſem ſem o ElRey ſaber,
» tanto que foſſe á ſua noticia as mandaria a
» Malaca com os donos dellas. E que todas
» as que ao preſente eſtiveſſem feitas, aſſim
» ſuas, como de ſeus vaſſallos, mandaria lo-
» go entregar á peſſoa que com elles Embai-
» xadores pera iſſo havia de ir.

» Que nunca já mais faria tranqueiras,
» nem fortes alguns em Bintão, nem em Vi-
» antana, e que ſe paſſaria logo pera o rio
» de Muar por ficar mais perto de Malaca,
» pera delle converſarem, e commerciarem
» como amigos; e que naquelle lugar tam-
» bem não faria tranqueira, nem forte al-
» gum.

» Que todas as dividas que Tuão Mafa-
» mede devia aos mercadores de Malaca das
» fazendas que tinha tomadas antes da guer-
» ra as tornaria logo a ſeus donos; e não
» podendo ſer tudo, foſſe parte, e a dema-
» zia pera o anno, de que elle Rey ficava
» por fiador.

» Que todos os eſcravos de Portuguezes
» que eſtavam fugidos de Malaca, e dalli
» por diante fugiſſem, ſe tornariam logo: e
» ſe algum já foſſe Mouro, o pagariam a ſeu
» dono, e o meſmo ſe faria em Malaca aos

» fu-

» fugidos de Viantana. E ſe ainda houveſſe
» em ſeus Reynos alguns filhos, e filhas de
» Portuguezes, que ſe perdêram havia annos
» na ſua coſta em hum junco que hia de Bor-
» neo pera Malaca, ſe tornariam logo com
» todos os ſeus eſcravos, e eſcravas.

» Que deixaria navegar livremente todas
» as embarcações de quaeſquer partes que
» foſſem pera Malaca com fazendas, ou man-
» timentos, ſem as obrigar a tomarem ſeus
» portos: e que entrando algumas nelles com
» tempo fortuito, ElRey lhe daria toda a
» ajuda, e aviamento pera irem pera Malaca.

» Que mandaria a ſeus vaſſallos que foſ-
» ſem com ſuas fazendas a Malaca pera as
» venderem, e comprarem outras como ami-
» gos, a quem ſe faria favor, e amizade,
» e o meſmo ſe faria em ſeus portos aos Por-
» tuguezes. »

Eſtes Capitulos de pazes juráram os Em-
baixadores em nome do ſeu Rey, e D. Eſ-
tevão da Gama os mandou apregoar pela Ci-
dade com grandes feſtas, e alegrias. E lo-
go negociou peſſoas pera as irem ver jurar
a ElRey em companhia dos Embaixadores,
que deſpedio contentes, e ſatisfeitos, dando-
lhes peças, e brincos pera lhe levarem. El-
Rey os feſtejou muito, e jurou as pazes, e
as mandou apregoar por ſua Cidade, man-
dando logo fazer entrega das couſas que eſ-
ta-

tavam capituladas. E elle ſe mudou pera Muar, aonde fundou nova Cidade, começando a correr em grande amizade com os Portuguezes. Aqui os deixaremos por continuarmos com as couſas de Maluco, que mettemos aqui por não fazermos Capitulos pequenos.

Deixámos as couſas daquellas Ilhas com o tyranno Catabruno ſe alevantar por Rey de Geilolo, e com ſuas Armadas andar fazendo guerra por todas aquellas Ilhas aos Chriſtãos dellas, a quem com ameaças fazia tornar atrás. E ajuntando ſeu poder foi contra a Cidade de Momoya, em que reſidia hum Principe Chriſtão chamado Dom João, de que já em outra parte fallámos. Eſte não ouſando a lhe dar batalha ſe recolheo em hum forte com ſua mulher, filhos, e familia; e alguns Portuguezes que Triſtão de Taíde lhe tinha mandado, não ouſando a ficar com elle, ſe recolhêram aos matos, aonde logo foram mortos pelo edicto que era lançado da parte dos da liga. O Catabruno entrou na Cidade de Momoya ſem achar reſiſtencia alguma, e fez nella muito grandes cruezas, porque os pobres, e miſeraveis não ſe quizerão bolir, nem mudar della, fazendo retroceder todos os Chriſtãos com tormentos; medos, e ameaças. E como teve feito nella o que quiz, foi cercar

D.

D. João no forte em que eſtava, dando-lhe grandes aſſaltos por todas as partes, a que elle como valoroſo acudio defendendo-ſe mui bem; mas entendendo nos ſeus grande temor, e receando que elles meſmos o entregaſſem ao inimigo, quiz prover nas couſas da alma de ſua mulher, e filhos, porque ſabia que Catabruno o de que mais tratava era do zelo da lei de Mafamede, e de fazer tornar atrás todos os Chriſtãos, receando que ſua mulher, e filhos, de fracos ſe lhe rendeſſem, indo ter a ſuas mãos. E movido daquelle zelo, mas enganado de tão perverſa opinião, matou com ſuas proprias mãos ſua mulher, e filhos. E querendo ultimamente fazello a ſi proprio, foi eſtorvado dos ſeus, que pera ſe ſanearem com Catabruno lho entregáram com grande mágoa, e dor de ſeu coração por não poder effeituar o ſeu deſejo. Catabruno tendo-o em ſeu poder, ſabendo o que fizera, lhe perguntou como tomára huma tão cruel, e barbara determinação, como a de matar ſua mulher, e filhos, com tanta deshumanidade? Dom João com muita ſegurança lhe reſpondeo, que naquella materia tratára mais da ſalvação de ſuas almas, que do remedio de ſuas vidas, porque receou que de fracos com medo vieſſem a negar a Fé de Jesus Chriſto, em cuja confiſſão eſtava a verdadeira ſalva-

ção

ção das almas. Mas que elle como homem firme, e conſtante, e que não receava medos, nem tormentos, eſtava muito preſtes pera ſoffrer todos os que ſe lhe déſſem por ſua Fé; porque eſſes magoavam o corpo, mas faziam a alma muito formoſa diante de Deos, onde logo hia gozar de ſua Divina Visão, e de huma gloria que nunca já mais ſe acabava. Catabruno cheio de colera, e irado daquella liberdade com que lhe fallou o mandava matar; mas os ſeus lhe foram á mão, pedindo-lhe que lhe déſſe a vida, o que elle fez a ſeus rogos deixando-o em ſeu ſenhorio. Caſo foi eſte da conſtancia deſte barbaro pera confundir, e envergonhar a tantos Chriſtãos da Europa, criados, e ſuſtentados com o leite da Santa Madre Igreja, de quem por bem pequenos, e particulares appetites ſe apartam, fazendo-ſe perſeguidores della. E eſte ſendo barbaro, naſcido tantas mil leguas apartado da Igreja Romana, foi hum tão grande pregoeiro, e Confeſſor da Fé de Chriſto como ſe vê. Triſtão de Taíde atribulavam-no muito eſtas couſas, e ainda mais a grande falta que havia na fortaleza de tudo, pelo que receava huma grande deſaventura; e certo lhe ſuccedêra, ſe Deos não trouxera no meſmo tempo hum galeão, que D. Eſtevão da Gama lhe mandára de Malaca carregado de mantimentos, e

munições por ſer aviſado do perigo em que eſtava. Deſte galeão hia por Capitão Simão Sodré, que foi recebido de todos como homem que os hia reſgatar. Com iſto levantáram os noſſos alguma couſa a cabeça, e começáram a entrar pela Ilha a fazer ſaltos na gente da terra, que eſtava toda recolhida na ſerra. Queimáram-lhe deſta vez as povoações de Trutupalete, Calamata, e Iſico, poſto que acháram em todas grande defensão, cuſtando-lhes bem de ſangue; e duas vezes ſahíram a pelejar com a Armada de Tidore, que chegou até á viſta da fortaleza, mas de ambas as vezes ſe recolhêram os noſſos desbaratados com mortos, e feridos, não ficando porém os inimigos louvando-ſe muito da vitoria. Os da liga lançáram grandes Armadas no mar, com que encurraláram os noſſos na fortaleza, aonde eſtiveram muito trabalhados até chegar Antonio Galvão, como adiante diremos. Eſte anno foi ter Alvarado Caſtelhano ás Ilhas dos Papuas, indo por mandado de Fernão Cortez ás de Maluco: e dam-lhe a elle a honra deſte deſcubrimento, ſendo ella de D. Jorge de Menezes, que a ellas foi ter o anno de vinte e ſete, como atrás temos dito. Eſte Alvarado deſcubrio neſta jornada outras Ilhas, a que chamam Gelles, em hum grão da banda do Norte Leſte Oeſte com a Ilha de Ter-

na-

nate , cento e vinte leguas do Moro. São os naturaes dellas da côr dos Malucos , e tem lingua ſobre ſi.

CAPITULO VII.

Dos Capitães, que o Idalcan mandou ſobre as terras de Salſete: e da Armada que eſte anno veio do Reyno: e de como Dom Gonçalo Coutinho Capitão de Goa paſſou em buſca dos inimigos.

ASſim ficou affrontado , e offendido o Idalcan com a perda, e desbarato de Soleimão Agá , que esbravejava contra os ſeus Capitães , deſpedindo logo Accedecan com groſſo poder pera ir tomar ſatisfação daquella quebra. O Accedecan chegou a Pondá , e dalli deſpedio pera as terras de Salſete hum Capitão chamado Badurcan com quinze mil homens. Eſte foi logo cercar o forte de Rachol , e lhe deo muitos aſſaltos , achando em Alvaro de Caminha , que era Capitão , mui grande reſiſtencia , tendo nos navios que andavam no rio mui grande favor , e ajuda. Era iſto em Junho ; e porque as terras eſtavam alagadas , tendo o Governador recado , mandou gente por mar pera mór ſegurança da fortaleza , e deſpedio muitos navios pera irem pelo rio aſſima dar nas aldeias do Idalcan , como fizeram , queiman-

do-lhe muitas, e deſtruindo-lhe os campos, e as ſementeiras. Vendo Badurcan, que em quanto os noſſos navios tiveſſem paſſagem franca pelo rio aſſima com os ſoccorros que cada dia lhes vinham, não podiam tomar aquella fortaleza, deixou nas terras outro Capitão chamado Carnabet com oitocentos cavallos, e quatro mil de pé, e elle ſe paſſou com toda a mais gente por hum paſſo do rio que ſe chama o Bory, por ſer o mais eſtreito do rio por cauſa de huma ponta de arêa, que da outra banda lança o mar, (que ſe chama Lotilin;) e naquella parte aonde ſe poz havia hum grande penedo, que ficava ſobre a agua, de longo de quem as embarcações que haviam de ir pera Rachol forçado haviam de paſſar. E ſobre o penedo fez huma tranqueira, em que aſſeſtou algumas peças de artilheria, com que defendeo a paſſagem aos noſſos, que todavia commettiam de noite, ainda que com riſco. O que ſabido por Badurcan mandou atraveſſar o rio deſde o Bory até á ponta da arêa de Lotilin, (que era diſtancia de pouco mais de hum tiro de pedra,) com traves groſſas mettidas na vaſa; e de huma á outra mandou atraveſſar cadeias de ferro, com o que a paſſagem ficou de todo impedida; porque ſua tenção foi defender os ſoccorros, e provimentos, porque lhe entregaſſem os noſſos

a fortaleza. O Governador sendo avisado do negocio o sentio muito pelo risco em que a fortaleza estava, e bem entendeo que lhe havia aquelle negocio de dar trabalho: e com muita pressa se foi pera o passo de Agaçaim pera acudir áquellas cousas, porque lhe ficavam mais de quatrocentos homens cercados, e arriscados na fortaleza, e muitas fustas, e manchuas das estacadas pera dentro como em redes. Dalli se embarcou o Governador em algumas manchuas com alguns Fidalgos, e Capitães velhos, e foi reconhecer o sitio, e ver com o olho o que se poderia fazer pera se franquear a passagem. E notando tudo muito de vagar, vendo a ponta da arêa de Lotilin, que era delgada, mandou ver se se poderia cortar pera lançarem o canal pera aquella banda, ao que foram alguns homens práticos na terra com alguns Pilotos, que foram lançados em terra mui escondidamente, e vendo, e notando tudo, affirmáram ao Governador que se podia cortar, e que ficaria alli canal ao menos pera almadias, e manchuas. E querendo pôr as mãos áquella obra, mandou levar duas grandes barcaças com mantas, e arrombadas, de que fez Capitães Diogo de Azambuja, filho de Diogo de Azambuja o velho, e Lionel de Lima, que foi hum dos Capitães das caravelas da companhia de Dom

Pe-

Pedro de Castello-branco. Estes Fidalgos eram ambos mancebos de grande opinião. O Governador mandou que fossem surgir ás estacadas, e que batessem o Bory, e trabalhassem por arrancar, ou quebrar os páos, e cadeias, e escreveo a Alvaro de Caminha Capitão de Rachol, que em hum dia que lhe limitou, mandasse os Naiques, e piães a Lotilin, pera ajudarem a cortar aquella ponta; e mandou ao Capitão de Goa D. Gonçalo Coutinho com doze, ou quinze navios, e muitos servidores com enxadas, e codilins, paz, e cestos pera correrem com aquella obra, deixando-se o Governador ficar em Agaçaim em hum palmar de hum Fernão Nunes natural de Meijão Frio, Cidadão honrado, e que se tinha achado na tomada de Goa, e em outras cousas: pelo que lhe deo ElRey a Capitanía daquelle passo de Agaçaim em sua vida, e pera casamento de huma filha, e ainda hoje vive hum seu filho chamado Jorge Fernandes neste mesmo palmar, que se achou nesta guerra do Bory, e dá della muito boa razão. As barcaças depois de surtas entre as estacadas começáram a bater o Bory com grande furia, e terror, e tambem recebêram delle sua resposta, matando-lhe alguns homens, e arrombando-lhe alguma parte dellas; mas os Capitães dellas, que eram valorosos, não desistíram da

obra , antes foram continuando a bateria , desfazendo muitas das eſtacadas , e matando no Bory muita gente. Em quanto ſe iſto continuava , D. Gonçalo Coutinho deſembarcou abaixo de Lotilin , e foi caminhando por terra até á ponta da arêa , onde achou o Capitão do campo de Rachol com todos os piães , e pondo mãos á obra cortáram a ponta de mar a mar com grande riſco , e perigo , porque todo aquelle dia chovêram pelouros do Bory ſobre os noſſos , que matáram alguns dos ſervidores. Cortada a ponta , como aquella parte era muito baixa , acudio a agua com enchente , e ficou daquella feita hum canal , que de maré cheia podiam paſſar embarcações pequenas , por onde começáram a ir os ſoccorros a Rachol , mas ſempre com riſco por cauſa da artilheria do Bory , que de dia , e de noite não ceſſava de varejar aquella parte. Eſte trabalho durou todo o inverno , em que os da fortaleza tiveram alguns aſſaltos , que por não ſerem de ſubſtancia deixamos de eſcrever. Entrando o verão ſurgíram na barra de Goa ſinco náos , de que era Capitão mór Jorge Cabral , que tinha partido do Reyno o Março paſſado de 1536. de que a fóra elle eram Capitães Vicente Gil , Gaſpar de Azevedo , Ambroſio do Rego , e Duarte Barreto. Eſte anno foi muito famo-

ſo

ſo no Reyno por duas couſas. Huma, porque foi muito nomeado, que ſe chamou o de S. Braz, que foi de tanta ſecca, que todo o anno até o dia de S. Braz Biſpo, que a Igreja celebra a tres de Fevereiro, não tinha chovido huma gotta de agua, e nelle por merecimento do Santo choveo tanta, que parecia hum diluvio, e as ſementes que eſtavam lançadas á terra (que parece ſe tinham nella ſuſtentado com alguns orvalhos) foram rebentando tão proſperamente, que em toda a parte do Reyno reſpondeo a ſeſſenta por hum, e valeo o alqueire de trigo a vinte e ſinco, e a trinta reis. A outra foi, que eſte anno entrou em Portugal a Santa, e Geral Inquiſição, impetrada por ElRey D. João do Summo Pontifice, porque andava o Reyno mui iſcado da peſte Judaica. Pelo que movido da honra do Senhor Deos mandou por Embaixador a Roma D. Henrique de Menezes, filho do Conde Prior Dom João de Menezes, que em Roma ſolicitou eſte negocio com o Summo Pontifice, que movido do ſanto zelo d'ElRey lhe concedeo a elle, e a todos os ſeus Succeſſores o titulo de *Zeladores da Fé.* Eſte anno tambem caſou o Infante D. Duarte irmão d'ElRey D. João com a Infanta D. Iſabel irmã do Duque de Bragança.

CAPITULO VIII.

De como D. Gonçalo Coutinho foi morto, e desbaratado no Bory pelos Capitães do Idalcan.

COm a vinda destas náos, que trouxeram muita gente, determinou o Governador de tomar conclusão nas cousas da guerra de Salsete, porque tinha muitas que fazer, e a fortaleza de Rachol estava muito arriscada, e seus soccorros davam grande oppressão ao Estado, porque custavam muitas mortes, damnos, e despezas, porque a mór parte do inverno esteve o Governador em Agaçaim, donde provía naquella guerra, que lhe consumia muito. E pondo em conselho de todos os Capitães aquelle negocio, assentou-se, que se lançasse o inimigo do Bory, e que se desentopisse o rio, e se fizesse huma fortaleza em Rachol forte, e que fosse moderada, e capaz de só cem homens, porque não estivessem os Portuguezes arriscados detrás de páos. Assentado isto, commetteo o Governador a jornada a D. Gonçalo Coutinho Capitão de Goa, a quem deo seiscentos homens, que partíram em muitos navios grandes, e pequenos, levando ordem pera desembarcar em duas partes: huma pouco antes de chegar ao Bory,

e

e outra adiante delle. Porque como aquelle penedo entrava pela agua, deixava de ambas as ilhargas calhetas a que os navios podiam chegar, e lançar gente em terra. Destas duas partes se mettiam já os inimigos, e tinham provído nellas desta maneira. Na parte antes do Bory, (que era huma preza de agua, que sahia alli ao mar, e que tinha humas portas, e huma ponte de grossas traves,) enceveram-nas mui bem: e na outra parte, que era chã, abríram grandes covas, e mui fundas, que tapáram por sima de canas, palha, e terra, e em estas ambas tinham gente de guarnição, e vigia. Chegado D. Gonçalo Coutinho ás barcaças, (que sempre foram continuando na bateria,) tomando a gente dellas, ordenou que fosse ao outro dia pela manhã a desembarcação nesta fórma: Lionel de Lima, e Diogo de Azambuja com trezentos homens haviam de desembarcar nas portas, e o Capitão com todo mais resto no lugar mais assima. E preparando-se todos aquella noite, tanto que rompeo a manhã, começáram as barcaças sua bateria, e o mesmo fizeram as fustas, que foi huma cousa muito pera temer. E apartando-se os navios foram commetter os lugares determinados; os que haviam de commetter as portas da preza, puzeram nellas as prôas, e os primeiros que saltáram sobre

a ponte foram Lionel de Lima, e Diogo de Azambuja com alguns companheiros, e como hiam de salto dando no cevo, escorregando-lhes os pés cahíram no mar, onde logo foram affogados por causa das armas, e pela mesma maneira o fizeram mais de cento e sincoenta dos que alli desembarcáram. Destes huns foram affogados, e outros espedaçados dos inimigos, que assim ás espingardadas, como ás fréchadas não faziam senão ensopar nos nossos, que estavam embaraçados na ponte huns sobre os outros. Dom Gonçalo Coutinho passou avante, e foi pôr a prôa na outra calheta, e arremeçando-se a terra, os primeiros que desembarcáram, que foram mais de duzentos, dando nas trapeiras foram-se com elles abaixo, ficando enterrados huns em sima dos outros. Alli acudíram os inimigos, e fizeram nelles matança bem á sua vontade. D. Gonçalo saltou tambem em terra, mas ficou fóra com alguns que o seguíram, sobre quem carregáram os Mouros. E posto que D. Gonçalo, e os mais pelejáram valorosamente, foram logo desbaratados, e D. Gonçalo foi recolhido com trabalho com hum golpe por sima de hum hombro, que o escaláram todo, e assim se acabáram de desbaratar todos, ficando alli mortos mais de trezentos, e todos, ou os mais dos que escapáram, fo-

ram

ram com muitas feridas de eſpingardadas, e fréchadas. Os das fuſtas, que ainda eſtavam por deſembarcar, vendo tamanha deſaventura, recolhendo-ſe foram tomando pelo mar muitos dos noſſos, aſſim mortos, como feridos. E tomando as barcaças á toa, foram-ſe pera Agaçaim com os navios alaſtados de corpos mortos, e chegáram ao meio dia eſtando o Governador Nuno da Cunha pera ſe pôr á meza com todos os Fidalgos; e dando-lhe a triſte nova, deo de pé ás mezas, lançando tudo pelo chão, foi-ſe apartado ſó, dizendo mal á ſua ventura, mandando que ſe deſembarcaſſem os feridos, e que os curaſſem, como ſe logo fez, e foram todos deſembarcados, aſſim elles, como os mortos pera lhes darem ſepultura, que enchêram todo aquelle palmar, que era couſa muito laſtimoſa de ver. O Governador acudio á cura, rompendo elle meſmo as toalhas, e guardanapos da ſua meza pera fios, e ataduras, recolhendo D. Gonçalo pera a caſa em que ſe agazalhava, mandando-o curar com muito reſguardo, e o mandou pera Goa; mas como as feridas eram mortaes, durou pouco. Os mais feridos depois de curados os mandou pera Goa nos meſmos navios, e deſtes morrêram mais de ametade. De ſorte que neſte negocio ſe perdêram perto de quatrocentos homens, em

que

que entráram muitos Fidalgos, e Cavalleiros, a fóra mais de quarenta que ficáram cativos em poder dos inimigos. Estes foram levados ao Accedecan, que acudio alli com muita pressa, e o primeiro homem que lhe apresentáram foi hum Francisco Dias, que elles primeiro despíram todo deixando-o nú. Accedecan vendo-o assim pezou-lhe muito dos seus usarem aquella deshumanidade. E tirando hum camarabando, que tinha sobre a touca lavrado de ouro, lho deo pera que se encachasse, como fez, reprehendendo os que lho leváram assim, dizendo-lhes, que os Portuguezes não se haviam de tratar daquella maneira.

CAPITULO IX.

Dos recados que o Governador Nuno da Cunha teve de Dio: e das pazes que fez com o Accedecan, e lhe tornou a largar as terras de Salsete, e Bardés.

EStando o Governador com este grande enfadamento, ao outro dia lhe chegáram cartas do Capitão de Dio, em que lhe pedia, que em todo o caso acudisse ao Norte, porque Soltão Badur fazia grandes ajuntamentos de gente, e que sem dúvida era pera pôr cerco áquella fortaleza. Isto embaraçou o Governador, e o cortou muito, por-

porque o tomou com hum tão fresco nojo como o passado, não se sabendo por então determinar no que faria; porque se largava aquella guerra, perdia as terras de Salsete; senão acudia a Dio, que era mais importante, arriscava aquella fortaleza: nestas talas andava sem se poder acabar de determinar, nem bolir. Não comia, nem repousava, porque via muitos mares alevantados por prôa. Mas acudio Deos logo a tudo, como elle sempre faz, porque estando na maior indeterminação, que se nunca vio, nem imaginou, chegou hum recado do Accedecan a lhe pedir licença pera lhe mandar hum Embaixador, porque tinha negocios que importavam tratar com elle. O Governador lho concedeo. E vindo muito bem acompanhado o ouvio presentes os Fidalgos do Conselho. Elle lhe propoz sua embaixada da parte de Accedecan, cuja substancia era: » Que » a elle lhe pezava muito do caso passado, » porque era muito seu servidor, e affeiçoa- » do aos Portuguezes: que lhe pedia por » mercê quizesse escusar tantas mortes, e » perdas sobre cousa que elle não podia lo- » grar: que as terras de Salsete eram do Idal- » can, e que elle as havia de possuir, e ar- » recadar sem ter contenda com os Portu- » guezes: que quando elles lho quizessem » impedir, era forçado defender-lho, e que » pe-

» pera ficar só tendo fortaleza em Rachol,
» não servia de mais, que de lhe fazer mui-
» tas despezas: que elle não queria conten-
» der com ella, que alli estaria, e os Por-
» tuguezes encurralados dentro. Que lhe pe-
» dia muito lançasse bem suas contas, e a-
» chando que lhe fallava como amigo, e ser-
» vidor, a mandasse tirar dalli, e desistisse
» das terras, e que elle estava prestes pera
» servir ElRey de Portugal, e conceder to-
» dos os partidos justos, e honestos que pu-
» desse. » O Governador depois de ouvir o
Embaixador, o mandou agazalhar em hu-
ma quinta perto até lhe responder. E pon-
do aquellas cousas em Conselho, debatendo-
se bem, e dando-se muitas razões de parte
a parte, vieram a concluir, que pois as ter-
ras sobre que se contendia se não podiam
possuir, nem arrecadar sem mais despezas
do que montava o rendimento dellas, e que
o inimigo a despeito do Estado as havia de
comer, que o bom sería largar-se a tranquei-
ra de Rachol, pois na substancia não era mais
que tranqueira de páos, e não fortaleza, e
que aquillo não servia de mais, que de fa-
zer gastos, e despezas, e de embaraçar a el-
le Governador pera não poder sahir de Goa
acudir ás cousas de que houvesse necessida-
des. E que a todo tempo que o Estado pu-
desse, e o Governador da India estivesse des-

oc-

occupado de guerras, ahi eſtavam as terras, que ſe poderiam tomar todas as vezes que quizeſſem. Com eſta reſolução reſpondeo o Governador ao Embaixador, que elle largaria a tranqueira de Rachol com condição, que havia de ſer desfeita, e que em quanto ſe recolheſſem os Portuguezes que nella eſtavam havia de mandar affaſtar ſeus Capitães, e deſimpedir a paſſagem do rio pera ſe recolherem á ſua vontade, e que lhe havia de entregar todos os Portuguezes, que em ſeu poder eſtiveſſem cativos. Tudo iſto acceitou o Embaixador, e paſſou diſſo ſeus papeis, e aſſinados. E logo mandou o Governador hum Capitão com muitos navios pera recolher a gente, e artilheria de Rachol, o que elle fez achando já o rio deſentupido. E depois de ter tudo embarcado, mandou dar fogo á tranqueira, em que toda ſe conſumio. Feito iſto, recolhêram-ſe pera Goa, e o Accedecan mandou logo todos os Portuguezes que lá tinha. Com iſto ſe começou o Governador a preparar pera ir a Dio, dando expediente ás náos do Reyno pera irem a Cochim tomar a carga. E por aqui concluimos com as couſas deſta quarta Decada, porque nos pareceo melhor entrarmos na quinta com as couſas que começáram a ſucceder em principio deſte verão, que são muitas, e muito notaveis.

Fim do Liv. X. da Decada IV.